



UNICAMP

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

ALESSANDRA REGINA E SOUZA MAFRA

**PÁGINAS DO NORTE:
VIDA CULTURAL E INTELLECTUALIDADE NA BELÉM DA DÉCADA DE 1950**

**CAMPINAS
2020**

ALESSANDRA REGINA E SOUZA MAFRA

**PÁGINAS DO NORTE:
VIDA CULTURAL E INTELLECTUALIDADE NA BELÉM DA DÉCADA DE 1950**

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutora em História, na área de Política, Memória e Cidade.

Orientadora: **PROFA. DRA. SILVANA BARBOSA RUBINO**

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA ALESSANDRA REGINA E SOUZA MAFRA E ORIENTADA PELA **PROFA. DRA. SILVANA BARBOSA RUBINO**.

**CAMPINAS
2020**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Paulo Roberto de Oliveira - CRB 8/6272

M269p Mafra, Alessandra Regina e Souza, 1979-
Páginas do Norte : vida cultural e intelectualidade na Belém da década de 1950 / Alessandra Regina e Souza Mafra. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Silvana Barbosa Rubino.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Sociabilidade. 2. Cultura - Periódicos. 3. Academia Paraense de Letras. 4. Intelectuais - Pará (Estado) - 1950. 5. Belém (PA) - História - 1950. 6. O Estado do Pará (Jornal).Suplemento literário. I. Rubino, Silvana Barbosa, 1959-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: North Papers : intellectuality in the 1950s Belém

Palavras-chave em inglês:

Sociability

Culture - Serials

Academia Paraense de Letras

Intellectuals - Pará (State) - 1950s

Belém (PA) - History - 1950s

O Estado do Pará (Newspaper). Literary Supplement

Área de concentração: Política, Memória e Cidade

Titulação: Doutora em História

Banca examinadora:

Silvana Barbosa Rubino [Orientador]

Maria de Nazaré dos Santos Sarges

Iara Lis Franco Schiavinatto

Aldrin Moura de Figueiredo

Alexandra Dias Ferraz Tedesco

Data de defesa: 27-08-2019

Programa de Pós-Graduação: História

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <http://orcid.org/0000-0002-2666-0483>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/8879832989611971>



UNICAMP

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Tese de Doutorado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 27 de agosto de 2019, considerou a candidata Alessandra Regina e Souza Mafra **aprovada**.

Profa. Dra. Silvana Barbosa Rubino
Profa. Dra. Maria de Nazaré dos Santos Sarges
Profa. Dra. Iara Lís Franco Schiavinatto
Prof. Dr. Aldrin Moura de Figueiredo
Profa. Dra. Alexandra Dias Ferraz Tedesco

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Ao Prof. Vicente Salles,
in memoriam.

AGRADECIMENTOS

Todos os dias, agradeço a Deus pela minha vida, por ter uma família presente e estruturada que me ajudou em todos os sentidos ao longo desses anos, e ao longo do desenvolvimento desta tese. Minha mãe, Maria Raimunda Mafra que sempre me ensinou o valor da educação, e do quanto a mesma poderia transformar a minha vida, eu agradeço do fundo do coração. Ao meu pai, José Ferreira Mafra (in memoriam) que me passou valores essenciais que sigo até hoje. Aos meus irmãos: Marcelo, Ricardo e Márcia pelo afeto, preocupação e carinho. Aos meus sobrinhos amados José Vinícius, Maria Victória e Evelyn.

Ao meu companheiro, Daniel Barroso, eu agradeço a atenção, o carinho, o cuidado e o amor dedicado a mim ao longo desses anos. A caminhada tem sido longa e cheia de desafios, porém, marcada de momentos ímpares, com isso, crescemos pessoalmente e profissionalmente todos os dias. Ao meu sogro, Sr. Jair Barroso; a minha sogra, Rosana Barroso; a minha cunhada, Rafaela Barroso; e a Zoé Penna, vó do Daniel, meu muito obrigado pelo apoio e pelo carinho de sempre.

Agradeço às instituições em que pesquisei todos esses anos e aos seus funcionários: Fundação Cultural do Estado do Pará; Academia Paraense de Letras; Academia Brasileira de Letras. Ao Dr. Georgenor Franco Filho, que gentilmente permitiu que eu acessasse sua biblioteca pessoal, em um momento em que todas as portas pareciam se fechar, ele abriu uma janela, meu sincero agradecimento.

As minhas amigas do coração: Elane Gomes; Andrea Pastana; Franciliete Campos; Marly Cunha, sou grata pelas conversas a respeito da pesquisa que hora apresento nessas páginas, assim como, pelas palavras de apoio quando eu pareci cansada demais para prosseguir e finalizar este estudo. Aos amigos de São Paulo: Maria Blassioli, Alex Oliveira, e Celia Takeshita sou grata pelo suporte, carinho, e conversas durante a minha jornada. Aos amigos de Campinas: Maísa Cunha e Otávio Diniz. Ao amigo Bruno Zorek que teceu bons comentários a respeito deste estudo. A amiga Priscila Henning que compartilhou comigo boas conversas ao longo das disciplinas e do trabalho de escrita.

Agradeço a profa. Dra. Magda Ricci, que me acompanhou desde a graduação, mestrado e doutorado (neste último, lendo o meu projeto de pesquisa para a UNICAMP). Ao prof. Dr. Aldrin Figueiredo, que me acompanhou desde o mestrado lendo os meus projetos e rascunhos, quando possível. A profa. Dra. Nazaré Sarges atenciosa e precisa em seus comentários

na qualificação. Ao prof. Dr. José Alves Freitas Neto pelas discussões nas aulas da pós-graduação e pela participação na qualificação deste estudo. Enfim, aos meus professores da UFPA, USP e UNICAMP que me acompanharam ao longo da trajetória acadêmica.

À minha orientadora Silvana Rubino, por ter acreditado no meu trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ao ex-presidente do Brasil Luís Inácio Lula da Silva, à ex-presidenta do Brasil Dilma Vana Rousseff, e ao ex-ministro da Educação do Brasil Fernando Haddad, pelas oportunidades que criaram em defesa de uma educação pública, gratuita e de qualidade.

RESUMO

Este estudo tem por objetivo compreender o cenário cultural da cidade de Belém nos anos de 1950, a partir da análise dos circuitos de sociabilidade de alguns intelectuais que publicaram ou colaboraram com três periódicos locais: O Suplemento Literário do Estado do Pará; a Revista da Academia Paraense de Letras e a Revista Amazônia. As contribuições a esses periódicos refletiam a influência direta da Europa e dos Estados Unidos, assim como dos ideais modernistas, da cultura popular, da história e do folclore amazônico, na formação dos intelectuais que publicavam naqueles periódicos. Examina-se também como Belém, mesmo entendida como um centro cultural secundário em comparação à predominância do eixo Rio-São Paulo, não foi reprimida em sua criatividade intelectual, devendo ser lida a partir do espaço que ocupava dentro de uma perspectiva de escalas (regional, nacional e mundial) e de suas particularidades, ao longo da década de 1950.

Palavras-chave: Belém (PA) - História - 1950; Intelectuais - Pará - 1950; O Estado do Pará (Jornal). Suplemento Literário; Academia Paraense de Letras; Sociabilidade; Culturas - Periódicos.

ABSTRACT

This dissertation aims at examining the cultural scene in the 1950's Belém do Pará, throughout and analysis of a group of intellectuals that contributed with *Suplemento Literário do Estado do Pará*, *Revista da Academia Paraense de Letras* and *Revista Amazônia*. The contributions with the periodicals reveals a direct influence from Europe and the United States, as much as from the modernist ideals, the popular culture, the History and the Folk-Lore of the Amazon Region.

Keywords: Belém (PA) - History - 1950s; Intellectuals- Pará-1950s; O Estado do Pará (Newspaper) Literary Supplement; Academia Paraense de Letras; Sociability; Cultures- Serials

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1	Livraria Gillet, Cardoso e Casa Colombo (Livraria Universal) em 1910.....	26
Figura 1.2	Rocinha do Museu Paraense Emílio Goeldi (1899).....	30
Figura 1.3	Teatro da Paz no início do século XX, depois da reforma do Governador Augusto Montenegro.....	31
Figura 1.4	Foto do Café da Paz no início do século XX.....	32
Figura 1.5	Praça da República em Belém do Pará (1910).....	33
Figura 1.6	Reunião para a instalação da Seção Estadual do IBECC no Pará no dia 19 de janeiro de 1955.....	51
Figura 1.7	Coluna “Rádio-Escrevendo: Aqui se fala de Rádio”, de Edyr Proença (janeiro de 1955).....	61
Figura 1.8	Crônica e notícias sobre o cinema norte-americano (março de 1955).....	62
Figura 2.1	Página do Suplemento Literário do Jornal O Estado do Pará (15/10/1953).....	77
Figura 2.2	Romeu Mariz Filho em matéria sobre o II Salão de Belas Artes do Pará de 1953, em que recebeu homenagem póstuma dos expositores.....	87
Figura 2.3	Membros da Academia Paraense de Letras em 1950.....	93
Figura 2.4	Entrega das chaves do prédio da APL pelo governador Magalhães Barata em 29 de maio de 1958.....	98
Figura 2.5	O jornalista Santana Marques ao lado do governador do Pará, Magalhães Barata.....	98
Figura 2.6	Panorama geral da página dedicada ao Suplemento Literário de O Estado do Pará (11/09/1952).....	109
Figura 3.1	Grupo de intelectuais que nos idos da década de 1920 contribuíam com a revista Belém Nova.....	120
Figura 3.2	Primeiro número da Revista da Academia Paraense de Letras.....	122
Figura 3.3	Peregrino Júnior na Academia Paraense de Letras em 1956.....	135
Figura 3.4	Edifício Manoel Pinto da Silva em 1957 (Capa da Revista Amazônia).....	148
Figura 3.5	Visita de JK à Amazônia.....	151
Figura 3.6	Geraldina Marx.....	158
Figura 3.7	Artigo de Geraldina Marx sobre o surgimento da Revista Amazônia.....	160
Figura 3.8	Geraldina Marx com os escritores Rodrigues Pinagé, Bruno de Menezes e Georgeton Franco em São Paulo.....	162
Figura 3.9	Lindonor Celina em homenagem recebida na sede da Aliança Francesa de Belém, em 1956.....	163
Figura 3.10	Capa da Revista Amazônia no ano de 1956.....	165
Figura 3.11	Capa da Revista Amazônia no ano de 1958.....	166

LISTA DE SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
APGFF	Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho
APL	Academia Paraense de Letras
CNFB	Campanha Nacional de Folclore Brasileiro
IBECC	Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IHGP	Instituto Histórico e Geográfico do Pará
PPHIST/UFPA	Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará
RAPL	Revista da Academia Paraense de Letras
SLEP	Suplemento Literário do O Estado do Pará
SLFN	Suplemento Literário Folha do Norte
SPVEA	Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UFPA	Universidade Federal do Pará
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

Introdução	13
Capítulo 01: Imprensa, Literatura e intelectualidade: espaços de sociabilidade na Belém do entresséculos aos anos de 1950	21
1.1. Um panorama inicial.....	21
1.2. A cidade de Belém na década de 1950	43
Capítulo 02: Cenário cultural e intelectual de Belém a partir do Suplemento Literário do O Estado do Pará	71
2.1. Os suplementos literários no Brasil nos anos de 1950: uma introdução	71
2.2. O Suplemento Literário de “O Estado do Pará”: atuação e relação com a Academia Paraense de Letras	74
2.3. Sobre leitores e a leitura	88
2.4. A coluna <i>Sons, tons e outras notas</i> do Suplemento Literário d’O Estado do Pará.....	106
2.5. Um jornal de letras para a Amazônia.....	111
Capítulo 03: Discussões sobre o presente: As revistas da Academia Paraense de Letras e Amazônia nos anos de 1950	117
3.1. A Revista da Academia Paraense de Letras (RAPL).....	121
3.2. Intelectuais produtores e/ou colaboradores da vida cultural na Amazônia	133
3.3. Revista Amazônia.....	141
3.4. O papel feminino na Revista Amazônia	153
Conclusão	167
Referências Bibliográficas	170
Anexos	177
I. Capas da Revista Amazônia do ano de 1955 (janeiro a dezembro)	177
II. Capas da Revista Amazônia do ano de 1956 (janeiro a dezembro)	179
III. Capas da Revista Amazônia do ano de 1957 (janeiro a dezembro)	180
IV. Capas da Revista Amazônia do ano de 1958 (janeiro a dezembro)	182
V. Capas da Revista Amazônia do ano de 1959 (janeiro a dezembro)	183

INTRODUÇÃO

O principal objetivo desse estudo é o de analisar o circuito de sociabilidade e produção de um grupo de intelectuais que publicavam e colaboravam com seus escritos em alguns periódicos que circulavam ou passaram a circular na cidade de Belém do Pará nos anos de 1950. Esses escritos de forma permanente ou apenas colaborativa passaram a refletir uma influência direta dos Estados Unidos e da Europa nas principais capitais da Amazônia, mas também reverberaram marcadamente os ideais modernistas, da cultura popular e do folclore na mesma região. Logo, o nosso propósito seria o de compreender – a partir dos jornais, suplementos literários, revistas, daquilo que foi coletado por alguns intelectuais ou mesmo de suas obras – parte da produção cultural no extremo Norte do Brasil e suas particularidades, de como essa produção se apresentou e relacionou com um contexto nacional e internacional do pós-guerra em Belém do Pará.

Esta pesquisa foi pensada entre os anos de 2010 e 2012 quando do desenvolvimento dos trabalhos para a dissertação de mestrado que foi defendida pelo Programa de Pós-Graduação em História da Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPHIST/UFGPA) em 2012. Nesta ocasião, tomamos como objeto de pesquisa o historiador e folclorista paraense Vicente Salles, analisando sua trajetória intelectual a partir de momentos chaves de sua vida, adentrado no território da História Intelectual.¹ Como não partimos de uma trajetória convencional, ou seja, de uma biografia ao pé da letra, algumas ideias não puderam ser mais bem desenvolvidas para aquele momento, o circuito e a mobilidade de Salles na imprensa paraense quando da sua juventude foi brevemente tratada na dissertação, por exemplo.²

Assim, a primeira oportunidade de convivência “concreta” de Salles com a imprensa foi no jornal *O Estado do Pará*. Nesses termos, ao colaborar, desde cedo, com a imprensa paraense, Vicente Salles se interessou pela divulgação e análise dos fatos ar-

¹ MAFRA, Alessandra. **O arauto da cultura paraense**: uma história intelectual de Vicente Salles. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, 2012.

² Procuramos situar a contribuição e a influência do pesquisador e folclorista Vicente Salles à intelectualidade amazônica, dessa forma, não trabalhamos exclusivamente com os acontecimentos lineares da sua vida, no caso de Vicente Salles, nosso interesse recaiu, em perceber os significados associados ao seu percurso de vida. Para uma reflexão mais aprofundada sobre a questão biográfica e suas tensões Cf.: BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191; DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: EDUSP, 2015.

tísticos ocorridos em Belém. Foi justamente Salles quem assinou a coluna “Sons, tons e outras notas”, que acompanhava o *Suplemento Literário d’O Estado*, um espaço onde se noticiava assuntos relacionados à música, à pintura e à literatura na capital paraense. Em um primeiro momento, somente o Suplemento Literário nos chamou atenção, pois nos possibilitaria ampliar a atuação de um intelectual para um grupo de intelectuais que produziam/contribuía com o mesmo, mas logo percebemos que este estudo teria mais folego que imaginávamos, pois aqueles homens das letras faziam parte de uma rede de contatos bem mais ampla, não podendo ser reduzida apenas ao Suplemento Literário.

Afinal, nomes como Bruno de Menezes, Jacques Flores, De Campos Ribeiro, são exemplos de intelectuais que nasceram no final do século XIX e início do XX, tendo feito parte de diversas gerações de escritores e jornalistas em Belém. Como destacou Aldrin Figueiredo, praticamente todos escreviam para os jornais da cidade, principalmente em *A Província do Pará*, *O Estado do Pará* e *Folha do Norte*.³ *O Estado do Pará*, aqui estudado, foi fundado e administrado pela família Chermont. Começou a circular em 1911 na capital do Pará, e ao longo de sua história foi diversas vezes interrompido, tendo sido suspenso em definitivo no ano de 1980. Foi fundado pelo primeiro governador Republicano do Pará, Justo Leite Chermont, político de prestígio do estado.⁴

Alguns dos intelectuais tratados ou mencionados nesta tese, de alguma forma estavam ligados a *Academia Paraense de Letras*, ou porque já eram acadêmicos ou se tornariam nos anos de 1950, ou por simplesmente dialogar e colaborar com o grupo que representava uma das maiores instituições ligada às letras do Pará fundada em 1900. Compreende-se, aqui, intelectuais da “terra”, inclusive aqueles que deixaram o Pará, mas que continuavam a colaborar com o periódico, assim como figuras proeminentes do círculo cultural brasileiro. É necessário considerar que muitos desses homens e mulheres de letras procediam de lugares mais afastados, como interior do Pará (e de cidades mais próximas) ou dos subúrbios de Belém, nesse último caso, tomamos como exemplo o consagrado escritor paraense Bruno de Menezes.

As fontes utilizadas para este estudo, em sua maioria constituída por periódicos, apresentam-se como espaço de atuação desses intelectuais, representando não só o

³ FIGUEIREDO, Aldrin. De pinéis e letras: os manifestos literários e visuais no modernismo amazônico na década de 1920. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 9, n. 2, jul.-dez., 2016

⁴ Justo Leite Chermont combateu Antônio Lemos e apoiou Lauro Sodré em uma fase conturbada da política paraense. Em 1930, foi porta-voz dos revolucionários e passou a apoiar a política de Magalhaes Barata, permanecendo nessa linha até a morte do major. **Grande Enciclopédia da Amazônia**, v.3. Belém: Amel, 1967, p. 651-2.

lugar de divulgação das suas produções, mais do que isso, são espaços de atuação dos mesmos, que acabam se tornando uma espécie de demarcação para esses homens das letras, espaços que são adquiridos pelos seus esforços e que devem resultar em reconhecimento.⁵ Embora a Academia Paraense de Letras tenha demorado em conquistar a sua revista, uma vez que o primeiro número tenha sido lançado somente em 1950, ela dispensa apresentações por conta de seu tradicionalismo; O Suplemento Literário foi lançado como órgão oficial da APL, em 1948; e a Revista Amazônia, teve sua primeira edição em 1955, sob a direção do acadêmico Georgenor Franco e de José H. Barra, dois personagens destacados nas letras paraenses nos anos de 1950 no Pará.

Com o intento de observar a possibilidade de investigação do cotidiano da cidade de Belém a partir da produção local, e de como essa produção se enquadrava em um panorama mundial delicado, de transformações, imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial, lançamos mão do estudo de Nicolau Sevcenko, em que este historiador examinou o meio intelectual do Rio de Janeiro no limiar do século XX, partindo da análise da produção literária da época, o que permitiu inquirir sobre o momento em que a cidade respirava a transição do Império para a República.⁶ A atuação dos intelectuais na imprensa, das suas produções e colaborações, são caminhos pelos quais podemos entender a dinâmica da cidade, em um determinado contexto histórico, como fez Sevcenko.

Como pontuou o geógrafo Rocha Penteado, a cidade de Belém no pós-guerra crescia e se modernizava a passos lentos, porém, ao mesmo tempo não se resolvia o que era essencial para a população, pois o fornecimento de água, de energia elétrica, assim como o de circulação urbana, apresentavam inúmeras deficiências.⁷ No desenrolar dos anos de 1950 alguns projetos políticos desenvolvimentistas foram direcionados para a região amazônica a exemplo da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), a construção da Rodovia Belém-Brasília que fazia parte deste plano, tendo por objetivo integrar todas as regiões nacionais, fazendo com que a região norte saísse do seu isolamento.

Somado a isso, o Pará e a Amazônia estavam inseridos nos planos de paz mundial pensado pela UNESCO, em termos culturais e científicos, onde alguns projetos fo-

⁵ Sobre o estabelecimento do poder e sobre os níveis de ambição e de consagração de um intelectual Ver: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 164-7.

⁶ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

⁷ PENTEADO, Antônio Rocha. **Belém do Pará: estudo de Geografia Urbana**. Belém: UFPA, 1968.

ram direcionados a Amazônia, dentre eles a criação de um comitê Científico Nacional da Amazônia; da Universidade de Agricultura Tropical da Amazônia, com sede em Belém, assim como, o estabelecimento da seção estadual do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC) no Pará. Com relação a este último, algumas figuras da nossa intelectualidade paraense se destacaram, como historiador Ernesto Cruz e o escritor Georgenor Franco. Toda essa contextualização se torna essencial para apreendermos o espaço de contradições que esses intelectuais produziam, circulavam e intermediavam.

Ao tomar os periódicos como fonte principal acredita-se que seja válido destacar alguns aspectos a respeito do trabalho com essa fonte histórica e, portanto, é importante rememorar alguns estudos desenvolvidos a partir da análise de fontes hemerográficas. Como apontou Tania de Luca, foi na década de 1970 que os periódicos, como objeto de pesquisa, tornaram-se menos questionados, a partir dos trabalhos de Maria Helena Capelato e Arnaldo Contier, que apresentam, principalmente a relação entre imprensa e política. Posteriormente, ao ampliarem-se os temas, foram surgindo discussões sobre gênero, práticas políticas, formas de lazer, de sociabilidade, produção literária, dentre muitos outros.⁸

Seria um trabalho desafiador e denso tratar todos os nomes que contribuíram para o desenvolvimento da vida cultural e intelectual na cidade de Belém no período estabelecido para este estudo, porém, como isso não seria possível, procuramos elencar alguns nomes que apareceram com mais frequência em nossas fontes, como: Bruno de Menezes; De Campos Ribeiro; Jacques Flores; Georgenos Franco; Peregrino Júnior; Eneida de Moraes; Geraldina Marx; Lindanor Celina. À medida que o trabalho com as fontes se tornava mais intenso, percebemos a necessidade de criar um banco de dados com informações bem mais pontuais para agilizar a localização de determinada matéria ou texto no espaço do suplemento literário d' Estado e nas revistas.

Além disso, tivemos a oportunidade de acessar algumas pastas que constituem o Arquivo da Academia Paraense de Letras, as pastas dos acadêmicos. Essas pastas constituem-se por documentos que nos ajudaram a construir algumas breves biografias de alguns intelectuais destacados no presente estudo, além disso, a reunião de recortes de jornais daquilo que eles consideraram importante reunir e guardar, daquilo que eles se

⁸ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 118-20.

ocuparam durante toda uma vida, o que conseqüentemente nos falam bastante sobre os seus interesses e sobre suas produções culturais. Ademais, consultamos os arquivos da Academia Brasileira de Letras, especialmente as pastas que constituem o arquivo de João Peregrino Júnior da Rocha Fagundes, presidente da ABL nos anos de 1956-1957, por conta dos laços afetivos e acadêmicos com o Pará e seus intelectuais.

À medida que cumprimos os créditos necessários para o exame de qualificação, as disciplinas cursadas entre 2103 e 2014 na UNICAMP e na USP foram se tornando essenciais, no sentido de permitirem realizar novamente as releituras de bibliografias básicas do projeto, assim como, alargar as discussões com novas referências teóricas. Esse foi o caso da disciplina *Cidade e Produção Cultural*, ministrada pelas professoras Silvana Rubino e Heloísa Pontes que, procurou apresentar e discutir uma bibliografia aprofundada sobre a “cidade” como sujeito e a sua produção cultural, a partir de algumas abordagens teóricas de discussão, dentre as quais “o argumento de que determinadas manifestações culturais só acontecem em cidades específicas, dado o intenso vínculo entre a cidade e a experiência social e cultural que ela possibilita”. Assim, leituras como a de Beatriz Sarlo em sua obra *Modernidade Periférica* foi sensivelmente inspiradora, no sentido de potencializar discussões, talvez pouco visíveis para aquele momento.⁹

As leituras da disciplina *Nova história em perspectiva*, ministrada pelos professores Fernando Novais e Luis Puntoni, na Universidade de São Paulo, também foram importantes para o amadurecimento da escrita do presente estudo, principalmente, na parte em que trabalhamos com as revistas locais. No texto *O experimento dos Annales* de George Huppert, o autor faz uma espécie de História Intelectual dos Annales, no sentido de recuperar a trajetória desse movimento a partir da revista dos Annales, mas principalmente dando ênfase para a figura de Lucien Febvre, ou seja, da fase embrionária, de fundação deste movimento associado à revista.¹⁰ Nesses termos, procuramos acompanhar o surgimento da Revista da Academia Paraense de Letras e da Revista Amazônia, que se apresentavam com propostas diferentes, mas agregando os escritores do mesmo grupo.

⁹ SARLO, Beatriz. **Modernidade periférica**: Buenos Aires 1929 e 1930. São Paulo, Cosac Naify, 2010.

¹⁰ HUPPERT, George. *O Experimento dos Annales*. In: NOVAIS, Fernando Antônio; SILVA, Rogério. **Nova História em perspectiva**, v.2. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

Assim, ao longo dos escritos da revista dos *Annales*, observam-se críticas mais acentuadas em meio à tarefa de interpretar o “movimento” do periódico, e da forma que o mesmo foi se desenvolvendo ao longo do século XX. Este texto foi trabalhado em sala de aula e escolhido para a apresentação de nosso seminário para a disciplina, o que veio muito a colaborar com o desenvolvimento de parte deste estudo, uma vez que já estava fechado um capítulo dedicado a análise de revistas que circularam em Belém para o período proposto para este estudo.

Esta tese se apresenta com três capítulos no geral. No capítulo introdutório, procurou-se abordar sobre o percurso da imprensa e da sua relação com as letras e com as artes, no transcorrer do século XIX aos anos de 1950, na capital do Pará e no Brasil, para podermos assim apreender os espaços e ambientes de “fermentação intelectual” e de sociabilidade pelos quais passaram gerações de intelectuais paraenses. Dessa forma, em um primeiro momento, buscamos observar o entresséculos, especialmente, o período da Belle Époque em Belém, onde a cidade aparece “obcecada” pelo espírito de progresso, da civilização e de modernidade, e de como esses atores (escritores) atuaram e se situaram dentro dessa sociedade em transição, dentro de um processo de modernização que passava a cidade de Belém proporcionado pela lucrativa comercialização da borracha, e posteriormente o seu declínio.

A necessidade dos intelectuais retomarem esse momento de auge na economia, e, conseqüentemente na esfera cultural e científica na Amazônia pareceu muito comum ao longo dos anos de 1950 nos suplementos literários, nas revistas, em biografias, enfim, nas fontes apresentadas para esse estudo, ou seja, tornou-se vital recuperar toda uma tradicionalidade cultural e científica de quando essa cidade experimentou ser o centro cultural do Norte do país a partir da construção do Teatro Paz (1878) e da fundação do Museu Paraense Emílio Goeldi (1866), por exemplo, e que não deveria nunca deixar de ser retomada. Logo, foi através do material há pouco mencionado, que procuramos problematizar a questão dos centros culturais principais e secundários, e de como Belém se inseria nessa discussão.

O segundo capítulo desta tese trata sobre a movimentação cultural e intelectual na cidade de Belém através do *Suplemento Literário O Estado do Pará* nos anos de 1950. Partindo da ideia de compreender o suplemento como espaço que unia esses intelectuais permanentes ou colaboradores (escritores, jornalistas, cronistas), daquilo que era escrito por eles, ou mesmo, daquilo que era publicado no suplemento a partir das

ideias em comum que caracterizavam esse grupo, ressaltando que muitos deles estavam ligados à Academia Paraense de Letras. Assim, focamos nas discussões e escritos sobre o folclore mundial e regional; nas notas sobre o movimento artístico que trazia a coluna Sons, tons e outras notas; no concurso de contos realizado nesse contexto e no empenho para fazer circular um jornal das letras para o Pará.

Além das questões de ordem política na intelectualidade brasileira, os anos 1950 implicaram, inclusive, em duas importantes mudanças na Imprensa do país. Não obstante a maior liberdade de atuação ensejada pelo fim do Estado Novo e pela Constituição de 1946 houve uma tendência transformadora na própria concepção do fazer-se Imprensa no Brasil. A antiga cultura de imprensa brasileira, assentada num jornalismo crítico e de opinião, começou a ser gradualmente substituída por um jornalismo aos moldes americanos, que embora não deixassem de publicar questões políticas, era essencialmente informativo e pautado na pretensa ideia de “neutralidade”.¹¹ Foi também, nesse período, que se vivenciou o apogeu da publicação dos suplementos literários nos periódicos do Brasil¹², e que nasceram no estado do Pará, principalmente dois deles: Folha do Norte e O Estado do Pará, sendo este último, o foco deste capítulo.

O terceiro e último capítulo se debruça em compreender as revistas como espaço de circulação dos intelectuais paraenses como produtores ou mediadores das atividades culturais da capital do Pará, além da promoção e divulgação de boa parte dos intelectuais ligados à APL. Para tal, busca-se discutir sobre a dinâmica social e cultural na capital do Pará, a partir de duas revistas: *Revista da Academia Paraense de Letras* e a *Revista Amazônia*. Daquilo que foi produzido, e o que representa essa produção, a produção de um grupo que parte, na maioria das vezes, dos mesmos ideais, ou seja, da produção e defesa da cultura paraense, assim como, das transformações que davam ares de modernidade a Belém. Cabe ressaltar que, muitas outras revistas fizeram parte desse panorama da Belém dos anos de 1950 a exemplo de: Gleba; Clareira; O Fragetan, por exemplo, porém, optamos por analisar dois extremos, mesmo sendo dirigidas, em parte, pelo mesmo grupo de intelectuais.

Dessa forma, o diálogo com as considerações e reflexões de Beatriz Sarlo em seu texto *Intelectuales y revistas : razones de una práctica* (1992) foi fundamental, uma

¹¹ ABREU, Alzira Alves de et al. (Orgs.). **A Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, p.15-9.

¹² COUTO, André Luís Faria. **O suplemento literário do Diário de Notícias nos anos 50**. Rio de Janeiro: CPDOC, 1992.

vez que a autora considera que as revistas possuem um ar de contemporaneidade mais marcado, onde a autenticidade de uma revista está em seu presente, e por terem promovido as discussões do presente, é possível, compreendermos e acompanharmos a modernização cultural das cidades latino-americanas, por exemplo.

Além disso, focamos na participação feminina nos espaços das revistas, o que para uma leitura atual parece ser apresentada de forma bastante tímida - mesmo para aquele momento dos anos de 1950 com o discurso de participação e democracia sendo introduzido no Brasil - a participação feminina se ampliava cada vez mais, para além dos poemas, gênero também monopolizado pelos homens. Assim, focamos nas figuras de Eneida de Moraes, Geraldina Marx e Lindanor Celina, mulheres que escreviam, atuavam e se inseriam no mesmo espaço de uma intelectualidade conservadora e tradicional, mas que por outro lado, também são considerados modernos.

De um modo geral, torna-se importante repisar que, este estudo tem o anseio, na medida do possível, em apresentar e contribuir com algumas reflexões sobre a vida cultural e intelectual da cidade de Belém do Pará nos anos de 1950, período marcado por grandes e consideráveis mudanças no cenário mundial e nacional. Observar como os grupos de uma intelectualidade local foram se formando ou mesmo se aglutinando através de várias gerações de poetas, escritores, jornalistas, cronistas que foram pincelando o cenário cultural da cidade para essa época. Sem dúvida, não temos a pretensão de dar conta de todos os aspectos e de todas as pessoas que contribuíram para a história da imprensa, da cultura e da intelectualidade na capital do Pará nos anos que são propostos para a análise do presente estudo, o que seria um trabalho extremamente rico, mas não menos exaustivo, logo esse estudo tem como propósito abarcar uma parte desse todo.

CAPÍTULO I

IMPRENSA, LITERATURA E INTELLECTUALIDADE: ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE NA BELÉM DO ENTRESSÉCULOS AOS ANOS DE 1950

O presente capítulo tem como finalidade compreender o percurso da imprensa e da sua relação com as letras, com as artes e a história, no transcorrer do século XIX aos anos de 1950, na capital do estado do Pará e no Brasil, para podermos assim apreender os espaços e ambientes de “fermentação intelectual” e de sociabilidades pelas quais passaram gerações de intelectuais paraenses, que vão além dos tradicionais cafés. Dessa forma, faz-se necessário observarmos o entresséculos, especialmente o período da Belle Époque em Belém, em que a cidade pareceu obcecada pelo espírito do progresso, da civilização e da modernidade, e de como esses atores (escritores, poetas, jornalistas, cronistas e artistas) atuaram e se situaram nesse cenário (no caso a cidade de Belém) ao longo dos séculos.

A necessidade de esses intelectuais retomarem o momento auge da economia gomífera (1870-1910, segundo uma perspectiva econômica) na esfera cultural e científica na Amazônia pareceu muito comum ao longo dos anos de 1950, seja nos suplementos literários, em revistas, crônicas, enfim, nas fontes utilizadas para o desenvolvimento deste estudo. A recuperação continua de toda uma tradicionalidade cultural e científica de quando Belém experimentou ser o centro cultural do Norte do país, pois procurava acompanhar os passos das “civilizações mais desenvolvidas”, estiveram latentes no pós II Guerra Mundial. Dessa forma, buscamos problematizar a questão dos centros culturais principais e secundários, e de como a capital do Pará se inseriu nessa discussão de escalas Belém/Amazônia/Brasil.

1.1. Um panorama inicial

No ano de 1950, uma seção intitulada **Página dos Estudantes**, que integrava um dos jornais de maior circulação de Belém no período (**O Estado do Pará**), estampou entre agosto e setembro artigos de jovens intelectuais sobre a Imprensa Paraense. Em um desses artigos, Leonel Bonifácio (possivelmente um pseudônimo) apresentou um amplo panorama da história da Imprensa no estado, desde o surgimento da primeira tipografia em Belém, no limiar do sé-

culo XIX, até o funcionamento dos jornais naqueles meados do Novecentos.¹¹ O pioneirismo da Imprensa na região foi atribuído por Bonifácio a João Francisco Madureira Pará, proprietário da primeira tipografia em terras paraenses. Segundo o relato de Leonel Bonifácio, Madureira requereu ao Governo do Pará, ainda em 1821 – 13 anos após a fundação da então Imprensa Régia e da autorização das atividades de Imprensa no Brasil, pelo Príncipe Regente D. João –, a autorização para a instalação daquela que seria a primeira “casa de imprimintos” da capitania do Pará.¹²

O relato de Leonel Bonifácio é sugestivo de que o próprio Francisco Pará construiu uma máquina apropriada para a impressão, fator que em alguma medida foi decisivo para que a Junta Governamental aprovasse e consentisse o funcionamento da tipografia. Embora o relato de Bonifácio não seja categórico neste sentido, o autor destaca a possibilidade de essa tipografia ter imprimido um jornal antes mesmo de *O Paraense* – periódico tido como o primeiro a ser editado no Pará, fundado por Filipe Patroni, em 1822. Ícone do vintismo e da disseminação das ideias liberais no Pará, Filipe Alberto Patroni tornou-se porta voz das ideias do movimento constitucionalista português e pretendente ao governo desta capitania, segundo Geraldo Coelho.¹³

Inclusive, é possível que se tenha sido impresso um jornal antes mesmo do próprio *O Paraense*. Esse último se apresentou, na leitura de Leonel Bonifácio, como uma gazeta “desrespeitosa” para com o governo da época, sofrendo constantes perseguições da elite portuguesa na capitania. Em 1823, o seu local de produção foi invadido e destruído não sobrando quase nada da tipografia do referido jornal. O pouco que restou foi reunido por um ex-tipógrafo desse jornal chamado Antônio Dias Ferreira Portugal que, poucos meses depois, veio a fundar o jornal “Luso-Paraense”. Este último, com a pretensão de praticar uma leitura colonial do constitucionalismo, deixando de lado o discurso modernizador do liberalismo vintista na imprensa provincial, passou a divulgar as matrizes do pensamento conservador metropolitano.¹⁴

¹¹ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. Jornal **O Estado do Pará**. Página dos Estudantes, 18/08/1950 e 10/09/1950.

¹² Com vistas a uma reflexão mais aprofundada a respeito dos significados da produção letradas no mundo ibérico dos séculos XVI ao XIX, especialmente, ao que diz respeito ao Império Português e seus domínios, ver: ALGRANTI, Leila Mezan; MEGIANI, Ana Paula Torres. (Org.). **O Império por escrito: formas de transmissão da cultura letrada no mundo ibérico (séculos XVI-XIX)**. São Paulo: Alameda, 2009.

¹³ Para acompanhar a atuação deste periódico e de seu fundador Felipe Alberto Patroni Martins Maciel Parente cf. COELHO, Geraldo Mártires. **Anarquistas, demagogos e dissidentes: a imprensa liberal no Pará**. Belém: CEJUP, 1993; SOUZA JÚNIOR, José Alves de. **Constituição ou Revolução: os projetos políticos para a emancipação do Grão-Pará e a atuação política de Filipe Patroni (1820-1823)**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998.

¹⁴ Sobre os propósitos desse periódico, cf.: COELHO, Geraldo Mártires. *O Pará, a Independência e o Império*. In: FONTES, Edilza (Org.). **Contando a História do Pará, v. 1**: Belém: E-Motion, 2002, p. 197-221.

Segundo Bonifácio, muitos jornais tiveram que contar com “invencionices” para imprimir seus escritos, a exemplo do jornal “A Bússola”, de Vigia, uma das mais antigas cidades do interior do Pará. Essas tipografias menores eram, geralmente, pobres e insuficientes para atender a população, e sempre estavam a imprimir suas edições em uma tipografia “amiga” (essa, um pouco melhor desenvolvida). De um modo geral, o autor dos artigos chama atenção para as dificuldades vivenciadas pela imprensa local ao longo tempo, e que se estenderam até os anos de 1950, contexto em que Bonifácio escrevia.

Na região norte do Brasil não seria diferente. Germana Sales, ao tratar sobre a prática de leitura no Grão Pará oitocentista aponta que os folhetins (narrativas literárias publicadas em jornais ou revistas, direcionadas ao entretenimento dos leitores, em forma sequencial) se constituíram como um dos hábitos de leitura mais frequente nessa região. O estudo em questão atenta para o possível crescimento do número de periódicos na província, onde esse crescimento foi acompanhado por um forte investimento nas publicações literárias.¹⁵ O exemplo do jornal *A Folha do Norte* parece ser bastante ilustrativo nesse sentido. Trata-se de um jornal tradicional, onde se percebe a inclinação para os assuntos literários ainda no século XIX, e onde esses romances - folhetins se aproximavam “das matrizes do modelo francês”.¹⁶

Os folhetins, surgidos na França nas primeiras décadas do século XIX, como criação do jornalista Emile Girardin, caracterizavam-se por um tradicional espaço direcionado ao entretenimento e recreação dos leitores, mesmo que, inicialmente, não tenha sido essa a finalidade dos jornais, como aponta Jean-Yves Mollier.¹⁷ No Brasil, os folhetins germinaram no início do Segundo Reinado (1840), onde mesclavam crítica literária, divulgação de eventos e os romances em capítulos. Cabe ressaltar que, seus assuntos culturais poderiam se estender para outras seções, mas geralmente dedicados às letras e às artes, como bem situa Elizabeth Lorenzotti.¹⁸ Percebe-se, então, o quão foi intensa influencia exercida pela imprensa parisiense sobre a imprensa brasileira, ao longo do século XIX o que se estenderá, em parte, ao século XX.

Ao examinar o meio intelectual no Rio de Janeiro no limiar do século XX, no clássico *Literatura como missão*, Nicolau Sevcenko partiu da análise da produção literária da época

¹⁵ SALES, Germana. Folhetins: Uma prática de leitura no século XIX. **Revista Entrelances (UFC)**, Fortaleza, v.1, p. 44-56, ago. 2007.

¹⁶ Ibidem, p. 53

¹⁷ Para uma discussão mais aprofundada do papel do folhetim na evolução da imprensa francesa e de seu comércio livreiro no século XIX, cf.: MOLLIER, Jean-Yves. O folhetim na imprensa e a livraria francesa no século XIX. In: _____. **A leitura e seu público no mundo contemporâneo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 83-96.

¹⁸ LORENZOTTI, Elizabeth. **Suplemento Literário, que falta ele faz! 1956-1974, do artístico ao jornalístico: vida e morte de um caderno cultural**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2007.

(jornais, magazines, crônicas, biografias etc.) para inquirir uma cidade que respirava o “momento” da transição do Império à República, observando e redefinindo o lugar do “escritor”, especialmente, a partir das figuras de Euclides da Cunha e Lima Barreto. A apreciação desse estudo clássico de Sevcenko se apresenta tanto como uma forma comparativa para as propostas de desenvolvimento do nosso estudo, como para a contextualização da relação entre imprensa e literatura nos primeiros anos da República no Brasil.

No entresséculos, o Rio de Janeiro se apresentava em um quadro de capital e de centro político bastante promissor, uma vez que nesse contexto, observa-se a penetração intensiva de capitais estrangeiros na economia brasileira.¹⁹ O fato de o Rio de Janeiro ocupar o 15º lugar com maior porto do mundo em volume de comércio, e, além disso, consolidando-se como o maior centro populacional do País, acaba por ampliar o seu mercado tanto no que diz respeito ao consumo, quanto à disponibilidade de mão de obra.²⁰ Logo, todas essas características que compõem o formato de uma grande capital exigiriam de seus agentes um novo tipo de comportamento condizente com o papel que estava se construindo, ou se “metamorfoseando”, uma espécie de remodelamento dessa sociedade.²¹

É necessário rememorarmos o quadro econômico acima, principalmente na medida em que ele nos permite observar o reflexo das movimentações e oscilações na esfera cultural brasileira desse período da Belle-Époque. “Como” e “por que” os espaços das cidades vão se modificando, e conseqüentemente a mentalidade e o modo de vida das pessoas também, onde se negam os elementos da cultura popular de um país e se admitem os costumes importados da Europa.²² Nesse sentido, algumas questões devem ser postas com relação à remodelação da sociedade, pois ao mesmo tempo em que a cidade se modernizava, as classes mais abastadas se beneficiavam de uma boa estrutura, enquanto os mais pobres eram cada vez mais afastados dessa realidade.

No caso da cidade de Belém, as Leis e os Códigos Municipais passaram a exercer o papel de controle na cidade em seus diversos aspectos, e inclusive, ao controle de seus habitantes, pois se fazia necessário aplicar uma política higienista e preventiva a uma cidade que acompanhava o progresso. Da mesma forma como a legislação passou a controlar o funcio-

19 PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2008, p. 210. O Intenso financiamento na lavoura cafeeira, por exemplo, só foi possível por conta de capitais e créditos fornecidos pela finança internacional. Boa parte dos fundos necessários para o estabelecimento de plantações e do custeio da produção vieram de bancos ingleses e franceses, principalmente.

20 SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

21 *Ibidem*, p. 43.

22 *Ibidem*.

namento de fábricas, asilos, hotéis e hospitais, também passou a estabelecer medidas para incentivar a prática dos bons costumes entre seus habitantes. Sambas, batuque e apitos foram proibidos por Lei na cidade de Belém, visto que esse tipo de aglomeração e o barulho resultante dela, não combinavam com uma cidade que representava uma pequena extensão de Paris na Amazônia.²³ Por outro lado, devemos relativizar essa última expressão, pois mesmo que um grupo privilegiado copiasse os comportamentos e hábitos refinados, a cidade não se transformou totalmente em um espelho de Paris, e isso pode ser observado nos jornais e nas revistas que circulam na cidade de Belém, em que se destacam os problemas de saneamento básico e infraestrutura na cidade como um todo.

Nesses termos, cabe indagarmos onde se inseriam os homens das letras dentro dessa dinâmica, no contexto das transformações sociais, dos intelectuais que se voltaram para a produção cultural europeia, como objetivo de implantar um modelo europeu. Sem dúvida, os intelectuais de que fala Sevcenko foram importantes para a construção do discurso de “nação”, nesse momento de transição e de modernização da estrutura social e política do País, afinal, como o próprio autor nos lembra, o engajamento se torna “condição” para esses homens das letras, e cabe também a eles, discursarem e escreverem sobre o “remodelamento” da nação, a busca pela integração com a unidade internacional.²⁴ Mas, nem mesmo os intelectuais mais respeitados conseguiam viver somente das letras, e isso remonta ao transcorrer do século XIX. Sérgio Miceli nos lembra que, no início do século XX, o ofício de jornalista se tornou um ofício conciliável com o de escritor, assim, o que foi para alguns autores românticos uma prática que poderia ser tolerada, posteriormente, para outros (como os da geração de 1870), a exemplo de Machado de Assis, passou a ser uma constante, como renda complementar e indispensável.²⁵

A Capital do Pará presenciou uma movimentação artística bastante intensa no final século XIX e início do XX, ao lado dos esforços por uma modernização da cidade de Belém, das transformações do espaço público e do modo de vida das pessoas proporcionada pela intensidade da economia gomífera.²⁶ Como bem destacou o historiador Aldrin Figueiredo, Belém, nesse momento, admirava exposição de telas a óleo e aquarelas, a exemplo das telas pro-

²³ SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)**. Belém: Paka-Tatu, 2010 (Ver, especialmente, o Capítulo 4: “O Poder público na organização do urbano belenense”).

²⁴ *Ibidem*, p. 97

²⁵ MICELI, Sérgio. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Conferir especialmente o tópico “Imprensa e Polígrafos”.

²⁶ Para compreender o processo de modernização da cidade de Belém do entresséculos, a partir da economia da borracha, da administração do intendente Antônio Lemos e dos primeiros anos da República, cf. SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)**, op. cit.

duzidas pelo pintor italiano Domenico De Angelis, e para além de toda essa produção, a novidade também se apresentava através dos espaços onde ocorriam as exposições. O próprio De Angelis tomou como espaço a *Livraria Universal* de propriedade do Sr. Tavares Cardoso, uma espécie de ponto de encontro dos literatos paraenses na virada do século.²⁷ Essas exposições demonstravam, na verdade, o caráter de civilidade que a cidade estava alcançando, aproximando-se dos padrões europeus, especialmente o francês.

Figura 1.1 – Livraria Gillet, Cardoso e Casa Colombo (Livraria Universal) em 1910



Fonte: Acervo do Instituto Moreira Salles. Coleção Gilberto Ferrez, 1910. Belém, Pará.

Esses eventos passaram a ter espaço em diversos ambientes na Belém do final do século XIX como nas escolas, nas livrarias e nas próprias residências dos artistas. O casal Blaise (Maurice e Louise) conquistou uma boa aceitação em meio à sociedade paraense, principalmente com as mostras organizadas em sua própria residência apresentando a essa sociedade o modelo de civilização europeia, mas sempre a partir de temas locais.²⁸ Nesse caso, dispensar atenção a esses “pontos de encontros” de artistas e intelectuais nos fins do século XIX e no

²⁷ FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Eternos Modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929.** Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001, p. 32.

²⁸ FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Eternos Modernos**, op. cit., p. 41

limiar do século XX em Belém do Pará, nos permite compreender o ambiente cultural que se transformava/ ou se desenhava a partir desse momento na região norte do Brasil.

No auge da produção e comercialização da borracha (1870-1910), Belém acabou por se destacar como porto de escoamento da produção do látex, o que conseqüentemente alavancou a vida cultural da já considerada “urbe moderna”. Dessa forma, a capital do Pará iniciava o processo de intensas transformações decorrente da rentável produção gomífera, experimentando, ao mesmo tempo, a presença de grandes exposições, assim como, as elegantes temporadas líricas vindas da Europa, sobretudo da França. Como bem atestou a historiadora Nazaré Sarges, no ano de 1878, foram apresentados em torno de 126 espetáculos no Teatro da Paz, e inúmeras casas de diversões também surgiram ao longo de toda essa agitação, a exemplo dos famosos cafés, tão presentes no contexto europeu, ou melhor, na vida cultural francesa. Logo, O Café Chic, o Café da Paz, o Moulin Rouge, o Chat Noir, o Café Madri e o Café Riche compunham o cenário da cidade de Belém.²⁹

Esses espaços mencionados a pouco, tornaram-se espaços de sociabilidade entre intelectuais, artistas, uma pequena burguesia, e de uma elite intelectual (filhos dos seringalistas mandados estudar na Europa). O Café Chic, segundo as palavras do poeta e acadêmico De Campos Ribeiro³⁰, foi onde floresceu e prosperou no início do século XX, o ponto de encontro entre seus pares (jornalistas, poetas, escritores, colaboradores). Dessa forma, esse aspecto não se distancia de outras capitais da América Latina, pois ao acompanhar parte da vida intelectual portenha através do poeta nicaraguense Rubén Darío - que chega a Buenos Aires no final do século XIX - por exemplo, Pablo Anslabehere procurou mapear o circuito dos locais frequentado pelo setor do campo artístico e literário em Buenos Aires que se aglutinava em torno deste poeta, como na cervejaria El Aue’s Keller, fundada por um alemão.³¹

²⁹ SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)**, op. cit., p. 113. Ver ainda: LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Café Central: o tempo submerso nos espelhos**. São Paulo: Escrituras Editora, 2011; e NUNES, Dulcília; SANTOS, Larissa. **A memória da hotelaria de Belém e o Grande Hotel: 1850-1950**. Belém: ABIH-PA, 2016.

³⁰ Nascido em 1901, na cidade de São Luís, José Sampaio de Campos Ribeiro, migrou ainda criança para Belém. Posteriormente, atuou em jornais de grande circulação. Iniciou sua carreira jornalística em 1921, em seguida ocupou o cargo de redator no jornal O Estado do Pará. Foi agrônomo, funcionário público federal, poeta, jornalista e presidente da Academia Paraense de Letras. Cf.: CASTRO, Maria das Neves Rocha de. **Memórias de uma velha cidade: a representação histórico-social de Belém pós-Belle-Époque em crônicas de De Campos Ribeiro**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará. Belém, 2011.

³¹ ANSOLABEHERE, Pablo. La vida bohemia en Buenos Aires (1880-1920): lugares, itinerários y personajes. In: BRUNO, Paula (Org.). **Sociabilidades y vida cultural: Buenos Aires, 1860-1930**. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2014, p. 155-85.

Assim, o discurso construído em relação às grandes capitais do século XIX, tal como Londres e Paris, era que o futuro dessas cidades se estenderia também para outras sociedades urbanas mais afastadas, sendo estas consideradas como instituições e sistemas arcaicos envolvidos por uma cultura regional.³² Essa extensão foi pensada, inclusive, para as cidades de Belém e Manaus, consideradas “urbes modernas” na Amazônia do entresséculos (XIX-XX). Assim como em outras capitais brasileiras, em Belém e Manaus, onde o mercado de arte foi, naquele contexto, impulsionado em grande medida pela economia da borracha, a apreciação das Belas Artes estava intimamente ligada às ideias de progresso e civilidade. Assim, Belém acabou por se transformar na capital cultural dessa região no entresséculos (XIX-XX), onde o intendente Antônio Lemos quis dar ares europeus à cidade, como se a mesma fosse uma extensão de Paris na Amazônia.

O Café da Paz, por exemplo, aparece como um dos destaques do Álbum *O Pará de 1908*, uma espécie de publicação comemorativa aos oito anos de governo de Augusto Montenegro, governador do Pará entre 1901 e 1909. A publicação tem um caráter de apresentação imponente, tendo sido escrita em três idiomas, e dizia a respeito ao que uma importante capital deveria proporcionar: bons hotéis, restaurantes, cafés, edificações históricas, livrarias, entre outros, ou seja, espaços que apresentavam os ares do progresso. Assim, o álbum nos permite constituir uma ideia geral dos cafés e restaurantes que funcionavam na cidade, e daquilo o que estes estabelecimentos poderiam oferecer aos seus atores:

Em todo o Estado bebe-se excelente vinho quer de França, da Itália e de Portugal, sobretudo, de onde importamos magníficos vinhos de mesa. Os cafés são bem montados e nelles se encontra a mais completa variedade de bebidas estrangeiras e nacionaes e excelentes gelados feitos com as deliciosas frutas do paiz, que também servem em refrescos.³³

Entre outras páginas do Álbum citado a cima, observa-se a necessidade de esclarecer os mínimos detalhes sobre as edificações na cidade de Belém que se apresentavam até os primeiros anos do século XX, sejam estas espaços públicos ou privados. Dessa forma, apresentam-se imagens da casa particular do Governador Augusto Montenegro, do *London and Brazilian Bank* à Rua 15 de novembro, do Chalet Costa, e da Livraria Universal. Sempre apresentando detalhadamente o tipo de material que eram utilizados nessas construções, o tipo de telha, o tipo de madeira empregada em cada lugar da casa ou estabelecimento.

³² MORSE, Richard. As cidades “periféricas” como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995, p. 206.

³³ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). PARÁ. **Álbum do Estado do Pará: oito anos do Governo (1901 a 1909)**. Paris: Imprimerie Chaponet, 1908, p. 333.

Constam, inclusive, informações sobre o operariado que atuava na capital ou em todo o estado, ressaltando que Belém estava preparada para receber aqueles que quisessem trabalhar nas artes liberais: “País novo e em grande progresso há lugar para todas as atividades”.³⁴ Existem informes sobre as grandes obras, como a construção de estradas de ferro, em que o estado contava naquele momento com um número expressivo de trabalhadores, muito destes oriundos do Nordeste.

Além disso, cabe salientar que importantes instituições culturais foram edificadas e implantadas nessa conjuntura. A construção do próprio Teatro da Paz (inaugurado em 1878) o qual a mencionamos anteriormente; o Museu Paraense Emílio Goeldi (fundado em 1866, mas somente transformado em instituição pública em 1871) considerado centro de referência em etnografia e história natural; a Biblioteca Pública Arthur Vianna (1899). Enfim, trata-se de obras imponentes que representavam, naquele momento, a modernidade na região norte do Brasil, mais que isso, a modernidade cultural e intelectual em uma cidade situada no extremo norte do país, tão afastada das grandes capitais brasileiras, especificadamente, do Rio de Janeiro e de São Paulo.

³⁴ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). PARÁ. **Álbum do Estado do Pará**, op. cit., p. 42.

Figura 1.2 – Rocinha do Museu Paraense Emílio Goeldi (1899)



Fonte: SANJAD, Nelson. *A Coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907)*. Brasília: IBRAM; Belém: MPEG; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2010, s/n.

O caso do Museu Paraense Emílio Goeldi, de certa forma, não deixa de ser um caso peculiar, uma vez que o mesmo estabeleceu um paradigma não apenas intelectual, mas inclusive, científico na região amazônica. Ao se debruçar à análise da trajetória de Domingos Soares Ferreira Penna – fundador e primeiro diretor deste museu – para compreender os espaços dos debates científicos no Brasil do século XIX, e das disputas pelo patrimônio arqueológico na Amazônia, Nelson Sanjad salienta que, o argumento que justificou a criação do mesmo teve como propósito o progresso da economia, não somente aquele progresso produzido através da extração e comercialização do látex, mas também pelo incentivo à agricultura, que consequentemente divulgaria os produtos naturais produzidos na província e assim, diversificaria as exportações.³⁵

Compartilhando das ideias de Ferreira Penna, alguns políticos, intelectuais (professores, escritores, jornalistas, naturalistas, entre outros), militares e viajantes questionavam a falta

³⁵ Sobre a ideia do que poderia ser reunido e apresentado no museu para o incentivo do comércio e da indústria na região amazônica dentro das expectativas de Ferreira Penna cf.: SANJAD, Nelson. *Ciência dos potes quebrados. Nação e região na arqueologia brasileira do século XIX*. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 19. n. 1, p. 133-163, jan-jun. 2011.

de apoio e incentivos aos “produtos tradicionalmente cultivados e exportados pelo Pará”. Ou seja, esses atores do cenário amazônico estavam inseridos nessas discussões sobre a dinamização econômica e científica na Amazônia, e de como o Museu iria contribuir com essa questão. Além disso, observa-se o sentimento de criar uma instituição de referência local, com uma marca regionalista.³⁶ Dessa forma, a região amazônica deixaria de ser apenas um local de observação, para tornar-se o local de produção da ciência.

Figura 1.3 – Teatro da Paz no início do século XX, depois da reforma do Governador Augusto Montenegro



Fonte: Belém da Saudade: A memória da Belém do início do século em cartões-postais. Belém: Secult, 1996.

Assim, os espaços que foram tratados até esse momento (entre o final do século XIX e os primeiros anos do século XX), seja por referência ou por imagem, devem ser retomados para podermos nos situar dentro de um circuito cultural que Belém nos apresenta, basicamente, frequentando pela elite e a intelectualidade local. Espaços que foram edificados, principalmente, no período da Belle-Époque, período este que permitiu a inserção da cidade de Belém dentro de um quadro das capitais mais desenvolvidas no Brasil, a partir de sua remodelação urbana. Alguns estudos, entre os quais o de Aldrin Figueiredo, aponta, por exemplo, a própria Livraria Universal como um ponto de encontro dos literatos paraenses desde a virada

³⁶ SANJAD, Nelson. Ciência dos potes quebrados, op. cit.

do século, observando suas modernas instalações e sendo constituída com material importado.³⁷

As livrarias e os cafés, sem dúvida, tornaram-se “pontos de encontro” da intelectualidade local, desde o final do século XIX, e não seria nenhum exagero observarmos os mesmos como constituintes de uma espécie de circuito cultural, pois devemos considerar a proximidade entre as edificações mencionadas e seu entorno, mais ou menos num raio de um quilometro.³⁸ Trata-se de espaços que possuem características de cenários de encontro na cidade de Belém, que poderiam propiciar desde uma simples conversa até uma reunião mais apurada entre “Os novos das letras indígenas”, como De Campos Ribeiro denominou os seus pares na década de 1920. O Café da Paz; o Grande Hotel; o Cine Olympia (inaugurado em 1912), por exemplo, localizavam-se no entorno da Praça da República.

Figura 1.4 – Foto do Café da Paz no início do século XX



Fonte: Belém da Saudade: A memória da Belém do início do século em cartões-postais. Belém: Secult, 1996.

³⁷ FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Eternos Modernos**, op. cit., p. 32

³⁸ Partindo de uma análise econômica da gestão cultural brasileira, Júlio Moraes define “circuitos culturais” como “pontos cardeais de sociabilidade”. Cf.: MORAES, Júlio Lucchesi. **Sociedades culturais, sociedade anônimas: distinção e massificação na economia da cultura brasileira (Rio de Janeiro e São Paulo, 1890-1922)**. Tese de Doutorado (História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014, p. 9-10.

Figura 1.5 – Praça da República em Belém do Pará (1910)



Fonte: Acervo do Instituto Moreira Salles. Coleção Gilberto Ferrez, 1910. Belém, Pará.

Na primeira década do século XX, alguns pintores nacionais de renome passaram a considerar Belém como capital promissora para as artes, tendo sido incluída rapidamente na rota desses artistas. Em 1905, o fluminense Antônio Parreiras organizou um vernissage no Teatro da Paz, onde vendeu nada menos que vinte e sete obras. O intendente Antônio Lemos comprou três telas e encomendou mais oito obras do pintor.³⁹ Nesses termos, observamos um político extremamente preocupado situar e elevar Belém no circuito das artes e da intelectualidade, ou seja, no sentido de que a cidade buscasse representar o “progresso” e a “civilização” no Norte do país.

O panorama sobre a *Belle Époque* desenvolvido até aqui, para a capital do Pará, torna-se pertinente na medida em que buscamos compreender o período dessas transformações ocasionadas pela intensificação dos investimentos estrangeiros no Brasil. Esse foi o período em que as cidades aparecem ‘obcecadas’ pelo espírito do progresso civilizador, e onde a capital paraense experimentava ser o ‘centro cultural’ do norte do país, com seus cafés, suas exposições, suas óperas, ou seja, seus variados ‘cenários de encontros’.⁴⁰ Nesse contexto, a impren-

³⁹ FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Eternos modernos**, op. cit., p.47.

⁴⁰ A exemplo de outros centros culturais da América Latina para esse contexto, podemos mencionar Buenos Aires, e seus famosos cafés e cervejarias, espaços naturais de camaradagem artística e intelectual. Inspirados, certamente, no papel central que ocupavam os cafés entre a boemia clássica de Paris. cf.: ANSOLABEHERE, Pablo. *La vida bohemia en Buenos Aires (1880-1920)*, op. cit., p. 167.

sa local passa também a se destacar por conta dessa agitação cultural, e por ‘exigir’ análises e críticas mais contundentes em relação a produção desses artistas que passavam pela cidade).⁴¹

Os primeiros anos do século XX foram bastante movimentados na cidade de Belém, ao que se refere ao seu ambiente intelectual e boêmio. O Acadêmico Apolinário Moreira retomou essa movimentação em um discurso no Teatro da Paz, onde ressaltou que no período em questão, as preocupações com a ordem material não amedrontavam a sobrevivência das pessoas, com uma dúzia de mil francos seria possível atravessar o Atlântico e aproveitar uma temporada em Paris, e que, além disso, não se tinha rádio e nem cinema, mas se tinha a oportunidade de acompanhar as apresentações das companhias líricas e dramáticas que em Belém se apresentavam. Gastava-se muito nos cafés, onde os ‘boêmios finos’ se reuniam; figuras do jornalismo e das letras que se agrupavam no ‘famoso Cabaret’ e nos bares de ‘igual quilate’, conseqüentemente “formando círculos ao acaso ou conforme os graus de mútua simpatia” .⁴²

Esses espaços rememorados por Apolinário Moreira em Belém foram espaços que se apresentam como lugares de aglutinação, em que determinados grupos poderiam ser engendrados ou fortalecidos, que poderia partir de uma simples camaradagem, das afinidades ideológicas, dos impulsos e finalidades, das interações, das discordâncias, ou seja, de tudo aquilo que representa a interação entre os indivíduos, como salientou Simmel.⁴³ Porém, devemos considerar que esses espaços funcionavam como demarcadores sociais, locais onde cada geração era constituída.

A segunda década do século XX também seguiu movimentada na cidade de Belém. Nesse caso, torna-se imprescindível não somente para este capítulo, mas como para os outros, tecer algumas breves considerações gerais sobre o que hoje se denomina “modernismo”. Esse movimento, gestado nas primeiras décadas do século XX foi conformado pelas aspirações dos homens que dele participaram na busca por uma nova proposta para a identidade nacional .⁴⁴ Mário de Andrade, por exemplo, queria apresentar a origem e o fundamento de uma “tradi-

⁴¹ FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Eternos modernos**, op. cit., p. 44-45

⁴² ‘O último discurso acadêmico de Apolinário Moreira’. Revista da Academia Paraense de Letras. Jan. 1952, n. 2. Este discurso foi realizado no dia 23 de agosto de 1946, no Salão Nobre do Teatro da Paz, em sessão especial para receber Georgenor Franco.

⁴³ SIMMEL, George. **Questões fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 59.

⁴⁴ MAFRA, Alessandra. **O arauto da cultura paraense: uma história intelectual de Vicente Salles**. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, 2012.

ção” genuinamente brasileira por intermédio do Folclore, como apontam estudos mais específicos sobre a atuação deste intelectual.⁴⁵

No caso das capitais mais afastadas do centro cultural nacional, a exemplo de Belém, a atuação desses intelectuais/literatos apresentava as ambiguidades e os incômodos com a proposta do movimento modernista. Dessa forma, o regionalismo toma forma em Belém através desses escritores, cronistas e literatos, pois eles redescobrem e trabalham com o “homem mestiço” da Amazônia, em que se aproximam de um outro projeto de nação, onde o Norte toma um lugar importante e se afastando mais do movimento hegemônico dos grandes centros, mesmo que muitos desses escritores tratassem do regionalismo em um contexto nacional.⁴⁶

Nessa conjuntura, um grupo de literatos passou a se reunir no terraço do *Grande Hotel*. Intelectuais, literatos, e políticos de origens sociais diversas se aproximaram em torno de um projeto de nação, onde a Amazônia tomava um lugar de destaque, e onde o regionalismo ganhou projeção. Neste contexto, as discussões sobre a “identidade regional” tomavam folego na Amazônia.⁴⁷ Segundo Figueiredo, por volta de 1921 os debates sobre literatura, arte, mundanismo passaram a ser mais intensos para dois grupos na capital do Pará: um que passou a surgir dos encontros no Largo da Pólvora e foi chamado de *Academia ao ar livre* e outro onde se reuniam os homens das letras de origem mais modestas, logo conhecido por *Academia do Peixe-Frito*, que frequentavam as festas dos subúrbios e o ver o peso. No primeiro grupo reuniam-se nomes como: Abguar Bastos e Clóvis de Gusmão, que de vez em quando contavam com a presença de Nunes Pereira. Já o segundo foi constituído por nomes como: Paulo de Oliveira, De Campos Ribeiro, Ernani Vieira, Rodrigues Pinagé, liderados pelo escritor e folclorista paraense Bruno de Menezes.⁴⁸ Tratava-se nos “novos” jovens entusiastas da literatura, música e arte da cidade de Belém, para esse período.

45 Dentre outros trabalhos específicos sobre Mário de Andrade e suas “andanças” pelo Brasil, em busca de registrar essas tradições, destacamos: NEVES, Margarida. Da Maloca do Tiete ao Império do Mato Virgem. Mario de Andrade: Roteiros e Descobrimientos. In: CHALHOUB, Sidney, PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org.). **A História contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 265-300; LOPEZ, Telê Porto Ancona. **Mário de Andrade**: ramais e caminhos. São Paulo: Duas Cidades, 1972; MORAES, Eduardo Jardim de. **A brasilidade modernista**: sua dimensão filosófica. Rio de Janeiro: Graal, 1978; CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Cultura Popular e Sensibilidade Romântica: as danças dramáticas de Mário de Andrade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 19, n. 54, p. 57-79, fev. 2004; e ANDRADE, Mário. **O Turista Aprendiz**. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

46 FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Os vândalos do apocalipse e outras histórias**: arte e literatura no Pará dos anos 20. Belém: IAP, p. 18-9; 28-9.

47 Idem.

48 Torna-se necessário salientar que, os nomes especificados nesses grupos representam a jovem intelectualidade da década de 1920. Devemos considerar que são intelectuais nascidos no final do século XIX ou logo nos primeiros anos do século XX, a exemplo de: Bruno de Menezes (1893), Rodrigues Pinagé (1895), De Campos Ri-

Em 1923 surgia a *Revista Belém Nova* tinha como objetivo divulgar as novas ideias estéticas e literárias do movimento modernista na capital do Pará⁴⁹, sendo que os estudos sobre folclore tomariam destaque nesta revista.⁵⁰ Alguns colaboradores da *Belém Nova* já eram conhecidos colaboradores da imprensa local, como José Simões e Severino Silva, outros eram nomes menos conhecidos, e entre todos estes, apresentavam-se alguns confrades da recém-criada sociedade chamada de *Associação dos Novos*, fundada em 1921. Faziam parte dessa associação nomes como os de Ernani Vieira, Abguar Bastos, Jacques Flores, De Campos Ribeiro, Bruno de Menezes, entre outros.⁵¹ O próprio De campos Ribeiro rememora essa geração que, em 1921 deu seus primeiros passos, onde quase todos iniciaram suas atividades no jornal *A Província do Pará*, situado à Rua 13 de maio (centro de Belém), mais especificadamente, em uma seção denominada *Coluna dos Novos*.⁵² Assim, este poeta descreve um pouco da dinâmica cultural daquele momento, e da qual também fazia parte:

...O “Café Chic, como um homônimo que aqui florescera e prosperara no começo do século era então o ponto de reunião dos novos das letras indígenas. Ali, senão todas as noites, aos sábados com matemática certeza, lá iam chegando, depois das nove da noite, os poetas, os “conteurs”, os cronistas elegantes das páginas fúteis de “A Semana”, a revista da época, requestada febrilmente pelas “graças” regionais que faziam o encanto e a sensação das vésperas do “Olimpia” às sextas-feiras e do “Chá das cinco” no Grande Hotel, em regra sempre servido às seis ou sete da noite ... [Crônicas de De Campo Ribeiro. O Estado do Pará, 05 de jan. 1950]⁵³

O excerto da crônica de José Sampaio De Campos Ribeiro ilustra com bastante intimidade a circulação desses jovens literatos do Pará no início do século vinte. Os ‘pontos de reunião’ onde começaram a fermentar as discussões um pouco mais ousadas para essas bandas

beiro (1901), Abguar Bastos (1902). Eram iniciantes e entusiastas da literatura, da música e das artes e representaram para esse período da década de 1920, a nova geração, como mencionou Alonso Rocha, biógrafo de Bruno de Menezes. Importante de situar essas informações, é verificar que muitos desses nomes irão dialogar com os “novos” das décadas de 1940 e 1950, marcando o encontro, ou mesmo a interação entre gerações diferentes. ROCHA, Alonso. Bruno de Menezes: traços biográficos. In: ROCHA, Alonso [et al]. **Bruno de Menezes ou a sutileza da transição**: Ensaios. Belém: CEJUP/Universidade Federal do Pará, 1994, p.14.

⁴⁹ COELHO, Marinilce. **Memórias Literárias de Belém do Pará**: o Grupo dos Novos, 1946-1952. Tese (Doutorado em Crítica Literária) – Instituto de Letras, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

⁵⁰ Ao comentar sobre as direções que os intelectuais paraenses tomaram na década de 1920, Figueiredo destaca a figura de Coutinho de Oliveira, nome que se associou a estes intelectuais interessados em divulgar os ideais modernistas na região Norte do país. Oliveira destacou-se com o artigo intitulado “Contribuição aos estudos folclóricos”, publicado na Revista Belém Nova, em 1924. Cf.: FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **A Cidade dos Encantados**: pajelança, feitiçaria e religiões afro-brasileiras na Amazônia, 1870-1950. Belém: EDUFPA, 2008.

⁵¹ FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Eternos modernos**, op. cit., p. 189

⁵² RIBEIRO, De Campos. **Graça Aranha e o modernismo no Pará**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1973, p. 16.

⁵³ *A Semana* foi um periódico dedicado as Letras que começou a circular em Belém no início do século XX, considerada reduto dos ‘Novos’ antes da *Belém Nova*. Sobre a história do periódico *A Semana*, ver: MOURÃO, Sílvia Carvalho. **A Semana**: periódico literário. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará. Belém, 2006.

do norte do país. Por outro lado, devemos considerar que essas figuras entusiastas das letras, circulavam para além dos cafés requintados, estendendo-se, inclusive, aos subúrbios de Belém. Eles circulavam pelos botecos do Ver-o-Peso debatendo sobre literatura e revolução, e assim seguiam pelos bares, cafés e em festas pelos bairros que constituíam os subúrbios da cidade.⁵⁴

A preocupação desses intelectuais nos primeiros anos da década de XX em Belém tornou-se bastante pontual, o folclore como campo de estudo, e o reflexo destas discussões tomariam as páginas da revista *Belém Nova* - que funcionou entre os anos de 1923 a 1929 - que tomou para si o sentido ‘modernista’ na Amazônia, apresentando as especificidades de uma ‘tradição’ nortista, a reverberação de uma *Belém Nova*. Conforme Aldrin Figueiredo, nesse momento, as ligações com a Europa seriam mais em um sentido metodológico, onde esses intelectuais procuravam afastar os aspectos eurocêntricos de seus escritos. Dessa forma, o autor salienta:

Neste campo, os folcloristas tem um papel de relevo, embora poucos estudiosos do assunto tenham atentado para a questão. A incisiva crítica de Coutinho de Oliveira aos valores culturais europeus e à “pseudo-civilização” lançada aos trópicos exemplifica muito bem o “novo” eixo de preocupações dos intelectuais da terra. A partir de 1923, porém, o sentido “modernista” amazônico tomara contato mais estreito com o sentido paulista do movimento. Por esta época, surge em Belém a Associação dos Novos e funda-se a Revista Belém Nova – uma espécie de porta voz do movimento. À frente da confraria o poeta e folclorista Bruno de Menezes. Este seria o aglutinador de “velhos” e “novos”.⁵⁵

Ainda na década de 1920, dentre toda essa movimentação descrita acima, não podemos deixar de evocar a passagem do poeta Mário de Andrade pelo Pará. A famosa peregrinação por diversos pontos do Brasil, inclusive, passando por Belém em 1927 fez Mário de Andrade dar vida ao livro *O Turista Aprendiz*, com as crônicas de registro das suas pesquisas etnográficas. Logo, cabe observarmos a relação de Mário com os intelectuais locais. Foi o médico paraense Gastão Vieira (colaborador da revista *Belém Nova*) que o acompanhou na capital do Pará, e o mesmo providenciou o encontro de Mário com a intelectualidade local.⁵⁶

De qualquer forma, dentre tantas impressões de Mario de Andrade por Belém, podemos observar a passagem do mesmo pelo ilustre *Grande Hotel* que, como falamos anteriormente, serviu como ponto de aglutinação de intelectuais, literatos e políticos (no final do XIX

⁵⁴ ROCHA, Alonso. Bruno de Menezes: traços biográficos, op. cit., p.14.

⁵⁵ FIGUEIREDO, Aldrin. *A Cidade dos Encantados*, op. cit., p. 186.

⁵⁶ Ibidem, p. 190-1

e início do XX). E foi ali que ele se instalou, em um dos espaços mais movimentados do circuito cultural de Belém, ou seja, no ambiente da intelectualidade local. O seu entusiasmo pela capital do Pará parecia notório, embora sempre constituído com certo sarcasmo, onde o desejo, naquele momento, era o de poder aproveitar os momentos no *terrace* do Grande Hotel de Belém, em frente das mangueiras que tapavam o Teatro da Paz, apreciando os sorvetes de frutas da terra, como cupuaçu e açai.⁵⁷

Destacamos a figura de Mario de Andrade por ser considerado um dos expoentes dos estudos sobre o folclore, criador e defensor da “moderna” proposta para a cultura brasileira. Porém, cabe ressaltar outra vertente a respeito da “tradicional perspectiva modernista”, que para além do pensamento inovador, e responsável por inaugurar um novo momento do pensamento intelectual, estaria mais interessada em estabelecer uma hegemonia cultural paulista.⁵⁸ Por muito tempo a historiografia brasileira encontrou dificuldades para compreender o modernismo além do grupo de São Paulo de 1922 e do Rio de Janeiro nos anos de 1930, só muito recentemente essa questão vem sendo discutida e ampliada para um meio local e regional.⁵⁹

No que se refere ao Pará, salientou Joaquim Inojosa, seria uma tarefa longa estudar todos os que fizeram parte do grupo de intelectuais que movimentaram e que deram relevo à produção das letras na década de 1920.⁶⁰ Figuras como: Bruno de Menezes, Abguar Bastos, Clóvis de Gusmão, Eneida de Moraes, Sandoval Lage, De Campos Ribeiro, entre outros, foram figuras de destaque nesse contexto, para a história da literatura e da cultura paraense. Dessa forma, cabe esclarecer que nosso objetivo gira em torno de recuperar alguns desses nomes para compreender a história da vida cultural de Belém. Alguns desses atores iremos encontrar mais adiante, nas próximas páginas, nas décadas de 1930, 1940, mas especialmente para a década de 1950, onde passam a ser responsáveis e influenciar, de certa forma, as gerações de escritores que vão surgindo ao longo das décadas mencionadas, inclusive, no que corresponde o período de averiguação desse estudo.

⁵⁷ Ver: BOTELHO, André. A viagem de Mário de Andrade à Amazônia: entre raízes e rotas. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 57, 2013, p. 353. Neste artigo, o autor propõe realizar uma leitura a partir dos relatos de Mário de Andrade a respeito de sua viagem à Amazônia. Para a constituição dos detalhes que compõem este parágrafo, lançamos mão, especialmente, da correspondência de Mario de Andrade a Manuel Bandeira, utilizada por André Botelho.

⁵⁸ FARIA, Daniel. **O Mito Modernista**. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Belém, 2004, p. 16-7.

⁵⁹ SILVA, Caroline Fernandes. **O moderno em aberto: o mundo das artes em Belém do Pará e a pintura de Antonieta Santos Feio**. Dissertação (Mestrado em História Social). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2009.

⁶⁰ INOJOSA, Joaquim. Modernismo no Pará. In: ROCHA, Alonso [et al]. **Bruno de Menezes ou a sutileza da transição**: Ensaios. Belém: CEJUP/Universidade Federal do Pará, 1994, p. 126.

Concentremo-nos agora na década de 1930 em meio às letras na Amazônia, e o que foi produzido neste momento. Nesse período, poetas e escritores locais publicavam constantemente, De Campos Ribeiro publicou o livro de poemas *Aleluia* em 1930, no mesmo ano, Antônio Tavernard publicou *Fêmea*, seu livro de contos; Bruno de Menezes apresentou aos leitores paraenses um, dos seus mais fortes e proeminentes livros: *Batuque* em 1931; Eneida de Moraes surgiu com *Contos* em 1936; e Dalcídio Jurandir trabalhava na produção de grandes romances amazônicos (*Chove nos Campos de Cachoeira* que somente viria a ser publicado em 1941). Ainda nesse contexto, exatamente, em 1930, tem-se o retorno da revista *Guajarina* que contava nesse momento com a presença de nomes já bastante conhecidos da literatura paraense como o de Bruno de Menezes, De Campos Ribeiro, o pintor e ilustrador Ângelus Nascimento, Adalcinda Camarão, José Esteves, entre outros intelectuais.⁶¹

O caso da revista *Guajarina* torna-se bastante instigante neste momento, uma vez que a mesma desaparece e retorna ao menos duas vezes na década de 1930. Após um determinado período sem circular, a revista retorna novamente em 1937, sob a direção do mesmo proprietário, mas para esse novo momento da revista surge outros nomes em sua redação como: Dalcídio Jurandir, Machado Coelho, Cécil Meira, Levi Hall de Moura, Paulo Eleutério Filho, Francisco Mendes, Gentil Puget.⁶²

Ainda no ano de 1937 na revista *Guajarina*, traz em seu número de outubro a contribuição de um dos mais importantes romancistas brasileiro já internacionalmente reconhecido: Jorge Amado. José Ildone salienta que, por ocasião da visita do escritor a capital do Pará, o mesmo escreveu um texto intitulado “Belém”, especialmente para a revista em questão, o qual será reproduzido a seguir:

Belém não é das cidades que logo se entregam ao cobiçoso amor do viajante. Este, sim, que de imediato se apaixona. Porque a beleza sóbria e sólida de Belém domina logo os olhos ansiosos do pitoresco dos povos e das cidades. O amor do viajante vai todo para Belém em seu conjunto de beleza que foi acumulada através de séculos. Mas Belém, como moça cônica da sua bele-

61 A *Guajarina* surgiu no Pará em 1914, por iniciativa do pernambucano Francisco Rodrigues Lopes. Segundo Vicente Salles, essa editora fundiu dois campos “aparentemente” opostos: o consumo da literatura sertaneja ou cordel (semelhante à nordestina) e a do cancionário popular urbano e seresteiro. Em 1919 são lançadas duas revistas *O Mondrogo* e *A Guajarina*. O período de 1939-1945 trouxe dificuldades para a editora, por conta da guerra, tornando a publicação irregular, e voltando a ter intensidade em sua produção nos carnavais de 1946 e 1947. Com a morte de Francisco Lopes, em 1947, esta folheteria passou para outras mãos. Em 1949 a editora e suas instalações foram incorporadas a firma proprietária da Livraria Vitória, de Raimundo Saraiva Freitas. Os novos donos se desinteressaram pelas publicações, interrompendo-as em definitivo. Cf.: SALLES, Vicente. *Guajarina - Folheteria de Francisco Lopes*. **Revista Brasileira de Cultura**. Rio de Janeiro, Ano II, n. 09, p. 87-102, jul.-set. 1971. Para mais detalhes sobre a revista cf. MEIRA, Clóvis [et al]. **Introdução à Literatura no Pará**. Belém: CEJUP, 1990, p. 197.

62 MEIRA, Clóvis [et al]. **Introdução à Literatura no Pará**, op. cit., p. 197.

za, não se entrega. Aos poucos é que vai mostrando ao viajante os segredos do seu corpo de cidade bonita. Aos poucos o viajante consegue chamá-la de “minha cidade de Belém”.

Um dia é a maravilha da Igreja de Nazaré e uma noite é todo o lirismo da festa da praça de Nazaré. Depois vêm os seus sobrados que lembram trechos fugidos dos livros mais saborosos de descrição da cidade. E as suas praças de mil mangueiros e esse céu, sem comparação, de Belém.

Belém entope de pitoresco os olhos do viajante. Diante da beleza magnífica da cidade as imagens literárias fogem, para darem lugar às exclamações de admiração.⁶³

A reprodução deste texto se faz oportuna, uma vez que no permite visualizar a relação dos intelectuais do norte do Brasil com as outras regiões nessa primeira metade do século XX e de como essas relações vão se estabelecendo e se moldando desde o início até a metade do século XX, embora o panorama sobre a Introdução à literatura no Pará não aborde o viés político dessa relação. Mas o fato é que Jorge Amado escreveu especialmente para a revista, e isso refletiu a sua proximidade com a intelectualidade paraense, que já não se limitava ao eixo Rio-São Paulo, embora sua passagem por Belém nesse período tenha sido mais intensa e tensa do que se pode imaginar.

A passagem de Jorge Amado pela capital do Pará possivelmente não se apresentaria como uma “simples passagem”. Jorge Amado escreveu para a revista *Guajarina* exatamente no mesmo período em que Dalcídio Jurandir apresentou-se como redator desta revista, no ano de 1937. Dalcídio foi preso duas vezes, uma em 1936 e a outra em 1937, por conta de sua militância política de esquerda. Conforme Salles, depois de Dalcídio sair do cárcere, ele continuou a militar, mas já não pode mais contribuir com os jornais de grande prestígio em Belém, então, foi nesse momento que Francisco Lopes lançou a terceira fase da revista e entregou a redação a Dalcídio Jurandir.⁶⁴

Entre os companheiros de partido de Dalcídio Jurandir estavam Jorge Amado e Graciliano Ramos, ambos ligados ao Partido Comunista do Brasil. As cartas publicadas no livro *Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia* nos permite observar a ligação entre os intelectuais há pouco mencionados. Na década de 1930, Jorge Amado teve uma produção bastante intensa, tendo publicado inúmeros romances, a exemplo de um de seus livros mais famosos: *Capitães da Areia*, de 1937. Estes romances serão marcados, essencialmente, pela questão ra-

⁶³ MEIRA, Clóvis [et al]. **Introdução à Literatura no Pará**, op. cit., p. 200.

⁶⁴ SALLES, Vicente. Dalcídio Jurandir, contador de histórias. In.: NUNES, Benedito [et al] (Org.). **Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia**. Belém: SECULT; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Instituto Dalcídio Jurandir, 2006, p. 234.

cial, e que partem do diálogo deste escritor com figuras que vinham retomando os estudos do negro no Brasil nesse período, dentre os quais, o antropólogo Edison Carneiro.⁶⁵

Conforme Luíz Augusto Leal, em 1937, ano de implantação do regime autoritário do Estado Novo, surgem na imprensa paraense inúmeras notícias de crimes relacionados às práticas religiosas, onde as justificativas para a repressão violenta a essas práticas se concentravam no discurso de perturbação da ordem, do sossego público e da moralidade. Assim, a primeira atitude do Chefe de Polícia na época, Salvador Borborema, teria sido proibir as manifestações afro-religiosas na cidade. Porém, alguns intelectuais paraenses que, estavam engajados com as discussões raciais no Brasil manifestaram-se contra as atitudes arbitrárias estabelecidas pelo governo.⁶⁶

Partindo dos aspectos mencionados acima, em dezembro de 1938, ocorreu em Belém do Pará um episódio bastante peculiar, onde um grupo de intelectuais liderados pelo compositor e folclorista Gentil Puget entregou ao Interventor Federal, Jose Carneiro da Gama Malcher, um documento no qual se solicitava a liberdade dos cultos afro-brasileiros, que tinham sido proibidos pela polícia. Estes intelectuais defendiam que os batuques ainda tinham um caráter religioso, junto a Nunes Pereira, tomaram este movimento como causa, Bruno de Menezes, Dalcídio Jurandir, Eustachio de Azevedo, Paulo Euleutério Filho, Romeu Mariz Filho, entre outros nomes que, para além do esclarecimento político e ideológico, tinham interesse pela arte popular e pelo folclore⁶⁷

Nesse mesmo ano, ocorreu na capital do Pará a “Exposição de Belas Artes de 1938”, e mesmo que essa primeira mostra de 1938 não tenha se apresentado com um caráter oficial, colocou-se como bastante singular, que para além das obras visuais foram expostos poemas e textos que expressaram a dor da escravidão, e também da representatividade da cultura afro no extremo Norte do Brasil. Nesse sentido, observarmos que esses intelectuais não estavam somente preocupados com as letras ou com a música na Amazônia, mas estavam também en-

⁶⁵ ROSSI, Luiz Gustavo. As cores e o gênero da revolução. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 23, jul.-dez. 2004, p. 149-97

⁶⁶ LEAL, Luíz Augusto Pinheiro. Entre Magias e Sortilégios: a questão da liberdade de culto no Pará. **Revista Estudos Amazônicos**, Belém, vol. X, n. 1, 2014, p. 41.

⁶⁷ Sobre o referido episódio Cf.: SALLES, Vicente. **O Negro no Pará sob o regime da escravidão**. 3ªed. Belém: IAP/Programa Raízes, 2005; SALLES, Vicente. **A Modinha no Grão-Pará**. Belém: IAP, 2004; LEAL, Luíz Augusto. Entre Magias e Sortilégios, op. cit. Além disso, é importante salientar a atuação do DEIP (Departamento de Imprensa e Propaganda no Pará) no período de Estado Novo, e a forma de atribuição da censura no Estado, através de inúmeros decretos estabelecidos pelo governo nesse período. A Revista Atualidades (DEIP/PA) apresentava-se como veículo de divulgação das ações populistas e autoritárias do governo no Pará. Cf.: TEIXEIRA, Tatiane Corrêa. **Carnaval belenense em tempos de Estado Novo (1938-1946)**. Dissertação (Mestrado em História Social). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.

gajados com as agitações políticas e sociais que cercavam as discussões sobre a presença do negro na sociedade paraense.⁶⁸

Como mencionado anteriormente, Gentil Puget estava entre os redatores da revista *A Guajarina* quando retornou em 1937, e foi este intelectual que tomou frente do movimento de 1938 em Belém, mencionado anteriormente. Destacou José Ildone que, Gentil Puget foi um excelente músico e, além disso, era o responsável por preparar a seção “Movimento Artístico” naquela revista. Nas palavras do pesquisador e folclorista paraense Vicente Salles, Puget foi “pianista e poeta, inspirava-se tanto no teclado, como na pena”, muito mais que isso, engajado politicamente e ideologicamente, pois esteve ligado diretamente aos intelectuais de esquerda, principalmente a Dalcídio Jurandir.⁶⁹

Como rememorou Vicente Salles, após as greves de 1918 no Pará, as repressões passaram a se intensificar ao longo da década de 1920 e, conseqüentemente, acabaram por refletir nos escritos de alguns intelectuais paraenses, principalmente, os mais engajados politicamente, a exemplo de Bruno de Menezes e seu livro *Batuque*.⁷⁰ Lançado em 1931, este livro retratou os subúrbios e os terreiros de Belém e por isso tem uma “saborosa força nativa” como salientou o escritor paraense Dalcídio Jurandir.⁷¹ Nesses termos, cabe ressaltar que ao longo da década de 1930 ocorreram dois eventos marcantes para a intelectualidade de esquerda no Brasil ligada a questão racial, e que conseqüentemente irá influenciar a produção local, trataremos deles mais adiante.

Foi em 1934 ocorreu em Recife o I Congresso Afro-Brasileiro organizado por Gilberto Freyre; e o segundo em 1937, em Salvador, organizado por Edison Carneiro e Aydanodo Couto Ferraz. Sem dúvida, esses movimentos agitaram a década de 1930 no Brasil, no que diz respeito aos intelectuais que passam a tratar a questão do Negro com ânimo, partindo da

⁶⁸ MAFRA, Alessandra. **O arauto da cultura paraense**, op. cit., p. 89.

⁶⁹ SALLES, Vicente. *A Modinha no Grão-Pará*, op. cit., p. 159-60.

⁷⁰ Ao discutir a respeito da organização do operariado na Primeira República, e sobre a identidade coletiva do mesmo, Claudio Batalha nos remete ao período de 1917-1919, quando na cidade do Rio de Janeiro e São Paulo foram criadas inúmeras organizações operárias, e que nesses termos, as classes operárias estavam bastante inclinadas em reconstituir e ampliar seu espaço de organização, inclusive, através das greves gerais. Cf. BATALHA, Cláudio. *Formação da Classe Operária e Projetos de Identidade Coletiva*. In: FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília (Orgs.). **O Brasil Republicano I: O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 170-3.

⁷¹ NUNES, Benedito [et al] (Orgs.). *Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia*. Belém: SECULT; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Instituto Dalcídio Jurandir, 2006, p. 76.

necessidade de retratar a luta desses trabalhadores, e de discutir sobre as diferenças de classe através de uma mobilização mais intensa por parte desses intelectuais.⁷²

Como podemos observar até aqui, identificamos um grupo de intelectuais defendendo a causa dos excluídos da sociedade paraense, essencialmente, homens das letras e das artes, em geral que estavam envolvidos em discussão mais ampla sobre a questão racial no Brasil e, ao que tudo indica, estavam engajados politicamente na década de 1930 em Belém, e que por isso não se calaram as atuações arbitrárias do governo, a exemplo do decreto que proibiram os batuques. Cabe ressaltar que, estamos falando de um período conturbado da vida política brasileira. Em 1934, parlamentares promulgaram uma constituição que elegeu Getúlio Vargas para Presidente da República, este que hora era chefe do governo provisório. Em 1935 ocorreram vários levantes comunistas no Nordeste e no Rio de Janeiro, por exemplo, e isso foi o suficiente para lançar mão do controle e de repressão social, o que veio a refletir no golpe de 1937, ocasionando o Estado Novo.⁷³

No final da década de 1940 e ao longo da década de 1950, a cidade de Belém passava por transformações consideráveis, uma vez que, muitos projetos estavam sendo pensados para a valorização da região norte do país, aos poucos, conforme suas particularidades, a capital do Pará acompanhava o processo de modernização. Algumas importantes mudanças no cenário urbano da cidade estavam acontecendo desde o final da década de 1940, mas trataremos sobre isso mais adiante.

1.2. A cidade de Belém na década de 1950

De modo geral, sabemos que o contexto do pós-segunda guerra no Brasil foi marcado por uma breve abertura democrática, pelos debates envolvidos pelas ideias de caráter político-ideológico, assim como, pelas discussões relacionadas ao anticomunismo e aos projetos políticos-desenvolvimentista, característicos do governo nesse período. Nesse contexto, vários projetos foram pensados e direcionados para a Amazônia, a exemplo do projeto do *Instituto-*

⁷² Ao tratar sobre o engajamento político de Jorge Amado e o reflexo disso em sua produção na década de 1930, especificadamente, em seus romances, Rossi nos permite compreender o universo da atuação e discussão dos intelectuais de esquerda no Brasil, mas que isso, nos permite conjecturar sobre a relação entre os intelectuais de outras regiões do país. Texto não citado anteriormente. ROSSI, Gustavo. Na trilha do negro: política, romance e estudos afro-brasileiros na década de 1930. In: SANTOS, Flávio Gonçalves dos; RODRIGUES, Inara de Oliveira; BRICHTA, Laila (Orgs.). **Colóquio Internacional 100 Anos de Jorge Amado: História, Literatura e Cultura**. Ilhéus/BA, Editus, 2013, p. 181-202.

⁷³ PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

Internacional da Hiléia Amazônica (IIHA), aprovado em 1946, na Conferência da UNESCO, em Paris. A região estava nos planos desta instituição que, prezava pela paz mundial no pós-guerra, pois para os líderes da mesma era importante alcançar a plenitude e a igualdade no acesso à educação, e assim garantir o desenvolvimento de áreas mais afastadas dos centros econômicos e políticos mais desenvolvidos.⁷⁴

Assim, ao avançar à década de 1950, tornou-se uma questão de honra para o governo brasileiro dominar o grande espaço vazio no Norte do país. A divulgação das Contas Nacionais nos dois primeiros anos da década mencionada a pouco, apresentou dados sobre a acentuada desigualdade entre a Região Sudeste e as outras regiões do Brasil, e que serviu como argumento para a implementação de uma política específica a ser aplicada para as regiões mais atrasadas do país.⁷⁵ Nesse cenário, foi criada a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia - SPVEA, que tinha como objetivo incentivar a produção agrícola e pecuária da região; a indústria; educação e cultura; e ampliação das redes rodoviárias. Esses aspectos representam a clara preocupação de integrar o país, e mais que isso, com o futuro e a modernização do Brasil como um todo.

Entretanto, mesmo que as notícias e propagandas apresentassem através de revistas e periódicos notas que incentivavam o consumismo, ou mesmo, exaltavam as consideráveis transformações pelas quais a cidade passava, aquelas não deixavam de apresentar os problemas de uma cidade como Belém, a exemplo do que destacou Bruno de Menezes, ao falar sobre a Vila da Barca e as suas condições precárias de moradia, que em nada convergiam com os ideais de futuro e modernização (ver ANEXO 1).

Essa realidade, também era evidenciada nos jornais de grande circulação na capital do Pará. Mencionaremos novamente a matéria de destaque no *Suplemento Literário do O Estado do Pará* do dia 07 de fevereiro, sobre a inauguração da I Bienal de Arte (1952), na realidade, atentando para a base do discurso do então ministro da Educação e Saúde, Simões Filho, a modernidade e o progresso de São Paulo: “Senhores, a arte moderna, por definição audaciosa fatalmente teria clima favorável neste panorama, em que o surto do progresso industrial é um frenético estímulo a todas as ousadias”. Mais adiante, o ministro reforça que foi a “ação e o dinamismo” que fizeram São Paulo ser o centro natural do modernismo brasileiro.

⁷⁴ MAIO, Marcos. A Unesco e o projeto de criação de um laboratório científico internacional na Amazônia. **Estudos Avançados (USP)**, São Paulo, vol.19, n. 53, p. 115-30, 2005.

⁷⁵ PETIT, Pere. **Chão de Promessas: elites políticas e transformações econômicas no estado do Pará pós-1964**. Belém: Paka-Tatu, 2003. A discussão sobre a modernidade para o Norte do país na década de 1950 será retomada no Capítulo 3 desse livro, a partir das revistas analisadas que circulavam nesse momento.

Dessa forma, acabamos por observar o discurso desenvolvimentista do País, por conta de uma atividade cultural promovida em São Paulo, presente dentro de um suplemento literário de um jornal circulante na Amazônia. Tomando como exemplo a matéria sobre a Bienal acima, seria nessas circunstâncias algo feito para ser olhado, e servir de inspiração para Belém ser uma cidade moderna? Somente dialogando com as grandes capitais, ela poderia ser considerada com parte de um circuito cultural? Somente dessa forma ela poderia estar dentro de uma dinâmica de modernização da cidade? Então, o que significou, ou significava ser moderno na Amazônia, especificadamente, na Belém de 1950?

Evidentemente, teremos que acompanhar os acontecimentos políticos e econômicos que tomava o estado do Pará, e sua capital, Belém, para o recorte temporal estabelecido, para assim podermos responder ou problematizar as questões do paragrafo anterior. Nesses termos, cabe mencionar que as crônicas, entre outros gêneros observados ao longo da coleta das fontes, apresentam-se como um, dos veios interpretativos que se pode perceber a cidade e se fazem presentes tanto nos suplementos literários, como nas revistas com viés cultural. Dessa forma, torna-se possível, observar os vários tipos de relação que a cidade de Belém estabelecia com outras capitais nacionais e com o exterior, assim como, o tráfego de intelectuais, apresenta-se como um, dos objetivos centrais do estudo sobre a vida cultural e intelectual da cidade Belém para o recorte temporal já mencionado.

Dentro dessa lógica de mudança e de agitação política e ideológica que acompanhava o país, é interessante pensar sobre as lógicas do modernismo, a partir da colocação de Richard Morse, já que depois de 1930, segundo ele, seria difícil falar de um “modernismo” unitário. Para algumas pessoas havia comprometimento político, para outras não, havia os nativistas, outros europeizados ou mesmo norte-americanizados. Estas colocações parecem fazer muito sentido a partir de uma breve avaliação geral dos suplementos, principalmente, por observar a circulação de matérias que nos remetem culturalmente aos EUA e à Europa (principalmente à França), mas também a uma valorização cultural local.⁷⁶

Uma característica marcante que se apresentou ao longo das leituras de alguns suplementos foi a inspiração modernista do movimento de 1922. No suplemento literário d’ O Estado do ano de 1955, muitas homenagens foram direcionadas a Mário de Andrade, seja através de discussões sobre suas obras mais conhecida, como *Macunaíma*, seja como a importância do mesmo como musicólogo. Mas o que se quer observar nesse momento, seria uma certa

⁷⁶ MORSE, Richard. **Formação histórica de São Paulo (de comunidade a metrópole)**. São Paulo: Difel, 1970, p. 346-7.

preocupação em manter em evidência o folclore da região, mas também, de rememorar um caráter erudito, proporcionado pela economia da borracha, como mencionamos em outro momento deste texto.

Mas até que ponto Belém incorporaria o discurso da hegemonia modernista adotada pela historiografia brasileira? Qual seria o lugar do folclore dentro da modernidade desenvolvida pelas grandes capitais do país ou mesmo das capitais culturais secundárias? E dentro da capital paraense? O que significava ser moderno nesse período em Belém? Seria escrever sobre o papa do modernismo? Seria dialogar com as grandes potências internacionais? Seria estar informado sobre o que tinha de mais moderno e culto nas cidades europeias como Paris? Ou sobre as tendências de moda e arte dos EUA? Ou na verdade, seria a junção de todas essas informações com as atividades culturais locais. A essência de todos os questionamentos que foram lançados a pouco estão presentes em nossas fontes, dentro do Suplemento Literário d'O Estado do Pará, das revistas, das pastas arquivos de alguns intelectuais, e serão problematizadas nos capítulos que seguem.

Porém, para esse momento, torna-se pertinente retomarmos que os ideais da UNESCO pensados para a Amazônia, mencionados anteriormente, e da importância do conhecimento e difusão do folclore para a união das nações, no sentido de destacar o caráter das missões de defesa do folclore brasileiro que, desde o final da década de 1940, mas principalmente na década de 1950, teria também suas ambições, com o propósito de projetar o folclore como disciplina de teor científico, e, ao que parece, dentro do suplemento literário do O Estado do Pará, essa proposta estava sendo fortalecida, por conta do direcionamento do conteúdo do suplemento, como poderemos observar melhor no próximo capítulo.

Cabe-nos salientar que, a Campanha Nacional do Folclore nesse período estava sendo incentivada por um discurso da “paz mundial entre os povos” característico do contexto pós-Segunda Guerra, onde o Folclore fora enquadrado nas aspirações da UNESCO, como um dos instrumentos de atuação e luta para alcançar-se a paz mundial, permitindo a construção de identidades diferenciadas entre os povos. O Brasil naquele momento orgulhava-se de ser um dos países pioneiros no atendimento à recomendação da UNESCO no sentido de ter criado uma comissão específica para tratar sobre o assunto.⁷⁷ Observa-se, então, uma perspectiva política muito forte.

⁷⁷ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. Traçando Fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.3, n. 5, 1990, p. 76.

Partindo da constatação de que, as discussões sobre folclore podem ser observadas dentro do referido suplemento, ou seja, elas caminhavam junto aos textos que tratavam sobre o progresso do país, e a sua modernidade, poderíamos dialogar com dois pontos de vista de Roger Bastide sobre essa questão, que foram bem apontados por Fernanda Peixoto, quais sejam: A ideia de que o desenvolvimento das cidades podem ser fatores considerados responsáveis pela destruição do folclore, ou da cultura popular se apresenta como algo que pode ser questionado, levando em consideração, algumas particularidades, como no caso de Belém. O outro seria a ideia de que a sociedade moderna, nem sempre se opõe a sociedade tradicional, mas principalmente, vale-se dela.⁷⁸ Nesses termos, observar a convivência entre o tradicional e o moderno, e dentro dessa perspectiva, observar o folclore, surge como outra possibilidade de problematização.

De um modo geral, acabamos por tomar como exemplo para tal análise, principalmente duas capitais com desenvolvimento econômico em diferentes estágios na década de 1950 – no caso, Belém e São Paulo –, mas que, de qualquer forma, faziam parte dos planos projetados para o crescimento do País. O direcionamento para as duas capitais mencionadas pode ser justificado, principalmente pelas fontes que foram citadas ao longo deste texto, geralmente falando de São Paulo ou fazendo referências ao modernismo; notícias culturais de Belém, e também, por um primeiro contato estabelecido com uma literatura direcionada para a capital paulista.

Na edição de março de 1955, a Revista Amazônia apresentou uma nota sobre a instalação da seção estadual do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC) no Pará. O Dr. Dante Costa - um dos diretores deste instituto no Rio de Janeiro - presidiu a reunião de instalação que foi realizada no dia dezanove de janeiro de 1955, nas dependências do salão nobre da Assembleia Paraense, com a presença de inúmeros nomes da intelectualidade local, atuantes no circuito das letras, das artes e das ciências. Nessa ocasião foi estabelecida a diretoria provisória do IBECC, onde o Dr. Avertano Rocha assumiu a diretoria; Ernesto Cruz assumiu como o primeiro vice-diretor; e Geogernor Franco como Secretário Geral.

O IBECC foi criado em junho de 1946, e estava ligado à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), tendo como objetivo o estabelecimento de uma cultura de paz entre as nações, após a Segunda Guerra Mundial. Dentre suas

⁷⁸ PEIXOTO, Fernanda. Roger Bastide e as cidades: dois ângulos e uma perspectiva. In: LANNA, Ana Lúcia, PEIXOTO, Fernanda, LIRA, José, SAMPAIO, Maria Ruth (Orgs.). **São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades**. São Paulo, Alameda. 2011, pp. 563-5.

finalidades, estava a de impulsionar a educação popular e a de expandir a cultura, em colaboração com os membros da UNESCO.⁷⁹ E foi nesse sentido, a explanação do Dr. Dante Costa aos intelectuais paraenses sobre a instalação da secção estadual do IBECC no estado do Pará.

Ainda nesse contexto, dos anos de 1954 e 1955 o antropólogo e folclorista baiano Edison Carneiro esteve em Belém, a serviço da Campanha de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES), e outras duas visitas a serviço, em missão da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) e do Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC), onde descreveu aspectos sobre a economia local, do espaço geográfico, mas, além disso, descreveu a cultura e o folclore dessa região no período a pouco mencionado.⁸⁰

Consideramos pertinente retomar esse episódio das visitas à Amazônia, que acabaram por constituir o livro *A Conquista da Amazônia*, em um momento em que um dos propósitos gerais da UNESCO, seria o de assegurar o intercambio científico, cultural e educacional entre os povos, como foi pontuado por ABRANTES; AZEVEDO (2010), mesmo que, esses lugares fossem considerados distantes dos badalados centros culturais. Nesses termos, cabe ressaltar que a visita de Edison Carneiro foi possível sob o auspício da CAPES, entidade estabelecida no início dos anos de 1950, para atender os propósitos internacionais em torno da disseminação da ciência, da cultura e da educação.

Jornais de grande circulação no Pará, como: *A Folha do Norte* e *A Província do Pará*, do dia 19 e 20 de janeiro de 1955, noticiaram a instalação da Comissão Estadual do IBECC no Pará. Sempre destacando que o estado do Pará foi o primeiro estado da região Norte do Brasil onde foi instalado o instituto em questão. A matéria de *A Folha do Norte* intitulada “Estende a UNESCO a sua ação até ao Pará” acentua, inclusive, que para além de instalar comissões estaduais, o IBECC poderia fundar comissões autônomas, a exemplo da *Comissão do Folclore*.⁸¹ Nesses termos, Dr. Dante Costa contou com a imensa colaboração dos intelectuais, artistas, cientistas e economistas locais.

Devemos retomar novamente que, trata-se de uma conjuntura pós-guerra onde o interesse pela pesquisa biológica e ecológica se intensificava cada vez mais, e no que diz respeito à Amazônia, especialmente a Brasileira, vários projetos foram direcionados para essa região

⁷⁹ ABRANTES, Antônio, AZEVEDO, Nara. O Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura e a institucionalização da ciência no Brasil, 1946-1966. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 5, n. 2, maio-ago. 2010, p. 474-5.

⁸⁰ MAFRA, Alessandra. **O arauto da cultura paraense**, op. cit., p. 21.

⁸¹ Sobre os objetivos do IBECC, ver: Revista da Academia Paraense de Letras, maio de 1950, ano I, nº1.

ainda em 1947, dentre eles se apresentava o desafio de instalar o Instituto Internacional da Hileia Amazônica (IIHA)⁸², que tinha por objetivo instalar na região Norte um Centro de Pesquisa Internacional, onde o mesmo abarcaria diversos campos como: a botânica, a zoologia, a geologia, a antropologia, entre outros. Pensado e defendido pelo químico Paulo Carneiro, ainda em 1947, o projeto passou ser considerado um dos mais importantes nesse período para as projeções da UNESCO, porém teve sua proposta engavetada pelo congresso nacional em 1951.⁸³

Partindo das considerações desse breve panorama, o Dr. Dante Costa em visita a Belém em dezembro de 1955, sustentava e lembrava que, a UNESCO com sede em Paris, estava realizando naquele momento a sua 12ª conferência geral nesta cidade, e que estavam discutindo proposições que diziam respeito ao Brasil, especialmente à Região Amazônica. Nesses termos, o prof. Dante Costa teve como missão renovar e reestruturar a Comissão Paraense do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), que teve um “brilhante início” nos anos anteriores, no sentido de retomar esses esforços⁸⁴.

Nesse contexto, a diretoria do IBECC no Brasil, aproveitou para intensificar o movimento visando tornar conhecidos os projetos da UNESCO relacionando-os com o Brasil, no sentido de apresentar o estado do Pará como organismo regional para impulsionar tais projetos na região Norte do país, e nesse sentido contou com o apoio dos intelectuais locais (ver foto a seguir). Tais propostas se enquadravam no propósito da UNESCO sobre a cooperação científica entre os povos, e se por um lado não deixava de ser uma forma de controle, por outro poderiam ser considerada como uma forma de projeção local.

É justamente nesse âmbito que surgem, também, as chamadas “missões folclóricas”. Os folcloristas ligados à Comissão Nacional de Folclore (1947) e a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (1958), defendiam que o folclore deveria ser estudado no sentido de proporci-

⁸² Conferir a questão do princípio de periferia, na irradiação do centro para a periferia em escala ampliada. Ver: MAIO, Marcos. A UNESCO e o projeto de criação de um laboratório científico internacional na Amazônia. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, n. 19, v. 53, 2005, p. 117.

⁸³ MAIO, Marcos; SÁ, Magali Romero. Ciência na periferia: a UNESCO, a proposta de criação do Instituto Internacional da Hileia Amazônica e as origens do INPA. *Manguinhos*, v. 6 (Suplemento), p. 975-1017, 2000. Conforme os autores, este projeto buscou associar várias questões, como: o saber científico, a exploração econômica da região amazônica que estava estagnada desde o período áureo da produção da borracha, a preocupação com o social e finalmente, catalisar o apoio da comunidade científica internacional (Ibidem, p. 986).

⁸⁴ Arquivo da Academia Paraense de Letras. Pasta Georgenor Franco (Pai)/Artigos de Jornais (1950-1957). Matéria intitulada “Será instalado em breve aqui a Comissão Estadual do IBECC”. Esta nota possivelmente foi publicada no jornal *Folha do Norte*, pois o conteúdo se refere à recepção do Prof. Paulo Maranhão, proprietário do referido jornal. 29/12/1955. No final dos anos de 1940 muitos projetos já estavam sendo direcionados para a região norte do Brasil, inclusive, ocorreu a conferência de Belém em 1947, que tinha como objetivo explicar sobre as instalações do IIHA e sua estrutura burocrática, além da proposta de criação de um museu internacional na Amazônia com sede em Belém.

onar melhor qualidade de vida ao povo, logo, essa questão somente se tornaria possível ao conhecer os costumes característicos desse povo.⁸⁵ Cabe ressaltar que, esses intelectuais partilhavam da ideia da ideia de transformar o folclore em ciência acadêmica.⁸⁶ Em Belém, no início da década de 1950 já estava instalada a *Comissão Paraense de Folclore*.⁸⁷

Nesse contexto, seria pertinente atentarmos que o Brasil orgulhava-se de ser um dos países pioneiros no atendimento à recomendação da UNESCO, no sentido de ter criado uma comissão específica para tratar sobre a questão do folclore.⁸⁸ Em uma projeção regional, a instalação de uma sessão local do IBECC foi noticiada em revistas, suplementos literários, ou seja, passam a ser constantes nos meios de comunicação em geral - a exemplo das fontes utilizadas até aqui - apresentando a região amazônica como espaço imprescindível para o desenvolvimento e crescimento do povo.

⁸⁵ RIBEIRO, Maria de Lourdes Borges. **Que é Folclore?** Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1969.

⁸⁶ RICCI, Magda Maria de Oliveira; MAFRA, Alessandra Regina e Souza. Do Folclorismo à História da Cultura na Amazônia: o percurso construído por Vicente Salles. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 12, n. 1, p. 221-40, jan.-abr. 2017.

⁸⁷ Nota no Jornal O Estado do Pará do dia 29 de abril de 1951, em sessão realizada em Belém, na Sede do Serviço de Assistência ao Cooperativismo, na Rua 13 de maio, nº 49, sob o expediente de tratar a respeito do Congresso de Folclore a ocorrer no Rio de Janeiro do mesmo ano, e sobre a contribuição do Pará nesse sentido.

⁸⁸ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. Traçando Fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 3, n.5, 1990, p. 38.

Figura 1.6 – Reunião para a instalação da Seção Estadual do IBECC no Pará no dia 19 de janeiro de 1955



Fonte: Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (APGFF). Revista Amazônia, mar. 1955, Ano I, n. 3.

Em 1954, o musicólogo e folclorista Renato Almeida, um dos fundadores da Comissão Nacional do Folclore, teve publicado uma pequena matéria no Suplemento Literário do jornal O Estado do Pará onde tratou sobre a importância da universalização do folclore, destacando que nem mesmo suas características regionais lhes arrebatariam seu caráter internacional, pois tudo aquilo que o folclore produz, como: mitos, lendas, história, práticas, usos, entre outros, mostram essa universalidade e atesta a unidade essencial do homem, criador dos processos da História.⁸⁹ Logo, a Amazônia estava inserida nessa proposta de cunho mundial. Os anos de 1950 foram bastante agitados na região Norte do Brasil, que via a possibilidade de uma projeção Nacional e internacional, mesmo distante da capital do país, porém imprescindível para o desenvolvimento da mesma.

Como já mencionamos, o contexto do pós-Segunda Guerra, no Brasil, foi caracterizado por uma breve abertura democrática, pelos debates de cunho político-ideológico, e pelas discussões concernentes ao anticomunismo e aos projetos político-desenvolvimentista. De acordo com Marieta Ferreira, a década de 1950 pode ser considerada como um “momento-

⁸⁹ Suplemento Literário d’Estado do Pará. Belém, 25 de nov. 1954. Trata também sobre o I Congresso Brasileiro de Folclore realizado em agosto de 1951 no Rio de Janeiro.

chave” de transformações no Brasil, haja vista a determinação das autoridades públicas em prover ao desenvolvimento econômico ao país. Ainda segundo Ferreira, essa expectativa pelo “novo” também se enveredou para o terreno das artes e da cultura, fazendo com que as tendências internacionais e a valorização da cultura nacional passassem a caminhar lado a lado.⁹⁰

Foi a partir da segunda metade da década de 1940, estendendo-se nos anos de 1950 que, várias cidades do Brasil irão vivenciar a proliferação dos chamados suplementos literários, que passaram a ter cada vez mais uma presença constante nos periódicos do país. Dentre tantos, os suplementos que acompanhavam os jornais Folha da Manhã, em São Paulo, e o Diário de Notícias, no Rio de Janeiro, possam ser tomados como exemplos. Em Belém, da década de 1940 e início da década de 1950, o suplemento do jornal Folha do Norte foi um dos mais significativos a circular no Pará.

É necessário atentar para o período inicial da década de 1950 no Brasil, que foi marcado, pelo retorno da figura de Getúlio Vargas ao poder, e com ele a proposta de continuidade para o desenvolvimento do país. Sua proposta de governo passaria por dois caminhos no que diz respeito à economia e as relações internacionais: o primeiro reforçava a aliança com os Estados Unidos, com o objetivo de adquirir empréstimos e colaboração técnica para o desenvolvimento das indústrias; o segundo tange a necessidade de estabelecer uma relação mais intensa com a Europa, buscando créditos, assistência técnica e trocas comerciais.⁹¹ Como fica evidente, a abertura para o capital estrangeiro ocasionou profundas transformações em outros quadros da sociedade brasileira.

Dessa forma, as ideias de progresso e de sociedade moderna caminhavam juntas, e eram amplamente apoiadas pelo desenvolvimento econômico pelo qual passava o Brasil, e das consequentes “intervensões” de outras capitais estrangeiras. Não podemos deixar de destacar o protagonismo de São Paulo, nesse sentido, uma vez que foi a cidade mais diretamente afetada pela dinâmica econômica. Parte de uma burguesia industrial mais moderna da cidade foi responsável pelo desenvolvimento da cultura através de construções como o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM); o Museu de Arte de São Paulo (MASP); e a Companhia Cinematográfica Vera Cruz.⁹²

⁹⁰ FERREIRA, Marieta de Moraes. A Reforma do Jornal do Brasil. In: ABREU, Alzira Alves de (Orgs.) [et al.]. **A Imprensa em Transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, p. 142-3.

⁹¹ LEOPOLDI, Maria Antonieta P. O difícil caminho do meio: Estado, burguesia e industrialização no segundo governo Vargas (1951-54). In: GOMES, Ângela de Castro (Orgs.) [et al.]. **Vargas e a crise dos anos 50**. Rio de Janeiro: Ponteio, 2011, p. 161-203.

⁹² ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. A Sociologia de Florestan Fernandes. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 22, n. 1, jun. 2010, p.15.

De um modo geral, observamos, então, uma tendência transformadora no que diz respeito ao quadro cultural, político e econômico brasileiro, onde o debate intelectual apresentou-se através da reflexão acerca das contradições de uma sociedade de classes. Nesse bojo, pode-se apontar, como exemplos, a institucionalização (acadêmica e social) das Ciências Sociais e o surgimento de uma produção intelectual mais voltada à análise e interpretação da sociedade brasileira. Quanto a esse último aspecto, não podemos deixar de considerar a importância exercida pela chamada Escola Paulista de Sociologia, que tendo alguns de seus principais expoentes, intelectuais do porte de Florestan Fernandes, Roger Bastide, Fernando Henrique Cardoso e Emília Viotti da Costa, dentre outros, consubstanciou “... um estilo próprio de produção das ciências sociais no país” .⁹³

Para além das questões de ordem política na intelectualidade brasileira, os anos 1950 implicaram, outrossim, duas importantes mudanças na Imprensa do país. Não obstante a maior liberdade de atuação ensejada pelo fim do Estado Novo e pela Constituição de 1946, houve uma tendência transformadora na própria concepção do fazer-se Imprensa no Brasil. A antiga cultura de imprensa brasileira, assentada num jornalismo crítico e de opinião, começou a ser gradualmente substituída por um jornalismo aos moldes americanos, que embora não deixassem de publicar questões políticas, era essencialmente informativo e pautado na pretensa ideia de “neutralidade” .⁹⁴

Alguns estudos pontuais que versaram sobre a relação entre imprensa e literatura no Pará remetem-se à década de 1940 e tiveram base no suplemento *Arte-Literatura*, publicado pelo jornal *Folha do Norte* até 1951. Três desses estudos merecem destaque especial. Em primeiro lugar, o trabalho de Júlia Maués *A modernidade literária no Estado do Pará: o suplemento literário da Folha do Norte*, sobre o *Arte-Literatura* em si, que teve enquanto finalidade analisar o cenário literário paraense nos anos 1940, a partir do suplemento. Em segundo lugar, o estudo de Marinilce Coelho *Memórias Literárias de Belém do Pará: O Grupo dos Novos (1946-1952)*, que lançou mão desse suplemento para refletir sobre as “memórias literárias” do “Grupo dos Novos” entre o final dos anos 1940 até 1952. Um terceiro estudo a fazer uso do suplemento *Arte-Literatura* foi o de Dawson Cangussú *O epicentro do Hotel Central:*

⁹³ Esta questão foi discutida de forma oportuna na dissertação sobre a trajetória intelectual do pesquisador e folclorista paraense Vicente Salles, na medida em que procuramos apresentar um panorama contextual nas décadas de 1950 e 1960 a respeito da produção das Ciências Sociais no Brasil, e da presença do Negro no regime escravista como tema privilegiado de pesquisa. Cf. MAFRA, Alessandra. **O arauto da cultura paraense**, op. cit., p. 86-7.

⁹⁴ ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: ABREU, Alzira Alves de (Orgs.) [et al.]. **A Imprensa em Transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, p. 15-9.

arte e literatura em Belém do Pará, 1946-1951, em que o autor buscou as matizes existencia- listas da poesia escrita em Belém, na década de 1940.

Dessa forma, retomamos Júlia Maués, que volta sua atenção mais para uma análise descritiva de uma crítica literária ou da poesia, tanto nacional, como local. A autora trabalha com a reflexão da chamada “Geração de 1945” – grupo de intelectuais que representava, naquele momento, a “moderna” poesia brasileira, mais revolucionária e menos explosiva que o movimento de 1922.⁹⁵ É importante destacar que o estudo de Júlia Maués, sobre o suplemento literário do jornal *Folha do Norte*, concentra-se na análise da crítica literária e poética da década de 1940, tendo sido concebido dentro da área de Letras.

Assim, o estudo de Júlia Maués nos proporciona a possibilidade de observar o perfil da geração de 1940 no Pará, a partir dos escritos que circulavam na forma do Suplemento Literário *Arte-Literatura*, a exemplo da análise dos escritos do jornalista e escritor paraense Haroldo Maranhão. A autora observa várias passagens do escritor em questão, e uma delas seria sobre a grande expectativa de renovação para essa década, onde essa “renovação” estaria presente, sobretudo, na ficção narrativa. Nesse momento, pode - se constatar que o Conto (Gênero) se apresentava de uma forma mais psicológica e muito menos objetiva.⁹⁶

Partindo do princípio em que o sentido de ser “moderno” estava sendo questionado, o SLFN proporcionou a circulação de uma série de entrevistas a respeito da situação atual das “letras” no Pará da década de 1940, a partir posicionamento dos intelectuais da terra. O contexto era “animador” para a intelectualidade paraense, e toda essa animação passou a fazer parte do suplemento através das enquetes, que tinham como objetivo ouvir a opinião dos escritores paraenses a respeito do assunto.⁹⁷

Assim, Maués destaca alguns nomes, e conseqüentemente, posicionamentos que mapeou neste suplemento. Remígio Fernandes, por exemplo, não compactuava com as tais “renovações”; Georgenor Franco e Cécil Meira as aceitavam em alguns aspectos; e seguindo esse momento “revolucionário”, podemos observar os nomes de Santana Levy, Levi Hall de Moura, Romeu Mariz, Bruno de Menezes, entre outros.⁹⁸ Nesses termos, pode-se observar este suplemento como ponto de encontro entre “novos e velhos” em um ambiente bastante fértil no campo das letras, em um momento de “renovação” da produção literária no Norte do Brasil.

⁹⁵ MAUÉS, Júlia. **A modernidade literária no Estado do Pará**: o suplemento literário da Folha do Norte. Belém: UNAMA, 2002, p. 21.

⁹⁶ MAUÉS, Júlia. **A modernidade literária no Estado do Pará**, op. cit., p. 70.

⁹⁷ Ibidem, p. 71-2.

⁹⁸ Ibidem, p. 72.

Como destacamos inicialmente, Marinilce Coelho também se debruçou na análise do Suplemento Literário *Arte-Literatura*, utilizando o mesmo para refletir sobre a produção literária da “Geração dos Novos” no Pará.⁹⁹ Seu estudo buscou compreender o espaço de sociabilidade dos autores que escreviam tanto para o suplemento *Arte e Literatura*, como para outras revistas que circularam na capital nesse mesmo período, a exemplo da revista *Encontro* (1948) e da *Norte* (1952).

De um modo geral, Coelho trata da movimentação literária na capital do Pará, especialmente no período pós-segunda guerra até os dois anos iniciais da década de 1950. Por um viés literário, analisa a estrutura do suplemento *Arte e Literatura*, que fazia parte de um dos jornais mais tradicionais que circulava em Belém para esse período: *Folha do Norte*. Entre tantos aspectos, a autora trata sobre a estrutura do suplemento e de seus colaboradores nacionais e locais. Entre os locais estavam aqueles que ficaram conhecidos como “Grupo dos Novos”, das revistas, do teatro, daquilo que possa considerar como parte das “memórias literárias de Belém”. Eram jovens que estavam se firmando no campo das letras, como cronistas, contistas e poetas, dentre os quais: Alonso Rocha, Benedito Nunes, Mário Faustino, Max Martins, Ruy Barata, entre outros.¹⁰⁰

Sobre o jornal *O Estado do Pará*, descobrimos que o mesmo começou a circular em 1911, tendo sido sua publicação suspensa por inúmeras vezes por motivos políticos. Este periódico foi suspenso em definitivo, no ano de 1980.¹⁰¹ Na cidade de Belém, ao longo dos anos de 1950, um grupo heterogêneo de intelectuais passou a contribuir com o Suplemento Literário do O Estado do Pará, em escritos que refletiam uma influência francesa, norte-americana e modernista, além da cultura popular e do folclore na Amazônia.

O suplemento literário de O Estado do Pará abrangia uma página inteira desse periódico, o que nem sempre era o suficiente, pois sua proposta inicial era de ocupar duas páginas no periódico. Não raro se encontra matérias do suplemento esparramadas por várias partes do jornal, mesmo que em seções aparentemente desconexas com seu conteúdo original e não necessariamente contíguas. Uma matéria sobre arte americana, por exemplo, podia ter sua primeira parte apresentada no suplemento e sua continuidade na seção de Economia, pois talvez

⁹⁹ COELHO, Marinilce. **Memórias literárias de Belém do Pará**, op. cit.

¹⁰⁰ Ibidem, p. 113. Adiantamos que esses nomes da nova intelectualidade paraense não eram tão constantes nas páginas do Suplemento Literário do O Estado do Pará, apareciam uma vez ou outra.

¹⁰¹ Biblioteca Pública do Pará. *Jornais Paraoaras: Catálogo* - Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985, p. 241-2.

fosse mais oportuno fracionar a matéria ao longo de uma mesma Edição a publicá-la na semana seguinte.

Encontramos comumente alguns nomes que se faziam presente dentro do suplemento d' O Estado, nos anos de 1950, assinando anteriormente no suplemento de outro importante jornal paraense, como Folha do Norte. Um exemplo dessa circulação é Mário Faustino¹⁰², que na década de 1940, e juntamente ao filósofo e crítico literário Benedito Nunes, direcionou o suplemento “Arte-Literatura” da Folha.¹⁰³ Por outro lado, têm-se, também, muitos outros intelectuais que mesmo ao deixarem os seus estados de origem, continuaram a colaborar com os jornais locais, como foi o caso da jornalista e escritora Eneida de Moraes¹⁰⁴, e do jovem pesquisador e folclorista Vicente Salles¹⁰⁵, que contribuíram tanto com jornais de Belém, como do Rio de Janeiro, para onde se mudaram.

As contribuições para o suplemento eram assinadas tanto por muitos intelectuais proeminentes, como por outros que estavam começando a adentrar no mundo das artes e da literatura. Figuras como de Brito Broca, Tristão de Athayde e Ledo Ivo, conhecidos por também atuarem nos jornais de grande circulação no eixo Rio-São Paulo, contribuíram, constantemente, ao Suplemento d' Estado. Mas principalmente, este suplemento estava ligado diretamente à Academia Paraense de Letras. Acadêmicos como De Campos Ribeiro, Bruno de Menezes,

¹⁰² Foi poeta, jornalista, crítico literário e tradutor. Efetivou grande parte de seus estudos em Belém, no estado do Pará. Colaborou com o suplemento literário da Folha do Norte em 1948. Conforme Benedito Nunes - contemporâneo de Mário -, foi nas décadas de 1940 e 1950 que o poeta viveu a “atmosfera cultural e histórica do Pará e do Rio de Janeiro”, quando a relação entre o jornalismo e a literatura alcançou o seu “mais alto grau”. Cf. CHAVES, Lilia. **Mário Faustino**: uma biografia. Belém: SECULT/IAP/APL, 2004, p. 24. Especialmente, o texto de apresentação escrito por Benedito Nunes, assim como, a parte intitulada “Crônicas da Vida Social n' A Província”.

¹⁰³ O filósofo Benedito Nunes nasceu em 1929 e o poeta Mário Faustino em 1930, ambos iniciaram a carreira no mundo das letras muito jovens. Aos 17 anos, Benedito Nunes teve seu primeiro poema publicado no Suplemento Arte-Literatura do jornal Folha do Norte. In.: Referencia! (O amigo Bené: fazedor de rumos, p.24). Não foi diferente com Mario Faustino, a primeira notícia sobre suas poesias aparece em 1948 no jornal Folha do Norte, porém, assinada por Francisco Paulo Mendes. Sendo este último crítico que julgou Faustino como sendo um dos poetas de mais força que havia aparecido nesse contexto no Brasil. Exemplo de intelectuais que nos anos de 1950 estavam na casa dos 20 e poucos anos de idade, e já possuíam uma produção sólida entre seus pares e críticos. CHAVES, Lilia. **Mário Faustino**, op. cit., p. 19.

¹⁰⁴ Natural de Belém, a escritora e jornalista Eneida de Moraes em sua mocidade, já participava dos movimentos literários que aconteciam nesta cidade. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1930, onde atuou na imprensa e na política. Em 1932, filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro, tendo sido presa em 1935. É autora das seguintes obras: Aruanda, O Quarteirão, Cão da Madrugada, Terra Verde. Cf.: ROCQUE, Carlos. **Grande Enciclopédia da Amazônia**. Belém: Amel, 1967, p. 1143.

¹⁰⁵ O pesquisador e folclorista Vicente Salles nasceu no interior do Pará, mudou-se para Belém na década de 1940, e posteriormente, em 1954, fixou-se no Rio de Janeiro, onde desempenhou a função de jornalista. Formou-se em Ciências Sociais, e especialização em antropologia. Trabalhou na Campanha de Defesa do Folclore e na Revista Brasileira de Folclore. Possui mais de vinte livros publicados, assim como artigos e micro edições, que tratam sobre o negro, o folclore, a música, a literatura, entre outros. Cf.: MAFRA, Alessandra **O arauto da cultura paraense**, op. cit.

Avertano Rocha, e Georgenor Franco, publicavam suas produções e participavam sobre as atividades da Academia Paraense de Letras.

Era habitual alguns nomes que se faziam presente dentro do suplemento d' O Estado nos anos de 1950, tivessem assinado anteriormente no suplemento de outro importante jornal paraense, como a Folha do Norte. Citamos anteriormente como exemplo dessa circulação Mário Faustino que, na década de 1940, juntamente com Benedito Nunes, direcionou o suplemento "Arte-Literatura" da Folha do Norte, assim como, podemos mencionar, também, Georgenor Franco que foi por muitos anos redator da *Folha do Norte*. Nesse sentido, cabe repisar o papel de intelectuais que mesmo ao deixarem os seus estados de origem, continuaram a colaborar com os jornais locais, como ocorreu com Eneida de Moraes, e com Vicente Salles.

Alguns intelectuais que escreviam/publicavam, na década de 1940, no periódico paraense Folha do Norte escreveram para o suplemento do *O Estado do Pará* na década de 1950, podendo-se observar uma transição dos assuntos culturais abordados de um para outro. Cabe ressaltar que, ao que parece, os colaboradores do d'O Estado buscavam enquadrar sua produção intelectual às tendências nacionais e às estrangeiras, o que pode ser explicado pelo momento de transformações que o país estava passando. Todavia, é de notar-se a linha mais regionalista presente no suplemento d'O Estado. Um exemplo disso foi a coluna "Sons, tons e outras notas", que noticiava o movimento artístico da capital paraense em relação à música popular e erudita, às exposições de arte, às biografias de artistas etc. A coluna em questão era assinada pelo jovem Vicente Salles.

Muito comum nos suplementos literários seriam as indicações de leituras de autores franceses, além disso, algumas matérias bem explícitas como "Porque amo a França" faziam parte do Suplemento Literário do O Estado do Pará, por exemplo. A matéria mencionada a pouco foi assinada por Carolina Nabuco ano de 1945, e expunha a importância do alcance da França por outros países, dizia ela que: enquanto outros países se impõem ao mundo pelo seu alcance político, outros pela riqueza ou publicidade, a França atrai por ela mesma, e que o papel desempenhado por esse país tem sido o de fascinar outras nações.¹⁰⁶

De um modo geral, os suplementos fizeram parte do contexto das transformações políticas, econômicas e culturais pelo qual o Brasil passava, vivenciando a expectativa do 'novo', mais que isso, vivenciando as transformações históricas. Cabe ressaltar que estamos falando de um período onde se enquadra o pós-guerra, e se havia uma hegemonia cultural da França

¹⁰⁶ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. Jornal **O Estado do Pará**. Suplemento Literário do Estado do Pará. 13/01/1955.

como modelo tradicional das letras, da arte, da intelectualidade em geral, por certo essa hegemonia passou a ser dividida com o protagonismo dos Estados Unidos, pois não seria tão distante observamos no suplemento d'Estado Pará notas sobre as tendências da arte contemporânea nos EUA.

Trata-se de um período de intensas transformações na sociedade brasileira, e da busca pela compreensão de como esses significados, foram percebidos pelos intelectuais da Amazônia nos anos de 1950, e de como tradição e a modernidade caminhavam juntas no Norte do País, a partir de suas particularidades. Nesses termos, as entrevistas localizadas nos jornais, por exemplo, apresentam-se, também, como fontes importantes para percebemos esses aspectos no campo da história intelectual. Assim, o poeta De Campos Ribeiro em 1957 tecendo algumas considerações sobre a situação das letras no Pará para esse período, pontuava que a literatura feita no Pará não tinha nada de inferior ao resto país, mas reconhecia, sobretudo, os transtornos de se viver longe da capital do país, e dizia que: “...os livros que aqui se publicam não podem ter destes confins a ressonância dos que vêm a publico mais perto do Pão de Açúcar ...”¹⁰⁷

É a partir das palavras de intelectuais como De Campos Ribeiro (que fez parte da Academia do Peixe-Frito), ou mesmo de parte dos integrantes de um grupo que, buscaremos compreender o que eles podem nos mostrar, a partir de suas crônicas, de suas reflexões, ou seja, das suas produções, a relação e o diálogo entre os centros culturais secundários e os considerados principais. Este capítulo nos proporciona em um primeiro momento, a buscar pela compreensão do quanto parecia ser importante para esses intelectuais locais se distinguirem na vida urbana de Belém, e conseqüentemente, conquistarem o reconhecimento para além do local, e quais os seus sentidos para um intelectual de província.¹⁰⁸

Com a finalidade de apreendermos a dinâmica das relações estabelecidas entre os intelectuais e cronistas que escreviam ou colaboravam para os suplementos literários dos jornais e revistas que circulavam na cidade de Belém do Pará, na década de 1950, propomos problematizar os “significados” e/ou as “representações” do que se compreendia por centro e periferia

¹⁰⁷ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. Jornal **A Província do Pará**. Suplemento Literário Letras e Artes. Belém, 21/04/1957. “De Campos Ribeiro, suas lutas e problemas”.

¹⁰⁸ Nesse sentido, buscamos nos aproximar da reflexão de Raymond Williams a respeito do grupo Bloomsbury, a partir do momento em que o autor destaca ser um ponto central a investigação desse grupo é investigar sua significância, da sua autodefinição simplista de um “grupo de amigos”. Os intelectuais paraenses também podem ser lidos como grupos de amigos, que frequentavam espaços em comum e com alguns mesmo ideais, mesmo assim, estes intelectuais fazem questão de situar suas gerações a partir dos espaços que escrevem ou dos espaços que são pensados para a atuação dos mesmos, e da proximidade ou não com os novos. : WILLIAMS, Raymond. A Fração Bloomsbury. **Plural**, São Paulo, n. 6, 1999. p. 139-8.

cultural, partindo não do questionamento de uma predominância do eixo Rio-São Paulo no desenvolvimento de atividades culturais no Brasil, mas da observação daquilo que foi produzido por intelectuais, cronistas, escritores na capital do Pará, no período em questão.

Ao longo dessa década, um grupo heterogêneo de intelectuais passou a contribuir com o suplemento d'O Estado do Pará através de escritos que refletiam não apenas uma influência direta dos Estados Unidos e da Europa como também, em uma mesma proporção, a influência dos ideais modernistas, da cultura popular e do folclore na Amazônia. Nesse sentido, cabe salientar que, estamos tratando de intelectuais da “terra”, ou que aqui se fixaram desde muito jovens – inclusive os que deixaram o Pará, em direção aos “grandes” centros culturais, mas que continuavam a colaborar com os periódicos locais, a exemplo de Vicente Salles e Eneida de Moraes. O caso do *Suplemento Literário d'O Estado do Pará* é ilustrativo para esse contexto, e demonstram seus esforços para manter uma circularidade em escala local e nacional.

Dessa forma, procuramos compreender a produção cultural da cidade de Belém a partir da interpretação em ser centro-periferia e, nesse sentido, entender em que medida Belém poderia ser considerada como um centro de discussões culturais em diálogo com a centralidade cultural brasileira do eixo Rio-São Paulo? Ou em que medida poderia ser definida como área periférica, e conseqüentemente como um local de “atraso”, no sentido de não apresentar discussões inovadoras em larga escala, mas que de certa forma procurava estabelecer relações com a intelectualidade dos grandes centros? Nestes termos, cabe observarmos de que forma a capital paraense experimentava ser centro ou periferia ou mesmo um centro cultural secundário.

Desse modo, torna-se pertinente apresentarmos detalhes sobre as transformações que a cidade de Belém passava nesse período, a partir das crônicas, jornais e revistas é possível visualizar essas mudanças. No final da década de 1940, o jovem Mario Faustino escrevia suas crônicas diárias para o jornal a *Província do Pará* que, conforme Lilia Chaves (biógrafa de Faustino) ajudou a compor a sua obra e a desvendar o ambiente social em que ela foi originada. Conforme Chaves, a partir dos escritos diários de Mario Faustino:

O seu mundo era aquela cidade provinciana com mania de cidade europeia, ostentando *bungalows* de ferro, pré-fabricado e importados, escolhidos outra em um catálogo inglês do mais sofisticado estilo *art-nouveau*, assim como os caríssimos postes de iluminação e os mercados do Ver o Peso que ainda subsistem. Nos galpões do cais do porto, ancoravam os navios da *Booth Line* e depois os *Ita*, que levavam os paraenses embora para o Rio de Janeiro.¹⁰⁹

¹⁰⁹ CHAVES, Lilia. **Mário Faustino**, op. cit.

A cidade vivenciava uma agitação no campo social e cultural. Conforme Chaves, no final dos anos quarenta do século XX, a vida intelectual e social de Belém passou por uma fermentação, uma vez que os jovens intelectuais se reuniam para “conversas animadas e polémicas”, e nesse sentido, a autora destaca brevemente a importância desses “salões culturais” e desses espaços que contribuíam para a estruturação do campo literário, a exemplo do Café Central, que presenciou ao longo de sua história o surgimento de importantes nomes das letras nesta capital¹¹⁰, assim como, o encontro de algumas gerações.

Além disso, o período mencionado a pouco representou alguns impactos na vida do Belenense. Tratava-se do momento em que a população trocava o bonde pelo ônibus, como atestou o historiador Ernesto Cruz. Seria um momento de clara representação de progresso para a cidade que, de um lado enviava apelos ao Presidente da República para não suspender o tráfego de bondes, para não deixar os servidores da Pará Eletric sem seus empregos, por outro, os ônibus entravam nesse novo cenário, que em maiores quantidades cortavam e ligavam bairros mais distantes da cidade.¹¹¹

Para essa época, devemos considerar outro meio de comunicação que muito contribuiu para o aparecimento de um novo estilo de vida, o rádio, que além de propagar a cultura nacional, também foi responsável, pelo entretenimento dos seus ouvintes e por divulgar os mais variados produtos, inclusive discos. A cultura radiofônica se espalhou de tal maneira que atingiu grupos diversificados, assim como, os locais mais distantes dos centros culturais, em que a população mais humilde se encontrava.¹¹² Dessa forma, a Revista Amazônia se torna um exemplo da força da divulgação do cinema e da rádio na capital paraense, cujas colunas “Cinema” e “Aqui se fala de rádio” foram importantes meios de divulgação e de entretenimento e propaganda.

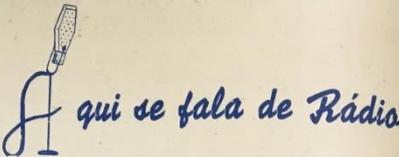
¹¹⁰ CHAVES, Lilia. **Mário Faustino**, op. cit., p. 140.

¹¹¹ CRUZ, Ernesto. **História de Belém**. Belém: UFPA, 1973, p. 474-5.

¹¹² COSTA, Antônio Maurício; VIEIRA, Edimara. Na periferia do sucesso: rádio e música popular de massa em Belém nas décadas de 1940 e 1950. **Projeto História** nº 43, Dezembro de 2011.

Figura 1.7 – Coluna “Rádio-Escrevendo: Aqui se fala de Rádio”, de Edyr Proença (janeiro de 1955).

RÁDIO-ESCREVENDO
Edyr PROENÇA



Quando Roberto Cameller começou a mexer em válvulas e microfones (conta Alvaro Fonseca que numa das primeiras transmissões, a falta de melhor local, o microfone ficou em cima de um tápão cuja utilidade era bem outra...), nunca poderia imaginar que o Pará se desenvolvesse de tal maneira na radiofonia. Em 30 anos de atividades, com duas estações (Solerno Moreira Filho ainda fala na celebração abertura das quinze-foixas, em que o locutor solenemente anunciava "Aqui fala P. R. A. F. — Rádio Clube do Pará, da Confederação Brasileira de Rádio Difusão"), estamos fazendo um rádio moderno, embora dentro das possibilidades do ambiente.

Não há dúvida que o aparelhamento da rádio Marajoara, com uma equipe homogênea e trabalhadora, veio despertar os veteranos da PRC-5, daí a luta que se fez, luta que não é outra senão a da nativa concorrência, mas cujos benefícios para os ouvintes são incalculáveis. Já agora se fala em melhoramentos. A Rádio Marajoara, com seu magnífico som de 10 Kvs. em ondas médias, promete para o seu aniversário a inauguração do transmissor de ondas curtas, com 2 Kvs., servindo também o interior do Estado, que até agora vem sendo dominado pelo Rádio Clube do Pará. E para abril,

feita de aniversário da C-5, já se sabe da estreia da emissora de 10 Kvs. em ondas médias, para depois subir a potência da onda curta.

Como se não bastasse, para breve teremos o majestoso Palácio do Rádio, tudo isso dentro daquilo que o rádio está oferecendo ao povo de Belém, muito longe daquilo que Cameller, mesmo sonhador, verdadeiro pioneiro (o Rádio Clube é a terceira estação fundada em todo o Brasil), poderia ter imaginado.

E com isso, aquele marinho que se apresentava, pelas dificuldades de obter elementos locais, está desaparecendo aos poucos, dando lugar a atividades interessantes, com as quais os ouvintes lucraram, não tendo necessidade de lançar mão do mercado externo, preferindo a "prata de casa".

Bem, mas esse comentário é de quem começa. Acaba aqui. Não tem pé nem cabeça, mas traz uma virtude: o autor reconhece que está ruim. E promete melhorar no próximo.

*
RADIO - NOTAS
Passamos quase dois meses sem apresentação de elementos de fora. O Rádio Clube trouxe Renata Moraes, numa rápida temporada, e depois apresentou numa so-

vez o pistonista Ielstias e sua "partenária", cantando boleros. A Marajoara promete para breve o reinício do desfile de cantores nacionais pelo seu microfone.

*
A quadra carnavalesca faz pensar em grandes programas das duas emissoras. A ZYE-2, vem apresentando uma escola de samba improvisada, mas que mete no chifre muitas que têm coragem de ir para a rua. A C-5 começou a sua famosa Academia de Carnaval, fazendo também o Concurso de Músicas de Carnaval, em colaboração com a Prefeitura de Belém, com todos os anos acontece.

*
O Rádio Clube anda em silên-
cia para preencher seus quadros de leitores, pela manhã. Louvira Penaber é bancário; Carlos Benedito e Avelino Homense estão visitando Caxias, ambos de cábeça pelada, aprendendo a fazer continência e ganhar a guerra, no GPOR. Mas isso passa...

*
"Gabinete de Leitura" é um dos programas de maior audiência da Rádio Marajoara. Bem organizado e bem apresentado, tem agrado bastante.

*
Está nos trabalhos de Academia "Paraná de Letras" organizar, na sede do Rádio Club, um programa semanal de literatura. Cada programa levará ao microfone um leitor, que dirá seus trabalhos em prova de valor, ou será submetido a perguntas de toda sorte. Georgette Franco será incumbida disso.

AUMENTO DE POTENCIA E DE CAPITAL DE PRC-5

O presidente da República autorizou a Rádio Clube do Pará, S. A. a aumentar o seu capital de Cr\$ 270.000,00 para Cr\$ 2.190.000,00 e elevar a potência de sua estação PRC-5 para 10 Kw. Em outra portaria, também, se permitiu ao Rádio Clube do Pará instalar um equipamento VHF, de fabricação Motorola, modelo P-961-A, com transmissor de 50 watts, para funcionar na frequência de 133.600 kc.



Virgínia de Moraes, da Rádio Marajoara, dando ao seu ouvintes o encanto da sua voz.



O Escolinha da Samba, um elenco interessante e em dia atrativos da Rádio Marajoara

BELEM — PARA

AMAZONIA

Fonte: Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (APGFF). Revista Amazônia, jan. 1955, Ano I, n. 1.

Figura 1.8 – Crônica e notícias sobre o cinema norte-americano (março de 1955)



Fonte: Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (APGFF). Revista Amazônia, mar. 1955, Ano I, n. 3.

Somado a isso, não podemos deixar de tratar sobre o processo de verticalização da cidade que se tornou símbolo do crescimento urbano, ainda na década de 1940, inspirado no modelo norte-americano como apontou Túlio Chaves. Conforme o autor é na Avenida 15 de agosto (atual Presidente Vargas) que, irão se aglutinar, para além dos arranha-céus, outros inúmeros estabelecimentos, como: cafés, cinemas, sedes de clubes, tendo essa construção ocorrida (a de avenida principal) entre os anos de 1930 e 1950.¹¹³ Assim, percebe-se uma interessante sobreposição da cultura americana sobre a europeia, onde a mesma se apresentaria, inclusive, em muitos jornais e revistas que circulavam na cidade de Belém nesse período.

Dessa forma, partimos de um questionamento aparentemente simples para discutirmos essa modernização da cidade de Belém do Pará: o que nos exigem as grandes cidades? É dessa forma que uma reflexão desenvolvida por Georg Simmel, em *As grandes cidades e a*

¹¹³ CHAVES, Túlio Augusto Pinho de Vasconcelos. **Isto não é para nós**: um estudo sobre a verticalização e modernidade em Belém entre as décadas de 1940 e 1950. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, 2011.

vida do espírito, nos possibilita observar, de modo geral, a cidade como objeto de reflexão e, por efeito, sobre os problemas trazidos pela exigência da vida moderna. O exemplo do próprio *Álbum do Pará*, de 1908, mencionado anteriormente neste capítulo, mostrou a necessidade em divulgar a cidade de Belém, e todos os seus espaços que apresentavam ares do progresso, mas por outro lado mostrava ao leitor os aspectos de uma cidade provinciana nos primeiros anos do século XX.

Alguns desses espaços foram se firmando ao longo dos séculos como pontos de encontro de uma intelectualidade local, ou mesmo aparecendo como hábito para uma parte da sociedade, vide o Grande Hotel e seu respectivo café. Nunes & Santos (2016), destacam a reforma deste estabelecimento entre os anos de 1947-1948 e da divulgação à imprensa pelo então gerente Bruno Candoti, que segundo as autoras observou:

Que tanto os hóspedes do Hotel quanto os habitantes de Belém que há muito tempo elegeram o Grande Hotel como o centro de reuniões e encontros prazerosos da cidade, continuariam a usufruir de suas instalações e da terrasse à sombra de frondosas e seculares mangueiras, ponto obrigatório e tradicional da sociedade paraense.¹¹⁴

Mencionamos em outro momento deste capítulo sobre as memórias do café do Grande Hotel, na Av. Presidente Vargas, e da importância dele para os grupos de intelectuais, jornalistas, escritores que por ali passaram, para isso basta retomarmos das Crônicas de De Campos Ribeiro e das memórias de Mario de Andrade (citar a página, no início deste cap.) e extrair um pouco deste espaço que viu tantas pessoas famosas, grupos, gerações de intelectuais, das discussões sobre suas ideias e seus pontos de vistas. Espaço este que buscou aprimorar-se cada vez mais por conta da posição estratégica de Belém durante a Segunda Guerra, ou mesmo para consagrá-lo ponto obrigatório e tradicional da cidade.

A partir de todas essas considerações anteriores, podemos nos perguntar: o que diferencia a “cidade grande” da “cidade pequena”? Será que os dois conceitos poderiam ser pensados separadamente? Ou será que, como destacou Simmel, a cidade grande poderia ser considerada como “palco” para o conflito e para as tentativas de unificação de ambas?¹¹⁵Essas questões parecem fazer bastante sentido para analisarmos a cidade de Belém, daquilo que era considerado provinciano, e das características europeias e norte americanas que constituíam a

¹¹⁴ NUNES, Dulcília; SANTOS, Larissa. **A memória da hotelaria de Belém e o Grande Hotel**, op. cit., p. 40.

¹¹⁵ SIMMEL, Georg. [1903]. As grandes cidades e a vida do espírito. Tradução Leopoldo Waizbort. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 2005, p. 589.

cidade. Afinal, Belém havia sentido ser, no auge da economia gomífera, a mais importante capital do Norte do país, uma cidade com características europeias.

No mesmo texto, Simmel apresenta suas considerações sobre a individualidade, sobre o caráter blasé, característico de um indivíduo indiferente, ou seja, sobre a incapacidade dos atores que constituíam a cidade, de reagir a novos estímulos proporcionados pelos grandes centros e pela grande circulação de dinheiro.¹¹⁶ É nesses termos que acabamos por imergir no debate sobre as “necessidades” da vida cidadina, na busca pelo exclusivismo, e pelo destaque em determinado círculo social. Para além de toda a descrição sobre as necessidades dos grandes centros, verificar o palco desses conflitos se torna, possivelmente, uma questão promissora para desenvolvimento deste estudo, uma vez que os integrantes desses grupos (digo dos mais ou menos modestos, alguns mais ou menos boêmios) circulavam por diferentes espaços da cidade, desde a passagem pelos cafés até o tradicional Ver-o-Peso, ou seja, tratava-se de nomes da intelectualidade local que transitavam pelo centro e pela periferia da cidade.

Conforme mencionamos anteriormente, os anos de 1950 foram caracterizados por alguns momentos de efervescência política e econômica, ocasionando consequentes transformações em outros quadros da sociedade brasileira. Trata-se de um período marcado pelo retorno de Getúlio Vargas ao cenário político brasileiro, e posteriormente, pelo mandato de Juscelino Kubitschek, ambos apostaram nas relações internacionais, ao incentivo para entrada do capital estrangeiro no Brasil. Assim, esses anos foram marcados pelos ideais de modernidade e progresso brasileiro, em que suas regiões necessitavam ser integradas para garantir esse desenvolvimento e acabar com o isolamento e os espaços vazios que diferenciavam a Região Norte do resto do país.

Nesses termos, é importante retomar que, grande parte desses intelectuais, artistas, cientistas locais não estavam imune ao cenário político da época, e participaram das discussões sobre os investimentos e projetos direcionados para a Região Norte do Brasil ao longo dos anos de 1950, a exemplo da própria reinstalação do IBECC no Pará. Além disso, muitos desses intelectuais ligados à Academia Paraense de Letras, dialogaram com uma das figuras mais marcantes da política no Pará, o major Magalhães Barata, o responsável, no final das contas, pela tão sonhada aquisição da sede própria para esta instituição.¹¹⁷

¹¹⁶ SIMMEL, Georg. [1903]. *As grandes cidades e a vida do espírito*, op. cit., p. 581-2.

¹¹⁷ Magalhães Barata foi o interventor indicado por Getúlio Vargas para assumir o governo do estado do Pará depois da Revolução de 1930, obtendo rapidamente o apoio popular por ter pulso forte e praticar assistencialismo aos mais pobres. Barata retorna a interventoria em 1943, permanecendo no poder até 1945, posteriormente de 1956-1959. Cf. RITZMANN, Iracy; ALMEIDA, Conceição. “**O Pilão Fardado**”: histórias do Baratismo (Pará

Em “As cidades periféricas como arenas culturais”, especialmente, quando Richard Morse desenvolve a ideia de conceber a cidade como um teatro de fato, onde os atores são os informantes e/ou participantes que se lançam sobre as fontes ou recursos intelectuais ou psíquicos dispostos a interpretar a condição humana.¹¹⁸ Neste estudo, Morse tomou para a análise as cidades de Paris, São Petersburgo e Viena como periferia imediata, e as cidades do Rio de Janeiro e Buenos Aires como periferias mais afastadas. O mais interessante dessa reflexão é que o autor não utiliza o modelo explicativo (simplificador) do centro como “dominador”, e de periferia como “dominada”.

Dentro dessa perspectiva, vislumbra-se a possibilidade de problematizar a noção de grandes centros culturais: Paris foi, com efeito, a “capital do século XIX”, ou se teria sido somente a capital de um consumismo sedutor? O discurso construído em relação às grandes capitais do século XIX, tal como Londres e Paris, era que o futuro dessas cidades se estenderia também para outras sociedades urbanas mais afastadas, sendo estas últimas consideradas como instituições e sistemas arcaicos envoltos por uma cultura regional.¹¹⁹ Essa extensão pode ter chegado inclusive à cidade de Belém, considerada a capital cultural da Amazônia no entresséculos (XIX-XX), e onde o intendente Antônio Lemos, quis dar ares europeus à cidade, como se a mesma fosse uma extensão de Paris na Amazônia.

O exemplo de Paris parece bastante surpreendente, sobretudo, por conta da utilização que o autor faz de Berman, e como este apresenta o contraste entre o modernismo do subdesenvolvimento, e o modernismo das ruas em Paris. O que se deve destacar em relação a Paris é a questão do modernismo que floresce sobre o anacronismo, e que nem sempre é reconhecido em meio a uma cidade consumista tal como Paris, onde o passado é visto como cumulativo, mas ainda reverenciado, onde os modernistas parisienses pouco se preocuparam com a identidade nacional.¹²⁰

Perceber estes contrastes e questionar algumas de suas limitações é o que se procura fazer com relação à América Latina e ao Brasil, especialmente com a cidade de Belém em comparação ao centro cultural que se sobressaía no contexto nacional brasileiro: o já citado eixo Rio-São Paulo. O que se observa a partir de tudo o que foi exposto até o momento, é que as cidades ocidentais buscaram servir de exemplo para o resto do mundo, tal como para as ci-

1930-1935). In: FONTES, Edilza (Coord.). **Contado a história do Pará, v. 2: os conflitos e os grandes projetos na Amazônia contemporânea (Séc. XX)**. Belém E-Motion, 2002, p. 40.

¹¹⁸ MORSE, Richard. As cidades ‘periféricas’ como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995, p. 205.

¹¹⁹ Ibidem, p. 206

¹²⁰ MORSE, Richard. As cidades ‘periféricas’ como arenas culturais, op. cit., p. 207

dades latino-americanas. Por sua vez, as próprias “capitais periféricas” existentes na América Latina acabavam por se diferenciar das outras cidades dentro dos seus respectivos países tornando-se, também, exemplo de desenvolvimento econômico e cultural em nível regional. No que diz respeito ao conteúdo do suplemento literário d’Estado do Pará para o período pesquisado, observa-se certa disputa de espaço entre modelos culturais franceses e norte-americanos, mas sempre com a marca de um regionalismo amazônico, apresentando Belém e Manaus como cidades modernas na Amazônia.

Contudo, será que as sociedades latino-americanas que se auto reconhecem como desenvolvidas, estavam efetivamente tão próximas do desenvolvimento e da modernidade? As ironias de Machado de Assis sobre a “modernidade” desenvolvida no Rio de Janeiro do século XIX e sua acolhida pela sociedade, parecem ser pertinentes nesse sentido. A célebre comparação entre o Brasil e uma criança que engatinha, evidenciada nos seus escritos, nos apresentam uma realidade que parecia bem distante de uma “verdadeira” modernidade. Com efeito, a “burguesia” que chama atenção de Machado, e está presente em sua literatura, não tem absoluta clareza do seu poder e hesita em definir seu estilo próprio.¹²¹

Retomamos o exemplo de Belém e Manaus que, em um dado momento da história (final do XIX e início do XX) passaram a se destacar pela intensidade de sua economia proporcionada pela produção da borracha, o que conseqüentemente alavancou a vida cultural destas consideradas “urbes modernas”, na Amazônia. Nesse sentido, pode-se indagar a respeito de serem destacadas como sociedades urbanas inspiradoras, que passaram por transformações dignas dos grandes centros com exposições e temporadas líricas vindas da Europa. Poderíamos por isso considerá-las como centros culturais?

No caso de Belém, cabe ressaltar, ainda, a construção do Teatro da Paz, na segunda metade do XIX, bem como a implantação de um centro de referência em etnografia e história natural (o Museu Paraense Emílio Goeldi) em 1871, na Amazônia, que como já mencionamos, deixou de ser apenas um local de observação para tornar-se lócus de produção científica. Ou seja, existe toda uma tradicionalidade que envolve a cidade de Belém, que certamente não deixaria de ser retomada nas páginas do *Suplemento Literário d’O Estado do Pará* nos anos de 1950, e mesmo em outros periódicos.

É ainda por este viés que a discussão de Carlo Ginzburg em torno de centro e periferia revelou-se, para este estudo, como uma plataforma de lançamento pertinente para tal discus-

¹²¹ Ibidem, p. 211.

são, ou melhor, para uma problematização expansiva. Embora o autor trate da dinâmica dos centros artísticos italianos e sua complexidade, especialmente “dos centros” pictóricos, o questionamento inicial de Ginzburg sobre as definições para centro e periferia nos remete no caso brasileiro, à problematização da ideia de “predominância” de certos centros culturais, que é um dos focos de nossa análise neste estudo.¹²²

Como entende o autor, reduzir a relação entre centro e periferia à ideia do centro como um local de criação artística e da periferia como um local afastado e atrasado empobrece a análise da questão, simplesmente elidindo o “problema”, sem representar uma solução em si. Não se deve, portanto, encarar a noção do norte como sendo “área periférica”, de atraso econômico e conseqüentemente cultural, como uma explicação finalizada, mas sim buscar compreender algumas variáveis. Em primeiro lugar, devemos considerar o afastamento das outras cidades em relação aos centros culturais como um obstáculo, mas não como um fator exclusivo.

Com relação a Belém, por exemplo, devemos considerar principalmente a questão econômica. O declínio da produção da borracha, na década de 1920, fez com que muitos artistas saíssem da cidade, em direção aos grandes centros culturais. A Belle-Époque levava a Belém momentos, por assim dizermos, arrebatadores no sentido de uma produção e de uma vida cultural. Porém, muitos intelectuais e músicos, resolveram permanecer na cidade com o intuito de fortalecer a produção regional, assim, pode-se retomar o caso do pianista e poeta Gentil Puget que, nascido em 1912 em Belém iniciou seus estudos com piano ainda criança. Conforme Salles, Puget foi “músico intuitivo”, autodidata, e que além da veia de poeta, aprofundou-se nos estudos de cultura popular, realizando um intenso trabalho de folclorista. Em conseqüência da atuação do Estado Novo, ele perdeu o emprego e resolveu sair em turnê pelo Brasil, acabando por fixar residência o Rio de Janeiro em 1940.¹²³

No entanto, é necessário apontar que muitos intelectuais, mesmo ao deixarem o Pará, continuaram a colaborar com jornais locais. Dois casos são modelares nesse sentido: o da jornalista e escritora Eneida de Moraes, que se mudou para o Rio de Janeiro, na década de 1930, e o do pesquisador e folclorista Vicente Salles, que seguiu também para o Rio de Janeiro na

¹²² GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico. História da Arte Italiana. In: Ginzburg, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa, DIFEL, 1989, p. 6.

¹²³ Cabe lembrar que este músico estava inserido no movimento de 1938, sobre o qual nos debruçamos em momentos anteriores desse capítulo. Para verificar outros aspectos da vida e trajetória de Gentil Puget, cf.: SALLES, Vicente. **A modinha no Grão-Pará: estudo sobre a ambientação e (re)criação da modinha no Grão-Pará**. Belém: Secult/IAP/AATP, 2005. Além de, CORRÊA, Ângela Tereza de Oliveira. **História, cultura e música em Belém: décadas de 1920 a 1940**. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Belém, 2010.

década de 1950, o que era motivo de aclamação para muitos intelectuais que permaneciam em Belém, pois consideravam a chance de um jovem escritor sair da cidade como promissora, seria a oportunidade de ser reconhecido mais rapidamente. Cabe ponderar que, por outro lado temos o fortalecimento desses centros culturais principais, na medida em que os mesmos acolhem esses intelectuais de província de talento, e acabam por estreitar relações com as capitais mais distantes.¹²⁴

Poderíamos considerar Belém como uma “sombra” de um eixo cultural representado pela necessidade de manter vivo um teor modernista e, principalmente, a figura de Mario de Andrade que estavam presente nas páginas do SLEP, ou ainda, a partir de matérias como: “A Época de Contradição e Conflitos: inaugurada a I Bienal de Arte quando o ministro Simões Filho afirma a grandeza de São Paulo”, em relação a outras cidades do Brasil (Suplemento Literário do Estado de São Paulo, 1952)?

É possível que a discussão suscitada acima, possa caminhar dentro de uma perspectiva de “dominação simbólica” analisada por Ginzburg. Este autor destaca que nos estudos de Lanzi a periferia está presente apenas como zona de “sombra”, responsável somente por realçar a luz da metrópole, mas observa que a “rudeza e falta de ideias” estejam entre as características das cidades que não são consideradas grandes centros culturais, e onde a “mediocridade” ocasionada pela falta de estímulo teria sido uma condição bastante comum.¹²⁵ Provavelmente este não seria o caso de Belém, mas não se pode deixar de considerar a questão da dominação simbólica que os grandes centros podem exercer sobre cidades menos dinâmicas, basta retomarmos para isso o discurso de De Campos Ribeiro em que este intelectual coloca como tradição e modernidade caminhavam juntas no Norte do Brasil, mesmo com todos os transtornos de se viver longe da capital federal na época (ver página 38 deste capítulo).

Nesse sentido, algumas palavras mencionadas no prólogo do livro “Modernidade Periférica”, de Beatriz Sarlo, escrito por Sérgio Miceli, podem ser consideradas como ponto de partida e de reflexão para outra face de análise. Uma vez que ao observar algumas particularidades a respeito da centralidade de Buenos Aires, em comparação ao caso brasileiro, aponta que a predominância do eixo Rio-São Paulo nas atividades culturais, não reprimiu alguns “surto” regionais, de criatividade intelectual dentro do Brasil, nesse caso, são esses surtos

¹²⁴ Aqui, torna-se interessante destacar que, Vicente Salles era próximo da mesma idade de nomes já mencionados ao longo deste capítulo como Benedito Nunes e Mario Faustino (nascidos no final de 1920 e início dos anos de 1930), porém, Salles passa a conviver mais com a geração de intelectuais de 1930, da qual fazia parte Bruno de Menezes e De Campos Ribeiro (nascidos no final do XIX e nos anos iniciais do século XX).

¹²⁵ GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico. História da Arte Italiana, op. cit., p. 17-8.

que devem ser problematizados para a região Norte do país.¹²⁶ Partindo dessa premissa, procuraremos problematizar essa questão, não reduzindo a um discurso de isolamento ou não de determinada região, mas apreendendo esses “surto”.

Temos como propósito observar uma realidade amazônica, a partir da trajetória, produção e intermediação de alguns indivíduos no campo cultural da cidade de Belém, indivíduos que se veem fazendo parte de uma rede intelectual. Pessoas que transitavam por diversos espaços de uma cultura popular, que os colocavam em interface com indivíduos, em sua maioria, sem formação educacional sólida, e que muitas vezes não eram nem sequer letrados. Esses são os nossos atores, e no caso dos suplementos, os cronistas, os poetas, os jornalistas, os escritores em geral (homens e mulheres que desenvolvem várias outras ocupações ao mesmo tempo) que tratam da modernidade, e de uma forma geral, da cultura do país e da cidade. Nesse caso, apresenta-se a possibilidade de investigação do trânsito desses intelectuais em diversos espaços de manifestação e reelaboração da cultura popular.

Mas o que legitimava esses intelectuais, e neste caso, exclusivamente os intelectuais “da terra”, a escreverem sobre o Modernismo e sobre Mário de Andrade, considerado a personificação do modernismo no Brasil. No O Estado do Pará de 31 de março de 1955, Eneida de Moraes publicou uma “reportagem literária” sobre um encontro de intelectuais no Rio de Janeiro, com o fim de discutir uma das mais conhecidas obras de Mário de Andrade: *Macunaíma*. O evento fazia parte de homenagens rendidas a Mário, por ocasião dos dez anos da sua morte, em 1945. Neste mesmo Suplemento, ainda pode-se observar outras matérias sobre Mário de Andrade; inclusive, uma de autoria de Vicente Salles, intitulada: “Mario de Andrade: artista e musicólogo”. Cabe ressaltar que essas matérias foram escritas especificamente para este periódico, uma vez que ambos já tinham fixado residência no Rio de Janeiro, e onde podemos observar que, trata-se de um suplemento inspiradamente modernista.

Para além das considerações estabelecidas em torno da problemática centro-periferia e da busca por algumas interpretações – entre elas, de como a cidade de Belém era vista dentro desse contexto, ou melhor, dentro da dinâmica de modernização das cidades, e da sua produção cultural, o significado de ser um intelectual em uma escala local. Buscamos apresentar para este capítulo um panorama, na medida do possível, da imprensa, da literatura, de alguns nomes ou grupos consagrados pelas letras e pela história no Pará e em sua capital, dos espaços de sociabilidade desses grupos que vão além dos cafés tão tradicionais de Belém que se mantiveram ao longo dos séculos, apreciando e vivenciando a passagem desses atores (dos novos

¹²⁶ SARLO, Beatriz. **Modernidade periférica**: Buenos Aires 1929 e 1930. São Paulo, Cosac Naify, 2010.

e velhos, e de seus cruzamentos) até chegarmos ao período proposto para esse estudo, e compreendermos o desenvolver dos próximos capítulos que constituem esta tese.

CAPÍTULO II

CENÁRIO CULTURAL E INTELECTUAL DE BELÉM A PARTIR DO SUPLEMENTO LITERÁRIO DO O ESTADO DO PARÁ

Este capítulo tem como objetivo discutir a respeito da produção cultural e da movimentação intelectual na cidade de Belém do Pará nos anos de 1950, a partir da análise do Suplemento Literário do jornal *O Estado do Pará*. Assim, apreendendo que este suplemento apresenta-se como espaço aglutinador de intelectuais (cronistas, poetas, escritores, jornalistas) paraenses, muitos deles ligados à Academia Paraense de Letras, buscamos analisar sobre o que estes intelectuais escreviam/publicavam, ou mesmo sobre o que eles tinham interesse que fosse publicado nas páginas do mencionado suplemento. Escritos que refletiam influência direta dos Estados Unidos e da Europa, mas que, também, muito valorizavam as discussões sobre arte, cultura popular e folclore de um modo universal e local.

Nesses termos, algumas considerações acerca das transformações que o Brasil atravessou no sentido político e econômico na década de 1950, e de como isso refletiu no aspecto cultural do País no período proposto devem ser lembrados, como: a breve abertura democrática; os debates político-ideológicos; e principalmente, os projetos políticos desenvolvimentistas. Assim, partindo dessas considerações, abordaremos inicialmente sobre o perfil dos suplementos literários no Brasil, para posteriormente trabalharmos com o Suplemento Literário do *O Estado do Pará*, sua relação com a Academia Paraense de Letras, sobre a estrutura e particularidades do referido suplemento.

2.1. Os suplementos literários no Brasil nos anos de 1950: uma introdução

Dois estudos em particular nos ajudaram a compreender a estrutura e o funcionamento dos suplementos literários para o contexto em questão, são eles: *Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50*, de Alzira Abreu¹²³; e *O Suple-*

¹²³ ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: ABREU, Alzira Alves de (Orgs.) [et al.]. **A Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, p. 13-60.

mento Literário do Diário de Notícias nos anos 50, de Luís André Faria Couto¹²⁴. O primeiro, parte da ideia de identificar a atuação dos intelectuais brasileiros nos jornais diários de maior circulação durante a década de 1950, no Centro - Sul do Brasil. Já o segundo, um pouco mais restrito, investiga o campo intelectual carioca nesse mesmo período, sob a ótica do suplemento literário do jornal *Diário de Notícias*. Ambos foram importantes para nos ajudar a compreender a estrutura dos suplementos e, para além disso, suas particularidades.

Nesses termos, algumas peculiaridades a respeito dos suplementos literários no Brasil devem ser destacadas. Em primeiro lugar, deve-se considerar o caráter irregular com que eram publicados. Certos suplementos acompanhavam os jornais nos dias de domingo, assim como outros apareciam quinzenalmente. Ademais, alguns tiveram publicação intermitente ao longo do tempo, desaparecendo momentaneamente e retornando a seguir. Quanto à sua forma, nesses suplementos constavam, além de poesias e de ensaios gerais, um espaço para a apresentação dos lançamentos editoriais, em forma de listagem ou ainda de comentários e críticas a livros nacionais ou estrangeiros.¹²⁵ Acerca dos colaboradores, foi observado que eles pertenciam a diversos grupos e que dificilmente limitava-se a um único periódico, podendo contribuir para muitos suplementos de uma mesma cidade ou de várias regiões do Brasil.¹²⁶

Conforme Alzira Abreu, um fator que deve ser considerado, é que os suplementos literários formaram redes de sociabilidade para os intelectuais que publicavam, ou simplesmente colaboravam com os mesmos na década de 1950, além do mais, os cafés, os salões, as revistas literárias e as editoras, foram espaços que permitiram a estruturação do campo da intelectualidade. Devemos considerar que, nesses espaços circulavam grupos de amigos, que poderiam ser originários de uma mesma região ou cidade; e que se exerciam influências; e que surgiam antagonismos e rivalidades, mas principalmente,

¹²⁴ COUTO, André Luís Faria. **O suplemento literário do Diário de Notícias nos anos 50**. Rio de Janeiro: CPDOC, 1992.

¹²⁵ Aqui, cabe observar a realidade norte-americana na década de 1950, no meio editorial, uma vez que, busca-se verificar um efeito mais direto da mesma na sociedade brasileira. Pode-se considerar que, as décadas de 1940 a 1970 foram definidas como sendo o auge do interesse dos EUA pela cultura estrangeira, inclusive, a brasileira. O intercâmbio cultural pan-americano foi estimulado no final da década de 1930, mas também foi afetado por um considerável declínio das mídias de massa na década de 1950 nos EUA, fazendo com que os editores norte-americanos buscassem novas estratégias de superação, como: estímulo a prêmios literários, ou mesmo gerar polêmicas em torno de um livro ou autor. Cf.: CÁNDIDA-SMITH, Richard. Érico Veríssimo, um embaixador cultural nos Estados Unidos. **Tempo**, Niterói, v. 19, n. 34, jan.-jun. 2013, p. 147-73.

¹²⁶ ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários, op. cit.

os mesmos espaços eram palcos frequentados por diferentes gerações de intelectuais¹²⁷, como mencionamos no primeiro capítulo desta tese, para a Região Norte, no caso de Belém.

Dentre os aspectos e características observados sobre os suplementos literários, um, essencialmente, nos prende a atenção: a questão do regionalismo. Trata-se de um momento bastante dinâmico para a literatura regional em meio aos suplementos, onde a presença de textos sobre folclore tinha certa frequência. O exemplo do Suplemento Literário do Diário de Notícias é bem representativo nesse sentido, uma vez que existia um espaço considerável, dentro do mesmo, dedicado aos estudos folclóricos. Conforme André Couto, figuras como Edison Carneiro, Adelino Brandão e Manuel Diegues Jr publicavam constantemente, sendo este último responsável pela coluna intitulada Folclore e História.¹²⁸ Nesses termos, cabe adiantar que, o Suplemento d'Estado do Pará, também se destacou pelos escritos sobre folclore na Amazônia e dos ideais modernistas, mas esses aspectos serão desenvolvidos mais adiante, ao longo presente capítulo.

As transformações econômicas pelas quais passava o Brasil, particularmente a partir do início dos anos de 1950, foram também remodelando a sociedade em seu aspecto cultural. Assim, como nos explica Alzira Abreu, é nesse âmbito que se altera “o quadro de influências dos intelectuais”, que passam a se envolver na elaboração da política de desenvolvimento do governo. Inclusive, é nesse contexto que surgem algumas instituições voltadas exclusivamente para formular projetos desenvolvimentistas para o Brasil, a exemplo da Escola Superior de Guerra (ESG) e do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB).¹²⁹

Nesses termos, é pertinente destacarmos a colocação de Daniel Pécaut, de como esses intelectuais se posicionaram nos embates políticos e sociais do país para esse contexto, e de como o saber caminha simultaneamente com o poder. Conforme Pécault, es-

¹²⁷ ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários, op. cit., p. 23.

¹²⁸ COUTO, André Luís Faria. **O suplemento literário do Diário de Notícias nos anos 50**, op. cit., p. 43. Quanto a esse aspecto, é importante rememorar a constituição da Comissão Nacional do Folclore, criada em 1947 por Renato Almeida. Incentivada por um discurso da “paz mundial entre os povos” característico do contexto pós-Segunda Guerra, o Folclore fora enquadrado nas aspirações da UNESCO, como um dos instrumentos de atuação e luta para alcançar-se a paz mundial, permitindo a construção de identidades diferenciadas entre os povos. O Brasil naquele momento orgulhava-se de ser um dos países pioneiros no atendimento à recomendação da UNESCO no sentido de ter criado uma comissão específica para tratar sobre o assunto. Cf.: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. Traçando Fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, 1990, p.76.

¹²⁹ ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários, op. cit., p. 13.

ses intelectuais que se alinharam ao campo nacionalista - popular, traziam consigo a certeza da vocação do seu papel decisivo para as mudanças políticas do Brasil, uma vez que se inclinaram ao discurso “povo-nação”, e junto a isso, a certeza do poder da ideologia.¹³⁰ Assim, o ponto comum para “o projeto isebiano foi o de construir uma ideologia necessária ao advento de um Brasil industrializado, soberano e popular”.¹³¹

Além disso, ao lado da construção dessa sociedade de consumo, os setores da cultura foram se desenvolvendo de forma diferenciada. Nesse sentido, uma mudança bastante significativa ocorreu na imprensa brasileira: aquela imprensa que, nas décadas anteriores aos anos de 1950 dependia do Estado e dispunha de um espaço ínfimo para a publicidade, agora se vê envolvida em um contexto de altos investimentos no setor publicitário no país.

Constata-se que, no Brasil do final da década de 1940 e o início da década de 1950, a vida cultural nas grandes capitais apresentou-se de forma bastante movimentada, tendo em vista o reflexo das transformações econômicas e políticas já mencionadas ao longo do primeiro capítulo desta tese. Essa movimentação foi sentida na região Norte do Brasil, considerando suas particularidades. Dessa forma, ao dedicar-se às memórias literárias em Belém partindo, essencialmente do Suplemento Arte e Literatura que circulava aos domingos no jornal Folha do Norte, no período de 1946 a 1951, Marinilce Coelho aponta que, a influência exercida por este suplemento ajudou a divulgar a literatura e a crítica local em diversos momentos, assim como, o mesmo veio a provocar um “cor-te” no isolamento cultural da capital paraense.¹³²

2.2. O Suplemento Literário de “O Estado do Pará”: atuação e relação com a Academia Paraense de Letras

No capítulo anterior, destacamos que o jornal *O Estado do Pará* começou a circular em 1911, tendo sido sua publicação suspensa por inúmeras vezes, por motivos po-

¹³⁰ PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil**: entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990, p. 103.

¹³¹ *Ibidem*, p. 118.

¹³² COELHO, Marinilce. **Memórias Literárias de Belém do Pará**: o Grupo dos Novos, 1946-1952. Tese (Doutorado em Crítica Literária) – Instituto de Letras, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003, p. 135-7

líticos, tendo sido o mesmo, suspenso em definitivo no ano de 1980.¹³³ O *Suplemento Literário de O Estado do Pará* abrangia uma página inteira desse periódico, o que nem sempre parecia ser suficiente. Uma matéria relacionada ao suplemento poderia vir em outras partes do jornal, além de sua própria seção. Essas matérias, crônicas ou artigos, foram assinados por alguns intelectuais consagrados em seu meio, como por outros que estavam iniciando.

O suplemento em questão era constituído pela apresentação de poemas, por discussões em torno das artes, crônicas, novelas, comentários sobre literatura nacional e internacional, e da contemporânea produção intelectual paraense. Como os demais Suplementos Literários, era constante a presença de artigos ou matérias enviadas pelos correspondentes em outros países, especificamente para o Suplemento d' O Estado do Pará. Ademais, a respeito também da produção de intelectuais de renome, como o musicólogo e folclorista Renato Almeida. Quando tomou forma nos anos de 1950, o Suplemento Literário d'O Estado do Pará tinha a sua disposição uma página inteira no referido periódico. Um diferencial deste suplemento literário para os outros, era que o mesmo tinha a sua publicação sempre às quintas-feiras, enquanto grande parte dos suplementos literários no Brasil circulavam no nos finais de semana como o da Folha da Manhã.¹³⁴

No entanto, o nosso propósito não é aqui estabelecer um estudo comparativo sobre os suplementos literários que circularam em Belém para o período proposto para este estudo, mas, torna-se necessário atentarmos para alguns aspectos que possam ficar subentendidos, resultado de uma leitura mais geral das fontes e bibliografia sobre o tema. Assim, cabe lembrarmos que o Suplemento d'Estado possuía um pequeno espaço dentro do jornal *O Estado do Pará*, e, além disso, como apontamos acima, circulava comumente às quintas. Ao que parece, o jornal não estava tão preocupado em estabelecer uma ligação mais forte entre o suplemento e o lazer do final de semana (quando da circulação da maioria dos suplementos no Brasil), ou talvez estivesse mais interessado

¹³³ Conforme Walter Pinto, em 1932, época do Movimento Constitucionalista, três grandes jornais circulavam em Belém: a *Folha do Norte*; *O Estado do Pará* e *O Imparcial*. Sendo *O Estado do Pará* dirigido por Affonso Justo Chermont e alinhado ao então estabelecido governo provisório de Getúlio Vargas. Cf.: OLIVEIRA, Walter Pinto de. **1932 – A Revolução Constitucionalista no Baixo Amazonas**: contexto, revolta e produção do silêncio. Belém: Paka-Tatu, 2013, p. 24.

¹³⁴ Sobre o funcionamento deste suplemento em data anterior ao ano de 1950, temos algumas breves informações. Além dos fatos mencionados por Georgenor Franco, ao que diz respeito ao suplemento em 1948, encontramos no Suplemento Literário d'Estado do Pará de 30/08/1951, um roteiro sobre os novos poetas do Pará, onde dois dos três apresentados são mencionados por terem se destacado na direção da primeira fase deste suplemento, pertencentes a um dos mais jovens grupos literários do Brasil.

em atender um leitor diário, um leitor mais específico, e seria possível que essas aspirações pudessem ter mudado ao longo do caminho.

Porém, devemos destacar que na Revista da Academia Paraense de Letras, de maio de 1950, consta uma nota intitulada “Uma gentileza de O Estado do Pará”, embora pequena, nos permite chegarmos a algumas conclusões. A primeira delas é que o jornal *O Estado do Pará* lançou seu suplemento literário ainda em 1948, embora uma nota da redação esclareça que o mesmo tenha tido poucos meses de vida, mas que mesmo assim, muitas “composições” foram divulgadas. A segunda deixa claro que se tratava de uma antiga aspiração do Silogeu, tendo sido realizada graças aos “moldes e princípios” do jornal estabelecidos pelo “saudosos paraense” dr. Justo Leite Chermont, o que nos faz pensar sobre um contínuo apoio aos homens das letras pelo referido jornal.

Embora publicado às quintas feiras nos anos de 1950, sua proposta inicial foi para circular aos domingos como eram comumente publicados a maioria dos Suplementos Literários no Brasil, assim, a revista destacava:

A Academia, nessas páginas domingueiras do O Estado do Pará trará a lume trabalhos não somente de seus pares como também de vultos outros de destacada expressão nas letras, nas artes e na ciência em nosso país, como estimulará ainda os nobres anseios intelectuais da mocidade estudiosa da nossa e de outras terras.¹³⁵

De um modo geral, levando em consideração algumas modificações propostas inicialmente (como o dia de circulação e a quantidade de páginas estabelecidas para o suplemento), este suplemento literário atendeu aos objetivos da referida instituição, mesmo diante das cobranças de responsabilidade dos acadêmicos para com este suplemento ao longo dos anos de 1950, ou parte dele. O Suplemento tratou de assuntos mais gerais aos mais específicos, da cultura e da história mundial e local, e muitos jovens intelectuais publicaram neste espaço junto aos mais experientes, mesmo com apenas uma página. De qualquer forma, tratava-se de mais um espaço para divulgar a produção de uma categoria diferenciada na Amazônia e no mundo.

¹³⁵ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (ACPF). **Revista da Academia Paraense de Letras**, mai. 1950, Ano I, n. 1.

Figura 2.1 – Página do Suplemento Literário do Jornal O Estado do Pará (15/10/1953)



Fonte: Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. Jornal *O Estado do Pará*, Suplemento Literário, 15/10/1953.

A cultura (em especial, a música) erudita foi um tema presente no suplemento, e uma considerável parte das suas publicações tratava de temáticas relacionadas à cultura popular e ao folclore, buscando associar uma perspectiva mais regional às transformações e tendências culturais vivenciadas em outros países, a exemplo da França e dos EUA. Havia, nesse sentido, uma preocupação em demonstrar a circulação e os imbricamentos de uma produção local em torno da cultura e do folclore, principiada com as discussões dos grupos modernistas da década de 1920, analisados por Aldrin Figueiredo.¹³⁶

A edição *d' Estada do Pará* do dia 03 de abril de 1951 vinha noticiando a eleição da nova diretoria da *Academia Paraense de Letras*, onde De Campos Ribeiro torna-se o novo presidente do Silogeu. Nesta mesma reunião ordinária, o mesmo acadêmico sugeriu que fosse nomeada uma comissão de caráter permanente para ficar encarregada de confeccionar a Revista da Academia. É necessário ressaltar que, a nota sobre a

¹³⁶FIGUEIREDO, Aldrin Moura de **Eternos Modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929**. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001.

qual estamos falando não saiu no Suplemento Literário do referido jornal, mas em outra parte do jornal, ao lado de outras matérias de cunho político e econômico.

Cabe retomar que, estamos analisando a década de 1950, e nesse contexto, até o início do segundo trimestre deste período, não há notícias sobre o Suplemento d' Estado. Havia uma página chamada Pagina dos Estudantes, que tratava das aspirações e reivindicações dos estudantes secundaristas, e onde também eram publicados poemas, crônicas da semana, notas sobre a *Academia Paraense de Letras* e seus integrantes.¹³⁷ Dessa forma, sem uma sessão específica para os assuntos culturais, encontramos alguma notícia sobre a *Comissão Paraense de Folclore* no contexto do jornal, informando da reunião na C.T.F com representantes da APL, Conservatório de Belas Artes do Pará, Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, e o Instituto Histórico e Geográfico do Pará, tratando sobre a representação do Pará no Congresso de Folclore, e sobre a exposição folclórica, ambos a serem realizados no Rio de Janeiro.¹³⁸

Torna-se necessário retomarmos que, o tema do folclore teve uma intensa mobilização e incentivo em torno do seu campo de discussão nos anos de 1950, uma vez que os folcloristas ansiavam em dar ao folclore um sentido mais científico ao tema. Como falamos anteriormente, a literatura regional e textos sobre folclore passavam a constituir com certa frequência, os suplementos literários e com relação ao jornal *O Estado do Pará* não foi diferente.¹³⁹

Conforme apontou André Couto, as Ciências Sociais, em suas várias modalidades, estavam constantemente presentes nas páginas do Suplemento Literário do Diário de Notícias nos anos de 1950. Esses artigos estavam relacionados à sociedade, particularmente, à sociedade brasileira. Dessa forma, o tema do folclore foi ganhando bastante espaço nas páginas deste suplemento, inclusive, o antropólogo e folclorista Manoel Di-egues Júnior foi responsável por uma coluna chamada “Folclore e história” no SLDN.¹⁴⁰

Retornando ao jornal *O Estado do Pará*, retomamos o campo do folclore e verificamos que em abril de 1951 foi publicado um texto sobre o crítico e folclorista Silvio

¹³⁷ A Página dos Estudantes funcionava sob a orientação de Raimundo Noletto, José Amorim e Walter Barroso.

¹³⁸ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. **Jornal O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 29/04/1951.

¹³⁹ A presente discussão sobre o campo de diálogo do folclore foi rapidamente mencionada no primeiro capítulo desta tese.

¹⁴⁰ COUTO, André Luis Faria. **O Suplemento Literário do Diário de Notícias nos anos 50**, op. cit., p. 43.

Romero na primeira página deste periódico. Tratava-se de uma breve biografia do mesmo, onde os escritos de Aloysio Soares partem, principalmente, de um texto de Romero chamado “Novas contribuições para o estudo do folclore brasileiro”,¹⁴¹ em que o mesmo atestou que, a forma mais rica da poesia popular, sem dúvida, seria o romance, os versos gerais, os reisados (Folia de Reis), atacando os falsos críticos a respeito das considerações sobre a modinha (gênero musical).¹⁴²

Ainda no percurso da presença das discussões sobre o folclore nas páginas do jornal *O Estado do Pará*, nos deparamos com um texto sobre o conto popular, onde o correspondente Joan Kein assinala sobre a importância dos mesmos na vida cotidiana, da valorização das tradições, e de como podemos encontrar os mesmos temas folclóricos em vários países com versões diferentes. O texto ainda nos revela sobre o material coletado pela França naquele momento (pós-guerra), onde seria lançado em breve, um catálogo em que constaria “a presença inesperada do conto francês”, causando, conseqüentemente, surpresa aos folcloristas, tornando o conto francês superior ao conto alemão, o que faz retomarmos o contexto do pós - guerra e observarmos uma breve inclinação em suas palavras, para colocar a Alemanha “em seu devido lugar”.¹⁴³

Porém, o intuito neste contexto, era o de expandir a cultura para alcançar a paz entre as nações, partindo dos ideais estabelecidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Nesses termos, o folclore e a sua difusão, sua defesa e valorização, tornava-se peça fundamental neste cenário. Por isso, é possível apontarmos a necessidade de Joan Kein (quem assina o artigo) em explorar o catálogo, o levantamento e exposição realizada pelo sr. Paul Dolarue em Paris, sobre contos populares. A questão psicológica do pós-guerra aparece claramente no texto, dado que, os contos aparecem direcionados, especialmente, para as crianças, e que as mesmas não conhecendo as leis cotidianas que dirigem o mundo, acreditam na realidade

¹⁴¹ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. Jornal **O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 21/04/1951.

¹⁴² Idem. O texto foi dividido em duas partes no mesmo dia. Na primeira o autor se concentrou mais na figura de Silvio Romero como folclorista e na segunda parte, que está na quinta página do jornal, concentrou-se mais no lado filósofo, crítico e da figura integrante da Academia Brasileira de Letras.

¹⁴³ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. Jornal **O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 10/05/1951. Nesse momento, na França o catálogo com “as riquezas” francesas estava sendo organizado Paul Dolarue que, estava se preparando para apresentar em Paris uma exposição dedicada aos contos populares. Dolarue é autor de *The Borzoi Book of French Folk Tales (Folklore of the world)*.

dos contos, em que a fantasia “sempre atraiu homens e continua a maravilhar os seus filhos”, apesar da evolução da ciência.¹⁴⁴

No mesmo suplemento, permanecendo dentro desse contexto de reflexão e problematização do folclore, o referido suplemento publica partes de uma conferência feita por Raul Bopp, na Southern California University, intitulada “Coisas de Idioma e Folclore”. Assim, o autor de Cobra Norato nos toma a refletir sobre o idioma africano que, propagou-se e incorporou-se no folclore brasileiro. Lembra-nos, essencialmente, dos encadeamentos profundos que estão na base da formação histórica do Brasil, em que as raças se encontraram sem maiores apresentações ou autobiografias, onde cada uma possuía uma história diferente, em que cada grupo criou seu cancionário, em virtude dos trabalhos que eram impostos a cada grupo.¹⁴⁵

Em novembro de 1954 o referido suplemento literário nos apresenta um texto de Renato Almeida, intitulado “Folclore, tesouro a preservar”. Neste texto, Almeida discorre com detalhes sobre a realização e a programação do *I Congresso Brasileiro de Folclore* realizado no Rio de Janeiro, em agosto de 1953, convocado pelo Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBEEC), e organizado pela Campanha Nacional do Folclore Brasileiro (CNFB).

Conforme Renato Almeida, o objetivo do congresso de folclore foi o de “fixar os elementos essenciais da pesquisa científica do folclore no Brasil”, e por lado, pretendia-se estudar e discutir os meios de proteção aos fenômenos folclóricos tradicionais. O evento foi apreciado por convidados oficiais, na figura de adidos culturais de missões diplomáticas no Brasil, onde tiveram a oportunidade de assistir a um festival folclórico que, apresentou folguedos, cantos e danças de inúmeras regiões do Brasil, inclusive da amazônica. Como podemos perceber, a discussão sobre folclore, era constante no suplemento literário deste jornal, mesmo antes de se estabelecer a figura do suplemento em suas páginas, no contexto dos anos de 1950.¹⁴⁶

Outro artigo bastante instigante apareceu em meio às discussões sobre folclore neste suplemento, dizendo respeito à literatura folclórica polonesa, com muitas informações e fartas referências bibliográficas. O texto nos explica que, somente no início do

¹⁴⁴ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. Jornal **O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 10/05/1951.

¹⁴⁵ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. Jornal **O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 16/10/1952.

¹⁴⁶ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. Jornal **O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 25/11/1954.

século XIX, a Polônia compreendeu a necessidade de preservação das suas canções, contos populares e lendas, ou seja, do seu folclore. Nesse período, inúmeras pessoas iniciaram um trabalho de pesquisa com o intuito de registrar a “atividade criadora do povo”, dentre tantos pesquisadores, destacou-se Oskar Kolberg (1814-1890), que compilou por volta de dez mil canções, contos, lendas, entre outros. Ocorre que, todo o trabalho técnico do material folclórico desse país iniciado em 1913 - trabalhos de classificação, assim como, coleções de manuscritos particulares - foram destruídos no contexto da Segunda Guerra Mundial.¹⁴⁷

Conforme o texto citado acima, os esforços para a recuperação das riquezas do folclore Polonês no pós-guerra parecem ter sido intensas. E assim, foi criado o Arquivo Fonográfico da cidade de Poznan, que logo se transformou no Instituto de Música Folclórica, subordinado ao Instituto de Artes do Estado, tendo sido este criado em 1950. No mesmo ano de 1950 foram organizadas equipes responsáveis em coletar músicas folclóricas em todo o país, o que tomou forma de campanha, além disso, um laboratório para transcrição de músicas instrumentais e canções folclóricas foi criado para a aplicação de métodos científicos, sob a observação de duas cientistas e musicistas.

Inúmeras publicações no pós-guerra foram oriundas dos esforços em recuperar a tradição e a história do folclore polonês, e conseqüentemente apresentou um crescente interesse da população pela literatura folclórica do país. Independentemente de ser chancelado ou não por instituições, livros como: “A posição do camponês na Polônia”; “Uma antologia de canções folclóricas polonesas”; ou mesmo um artigo intitulado “A vida e a luta do povo de Kielse refletida em suas canções”, somente vieram a ser publicados a partir dessa mobilização que retratamos a pouco, e da clareza sobre a importância em recuperar as transformações sociais e políticas de um país através da produção de seu próprio povo.¹⁴⁸

Logo, os textos e matérias apresentados acima, no que diz respeito ao folclore (tanto na forma geral, como mais específica) e publicados pelo suplemento literário do jornal *O Estado do Pará*, refletiram, ou mesmo, estavam carregados pelas tensões do pós-guerra no mundo, e isso chegou até a Amazônia. Essas matérias ressaltavam a importância da cultura, da educação, da ciência, e de como tudo isso poderia e deveria ser

¹⁴⁷ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. Jornal **O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 27/01/1955.

¹⁴⁸ Idem.

usado para proporcionar a paz entre as nações.¹⁴⁹ De certa forma, muito do que foi publicado sobre folclore neste Suplemento Literário, apresentou-se em uma escala mundial, a aproximação entre os povos poderia ser abordada de forma mais superficial ou mais intensa, porém, igualmente carregada de significados para esse momento do pós-guerra. Compreender e esclarecer relações culturais, educacionais e científicas era necessário para a compreensão das nações e suas particularidades.

Das configurações em que as Ciências Sociais se apresentaram dentro do Suplemento Literário d' Estado estavam presentes, inclusive, discussões sobre antropologia e etnologia. Dessa forma, no ano de 1953, alguns textos mais científicos, dentro de uma perspectiva antropológica foram publicados pelo antropólogo paraense Napoleão Figueiredo neste Suplemento Literário no mês de julho, a sequência foi intitulada “As Tribos do Pará”. Tratou-se de uma série de textos em que o referido antropólogo discorre e problematiza sobre a forma de surgimento e ocupação dos povos primitivos - em uma escala europeia, americana e brasileira - até chegar à história e origem dos indígenas da planície amazônica.

São textos acadêmicos, em que o autor dialoga com vasta bibliografia especializada, apresentando destaque pela extensão da matéria em meio a uma única página deste suplemento, mas que foram publicados em dias diferentes. O texto introdutório questiona sobre a obscuridade que envolve a origem da espécie sob o ponto de vista material, e da investigação a respeito dos fundamentos da cultura. Logo, ele esclarece que, “a cultura não é uma criação do livre arbítrio, senão o resultado da atividade desenvolvida pelo homem, debaixo da influencia do meio em que vive, e ao chegar a esse fim, vemos que ela é uma necessidade para a conservação da espécie ...”¹⁵⁰

No mesmo texto, citado acima, Napoleão Figueiredo chama atenção do leitor para uma questão mais geral, antes de apresentar algumas problematizações sobre o assunto. Salienta que, independente do ponto de vista religioso, a questão sobre o berço da humanidade, ou se os ameríndios são mais antigos que os asiáticos, são questões que se sobrepõem ao que ele chamou nesse período de: “opinião preferida”, a origem comum

¹⁴⁹ Uma discussão mais acurada sobre essa conjuntura e sobre os objetivos da UNESCO para proporcionar a paz entre as nações podem ser apreciadas em: ABRANTES, Antônio, AZEVEDO, Nara. O Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura e a institucionalização da ciência no Brasil, 1946-1966. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 5, n. 2, maio-ago. 2010, p. 474-5.

¹⁵⁰ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. **Jornal O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 02/07/1953.

dos povos. Nesse sentido, Figueiredo se ampara nos estudos de Humboldt, em que estabelece: “que as raças humanas são formas de espécie única que se juntam e se perpetuam pela geração”.

No que diz respeito às populações brasileiras, Figueiredo parte para discussões mais simples, e menciona as classificações feitas por d’Orbigny e por Prichard, que consideram a nação como o conjunto de pessoas que vivem sob a mesma língua, estabelecendo uma só raça, e que a mesma se apresenta subdividida em duas nações: a “brasilio guarani” (raça única) e guaranis e botocudos (as duas nações). O antropólogo lembra ao leitor que, o estudo sobre o indígena brasileiro ocorre desde a época do “descobrimto”, e que as cartas de Pero Vaz de Caminha são os primeiros documentos científicos sobre o indígena brasileiro, e posteriormente, esses estudos irão resultar de outros contatos como os dos jesuítas, de cronistas e dos naturalistas.¹⁵¹

Dessa forma Figueiredo vai demarcando a contribuição de alguns cronistas, cientista e naturalistas, assim como, a revisão da classificação estabelecida por alguns estudos para os indígenas da América do Sul. Os dois últimos textos irão tratar especificamente sobre a problematização a respeito dos indígenas do vale amazônico, de suas origens, de como se estabeleceram na foz do Amazonas e nas ilhas do arquipélago do Marajó. Sobre as características do homem da Amazônia; das civilizações que desapareceram como a dos Tapajó, e das que se desenvolveram na região do Marajó; sobre a localização desses grupos, da sua cultura, dos seus hábitos; e sobre os diversos problemas relacionados a questão indígena.¹⁵²

Como evoca Heraldo Maués, Napoleão Figueiredo dedicou-se e destacou-se como pesquisador em muitas temáticas, principalmente, na região amazônica dentre elas: sociedades indígenas; populações caboclas; cultos afro-brasileiros, entre outros. Cabe ressaltar que, o interesse de Napoleão Figueiredo pela antropologia se deu desde 1948, quando o mesmo se tornou sócio efetivo do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, que tinha lugar no Museu Emílio Goeldi. Foi somente a partir dos de 1960 que

¹⁵¹ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. **Jornal O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 09/07/1953.

¹⁵² Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. **Jornal O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 23/07/1953. Última matéria desta série.

Figueiredo passou a contribuir de forma mais intensa como professor de etnografia e etnologia do Brasil, embora tenha começado a lecionar ainda em 1956.¹⁵³

A colaboração de Figueiredo para esse momento nos chamou atenção pelo fato de tratar de uma discussão mais regionalista, sobre a origem das sociedades indígenas da região amazônica e sobre as consequências de ficarem “fora do alcance da ciência”, se a elas não fossem dispensados estudos adequados. Dessa forma, partindo das considerações de Maués, não seria exagero considerarmos que, esses textos sobre a origem das sociedades indígenas podem representar resultados produzidos no início do seu contato com a antropologia, e que possivelmente tenha servido como instrumento para o início de um reconhecimento social em sua área de atuação, através do espaço do próprio Suplemento Literário.¹⁵⁴

De um modo geral, embora o Suplemento Literário do O Estado do Pará apresente muitos textos publicados sobre as mais variadas ciências sociais, principalmente no que diz respeito à história, à antropologia e ao folclore, não observamos nenhuma coluna específica sobre folclore, o que observamos foram várias contribuições sobre esse tema, escritos por correspondentes, colaboradores, jornalistas, escritores em início de carreira ou mesmo já consagrados, que tinham um objetivo em comum para esse momento, o fortalecimento e a divulgação dos estudos folclóricos no Brasil.

Evidentemente, outra característica importante que nos trazem os suplementos literários seria o trato com o tema da arte. Dessa forma, observamos no corpo do SLEP a importância de tratar, ou mesmo de recuperar nomes consagrados da arte (pintores e escultores), assim como, a vida artística de determinado local. Buscaremos apresentar, dentro de uma escala mundial, e posteriormente nacional e regional, alguns nomes que foram destaque neste Suplemento Literário.

O artigo inédito intitulado Claude Monet tem essa pegada, tendo sido assinado por um possível correspondente chamado Jean Galloti, onde o mesmo pareceu escrever para atrair e promover a divulgação da exposição das setenta e cinco telas do célebre pintor francês, na Galeria Wildestein, em Paris, no ano de 1952. O espaço da escrita para divulgação de determinada exposição contribui para aproximar o leitor do referido

¹⁵³ MAUÉS, Raymundo Heraldo. In Memoriam: Napoleão Figueiredo (1923-1989). **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 33, 1990, p. 201-3.

¹⁵⁴ ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários, op. cit., p. 27-8.

Suplemento Literário aos nomes de grandes pintores destacados, de suas trajetórias pessoais e da carreira artística.

Dessa forma, apresentou-se uma breve biografia. Conta-nos o autor que, Monet nasceu em Paris, em 1840, mas passou a infância em uma região da França chama Le Havre, na ocasião ele expôs algumas caricaturas que chamaram a atenção do pintor Eugène Bodin, que o influenciou na arte das paisagens, conseqüentemente, contribuindo para a sua tendência pelo ar livre e pela natureza. Posteriormente, Monet muda-se para Paris para aperfeiçoar seus estudos e estabelece contato com um grupo de novos pintores, dentre os quais se destacam Renoir, Bazille, Sinsley e Pissaro. De como esse grupo decidiu organizar uma exposição privada, e da incompreensão do público e da crítica e o surgimento do termo que passou a distinguir esse grupo (impressionistas). (SLEP, 11/09/52).¹⁵⁵

Ao passo das apresentações de alguns pintores célebres, a matéria seguinte diz respeito ao pintor Paul Cézanne, sobre a relação do mesmo com a sua cidade natal (Aix-en-Provence, sul da França). Destaca-se inicialmente sobre as lendas e exageros dos julgamentos que marcaram a produção de Cezanne, na cidade em que ele nasceu, viveu e morreu. Quando surge uma crítica ao Museu de Belas Artes em Aix por não ter adquirido as obras de Cezanne quando possuíam baixo valor monetário, vindo a possuir somente algumas aquarelas - levando em consideração toda a representatividade da produção deste pintor - o que deveria ser reparado urgentemente. O texto ainda nos informa que foi em virtude dos esforços de algumas personalidades do meio cultural que, a casa e o atelier de Cezanne foram comprados a fim de salvaguardar os espaços da vida e da produção desse artista, tornando-se um “museu de recordação”.¹⁵⁶

Dentro de uma escala nacional, podemos citar os nomes de Pedro Américo. A breve história de Pedro Américo foi contada por Monteiro Lobato, dizia o autor que no ano de 1852, a cidade de Areia, na Paraíba estava em alvoroço, pois chegava por lá um grupo de homens estrangeiros chefiados pelo francês Loius Brunet, em missão científica por aquelas bandas. Logo, em contato com as boas normas de hospitalidade, fo-

¹⁵⁵ Como essa palavra explica essa nova escola?! Aprimorar essa discussão, que trata de forma rápida e direta sobre o que é o impressionismo?

¹⁵⁶ Dentre outras informações do texto, o autor fala sobre duas exposições que iriam ocorrer no Museu Granet e outra que iria ocorrer em Nice com as telas de Cezanne, oriundas de diversos museus. “A recordação de Cezanne em Aix-en-Provence” –, de Bernard Champingneulle (Copyright do Serviço Francês de informação). Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. **Jornal O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 05/11/1953

ram informados dos dotes de uma criança que possuía inclinação para as artes, Pedro Américo de Figueiredo. Com apenas nove anos foi contratado como desenhista da expedição.

Pedro Américo se tornou “o maior pintor brasileiro e o menos brasileiro dos nossos pintores”, conforme atesta Monteiro Lobato. Da sua saga inicial, depois da missão, para o colégio Pedro II, e posteriormente para a Academia de Belas Artes, mais tarde seguindo para França, onde cursou a Escola de Belas Artes de Paris, tendo vários pintores de renome como mestre, e das suas atividades na Europa. Lobato trata sobre o retorno de Pedro Américo ao Rio de Janeiro em 1864, sobre a composição do quadro e o rigor do desenho da tela mais significativa da nossa história O grito do Ipiranga, de 1888, dentre outros aspectos da produção deste pintor. De um modo geral, mesmo aquele leitor mais leigo, acaba por se informar por completo a respeito da produção artística dos pintores brasileiros através desses pequenos artigos publicados no Suplemento Literário.¹⁵⁷

Em um campo de atuação mais local, observamos um considerável espaço dentro deste Suplemento em fevereiro de 1953 tratando sobre a inauguração e o transcorrer do *II Salão de Belas Artes do Pará*. Tendo sido organizado pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Pará, em que “concorreram artistas regionais e de outros estados”, com inúmeros trabalhos no campo da pintura, escultura, arte aplicada, arte gráfica e desenho. Evento este que só foi possível graças aos “anseios desmedidos” da comissão organizadora do Salão e do interesse do Governador dr. Alexandre Zacarias de Assunção pela disseminação da cultura artística.¹⁵⁸

Dentre muitos aspectos interessantes para este momento, podemos destacar a homenagem póstuma dispensada ao pintor Romeu Mariz Filho, pelos expositores do Salão e pela comissão organizadora do mesmo. Conforme o historiador e folclorista Vicente Salles, Mariz Filho foi produto de uma época em que a vida econômica, e conseqüentemente a artística de Belém se caracterizavam pela miséria e pelo desencanto, fatores causados pela decadência da produção da Borracha¹⁵⁹, esse artista fez parte do

¹⁵⁷ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. Jornal **O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 19/07/1951.

¹⁵⁸ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. Jornal **O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 26/02/1953.

¹⁵⁹ Para uma análise do aspecto econômico e cultural do período da Borracha na Amazônia, conferir respectivamente, WEINSTEIN, Bárbara. *A Borracha na Amazônia: Expansão e decadência 1850-1920*. E SALLES, Vicente. *Música e Músicos no Grão - Pará*.

grupo de artistas e intelectuais que resolveram lutar contra esse estado de decadência, em defesa da arte e da literatura local, na verdade, em defesa de uma melhor definição no que diz respeito às discussões acerca do aspecto cultural na Amazônia, no caso Belém.

A questão de rememorar os tempos áureos da cidade de Belém foi uma das passagens marcantes do discurso do dr. Cavalcanti Filho, Secretário de Educação e Cultura do Estado, que se referiu ao fato de estarem, naquele momento, retomando e revivendo “os seus dias de glória” com a realização de um evento daquele porte nos anos cinquenta do século XX. Destaca o Teatro da Paz como um dos maiores monumentos da arquitetura sul americana, que há 43 anos recebia a última companhia lírica “Dolores Renti- ni”, em 1910. Trata-se de um discurso saudosista em que o mesmo destaca os esforços dos artistas locais e o poder público para proporcionar os grandiosos eventos que em tempos atrás foram uma constante na sociedade belenense.¹⁶⁰

Figura 2.2 – Romeu Mariz Filho em matéria sobre o II Salão de Belas Artes do Pará de 1953, em que recebeu homenagem póstuma dos expositores



O Pintor Mariz Filho

Fonte: Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. Jornal **O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 26/02/1953.

Pintores locais, de outros estados, e mesmo estrangeiros marcaram presença no SLEP, especialmente na coluna *Sons, Tons e Outras Notas*, assinada por Vicente Salles, foi o caso de Leônidas Monte - cearense, mas que há muitos anos já tinha instalado seu

¹⁶⁰ A comissão organizadora desse evento foi composta pelos artistas: Leônidas Monte (diretor); Veiga Santos; João Pinto; João Pinheiro dos Prazeres e Angelus Nascimento. Dentre tantos artistas que concorreram neste salão, contam nomes de: Antonieta Santos Feio, Annelie Tulliola, Leonidas Monte, Veiga Santos, Paolo Ricci, Mary Ann Muniz de Carvalho, entre outros.

atelier na cidade de Belém - e do pintor Andreelino Cotta. Sobre esses dois pintores a pouco citados, falaremos mais adiante na seção em que trataremos sobre a coluna Sons, Tons e Outras Notas, a qual demonstra, a partir de seus textos de divulgação cultural da cidade, a dinâmica - mesmo que bastante tímida - desse circuito cultural da arte em Belém nos anos de 1950.

Em uma escala internacional, esses artigos, geralmente são para divulgar grandes exposições na Europa, aproveitando para retomar a história ou biografia de um pintor ou artista em questão. Assim como, para divulgar a produção dos pintores de outros estados que passavam por Belém e dos pintores locais, para divulgar sua produção e torna-los mais próximos de um público cativo das artes em nesta cidade, ou mesmo, como falamos anteriormente, para aproximar aqueles leitores mais leigos da produção artística mundial e local. Uma forma do leitor do SLEP tornar-se inteirado das discussões sobre arte ao longo dos séculos e da história da arte de forma mais rápida e didática, mas sempre com a necessária densidade.

2.3. Sobre leitores e a leitura

Sem dúvida o Suplemento Literário permite o contato do público leitor com um leque de temas, os quais já foram inúmeras vezes mencionadas neste estudo, essencialmente àqueles relacionados às mais variadas ciências sociais. Como mencionamos no início deste capítulo, uma das características marcantes dos suplementos literários para os anos de 1950 seria o espaço direcionado para a apresentação dos lançamentos editoriais, comentário e críticas a livros nacionais e estrangeiros, assim como, de autores e obras em destaque. Assim, de uma forma geral, Alzira Abreu demonstra que essas seções ou rubricas poderiam variar tanto na forma regular ou permanente, assim como em sua denominação, mas em todos os suplementos dificilmente faltaria uma seção em que o público leitor tomasse conhecimento dos livros publicados em qualquer parte do mundo.¹⁶¹

Dessa forma, em 1952, o Suplemento Literário d'Estado apresentou uma breve relação de livros publicados, as mais novas edições, e os prestes a serem publicados pela renomada Livraria José Olympio Editora, localizada no Rio de Janeiro. Em suas últimas

¹⁶¹ ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50, op. cit., p. 20.

edições, encontravam-se nada menos que *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes; *Literatura Oral*, de Câmara Cascudo; *Salomé*, de Oscar Wilde.¹⁶² Sensivelmente convidativa é a nota especial sobre a edição de Dom Quixote de La Mancha publicada pela referida livraria:

A livraria José Olympio Editora dentro do alto espírito cultural que sempre animou suas grandes realizações na indústria do livro em nosso país, acaba de publicar em cinco volumes, essa obra-prima da literatura universal que é o DOM QUIXOTE DE LA MANCHA, de Miguel de Cervantes.¹⁶³

Embora este acontecimento literário fale por si mesmo, como bem esclarece o fragmento a cima, o fato é que parece ser a primeira vez que um empreendimento deste porte foi realizado no Brasil até este período. Para além de explorar a genialidade de Cervantes, o destaque é para a tradução da obra realizada por Almir Andrade e Milton Amado, da introdução feita por Brito Broca, pelo registro do estudo de Câmara Cascudo, e uma breve biografia de Gustave Doré, o ilustrador francês da obra de Cervantes. O texto tem a responsabilidade de ressaltar outras qualidades para esta edição, da contribuição de pesquisadores e escritores consagrados no Brasil, concebendo um significado especial desta publicação pela livraria e editora José Olympio.

Sobre a clássica obra de Cervantes, destaca-se que é um livro consideravelmente pouco acessível, embora de valor universal. Obstáculos estes que se dão por conta das “dificuldades da língua original”, logo, o texto busca valorizar em conjunto, todos os responsáveis diretos pelo “grande feito” da publicação da obra de Miguel de Cervantes, por fim, o texto considera ainda o fato da obra está ao alcance dos leitores brasileiros de todas as condições sociais. Porém, essa última nota deve ser vista com algumas ponderações, a partir do que conseguimos compreender sobre práticas de leitura na Amazônia. De certa forma, o jornalista Paulo Maranhão refletiu sobre o assunto, quando tratou sobre a prática dos empréstimos de livros por essas bandas.

Nesse âmbito, torna-se pertinente fazermos uma ponte com algumas considerações tratadas pelo historiador Roger Chartier em sua obra *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. Da importância do livro como objeto valioso, e por isso a necessidade de conservá-lo, e que, inclusive, marca uma diferenciação social. Diz-nos Chartier

¹⁶² Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. *Jornal O Estado do Pará*, Suplemento Literário, 04/09/1952.

¹⁶³ Idem.

que, entre os mais modestos, o livro não possuía um lugar específico para ser guardado, e que nas cidades francesas do século XVIII são raros os proprietários de livros que abrigam os mesmos em uma sala específica, ou mesmo em várias salas, objetivando a conservação e consulta, neste último caso, costume de pessoas abastadas e colecionadores, mas independente de qualquer coisa, a prática de empréstimos de livros é tão antiga quanto o próprio livro, uma vez que a prática se dá entre amigos, e do estabelecimento de relações.¹⁶⁴

Em um contexto mais local, o acadêmico e jornalista Paulo Maranhão publica o texto intitulado “Empréstimos de livros”, que trata sobre os defeitos de sua época, e muito especialmente, de sua terra, Belém do Pará, que é o da leitura por empréstimo. Nesse sentido, Maranhão destaca algumas considerações sobre o jornal, que tem um valor acessível, e que mesmo assim não escapa ao costume das pessoas em ler tudo por empréstimo, que por muitas vezes, esses empréstimos acabam por prejudicar os donos dos referidos impressos, das bibliotecas particulares que podem contar a história da violência contra os livros, uma vez que não se retoma os livros emprestados no mesmo estado de quando foram fornecidos, sendo muito comum retornarem com vincos, marca de cigarro, tinta, entre outros.¹⁶⁵

Percebemos o olhar atento do jornalista, e de alguma forma, a sensibilidade para captar o perfil do leitor paraense, além disso, observa-se a questão da leitura para o contexto dos meados do século XX na Amazônia, a partir de escritos como o de Paulo Maranhão ou mesmo pelas relações de livros publicadas no SLEP. Nesses termos, faz-se necessário tecermos algumas considerações. Não dispomos de dados sobre os níveis de alfabetização da população do Pará nas décadas de 1940 e 1950, mas os indicadores referentes aos anos de 1920 e 1960 permitem-nos uma leitura aproximada desse quadro, mesmo que devamos entender que a realidade do analfabetismo em Belém era muito possivelmente diferente da realidade dos interiores do estado.

De acordo com o Recenseamento de 1920, 66,1% da população paraense com cinco ou mais anos de idade era analfabeta, número bastante superior ao apresentado pelo Recenseamento de 1960 (47,8%), em relação ao mesmo segmento etário. Essa queda

¹⁶⁴ CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2004, p. 193-1. Chartier nos remete ao exemplo de Lyon que, mesmo sendo bem abastecida de livrarias, a prática dos empréstimos é fato, pois o livro circula a partir do estabelecimento das relações.

¹⁶⁵ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. **Jornal O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 11/02/1954.

no peso relativo de analfabetos traduz, na verdade, um movimento geral da população brasileira que, atendendo ao mesmo recorte etário, assistiu à taxa de analfabetismo cair de 71,2% em 1920 para 46,7% em 1960.¹⁶⁶

Porém, algumas breves considerações sobre o analfabetismo na Amazônia foram feitas por Edison Carneiro e necessitam serem observadas por conta de suas visitas à Belém durante os anos de 1950. Segundo o autor, somente as capitais do Amazonas e do Pará possuíam um número de alfabetizados mais significativo no ano de 1950. Belém contava com 218, 991 habitantes (de 5 ou mais anos de idade), sendo que os alfabetizados representavam 158, 690; enquanto que, Manaus contava com 118.41 habitantes, dos quais 71.093 habitantes que se declaravam alfabetizados. Nesses termos, Carneiro destaca que, tratando-se de alguns aspectos culturais, a situação não aparentava ser tão boa, pois a região toda contava com: “69 bibliotecas, 50 livrarias, 63 gráficas e editoras, 7 museus, 7 rádio-difusoras e 15 diários”.¹⁶⁷

Conforme assinalou Georgenor Franco, desde 1946, a Academia Paraense de Letras encontrava-se em constante e produtiva atividade, e apresentava o “povo” como as maiores testemunhas desse momento, posto que, as notícias sobre a academia saíam diariamente em quase todos os jornais que circulavam na capital paraense, a exemplo do próprio *O Estado do Pará*. Tanto a partir do discurso de Georgenor Franco, quanto da constância dos informes sobre a APL, nos leva a crer que, a população estaria mais “próxima” da referida instituição, por conta do acesso mais fácil a informação, no caso, os jornais. Nesse momento, esteve à frente da presidência da Academia Paraense de Letras o acadêmico Acilino de Leão (1945-1949), e que segundo Georgenor Franco, por sua dedicação e critério das suas ações, foi o responsável por alavancar a academia nesse contexto.¹⁶⁸

No mês de julho de 1948, De Campos Ribeiro, desempenhava o cargo de secretário da *Academia Paraense de Letras*, e nessa ocasião, comunicou ao Silogeu que o Suplemento Literário do *O Estado do Pará* estava à disposição da Academia, como seu órgão oficial, o que poderia ser considerado pelos acadêmicos como uma excelente notícia, principalmente, pelo fato de possuir mais um espaço dedicado às letras e as artes

¹⁶⁶ FERRARO, Alceu Ravello; KREIDLOW, Daniel. Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 29, n. 2, p. 79-200, jul.-dez. 2004.

¹⁶⁷ CARNEIRO, Edison. *A Cidade do Salvador, 1549: uma reconstituição histórica; A Conquista da Amazônia*. 2ª ed. Rio de Janeiro Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1980, p. 169.

¹⁶⁸ FRANCO, Georgenor. *Uma História para a história: pedaços da vida da Academia Paraense de Letras*. Belém: Imprensa Universitária do Pará, 1963, p. 31.

em uma capital no Norte do Brasil [cabe mencionar novamente que, a partir da segunda metade da década de 1940, estendendo-se nos anos de 1950 várias cidades vivenciaram essa proliferação dos suplementos literários, e Belém foi uma delas], mas ao que parece, o clima se tornou tenso por conta de “uma certa falta de compromisso” para com este suplemento. É o que veremos mais adiante, a partir do relato de Georgenor Franco.

Em reunião do dia 03 de outubro de 1948 com os acadêmicos da APL, foi lida uma carta de De Campos Ribeiro em plenária, tratando sobre a situação constrangedora perante o jornal *O Estado do Pará*, uma vez que o jornal não estava a receber qualquer tipo de nota sobre a APL, e muito menos as contribuições dos acadêmicos para o preenchimento das duas páginas que foram direcionadas à Academia. Na mesma carta, ainda informa que por conta da referida situação, tem tido que apelar para revistas de outras academias.¹⁶⁹

Cabe lembrar que, o formato inicial para este Suplemento Literário era o de duas páginas e a proposta era que o mesmo circulasse aos domingos no jornal *O Estado do Pará*, a exemplo da grande maioria dos suplementos literários que circulavam no Brasil, uma vez que o final de semana representa o tão esperado momento de lazer e de tranquilidade, depois da semana de trabalho. Possivelmente, por conta das tensões descritas no parágrafo anterior - no que diz respeito aos entendimentos dos acadêmicos da APL em relação ao suplemento - o mesmo acabou por apresentar-se somente em uma página nos anos de 1950. Nesse contexto, De Campos Ribeiro era secretário da academia, e também do referido periódico.

No final da década de 1940, ao que parece, observa-se uma crise momentânea ou pelo menos um momento de tensão na academia, e isso foi refletido na reunião de outubro de 1948 entre os confrades, onde o ponto em questão convergia para o “pouco interesse” dos acadêmicos pelo suplemento. Franco menciona que, depois do ocorrido, vários membros resolveram se desligar do suplemento, inclusive, o presidente a época Acilino de Leão. No entanto, na década de 1950, este mesmo suplemento apresentar-se-á de forma mais dinâmica entre as páginas d’ Estado. Não exatamente preenchendo as duas páginas colocadas à disposição do Silogeu, como lembrou De Campos Ribeiro em sua carta, mas em uma única página, que também trazia poemas, críticas, artigos de acadêmicos da APL, assim como, notícias desta instituição.

¹⁶⁹ FRANCO, Georgenor. **Uma História para a história**, op. cit., p. 32.

Os dois primeiros anos da década de 1950 seriam basicamente marcados pela ausência do suplemento no periódico em questão, mas como foi mencionado anteriormente, era constante a presença de notas literárias em meio ao jornal, e principalmente, na *Página dos Estudantes*. E assim foi anunciada a eleição que tornou De Campos Ribeiro presidente da Academia Paraense de Letras em 1951 - e onde permaneceu até 1952 - ao lado de notas sobre economia e política. Nesse interim, ao que parece, foram dados os primeiros passos para alavancar a organização do suplemento literário d' Estado, pelo menos para esse período dos anos de 1950.

Figura 2.3 – Membros da Academia Paraense de Letras em 1950



Os acadêmicos em maio de 1950, quando a Academia Paraense de Letras comemorou durante uma semana o cinquentenário de sua fundação, quando era presidente Paulo Eleutério Alvares da Silva. A foto foi tirada em 07/05/50, na ocasião das homenagens a Heliodoro de Brito. Sentados, da esquerda para a direita: Orlando Lima, Acilino de Leão, Rainero Maroja, Paulo Eleutério, Heliodoro de Brito, Manuel Lobato e Remígio Fernandez. De pé, e na mesma ordem: De Campos Ribeiro, Avertano Rocha, Azevedo Ribeiro, Murilo Menezes, Bruno de Menezes, Jacques Flores, Georgenor Franco, Wenceslau Costa, Inacio de Souza Moita, J.M. Hesketh Condurú, Abelardo Condurú e Rodrigues Pinagé.

Fonte: FRANCO, Georgenor. **Uma História para a história**, op. cit.

Dentre poemas, romances e crônicas, O Suplemento Literário do Estado do Pará também se destacou pelas constantes publicações de contos, o que foi ganhando grandes proporções ao longo dos anos de 1950, exemplo disso foi o disputado concurso de contos incentivado por este Suplemento no ano de 1954. O referido concurso foi noticiado com a seguinte chamada: “Um mil cruzeiros por um conto”, e foi patrocinado pela Re-

vista Branca (Rio de Janeiro), e teve como objetivo, selecionar os três melhores contos de autores paraenses para esse período.¹⁷⁰

Cabe salientar que, nosso propósito dentro desta seção não é o de analisar o conto em si, pois caberia a área especializada, mas sim o de acompanhar, dentro da dinâmica deste suplemento, o movimento e as articulações para o concurso de contos proporcionado através da parceria entre o Suplemento Literário d' O Estado do Pará e a Revista Branca, do Rio de Janeiro. O conto, ao que parece, foi um dos gêneros mais destacados neste suplemento, divulgando a produção especializada de autores já consagrados, assim como, incentivando os novos escritores locais.

Conforme as disposições do concurso, os contos classificados seriam traduzidos em quatro idiomas, e divulgados em todo o mundo, antes, é claro, de serem publicados no Suplemento d'O Estado, e depois na Revista Branca. Logo, o concurso se mostrava como uma oportunidade para os jovens escritores do Pará naquele momento, pois seria a ocasião de mostrar o potencial dos “escritores locais”. Além disso, a Revista Branca - fundada em 1948 - já era reconhecida como o órgão dos novos escritores do Brasil, dirigida pelo jovem contista e escritor Saldanha Coelho.¹⁷¹

Em termos gerais, este concurso, sem dúvida, movimentou um grupo de escritores paraenses, assim como, pode-se dizer que apresentou ou representou, inclusive, uma sintonia entre o Suplemento Literário do O Estado do Pará e a Revista Branca, no sentido de divulgar tanto a revista como o suplemento, bem como, o estabelecimento de laços entre ambos. A procura pelo certame, assim como os pedidos para a ampliação do prazo de encerramento foram tão grandes que, a organização do mesmo achou por certo estender o prazo final para as inscrições.¹⁷²

O concurso de contos paraenses recebeu cerca de vinte trabalhos para serem avaliados. Essa quantidade de trabalhos inscritos foi visto como motivo de satisfação pelos envolvidos na organização do evento, pela razão de serem/ou conhecerem poucos os escritores locais que se dedicavam a este gênero literário. Outras impressões podem ser

¹⁷⁰ Cabe ressaltar que este concurso foi patrocinado pela Revista Branca, do Rio de Janeiro, e incentivado por este Suplemento através de homenagem ao aniversário de fundação da referida revista. Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. Jornal **O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 25/02/1954.

¹⁷¹ O julgamento e classificação dos contos teria lugar na cidade do Rio de Janeiro, e seria composta por escritores e críticos nomeados pela direção da Revista Branca. Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. Jornal **O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 05/03/1954.

conferidas ao longo das matérias e informes sobre este certame que, passaram a ocupar boa parte da página dedicada ao Suplemento Literário do O Estado do Pará, inclusive, a causa do entusiasmo e do interesse dos escritores em participar de um concurso direcionado para um grupo tão seletivo.¹⁷³

Dessa forma, na matéria sobre o concurso do dia primeiro de abril de 1954, intitulada “Um conto paraense para o mundo”, foi ressaltado o entusiasmo dos escritores da terra em inscrever-se no certame, partindo de uma interpretação (por parte dos organizadores ou por aquele (s) responsável pela matéria) em que se percebia esse momento como uma oportunidade de sair e/ou expandir-se para os grandes centros culturais. Mais uma vez, retornamos as discussões entre os centros culturais secundários para este período, como se observa a cidade de Belém, mesmo com todo o seu potencial incontestável, para as letras.

Os informes sobre as etapas deste concurso eram constantes no suplemento, e da mesma forma a divulgação pela imprensa era feita no Rio de Janeiro, através da Revista Branca. Na própria matéria que trazia o nome dos contistas classificados no concurso estava registrada a ansiedade que os leitores do SLEP aguardavam os nomes dos vencedores, que foram apenas dois: Lucinerges Couto e Claudio de Sousa Barradas, que eram ainda desconhecidos pelo público paraense. Os dois escritores foram julgados pela “crítica mais autorizada do país”: Valdemar Cavalcanti (crítico literário de O Jornal); Raul Lima (crítico literário do Diário de Notícias) e Prudente de Moraes Neto (crítico e diretor do Suplemento Literário do Diário Carioca).¹⁷⁴

Como observamos anteriormente, muitos concursos literários movimentavam revistas e jornais nos anos de 1950, inclusive, em Belém do Pará. A Revista da Academia Paraense de Letras do ano de 1955, por exemplo, trouxe várias notas sobre os concursos de contos, romances, ensaios, críticas, entre outros, ocorridos na APL nos anos de 1954 e 1955. Assim, Os Suplementos Literários e as revistas, além de divulgar os periódicos e sua produção, também tinham a função de projetar “os novos” para outros

¹⁷³ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. Jornal **O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 04/04/1954.

¹⁷⁴ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. Jornal **O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 06/08/1954.

centros culturais e para o mundo, mas primeiramente, fazê-los conhecidos ou mesmo se firmarem perante os seus pares.¹⁷⁵

De qualquer forma, manter um suplemento literário parece estar ligado a uma questão de status, e do controle desses espaços dedicados à produção cultural e intelectual de determinada região, eixo ou estado. Mesmo com o pequeno espaço dedicado à produção cultural e intelectual do Pará, o Suplemento Literário do jornal O Estado do Pará foi constantemente incentivado, a exemplo do planejamento para uma edição especial do jornal, em que seriam inseridas no jornal, inúmeras matérias de cunho literário. No que diz respeito aos anos de 1950, Affonso Justo Chermont¹⁷⁶ ainda era o *Diretor-Proprietário*, e Temístocles Santana Marques¹⁷⁷ o Redator-Chefe do referido periódico.

O jornal *O Estado do Pará* representou um veículo de apoio ao Governo de Magalhães Barata. Uma mostra dessa inclinação pode ser observada desde os embates para o estabelecimento do Estado Novo no Pará, em que Barata - homem de confiança no Pará de Getúlio Vargas - publicou um manifesto direcionado aos seus amigos e correligionários com palavras que buscavam tranquilizar os mesmos com relação aos últimos acontecimentos políticos que se passavam no Rio de Janeiro.¹⁷⁸ Assim, é necessário atentar que esses homens das letras não estavam imunes ao cenário político da época. Cabe ressaltar que, até o final da década de 1950 a Academia Paraense de Letras não tinha sede própria, e foi por empenho do Governador Magalhães Barata que os acadêmicos obtiveram a sua “casa própria”.¹⁷⁹

¹⁷⁵ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (ACPF). **Revista da Academia Paraense de Letras**, ago. 1955, v. VII.

¹⁷⁶ Foi um jornalista paraense nascido em 1899, tendo sido proprietário e diretor do periódico paraense O Estado do Pará, o qual começou a circular em Belém no ano de 1911. Nesse período, foi contrário à política do intendente Antônio Lemos, colaborando a derrocada lealista em 1912. Anos mais tarde, apoiou a Revolução de 1930. Cf.: ROCQUE, Carlos. **Grande Enciclopédia da Amazônia**, v. 2. Belém: Amel, 1967, p. 493.

¹⁷⁷ Foi jornalista e membro da Academia Paraense de Letras (eleito em 1951). Militou no jornal O Estado do Pará, em que atuou como repórter, redator, secretário de redação e diretor. Colaborou na campanha pela Revolução de 1930, no Pará. Também foi cronista, ensaísta e crítico. Cf. ROCQUE, Carlos. **Grande Enciclopédia da Amazônia**, v. 6. Belém: Amel, 1967, p. 1543.

¹⁷⁸ ROCQUE, Carlos. **Magalhães Barata: o homem, a lenda, o político**. Belém: SECULT, 1999, p. 375-6.

¹⁷⁹ Após a Revolução de 1930, o Major Magalhães Barata é indicado por Getúlio Vargas e assume o governo do estado do Pará como interventor, obtendo apoio popular por ter pulso forte e praticar assistencialismo aos mais pobres, por isso foi considerado o “líder das massas populares”. Barata retorna à intervenção em 1943, permanecendo até 1945, e posteriormente, de 1956 a 1959. Cf. RITZMANN, Iracy; ALMEIDA, Conceição. **“O Pilão Fardado”**: histórias do Baratismo (Pará 1930-1935). In: FONTES, Edilza (Coord.). **Contado a história do Pará**, v. 2: os conflitos e os grandes projetos na Amazônia contemporânea (Séc. XX). Belém: e-Motion, 2002, p.27-44. <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joaquim-de-magalhaes-cardoso-barata> Acesso em: 06/11/2018.

Ao longo dos anos, várias tentativas para a aquisição da sede própria para APL foram realizadas antes da entrega das chaves definitivas por Magalhães Barata. Um auxílio mensal era recebido desde 1943, por disposição do próprio interventor. Dessa forma, muito comuns foram as reuniões desses homens das letras com as autoridades para que estas realizasse o sonho da sede própria. Em 1954, como nos conta Georgenor Franco, a diretoria da APL solicitou às autoridades competentes auxílio financeiro para manter a instituição, e foram recebidos pelo governador na época Zacarias de Assumpção. Dessa reunião, resultou posteriormente no auxílio de cem mil cruzeiros investido na compra de móveis e utensílios para a sede provisória.¹⁸⁰

Ainda em 1956, no mesmo ano em que retornou à política paraense, Magalhães Barata se comprometeu a olhar com carinho para o caso da Academia Paraense de Letras e assim cumpriu a sua promessa antes do final do seu último mandato. Desse modo, no dia 29 de maio de 1958, o então governador Magalhaes Barata entregou as chaves do prédio ao historiador Ernesto Cruz.¹⁸¹ Como podemos observar até aqui, a figura política de Magalhães Barata parece intimamente ligada à vida cultural de Belém e do Estado do Pará que, embora tenha feito sua jogada política com os acadêmicos em troca de apoio, cumpriu sua palavra, ao conceder-lhes sua sede própria.

¹⁸⁰ FRANCO, Georgenor. **Uma História para a história**, op. cit., 1963.

¹⁸¹ Historiador paraense nascido em 20/11/1898. Exerceu função de redator dos jornais “O País”, “República” e “Estado do Pará”. Foi membro da Academia Paraense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Publicou aproximadamente 21 livros e a ele foi concedido o título de “Historiador da Cidade” pela Câmara Municipal de Belém. ROCQUE, Carlos. Grande Enciclopédia da Amazônia, v. 2. Belém: Amel, 1967, p. 570.

Figura 2.4 – Entrega das chaves do prédio da APL pelo governador Magalhães Barata em 29 de maio de 1958



Fonte: FRANCO, Georgenor. **Uma História para a história**, op. cit.

Além disso, ao que tudo indica estes homens das letras sempre estabeleceram uma relação cordial com a figura de Magalhães Barata, independente de concordarem ou não com a sua política. Em seu segundo mandato no Pará, o nome deste interventor foi mencionado em situação delicada na eleição de abril de 1944, na Academia Paraense de Letras, como acompanharemos a seguir.

Conforme Georgenor Franco, na abertura da sessão de 04 de abril de 1944, o presidente Azevedo Ribeiro compartilhou entre os acadêmicos uma declaração de Magalhães Barata dizendo que tão somente desejava que as cadeiras vagas da APL fossem preenchidas por nomes que estivessem à altura das tradições da referida associação. Porém, surgiram comentários de que Barata estava interessado na eleição do sr. Paulo de Oliveira, pessoa ligada à política baratista, sendo seu concorrente o sr. Wenceslau Costa, contrário ao baratismo. Depois de muitas confusões e discussões, Paulo Oliveira foi eleito para a Academia Paraense de Letras.¹⁸²

¹⁸² FRANCO, Georgenor. **Uma História para a história**, op. cit., p. 24-5.

Cabe lembrarmos para este momento que, durante os anos de 1950, no que diz respeito à produção do Suplemento d'Estado, o jornalista Temistocles Santana Marques aparece ocupando o cargo de redator-chefe do jornal O Estado do Pará, jornal que, aparentemente, apoiava o governo de Magalhaes Barata. Dessa forma, podemos pensar a proximidade deste jornal com a APL, pois nesse período Santana Marques foi eleito para o Silogeu, no dia 11 de março de 1951, tomando posse no dia 06 de janeiro de 1952. Porém, a página dos estudantes de fevereiro de 1951 apresenta os cumprimentos ao novo acadêmico e reforça que se trata de um dos maiores jornalistas da Amazônia e de uma das inteligências mais brilhantes no Pará.

Sem dúvida, Santana Marques estabeleceu um papel mediador entre a Academia Paraense de Letras, o jornal, e o meio político. Conta-nos Carlos Rocque que, Santana Marques trabalhou por muitos anos no Jornal *O Estado do Pará*, mais especificadamente por duas décadas, em que desempenhou diversas atividades, entre elas: repórter, redator, secretário de redação e diretor. Nos anos de 1950, seu nome apareceu como Redator-Chefe deste jornal, abaixo do Diretor-Proprietário Affonso Justo Chermont.¹⁸³ Neste caso, torna-se necessário observar sobre a relação de Justo Chermont - que também foi político de prestígio no Pará -, com os homens das letras, e estes ligados a APL, além disso, a ligação de Santana Marques com a política local, especialmente, a figura de Magalhães Barata, em outras palavras, observamos a relação da cultura local com o representante do Estado.

Pode-se afirmar que Justo Chermont fosse um incentivador das letras e da intelectualidade local, pois abriu espaço para os intelectuais em seu jornal. Basta atentarmos para as notícias do jornal do dia 01 de abril de 1951, domingo, dia de maior acesso e circulação aos impressos, em que o mesmo trás consigo uma nota sugerindo uma edição especial de aniversário do jornal, com maior número de páginas e uma especial colaboração literária especializada.

¹⁸³ Foi um jornalista e político paraense, diretor do jornal O Estado do Pará. Conforme Carlos Rocque, Affonso Justo Chermont foi político de prestígio no Pará, ex-Governador e ex-Ministro de Relações Exteriores, combatendo Antônio Lemos e apoiando Lauro Sodré em uma fase conturbada da política paraense. Em 1930, foi o porta-voz dos revolucionários e passou a apoiar a política de Magalhães Barata, permanecendo nessa linha até a morte do major. **Grande Enciclopédia da Amazônia**, v. 3. Belém: Amel, 1967, p. 651-2.

Figura 2.5 – O jornalista Santana Marques ao lado do governador do Pará, Magalhães Barata



Fonte: ROCQUE, Carlos. **Magalhães Barata**, op. cit.

Como podemos perceber, houve uma ligação bastante direta entre a intelectualidade local, representada principalmente na figura daqueles que constituem a Academia Paraense de Letras e o poder político local, especialmente, a figura de Magalhães Barata. Mesmo levando em consideração os intelectuais antibarata, no âmbito da APL, seria oportuno lembrar que, esse grupo conquistou o que há de mais simbólico para uma instituição de cultura, que foi a sua sede própria (fruto de longa negociação com a política local), o que exemplifica uma entre “as marcas de distinção” que demarca a posição de um grupo na estrutura social como tratou Pierre Bourdieu.¹⁸⁴

Em outro momento desta tese, mencionamos o como era habitual que alguns nomes que se faziam presente dentro do suplemento d’ O Estado nos anos de 1950, tivessem assinado anteriormente no suplemento de outro importante jornal, no Pará, podemos citar a *Folha do Norte*, por exemplo. Destacamos anteriormente como exemplo dessa circulação, Mário Faustino que, na década de 1940, e juntamente com Benedito Nunes, direcionou o suplemento “Arte-Literatura” da *Folha do Norte*, assim como, podemos mencionar, também, Georgenor Franco que foi por muitos anos redator da *Folha do Norte*. Os jovens escritores Mário Faustino, Benedito Nunes e Max Martins publicavam, em pequenas participações, no Suplemento Literário d’ O Estado do Pará nos anos de 1950, com suas crônicas, poemas e contos.

¹⁸⁴ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 14.

Cabe repisar também, o papel de intelectuais que mesmo ao deixarem os seus estados de origem, continuaram a colaborar com os jornais locais, como ocorreu com Eneida de Moraes e Vicente Salles. O caso de Vicente Salles como jovem colaborador deste suplemento é de considerável proporção, na medida em que podemos acompanhar a evolução da participação do folclorista e pesquisador paraense. Nos anos de 1951 e 1952, verificamos a publicação de alguns poemas como: “Noturno”; “Torturas do pensamento”; “Soneto da Ausência”; “Um casamento burguês”. Posteriormente, Salles vai tomando espaço na página do suplemento com matérias maiores, dentre elas, sobre o modernismo de Mário de Andrade.

Ao que parece, antes da coluna *Sons, tons e outras notas* tomar forma, Salles assinou um pequeno quadro cultural no SLEP chamado “Panorama Artístico”, assinando com o seu pseudônimo Juarimbú Tabajara. Neste pequeno quadro, ele situava os leitores sobre os acontecimentos culturais na cidade de Belém, a exemplo da passagem do tenor espanhol Pepe Mujica pela capital paraense no ano de 1952. Trata-se do acompanhamento da excursão artística do tenor pela América Latina, quando de sua passagem por Belém, seguindo posteriormente para o Uruguai e Buenos Aires. Desse modo, Salles expõe seu lado crítico e salienta “Uma voz desse quilate poucas vezes se tem apresentado em Belém, depois do período áureo assinalado pela vinda das grandes companhias líricas italianas”.¹⁸⁵

Pepe Mujica possuía grandes amizades no meio musical de Belém, dentre as quais se destacavam os *Irmãos Nobre*, como eram conhecidos os irmãos Helena e Ulysses Nobre, pertencentes a uma tradicional família de músicos paraenses. O referido quadro musical assinado por Salles nos permite observar a dimensão da notoriedade desses músicos para a região Norte do Brasil, e para a capital do Pará nos de 1950, e logo destaca os passos iniciais dos músicos em Belém no início do século XX, quando eram ainda adolescentes. Porém, não seria somente uma simples recuperação da lembrança de quando eram adolescentes, ou do reconhecimento da dupla, que Salles queria alcançar, mas sim comparar as grandes apresentações daquele momento, com a as ga-

¹⁸⁵ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. Jornal **O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 21/08/1952. Somado a isso, temos uma ideia dos círculos de amizade e contatos dos artistas que aportavam na capital do Pará nos anos de 1950. No caso de Pepe Mujica, os Irmãos Nobre, como eram conhecidos os irmãos musicistas Helena e Ulysses Nobre, oriundos de uma família tradicional de músicos paraenses. Cf. SALLES, Vicente. **Música e Músicos do Pará**. 3ª ed. Belém: Fundação Cultural do Pará, 2016.

lantes festas do passado, possíveis de serem compreendidas através das crônicas sociais, inclusive.¹⁸⁶

Após tratarmos sobre algumas contribuições no corpo do Suplemento Literário, a exemplo do meio musical em Belém, Salles apresenta, em outro momento, dentro de seu panorama artístico o Pintor Leônidas Monte, a partir da abordagem de sua mais nova exposição na galeria de pinturas da *Casa Loureiro*, como parte das comemorações da semana da pátria na cidade de Belém. Na verdade, tratou-se de um Salão Artístico realizado para receber trabalhos de pintores paraenses, em que a inauguração coube ao professor Leônidas Monte, assim como, a apresentação de suas obras. Além de tratar sobre a produção de Monte, Salles destaca a representatividade do referido pintor para a produção artística na Amazônia; da organização do salão artístico; sobre as características desse pintor em suas obras, em que capta a paisagem amazônica; e finalmente, de como puxa para si o papel das artes plásticas do Pará.¹⁸⁷

As primeiras edições de novembro de 1954 do SLEP foram dedicadas quase que exclusivamente a Roquette Pinto e Oswald Andrade, duas grandes personalidades da cultura brasileira, que faleceram em dias muito próximos no mês de outubro. Em um texto geral, o Suplemento tratou sobre a importância desses dois homens no cenário cultural, sendo Roquette Pinto um dos maiores representantes da ciência antropológica nacional, e o poeta e escritor Oswald de Andrade, sendo o mais contraditório e também uma das mais importantes figuras do movimento modernista. Sobre que assinou o pequeno texto geral, não temos informações, mas o mesmo faz questão de frisar que, falar detalhadamente sobre ambos é tarefa que não cabe somente em uma edição ou mesmo em uma única página, mas que será apresentada aos seus leitores essa homenagem.

Assim, o jovem correspondente do Jornal *O Estado do Pará*, Vicente Salles, foi um dos responsáveis por contribuir com as homenagens deste suplemento. Com seu tex-

¹⁸⁶ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. Jornal **O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 11/06/1953. Com um teor mais crítico, Vicente Salles salienta que, embora a história musical do Brasil tenha sido representada por bons instrumentistas, existia uma carência de grandes vocalistas, e que na verdade, o Continente Americano seria pobre neste ramo artístico, por não possuir uma longa tradição. Entretanto ressalta que Belém ao lado do Rio de Janeiro gozava de autonomia artística e por isso teve o privilégio de ver nascer e desenvolver duas grandes vozes com as dos Irmãos Nobre, na região Norte do País, que acabaram por ficar isolados, presos à terra natal, por conta do acanhamento do meio e de circunstâncias adversas. O que Salles quis dizer foi que estas duas vozes nascidas em Belém poderiam conquistar qualquer plateia do mundo, não só a plateia de seus conterrâneos, por quem eram reconhecidos e apreciados, mas que esse potencial acabou não alcançando outros espaços possíveis.

¹⁸⁷ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. Jornal **O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 11/09/1952.

to informativo, exclusivo para o referido suplemento, Salles trata das circunstâncias da morte dos intelectuais citados no parágrafo anterior, no caso de Roquette Pinto, faz um breve apanhado sobre a trajetória intelectual do mesmo, de sua produção como estudioso da etnologia brasileira, da sua formação em medicina, e de como dedicou uma vida à ciência e a divulgação do saber. Da mesma forma, Salles apresentou um texto exclusivo para este suplemento, em virtude das comemorações pelo 10º aniversário de morte de Mario de Andrade, como veremos mais adiante.

Dessa forma, no suplemento literário d' *O Estado* do ano de 1955, muitas homenagens foram direcionadas a Mário de Andrade pela ocasião da sua morte, através de discussões sobre sua produção, ou sobre sua importância como musicólogo. Nesses termos, pode-se salientar a matéria do suplemento do dia 31 de março de 1955 intitulada: “Mario de Andrade: artista e musicólogo”, assinado por Vicente Salles. Ali, Salles destaca o mérito de um escritor como Mário de Andrade ter unido suas atividades de homem das letras com a de homem das artes, de sua dedicação às pesquisas folclóricas, e da sistematização da história das tradições musicais brasileiras. Salles desenvolve alguns pontos-chave da vida de Mário de Andrade, mesmo que diga isso em poucas linhas, mas não menos de forma intensa. Assim, Vicente Salles evidencia que, Mário foi predestinado a representar o papel de condutor da cultura no Brasil, tendo em si “uma força natural, instintiva, imponderável”.

O caso acima é ilustrativo não apenas na circulação, mas dos muitos circuitos de sociabilidade pelos quais os grupos de intelectuais que contribuía com o Suplemento do *O Estado do Pará* transitavam, uma vez que, Salles chegou em 1954 ao Rio de Janeiro para fixar residência, tendo sido a partir daí introduzido em alguns ambientes literários por Eneida de Moraes. Essas “estruturas de sociabilidade”, como bem entende Jean-François Sirinelli, embora não sejam fáceis de assimilar, são aspectos que o historiador da intelectualidade não pode deixar de analisar, uma vez que os grupos de intelectuais organizam-se em função de um objetivo comum, e de uma sensibilidade ideológica ou cultural compartilhada, como se acredita que seja o caso em voga.¹⁸⁸

Retomemos o ano de 1926, quando Eneida de Moraes passa a colaborar com a Revista *Belém Nova* dirigida pelo poeta paraense Bruno de Menezes, assim como, na Revista *A Semana*, e a partir dessas experiências e a partir da convivência nos círculos

¹⁸⁸ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003 p. 248-9.

intelectuais de Belém, ela passa a escrever para *O Estado do Pará*, que já era dirigido por Affonso Justo Chermot. Eneida parte de Belém e chega ao Rio de Janeiro na década de 1930, onde em pouco tempo entrou em contato com as leituras sobre filosofia marxista. Os anos iniciais no Rio de Janeiro foram marcados pela assiduidade nos círculos literários, estudando a filosofia marxista, e se preparando para ingressar no Partido Comunista Brasileiro.¹⁸⁹

Observamos que, nos anos de 1950, Eneida não colaborou tanto com o referido Suplemento Literário, por outro lado, notamos sua intensa relação com a intelectualidade local, especialmente aqueles que atuavam junto à Academia Paraense de Letras. No SLEP, apreciamos a transcrição que foi publicada no Suplemento Literário do jornal Diário de Notícias no Rio de Janeiro, e curiosamente sobre Vicente Salles que há pouco tempo tinha chegado ao Rio de Janeiro, tratava-se de apresentar aos leitores um jovem escritor, com pouca vivência, talvez, mas como disse Eneida: “...encontrará o leitor, como encontrei eu, uma página de grande beleza como são as páginas das vidas de todos os homens que tem um ideal e por ele lutam”.¹⁹⁰

Assim como Vicente Salles e outros escritores, no Suplemento Literário d’ Estado do Pará de 31 de março de 1955, Eneida de Moraes publicou uma “reportagem literária” sobre um encontro de intelectuais no Rio de Janeiro, com o fim de discutir uma das mais conhecidas obras de Mário de Andrade: *Macunaíma*. Na verdade, o evento fazia parte de homenagens rendidas a Mário, por ocasião dos dez anos da sua morte, em 1945, em que o prefeito de São Paulo, na época, William Sallem, convidou um grupo de intelectuais para participar da programação, dentre eles, a própria escritora Eneida de Moraes.

Do referido encontro citado acima, rendeu a Eneida duas grandes reportagens, focaremos na primeira que diz respeito a conferência de M. Cavalcanti Proença (Coronel do Exército, e professor de Português no Colégio Militar) realizada na biblioteca municipal de São Paulo sobre o “Roteiro de *Macunaíma*”, em que vai destacando do decorrer da reportagem os principais trechos da concorrida palestra, principalmente, quando Cavalcanti trata sobre os julgamentos que fazem a respeito da obra. Conforme os trechos apresentados por Eneida, Cavalcanti dizia que: “*Macunaíma* não se entrega à pri-

¹⁸⁹ SANTOS, Eunice Ferreira. Eneida de Moraes: Militância e Memória. **Em Tese**. Belo Horizonte, v. 9, p. 99-106, dez. 2005.

¹⁹⁰ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. **Jornal O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 23/09/1954.

meira leitura e o julgamento se torna difícil. Para os que lêem sem mastigar, a sentença tem variantes”.

Muito foi noticiado no ano de 1956 a presença de Eneida em Belém do Pará. Sempre participando dos encontros com intelectuais da terra, principalmente, aqueles ligados à Academia Paraense de Letras. Inclusive, nos anos de 1950, esta consagrada escritora participava junto com os mesmos das reuniões que debatiam assuntos referentes à publicação de um jornal de letras no Pará. Em uma dessas reuniões, Eneida e outros dois cronistas brasileiros foram convidados a participar do encontro desses escritores, que tinham como objetivo fazer com esses cronistas entrassem em “contato com os novos valores de nossa terra, e sentir de perto o movimento de renovação que se opera no Pará”.¹⁹¹

O acadêmico Georgenor Franco recorda que, em 1958, através de carta, Eneida convocou os acadêmicos a solicitarem ao governador Magalhães Barata passagens aéreas e hospedagem para um grupo de escritores. Assim, o encontro de escritores em Belém foi realizado nesse mesmo ano, após o acerto com o governador que lhes garantiu as passagens, e a hospedagem dos escritores no Paleete Governamental (p.64). O período sobre qual estamos nos referindo, foi o último período de governo de Magalhães Barata (1956-1959), e independentemente do posicionamento político dos intelectuais ligados a APL com relação à Barata, foi ele quem realizou o sonho da sede própria para o referido Silogeu, além disso, estes intelectuais viram na figura deste governador um bom estimulador da cultura e da educação.

No dia 15 de outubro, a Academia Paraense de Letras organizou uma sessão especial em homenagem aos escritores que vieram a Belém. Entre eles, Jorge Amado, velho conhecido dos intelectuais nortistas, e a escritora paraense Eneida de Moraes. Nessa programação, alguns escritores foram levados a presença do governador do estado, em que o mesmo recordou de Jorge Amado como deputado comunista. Eneida ficou responsável por uma aula especial no curso de literatura na APL: “A história da Crônica Brasileira”. Curiosamente, tratava-se de dois intelectuais que foram constantemente perseguidos pelo Estado-Novo, e ali estavam tratando com o homem de confiança de Getúlio Vargas no Norte Brasil, nos idos de 1950.

¹⁹¹ Academia Paraense de Letras (APL). Pastas dos Acadêmicos: Georgenor Franco (Pai). Artigos de Jornais (1950-1957)

2.4. A coluna *Sons, tons e outras notas* do Suplemento Literário d'O Estado do Pará

Observamos que o suplemento em questão dedicou um bom espaço aos autores estrangeiros e grandes nomes da literatura e da história nacional. Além disso, percebe-se certa intensidade na apresentação de notícias sobre a produção cultural local, como no apontamento de divulgação do Salão de Belas Artes de 1953, ocorrido em Belém. Grande parte do espaço daquele suplemento foi ocupada com a matéria intitulada “II Salão de Belas Artes do Pará de 1953”. No contexto da realização da referida exposição, constata-se o apoio do governo local e da presença de artistas regionais e de outros estados, destacando que, o Pará, ao proporcionar acontecimentos desse tipo, estaria voltando aos “tempos áureos” da cultura e das temporadas lírica que ocorriam no Teatro da Paz, rememorando os tempos áureos da borracha, que incentivaram a cultura, na capital da Amazônia.

Muitos nomes habituais que se faziam presente dentro do suplemento d' O Estado nos anos de 1950, tivessem assinado anteriormente no suplemento de outro importante jornal paraense, como a *Folha do Norte*. Citamos anteriormente dois jovens como exemplo dessa circulação, Mário Faustino¹⁹², que na década de 1940, em conjunto com Benedito Nunes¹⁹³, direcionou o suplemento “Arte Literatura” da *Folha do Norte*, assim como, podemos mencionar, também, Georgenor Franco que foi por muitos anos redator de um dos jornais mais importantes do Pará: *Folha do Norte*.

Nesse sentido, cabe repisar o papel de intelectuais que mesmo ao deixarem os seus estados de origem, continuaram a colaborar com os jornais locais, como ocorreu com Eneida de Moraes, e com Vicente Salles. Assim, o jovem Vicente Salles que já circulava entre a intelectualidade local, assinou nos anos iniciais de 1950 a coluna intitulada *Sons, Tons e Outras Notas*, dentro do Suplemento Literário d' Estado. Com uma pegada mais regionalista, noticiava sobre movimento artístico da capital paraense em rela-

¹⁹² Poeta nascido em Terezina no ano de 1930 e radicado no Pará. Ingressou muito jovem no jornalismo paraense, aos 16 anos foi secretário da *Folha do Norte*, posteriormente, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde manteve uma página intitulada *Crítica e Poesia* no Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*. ROCQUE, Carlos. **Grande Enciclopédia da Amazônia**, v. 3. Belém: Amel, 1967, p. 694.

¹⁹³ Intelectual paraense nascido em 1929 com formação na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Pará, realizando cursos de extensão no Collège de France e na Sorbonne. Foi crítico de arte e literário, ensaísta e professor de Psicologia e Estética da Escola de Teatro na UFPa. Colaborou intensamente na imprensa paraense, assim como, no Suplemento Literário do Estado de São Paulo. ROCQUE, Carlos. **Grande Enciclopédia da Amazônia**, v. 4. Belém: Amel, 1967, p. 1214.

ção à música popular e erudita, às exposições de obras de arte, às biografias de artistas, ou seja, sobre toda a movimentação artística e cultural do Estado, da cidade e da Região.¹⁹⁴

Conforme atestou Alzira Abreu, ao longo dos anos de 1950, a imprensa diária sofreu uma reestruturação, onde muitos jornais acabaram por reduzir os seus cadernos especiais, enquanto outros ampliavam seu espaço.¹⁹⁵ Nesse contexto, a coluna *Sons, Tons e Outras Notas* pareceu surgir em meio ao referido suplemento, no sentido de manter seus leitores informados a respeito da dinâmica cultural da cidade de Belém, mesmo que por pouco tempo, pois ao que observamos, a coluna funcionaria por apenas dois meses ao longo do ano de 1953, mesmo assim, antes do possível surgimento da referida coluna, as notas sobre os eventos culturais se apresentavam no corpo do suplemento, ou em outras partes do jornal.

Cabe lembrarmos que o *Suplemento Literário d'Estado do Pará* não circulava aos finais de semana, quando se tem uma maior procura pelos jornais, e sim às quintas-feiras. Embora, a proposta inicial para esses anos de 1950 fosse que este referido suplemento circulasse aos domingos, como bem podemos observar nas notas da Revista da Academia Paraense de Letras.¹⁹⁶

Os informes culturais poderiam ser apresentados de forma breve (em poucas linhas), ou em forma de textos que não deixava de contemplar uma biografia do artista. Dessa maneira, a coluna nos informa sobre a passagem dos consagrados artistas paraenses Mara e Waldemar Henrique em Belém, informando que, em breve, os músicos iriam representar o Brasil em um festival de música popular latino-americana em Miami. Há também notícias sobre o pintor japonês Tadashi Kaminagai que, nesse período, estava em Belém patrocinado pelo crítico de arte Frederico Barata, para captar aspectos da paisagem da região amazônica, assim como, de uma possível exposição de seus quadros ao público paraense. Trata-se de um breve registro da passagem deste pintor pelas bandas do Norte do Brasil, que foi se repetindo ao longo das publicações da aludida coluna.¹⁹⁷

¹⁹⁴ Nota para falar quando possivelmente surgiu a coluna ou quando Vicente Salles começou a assiná-la.

¹⁹⁵ ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50, op. cit., p. 20.

¹⁹⁶ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (APGFF). Revista da Academia Paraense de Letras (RAPL), mai. 1950.

¹⁹⁷ Suplemento Literário do O Estado do Pará, 16/04/1953. Para outros aspectos mais acurados sobre a temporada de Tadashi Kaminagai na cidade de Belém, Cf.: MEIRA, Maria Angélica. **A arte do fazer**: o artista Ruy Meira e as artes plásticas no Pará de 1940 a 1980. Dissertação (Mestrado em História Con-

Os pintores paraenses, de outros estados, ou mesmo estrangeiros que estavam de passagem pela cidade de Belém tiveram um lugar privilegiado no espaço do Suplemento Literário, mas principalmente entre os informes desta coluna. Nos meses de abril e maio de 1953 (período de atuação da coluna) foram publicadas notícias sobre as etapas da passagem de Tadashi Kaminagai por Belém, desde a sua chegada a esta cidade, em 1953, da produção deste artista, até a organização da exposição de suas telas na capital do Pará. Assim, no dia 21 de maio de 1953, é anunciada a inauguração da exposição deste pintor no salão nobre da Assembleia Paraense, local de constantes exposições que atraía um público constante e cativo.

Mesmo antes da coluna *Sons, Tons e Outras Notas* tomar corpo nos anos de 1950 neste suplemento, muitas notas sobre pintores consagrados faziam parte deste periódico. Em setembro de 1952, por exemplo, o SLEP apresentou uma matéria especial sobre o pintor Leônidas Monte, tratando sobre a produção deste artista, e de sua representatividade para a arte amazônica, informando, inclusive, sobre a exposição do referido pintor, tendo sido inaugurada como parte dos festejos pelo dia 07 de setembro, na galeria de pinturas da Casa Loureiro. Além disso, por iniciativa da firma Penna & Alves proprietária da Galeria Loureiro, foi organizado um salão artístico onde foram expostos os trabalhos de vários pintores, inclusive o de Leônidas Monte.¹⁹⁸

De acordo com Maria Angélica Meira, muitos artistas se destacaram no campo artístico paraense entre as décadas de 1930 a 1940, e dessa forma, os mesmos acabaram por influenciar futuras gerações, tendo sido este o caso de artistas como Leônidas Monte e Arthur Frazão.¹⁹⁹ Conforme os escritos de Salles para o referido Suplemento Literário, Monte foi considerado um dos “maiores representantes da escola amazônica”, em que “puxa para si um papel de destaque nas artes plásticas do Pará”, por sua personalidade, sua técnica e das paisagens características da região. Na imagem que segue, podemos observar o pintor ao lado de algumas de suas telas em exposição, provavelmente na galeria da Casa Loureiro, espaço que reunia, constantemente, inúmeras exposições para o público paraense apreciador das artes.

temporânea do Brasil) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2008, p. 95-7.

¹⁹⁸ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. Jornal **O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 11/09/1952.

¹⁹⁹ MEIRA, Maria Angélica. **A arte do fazer**, op. cit., p. 35-6.

Figura 2.6 – Panorama geral da página dedicada ao Suplemento Literário de O Estado do Pará (11/09/1952)



Fonte: Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. Jornal O Estado do Pará, Suplemento Literário, 11/09/1952.

Partindo da vista de uma imagem panorâmica da página dedicada ao suplemento literário, podemos observar que a matéria sobre o pintor Leônidas Montes, publicado em 1952, ainda não faz parte da coluna específica de Vicente Salles. Ao lado da matéria sobre a exposição de Leônidas Monte, encontra-se publicado um artigo sobre o sucesso exposição das obras de Claude Monet em Paris, na tradicional galeria Wildenstein. Além de trazer notícias da exposição, o autor do texto apresenta traços da carreira do célebre pintor francês.

Constantes informes sobre a produção e circulação de Leônidas Monte foram mencionados ao longo da publicação do referido Suplemento Literário, e mesmo quando do surgimento da coluna assinada por Vicente Salles (Juarimbu Tabajara). Em fevereiro de 1959, um breve texto informativo circulou no jornal O Estado do Pará, tratando sobre mais uma das exposições de Monte, do convite que recebeu para expor na Galeria

Faubourg, em Paris, e do financiamento do estado, recebido através de um projeto de lei para a referida exposição.²⁰⁰

Ao que parece, a Galeria Loureiro foi um dos mais intensos pontos de encontros desses artistas, e dos apreciadores das artes na capital do Pará, assim como, de críticos nos anos iniciais de 1950. Localizada à Rua Manoel Barata, informes e notícias sobre a produção, exposições e mostras dos mesmos traziam sempre a figura da galeria como local das grandes reuniões de artistas com os mesmos propósitos. Nomes como os de Tadashi Kaminagai, Ângelus Nascimento, Andreino Cotta e Leônidas Monte foram uma constante nas páginas do jornal *O Estado do Pará*, do suplemento literário, ou mesmo da coluna *Sons, Tons e Outras Notas*.

Em setembro de 1951, o folclorista e poeta Bruno de Menezes assinou um breve texto que tratou sobre a exposição de pintura de Andreino Cotta - artista paraense - em um dos principais salões da Casa Loureiro, a qual ficava situada à Rua Manoel Barata, no centro de Belém. Esta exposição foi organizada dentro de uma programação pela semana da Pátria, constituída, essencialmente, por motivos amazônicos. Menezes diz existir nos quadros de Cotta “uma harmonia confidencial”, harmonia esta que deve ser indispensável entre o artista e a natureza.²⁰¹ Ao que tudo indica, a mesma exposição continua na Galeria Casa Loureiro, onde estiveram expostas algo em torno de 43 telas, com destaque para suas excelentes impressões populares.

Não temos notícias de que Bruno de Menezes tenha exercido o papel de crítico de arte, porém para esse contexto da divulgação dos trabalhos e exposições de artistas paraenses se portou como tal, conduzindo com muita elegância a produção e exposição de Andreino Cotta, afinal Menezes já tinha se consolidado há muito como escritor, poeta e folclorista na Amazônia. Da mesma forma, podemos fazer algumas considerações sobre Vicente Salles que, ainda em sua juventude, conquistava seu espaço em meio à imprensa e como pesquisador da cultura amazônica.

²⁰⁰ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. Jornal **O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 02/1959.

²⁰¹ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. Jornal **O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 13/09/1951.

2.5. Um jornal de letras para a Amazônia

Para além do Suplemento Literário d' Estado, da própria revista da Academia Paraense de Letras, e da Revista Amazônia - periódicos estes que estavam de certa forma, ligados à APL, ou pelo menos, a alguns de seus integrantes - é que, também, surge no decorrer dos anos de 1950 a ideia de um Jornal de Letras pelos intelectuais da APL, com o intuito de divulgar e de projetar o Pará no cenário cultural e literário do Brasil. Assim, foi notícia no jornal *Folha do Norte* de 22 de novembro de 1956 a convocação dos intelectuais para uma reunião na sede da *Academia Paraense de Letras* com o propósito de discutirem a respeito do referido jornal.²⁰²

A ansiedade pelo jornal das letras parecia ser uma constante, pois no dia 25 do mesmo mês destacado acima, o jornal *Folha do Norte* trouxe novamente um nota maior sobre o assunto, aonde Georgenor Franco e Jurandir Bezerra conduziram uma reunião em que debateram sobre os assuntos concernentes à publicação de um jornal de letras do Pará. Muitos intelectuais estavam a partilhar da ideia de por para circular o jornal com entusiasmo, assim, compareceram nomes, como os de: Bruno de Menezes; Jacques Flores; Alonso Rocha; Avertano Rocha; Napoleão Figueiredo; João R. Viana; Lindanor Celina; entre outros intelectuais já mencionados no decorrer do presente estudo. A proposta do jornal seria a de tratar sobre cinema, escultura, música, pedagogia, letras jurídicas, ciência e literatura, folclore, arte indígena, além disso, permaneceriam as colunas de contos, romances, ensaios e poesias.²⁰³

Ao que podemos perceber, o entusiasmo tomou conta dos intelectuais paraenses que desejavam ver tão logo mais um jornal circulando em Belém, porém um jornal bem direcionado, para o público apreciador das letras. Para consumir tal tarefa, seria importante, inclusive, estender e associar esta empreitada a escritores de renome pelo Brasil. Assim, em novembro de 1956, temos um chamado de uma nota, onde o título da mesma trouxe o nome de Eneida de Moraes ligado aos “intelectuais” para debater sobre a publicação do Jornal de Letras. Além de Eneida, estariam presentes o cronista catarinense Harry Laus, e o contista potiguar Renard Perez.²⁰⁴

²⁰² Academia Paraense de Letras (APL). Pastas dos Acadêmicos: Georgenor Franco (Pai). Artigos de Jornais (1950-1957).

²⁰³ Academia Paraense de Letras (APL). Pastas dos Acadêmicos: Georgenor Franco (Pai). Artigos de Jornais (1950-1957).

²⁰⁴ Academia Paraense de Letras (APL). Pastas dos Acadêmicos: Georgenor Franco (Pai). Artigos de Jornais (1950-1957). Nota de Jornal do dia 27/11/1956.

Em abril de 1957, escreveu Georgenor Franco sobre os objetivos do tão esperado *Jornal das Letras no Pará*. Era explícita a ânsia por um jornal que demonstrasse o pensamento do homem do Norte do País e que ultrapassasse as fronteiras, mas, principalmente, que pusesse um ponto final a dúvida “de que o homem da Amazônia não é capaz de fazer qualquer coisa de belo, de bom e de útil”. Assim, observa-se que essa questão das distâncias entre os grandes centros culturais e os mais secundários incomodavam esses intelectuais, e estava presente em meio aos seus discursos nesse contexto. Por outro lado, a valorização e a exaltação desses intelectuais locais, ou seja, do potencial de uma intelectualidade amazônica, da identidade amazônica no sentido de pertencimento, permeava da mesma forma esses discursos.

Desse modo, nos deparamos com a necessidade de mostrar a produção do homem da terra, de uma libertação desse homem, e de mostrá-lo, como deve ser mostrado, para o cenário literário brasileiro e para o mundo. Dessa forma, Georgenor Franco exclamou:

O Pará precisa sair da obscuridade a que ele próprio se lançou ou foi lançado pelo egoísmo intelectual de grupos ou seitas, que desaparecem, destruídas pela sua própria vaidade, ambição, insensibilidade ou incapacidade de estender a mão num largo gesto de unidade, de convicção, de ajuda, de apoio e trabalho... Sentimos que há necessidade de expansão, de sair. De sair da província para crescer ou, apenas, subsistir.

Mas precisamos compreender, antes de tudo, que, como provincianos, como amazônidas, somos alguma coisa, valem muito mais, e sabemos impor nosso valor, sem visar concorrência e, muito menos, diminuir ou obscurecer o valor alheio.

O Brasil, isto é o Brasil do sul, para onde emigram em corpo ou, pelo menos, em espírito os provincianos capazes - o Brasil vai sentir que nós somos e existimos. Sentirão e vibrarão conosco, temos certeza disso, porque sabem que temos valores em todos os ramos das atividades culturais do mundo.²⁰⁵

Os excertos acima, na verdade, clamam pelo reconhecimento dos intelectuais nortistas, porém, perpassa pelo cruzamento da ideia de cruzar a “cidade provinciana” para a conquista do tão sonhado reconhecimento nas grandes capitais. Sem dúvida, os anos de 1950 foram anos marcados por essa necessidade de “sair” da província, de crescer e ser reconhecido nas principais capitais do país, em que a produção e a qualidade

²⁰⁵ Academia Paraense de Letras (APL). Pastas dos Acadêmicos: Georgenor Franco (Pai). Artigos de Jornais (1950-1957). Nota de Jornal do dia 27/04/1957. A questão da distância entre esses centros culturais e sobre a valorização de uma produção intelectual local foi brevemente tratado no Iº capítulo desta tese, a partir de uma entrevista de De Campos Ribeiro. Pretende-se abordar com mais acuidade esse assunto no último capítulo, a partir da compreensão e análise da trajetória intelectual de alguns intelectuais locais.

dessa produção viviam a todo vapor. Devemos lembrar que, muitas dessas pessoas partiam de lugares mais longínquos para uma capital cultural secundária, e posteriormente, para os grandes centros culturais. Ou seja, muitos daqueles que constituíam os grupos reconhecidos de escritores, críticos, literatos vieram de lugares mais distantes das grandes capitais, mas trouxeram com eles seus valores culturais que por muitas vezes ilustravam os seus escritos, as suas produções.²⁰⁶

Retomando o primeiro capítulo desta tese, mencionamos que a década de 1920, em termos locais, foi marcada por discursos em torno da identidade regional na Amazônia. Como já argumentou Aldrin Figueiredo, em 1923, a *Revista Belém Nova* apresentou seu manifesto em favor da predominância de uma nova arte no Brasil em que fosse liberta dos modelos estrangeiros e assumisse essencialmente o regional.²⁰⁷ Conforme Tony Leão, mesmo com o fim da revista mencionada acima, os modernistas paraenses continuaram publicando seus livros, ou em outras revistas, alinhando-se às novas gerações de escritores que surgiram nas décadas seguintes (1930, 1940 e 1950), marcando uma produção significativamente regional.²⁰⁸

Recobramos e mencionamos as colocações dos autores acima para melhor refletirmos sobre parte do discurso de Georgenor Franco que na década de 1950, clamava por impor e se fazer conhecer o valor da “província”, do regional, mas com a necessidade de expandir essa produção local, de mostrar o valor da mesma para o Brasil e para o mundo, sem ser marcado exclusivamente por uma vitimização, mas de sair da obscuridade que ele lançou ou foi lançado, por diversos fatores que terão de ser superados, a exemplo do próprio trabalho pela conquista de um jornal de letras para o Pará.

²⁰⁶ Estamos falando sobre o perfil desses grupos para esse contexto, como já tratou Alzira Abreu. No caso dos excertos, quem nos fala é Georgenor Franco - intelectual paraense ligado à imprensa local - sobre suas impressões fora de Belém. Verificar se já tem nota sobre ele anteriormente. CRESPO, Regina. Visões de brasileiros sobre a América Latina: do isolamento à integração. Araucária. Revista Iberoamericana de Filosofia. Política y Humanidades. n° 15, abril de 2006. A autora atenta para a preocupação dos intelectuais latino-americanos em refletir sobre o lugar da América Latina em um contexto mundial, dentre tantos outros, destaca Renato Ortiz, onde este sociólogo analisa como os intelectuais latino-americanos construíram suas visões a respeito de projetos continentais, e de como a América Latina foi inserida descompensadamente no processo de globalização/mundialização, no que diz respeito às questões políticas, econômicas e culturais. (p.34). Crespo trata sobre a importância do lugar onde se pensa, embora estejamos falando de uma cultura mundializada, que se coloca em segundo plano a identidade nacional, o “local” é muito valorizado para o contexto que estamos tratando no presente estudo, pois essas questões dentro de uma perspectiva mundial aproximariam as nações.

²⁰⁷ FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Eternos Modernos**, op. cit.

²⁰⁸ COSTA, Tony Leão da. Música, literatura e identidade amazônica no século XX: o caso do carimbo no Pará. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 12, n. 20, p. 61-81, jan.-jun. 2010, p. 63-4.

Se por um lado, os suplementos literários dos anos de 1950 apresentaram a característica de deixar de ser um espaço de críticas e de debates de ideias para tornarem-se espaços, em sua grande parte, de publicação de resenhas e de lançamentos editoriais, como atestou Alzira Abreu, por outro percebemos que talvez não se tenha deixado tão de lado os debates políticos da época com tanto fôlego e tensões presentes no mundo pós-guerra. Exemplo disso são os textos sobre folclore apresentados ao longo deste capítulo, e presentes nas páginas, ou melhor, na página deste suplemento literário, com suas tênues reflexões.

De toda forma, os suplementos literários vivenciaram o período de transformações sociais, culturais e econômicas que envolveram o Brasil nesse contexto, e que independente de qualquer coisa, deve-se considerar que fez e faz parte da construção dos acontecimentos históricos de uma sociedade.²⁰⁹ Retomamos essa questão, uma vez que, boa parte dos intelectuais que tratamos ao longo das páginas desta tese atuaram como jornalistas e fizeram parte da história da imprensa no Pará e na Amazônia, formando inúmeras redes de sociabilidade, dentre os quais o próprio suplemento, para divulgar e propagar a cultura amazônica, ou mesmo, as ideias em comum que os caracterizavam enquanto grupo.

Na verdade, os esforços para tornar realidade um jornal essencialmente das letras ou literário para Belém do Pará são observados desde o início dos anos de 1950, como podemos observar no próprio Suplemento Literário d'Estado do Pará do dia 31 de maio de 1951. A matéria publicada nesse referido contexto, trata do empenho e do sonho de publicação do jornal literário, e mesmo que tenham contado com muita boa vontade e estivessem tão cheio de planos, esses esforços não tem passado de um “esboço de ação”. A matéria deixa bem claro que, o jornal literário seria importante no sentido de aglutinar os valores representativos das letras regionais.

O autor da nota deixa algumas impressões próximas as dos intelectuais mencionados até aqui. Além de incentivar aos que escrevem, e aos que pensam, ou seja, daqueles que produzem todos os dias, existe a constante preocupação de demonstrar “aos que lá fora produzem” na seara intelectual, que em um contexto local se tem vasta produção de qualidade. Demonstra a difícil situação dos literatos do Pará, pois sem financiamento

²⁰⁹ Conferir a introdução escrita por Alzira Abreu e suas reflexões a respeito da imprensa como objeto de estudo para os historiadores. In: ABREU, Alzira Alves de (Orgs.) [et al.]. **A Imprensa em transição**, op. cit.

tendem a recorrer as poucas editoras existentes em Belém, nas quais recai um alto valor monetário para uma publicação, pois tanto o material como a mão de obra eram muito onerosos.

Dessa forma, buscamos explorar aqui a iniciativa para a publicação de um jornal Literário/ ou das Letras e não o resultado, pois não temos como afirmar se, de fato, o jornal chegou a ser publicado, porém nos propusemos a explorar um pouco mais a iniciativa desses intelectuais, poetas, escritores, cronistas, entre outros e suas articulações para a criação de mais um espaço de divulgação de suas produções enquanto intelectuais amazônidas, enquanto intelectuais da terra.

CAPÍTULO III

DISCUSSÕES SOBRE O PRESENTE: AS REVISTAS DA ACADEMIA PARAENSE DE LETRAS E AMAZÔNIA NOS ANOS DE 1950

No primeiro capítulo da tese, tratamos sobre o contexto da década de 1950 no Brasil, das suas transformações no campo econômico e das suas relações internacionais que, conseqüentemente, resultaram em intensas transformações no quadro social e cultural do país, onde as ideias e os discursos de progresso e modernidade caminharam simultaneamente. Naquele contexto, houve uma proliferação dos suplementos literários, não tendo sido diferente na região Norte, especificamente na capital do Pará. Para além dos suplementos, as revistas fizeram parte desse panorama da década de 1950. Revistas como: *Gleba*, sob a direção de Benedito Nunes, Max Martins e Orlando Costa; a *Amazônia*, tendo como diretor e secretário Georgenor Franco; a *Clareira*, pertencente ao Órgão Oficial do Centro Juvenil de Cultura; e *O Fragetan*, fundado por Paulo Titan.²¹¹

Conforme propõe Beatriz Sarlo, toda a autenticidade de uma revista está em seu “presente”, e isso se segue incrustrado mesmo que se tenha tornado ou convertido em passado. Esse seria o diferencial de uma “revista velha” para um “livro velho”, pois os livros velhos podem simplesmente parar em uma mesa de saldo, ou adquirir uma concepção de nobre ou raro (de caráter mais permanente). Já as revistas representam o que promoveram nas discussões do presente, o processo de modernização cultural nas cidades latino-americanas, e de como essa questão pode ser compreendido através da análise dos debates presentes nas revistas.²¹²

A partir das reflexões de Beatriz Sarlo, em que as revistas se apresentam com “um ar de contemporaneidade mais marcado”, é que buscamos compreender a dinâmica das revistas mencionadas há pouco (a exemplo da Revista da Academia de Letras e da Revista Amazônia), da produção dos intelectuais dentro dessas revistas (escritores (as), cronistas, poetas e poetisas) que atuavam para além das revistas, nos suplementos

²¹¹ MOURÃO, Silvia Carvalho. *A Semana*: periódico literário. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará. Santarém, 2006.

²¹² SARLO, Beatriz. *Intelectuales y revistas : razones de una práctica*. In: América: Cahiers du CRIC-CAL, n°9-10, 1992. pp. 9-16. Le discours culturel dans les revues latino-américaines, 1940-1970.

literários de jornais de grande circulação na capital do Pará na década de 1950. Nesse sentido, estamos falando dos intelectuais que permaneceram em sua terra natal e também daqueles que saíram em direção aos grandes centros culturais, mas que continuavam a contribuir com a imprensa local.

No caso das revistas, não podemos deixar de mencionar as mesmas como sendo um, dos espaços mais frutíferos de “fermentação intelectual”, como demonstra o historiador francês Jean François Sirinelli, ao tratar sobre a sociabilidade dos intelectuais. Segundo o autor, o lugar das revistas tende a se tornar propício para a análise das ideias, e inclusive, das relações afetivas. Além disso, todo grupo de intelectuais passa a se organizar em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural, onde as afinidades das ideias podem não ser as mesmas, mas são igualmente determinantes.²¹³ Para além dos espaços físicos já tratados no primeiro capítulo desta tese e do suplemento literário, no segundo capítulo, as revistas se apresentam como outros espaços de divulgação das produções de determinado grupo, ou mesmo, permitem a participação de outros intelectuais ligados a outros grupos fora de um contexto local, e até mesmo, fora do país.

A publicação de textos por intelectuais já conhecidos em uma escala nacional e internacional agrega status ao periódico que passa a ser reconhecido fora do circuito local, e assim ter algum tipo de acesso ao material produzido na “província”, a exemplo de Peregrino Júnior, presidente da Academia Brasileira de Letras (período) e sua intensa participação nas páginas da RAPL. Ou mesmo, da publicação sobre as impressões da produção de algum intelectual local como o poeta e folclorista Bruno de Menezes. São algumas das possibilidades e formas de divulgação e circulação mais possíveis para esse contexto.

Ao citar o estudo de Roderic A. Camp, sobre a confecção do quadro dos intelectuais contemporâneos no México, Carlos Altamirano atenta para alguns fatos mais gerais a respeito dos intelectuais na América Latina. Assim, apresenta-nos a extração de um perfil desses intelectuais como sendo, em geral, pessoas conectadas entre si em instituições, círculos, revistas, e que se agrupam e se identificam com um conjunto de pessoas que possuem um conhecimento especializado e atitudes cultivadas em diferen-

²¹³ Para conferir uma discussão mais apurada sobre as relações de sociabilidades entre intelectuais, consultar Sirinelli, na clássica coletânea organizada por René Remond sobre a História Política. SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 248-9.

tes âmbitos de expressão simbólica, na área da literatura, direito, artes, nas humanidades em geral, ou seja, que atuam em diversas profissões.²¹⁴

Logo, é parte desse grupo que comunga de características comuns (participação em suplementos literários, revistas, geração, interesse pela cultura e pelas artes) que nos interessa, cabendo ressaltar que grande parte desses intelectuais pertencia à *Academia Paraense de Letras*. Ao longo da pesquisa nos Suplementos Literários do jornal *O Estado Pará*, nas *Revistas da APL*, na *Revista Amazônia*, comumente observamos nomes como os de: Bruno de Menezes, De Campos Ribeiro, Georgenor Franco, Jacques Flores - pertencentes ao mesmo grupo de intelectuais -, dente tantos outros mais ou menos conhecidos, que nos permitem refletir sobre a potencialidade desses intelectuais produtores de atividades culturais na cidade de Belém para o período proposto.

Muitos desses intelectuais fizeram parte do momento de “renovação” da década de 1920 no Pará, na época em que se reuniam no terraço do Grande Hotel, onde estavam muito interessados na vida boêmia, sem dúvida, mas também nas discussões que ansiavam por renovação das letras e das artes no norte do Brasil. Um dos mais destacados pela sua incessante produção foi Bruno de Menezes, que tomou a frente da confraria e da revista *Belém Nova* - como destacamos no primeiro capítulo deste estudo.

²¹⁴ ALTAMIRANO, Carlos (dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Buenos (Introducción General) Aires: Katz, 2008, vol.1.

Figura 3.1 – Grupo de intelectuais que nos idos da década de 1920 contribuíam com a revista *Belém Nova*.



Sentados da esquerda para direita, conforme publicado na Revista *Amazônia*: Clóvis de Gusmão, Abgvar de Oliveira, De Campos Ribeiro. Em pé, na mesma ordem: Farias Gama, Edgar Franco, Bruno de Menezes e Paulo de Oliveira.

Fonte: Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (ACPPFF). **Revista *Amazônia***, jun. 1955. Ano I, nº VI.

Retomamos este momento, para apresentar o lugar da importância das revistas na história da cultura do Pará, rememorando a revista *Belém Nova* e, na medida do possível, o grupo que fez parte da constituição da revista. Retomar essa questão nos permite observar uma dinâmica cultural da cidade de Belém no início do século XX, e que foi se firmando ao longo dos anos e décadas, até chegar à década de 1950.²¹⁵ Na década de 1950, duas Revistas nos chamaram atenção pelas suas proximidades e distanciamentos. As revistas da Academia Paraense de Letras e *Amazônia* tinham em comum o objetivo de divulgar a cultura e as letras de sua região, porém, percebe-se que, a primeira se apresenta com “ar” mais tradicional da produção das letras no Pará, e segunda traz consigo uma pegada mais “inovadora”, ou talvez, mais moderna de relacionar seus objetivos às transformações políticas e econômicas que passava o Brasil na década de 1950.

²¹⁵ Não é nosso objetivo apresentar uma cartografia das revistas que circularam em Belém desde o início do século XX, mas sim demonstrar a face tradicional de produção de periódicos que remontam ao século XIX.

As revistas em questão surgem, certamente, com o objetivo de ampliar a divulgação da produção intelectual no Pará, uma vez que já tratamos sobre a produção dos mesmo a partir do Suplemento Literários que acompanhavam os jornais paraenses. Observando o discurso de introdução ao primeiro número da Revista da APL, em maio de 1950, percebe-se a dimensão desta para o cenário de publicidade nos anos de 1950, que desde seu primeiro exemplar, teve uma certa continuidade até 1957, retomando suas publicações somente em 1961. Já a Revista Amazônia teve seu primeiro número lançado em janeiro de 1955, com publicação mensal, mantendo uma continuidade por toda a segunda metade da década em questão.²¹⁶

3.1. A Revista da Academia Paraense de Letras (RAPL)

Rememorar a circulação do primeiro número da *Revista da Academia Paraense de Letras*, em meados de 1950 se torna fundamental, uma vez que se trata de um marco para essa instituição. Dirigida por Paulo Eleutério Sênior, apresentava os nomes de Ernesto Cruz, Georgenor Franco, Luiz Teixeira Gomes e Paulo Eleutério Filho, como redatores do mais novo periódico.²¹⁷ Em meio à proliferação dos suplementos literários no Brasil, essa revista surge, em Belém, como mais um canal de divulgação da produção da intelectualidade local, que estava sendo aguardada ansiosamente pelo Silo-geu.²¹⁸ Para uma instituição que teve como marco de fundação as reuniões da chamada Mina Literária (final do XIX), foram décadas de espera até que se publicasse o primeiro número da revista da APL. Cabe ressaltar, de antemão que, essa primeira edição foi marcada justamente por inúmeros textos sobre as origens remotas da Academia Paraense de Letras.²¹⁹

²¹⁶ Ao longo do desenvolvimento desta tese, a biblioteca da Academia Paraense de Letras permanece fechada, o que nos impossibilitou a consulta das revistas, assim como, de outros periódicos e coleções. Logo, as revistas mencionadas, ou pelo menos parte delas, foram consultadas no Centro Cultural Tancredo Neves (CENTUR), em Belém do Pará, e na coleção pessoal do Dr. Georgenor Franco Filho.

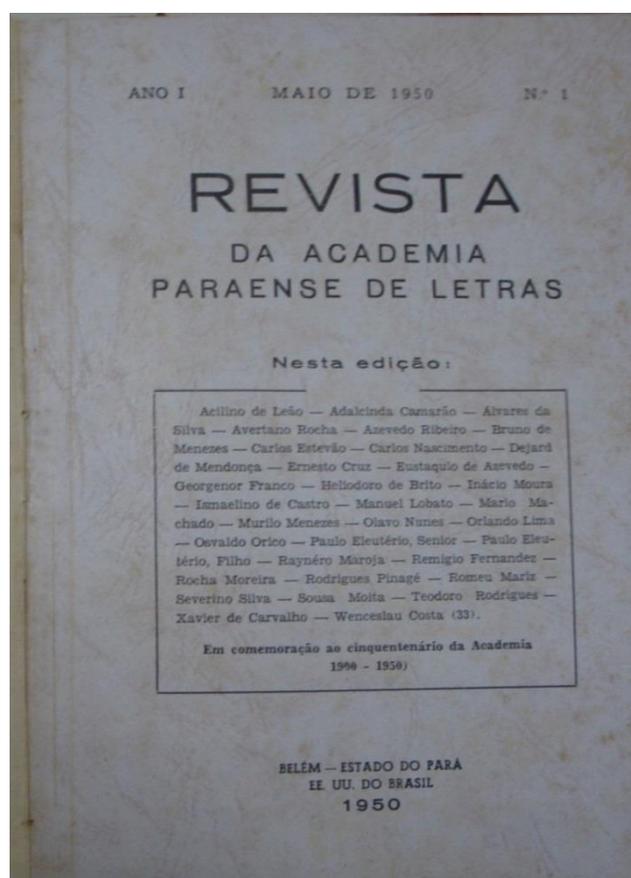
²¹⁷ Georgenor Franco menciona que o primeiro número desta revista circulou em agosto de 1950; ao longo da pesquisa, verificamos que o primeiro número corresponde ao mês de maio de 1950.

²¹⁸ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. **Jornal O Estado do Pará**, Suplemento Literário, 15/04/1950. “As comemorações do cinquentenário da Academia Paraense de Letras”. Onde a Revista da APL foi mencionada como importante subsídio para a história literária no Pará. Ver, também: FRANCO, Georgenor. **Uma História para a história: pedaços da vida da Academia Paraense de Letras**. Belém: Imprensa Universitária do Pará, 1963, p. 37.

²¹⁹ “Subsídios históricos sobre a Academia de Letras”, extraído do livro *Literatura Paraense* J. Eustaquio de Azevedo; “Academia Paraense de Letras: ligeiras notas sobre sua fundação e instalação”, por Olavo

Para além dos suplementos literários que compunham os jornais de grande circulação no Estado, a exemplo do próprio Suplemento Literário d'Estado do Pará, tudo indica que, o mesmo começou a circular antes de 1951, e somente em 1950 (lembrando que a Academia Paraense de Letras é fundada em 1900) começa a circular a revista da APL, o que nos permite pensar que esses suplementos literários, talvez, não fossem suficientes para os homens das letras paraense (principalmente, aos que constituem o grupo de acadêmicos) divulgarem suas produções, ou mesmo, de transmitirem a produção de outros.²²⁰ Possivelmente, esses espaços se ampliavam à medida em que se ampliava a busca pela legitimação desses homens das letras enquanto intelectuais, por isso não se limitavam somente à literatura, mas também tratavam sobre história.

Figura 3.2 – Primeiro número da Revista da Academia Paraense de Letras



Fonte: Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (ACPPFF). Revista Amazônia, mai. 1950, Ano I, v. I.

Nunes; “O que foi a original Mina Literária”. Assim como fotos da década de 1920, quando a academia foi reestruturada. (pode ser anexo). Cf.: Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (APGFF). Revista da Academia Paraense de Letras, mai. 1950, n. 1.

²²⁰ Consideramos aqui, as revistas mencionadas anteriormente nessa subseção, as quais circularam nos anos de 1950 em Belém do Pará. Para a presente reflexão, registramos o agradecimento pelas sugestões da Profa. Ângela de Castro Gomes, por ocasião do XXVIII Simpósio Nacional de História em Florianópolis, 2015.

Esse periódico foi constituído, para o período em questão, por publicações de discursos de posse ou de saudação; artigos sobre a intelectualidade local e a história do Pará; publicações de sonetos e poesias; estatutos da *Academia Paraense de Letras*, enfim, tudo aquilo que, tradicionalmente, pode-se encontrar como produção de uma instituição como a do referido Silogeu. De um modo geral, as revistas da APL publicadas na década de 1950 apresentam algumas seções que se mantinham, tais como: “Registros e Apreciações” e “Resenha Semestral”. A presente revista recuperou através de textos densos, figuras políticas e a momentos importantes da história do Pará, assim como, sempre buscavam rememorar o resumo histórico da própria instituição.

Assim como o Suplemento Literário do jornal *O Estado do Pará*, a revista da *Academia Paraense de Letras*, também, parece sempre fazer questão de rememorar a grande movimentação intelectual do final do XIX e início do XX, como mencionado no primeiro capítulo. Dessa forma, a revista da APL é também constituída por inúmeros discursos de posse, onde geralmente o ocupante atual homenageia e apresenta traços biográficos de seu antecessor. Em outras páginas, nada mais comum que recordar a *Mina Literária*, a primeira associação de letras fundada na capital do Pará no dia 1º de janeiro de 1895, que teve como objetivo o papel de incentivar e desenvolver a literatura na Amazônia antes da fundação de uma academia de letras por essas bandas do Norte do Brasil.²²¹

Conforme os escritos de José Eustáquio de Azevedo, a ideia de fundação de uma Academia de Letras no Pará vem desde 1889, depois do desaparecimento da *Mina Literária*. Devendo ao escritor e jornalista Alvares da Costa, e de uma forma secundária, aos jornalistas Enéas Martins e Artur Lemos, a ideia embrionária de fundação. Posteriormente, mais exatamente em janeiro do ano de 1900, o escritor e jornalista João Marques de Carvalho em conjunto com outros homens das letras, reuniram-se na sede do Clube Euterpe, onde trataram sobre a fundação da mais nova instituição das letras do Pará. Em três de maio de 1900 foi inaugurada a Academia Paraense de Letras. Passaram-se algumas sessões e com isso alguns outros membros foram recebidos, porém muito rapidamente, as sessões não foram acontecendo e com isso a APL foi desaparecendo, tendo retomado suas atividades somente em 1913.²²²

²²¹ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (APGFF). Revista da Academia Paraense de Letras, mai. 1950, n. 1.

²²² Idem.

Já na seção “Resenha Semestral” pode-se extrair interpretações sobre a circulação da revista da APL entre os intelectuais locais, de outros estados ou mesmo do exterior em 1953. Pois essa seção é caracterizada por apresentar alguns informes, ou mesmo notas de utilidade pública para academia, recepção de estudos, romances históricos, entre outros tipos de comunicados, dos mais longos ao mais breve, ou mesmo, impressões da própria APL. Dessa forma, o exemplar de 1953 apresentou uma crônica assinada pelo Dr. Aderbal Melo, onde o mesmo discorreu sobre o Pará intelectual e sua nova fase com a Revista da Academia Paraense de Letras. Dentre tantas impressões que podemos extrair do nosso cronista no que diz respeito à revista, uma delas é que a referida publicação paraense constitui um excelente repositório das atividades culturais da região Norte, a qual cada dia vem se conceituando e “ultrapassando os limites do Estado e estuando nos meios literários mais elevados do país”.²²³

Além de todas as considerações sobre este periódico vistas a pouco, a Revista deste Silogeu foi responsável por estampar em seus volumes, também, a produção de nomes ‘desaparecidos’ de alguns acadêmicos já falecidos como: Eustáquio de Azevedo, Rocha Moreira, Apolinário Moreira, Acilino de Leão, para que as gerações futuras possam conhecê-la e divulga-la com admiração, como bem pontuou o Dr. Aderbal Melo. Trata-se de da publicação de trabalhos literários e muitos intimamente ligados à história, escritos e pensados pelas velhas e novas gerações, constituindo a época em questão, e ainda hoje um exemplo de disseminação e divulgação da cultura do povo brasileiro.

Somado a isso, outras impressões valem ser citadas a respeito do mais recente espaço de publicação e divulgação intelectual paraense. Nomes como o do escritor Peregrino Júnior, o romancista Abguar Bastos e Osório Nunes, na época, Secretário do Jornal Diário de Notícias, do Rio de Janeiro, nos permitem obter uma noção da repercussão e circulação nacional da Revista da Academia Paraense de Letras para esse momento inicial. Através de carta, Peregrino Júnior agradece a remessa do terceiro volume da Revista pelo acadêmico Georgenor Franco, e diz ser a mesma “digna de ser equiparada às melhores no gênero”.²²⁴

²²³ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (APGFF). Revista da Academia Paraense de Letras, mar. 1953, v. IV. Crônica publicada no jornal ‘Amapá’, em 04 de outubro de 1952, escrita pelo Dr. Aderbal Melo, diretor da Imprensa Oficial do Território Federal do Amapá.

²²⁴ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (APGFF). Revista da Academia Paraense de Letras, mar. 1953, v. IV.

Do mesmo modo, Osório Nunes para além de agradecer a remessa da revista e de congratular-se com a APL, disse ter encontrado a prova de dedicação e paciência na figura de Georgenor Franco, “homem de espírito”, que não abandonou a província e que a cada dia vinha se firmando pelo trabalho desenvolvido no meio cultural do estado. Nunes, também indaga se no Pará já estaria circulando a terceira edição do seu livro “Introdução ao estudo da Amazônia Brasileira”, e dessa forma observamos os esforços de aproximação desses centros culturais de ambos os lados, daqueles considerados secundários e daqueles considerados principais. Um trecho da carta do romancista Abguar Bastos direcionada a Jacques Flores, também foi publicado, em que Bastos compartilha o prazer que teve em ler a revista do referido Silogeu, pois a mesma compõe-se por um belo trabalho de reconstituição histórica dos valores da terra.²²⁵

Em um contexto local, a revista da APL foi divulgada, inclusive, através do rádio. A Rádio Clube de Belém noticiou sobre a circulação da mesma, avaliada como produto da mais alta instituição literária do Pará, e que teve a iniciativa de agradecer seus leitores com trabalhos de grandes intelectuais da terra, já falecidos. No entanto, foi ressaltada que essa alta qualidade só foi alcançada pelo fato dos acadêmicos não terem esquecido ‘desta vez’ de terem enviados suas produções, e que conforme Georgenor Franco, a Academia Paraense de Letras estaria passando por uma nova fase, comprometendo-se em não deixar a revista atrasar seus números, publicando o periódico com mais regularidade.²²⁶

Este instrumento de pesquisa que é a revista nos permite, em certa medida, observar a dinâmica cultural de um determinado espaço, sua produção, sendo este periódico responsável não somente pela divulgação das letras amazônicas, mas certamente por disseminar a sua cultura. Para além, é claro, de tratar sobre os movimentos literários, a Revista da APL muito se preocupou em recuperar nomes importantes para história do Pará, e do próprio Silogeu.

Em 1952, o volume dois da Revista da Academia Paraense de Letras publicou o último discurso do acadêmico Apolinário Moreira (em homenagem ao mesmo), ocorrido em 23 de agosto de 1946 no salão nobre do Teatro da Paz. Neste discurso, Moreira se concentra, principalmente, em rememorar sobre a intelectualidade paraense nos

²²⁵ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (APGFF). Revista da Academia Paraense de Letras, mar. 1953, v. IV.

²²⁶ Idem.

primeiros anos do século XX, além de retomar dois importantes nomes que se “sobres-saem intensamente na constelação intelectual” da qual este acadêmico trata: João Marques de Carvalho e Tito Franco de Almeida.

Nascido no Pará na segunda metade do XIX (1866), João Marques de Carvalho foi escritor, jornalista e diplomata. Possuía intensa habilidade com a poesia, o conto, o romance e o jornalismo. Foi deputado na primeira constituinte do estado do Pará, desempenhou atividade de professor, e também de secretário da Prefeitura de Belém. No jornal *A Província do Pará*, atuou como redator, tendo sido um dos vários intelectuais que ajudaram na fundação da primeira associação de Letras fundada na capital paraense em 1895, a chamada *Mina Literária*, e conseqüentemente na fundação da Academia Paraense de Letras²²⁷, como já mencionamos anteriormente neste mesmo capítulo.

Conforme Maurel Barbosa, Marques de Carvalho estabeleceu relação direta entre assuntos políticos e culturais da província, e como um intelectual que defendia os ideais republicanos, seu ponto de vista político era conduzido através de seus escritos literários, a exemplo do romance *O Pajé*, que apresentava ao público os valores modernos e civilizados existentes nas grandes capitais, em contraponto aos costumes tradicionais que insistiam em permanecer, mesmo com a dinâmica comercial da Borracha na Amazônia.²²⁸

Apolinário Moreira em seu discurso observa ainda sobre a habilidade de Marques de Carvalho com o gênero conto. Salienta que os mesmos representam a leveza e são “apuradamente desenhados”, onde na maioria das vezes, os escritos de Marques de Carvalho são considerados como “flagrantes da existência e costumes dos nossos caboclos”. O discurso apresenta comentários sobre “Hortência”, um de seus romances mais afamados, onde narra a relação incestuosa entre irmãos, passada na cidade de Be-

²²⁷Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (APGFF). Revista da Academia Paraense de Letras, jan. 1952, n. 2.

²²⁸Cf.: Barbosa, Maurel. *O Pajé: o naturalismo inacabado de Marques de Carvalho (1884-1887)*. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, 2011.

lém no final do século XIX ²²⁹, comparando a produção desse romance à produção de Émile Zola e Eça de Queiroz. ²³⁰

Por fim, Apolinário Moreira tece poucas palavras sobre a morte do escritor Marques de Carvalho, recapitulando sobre sua partida de Belém, quando o mesmo estava 45 anos de idade. Enfermo foi procurar por bons ares em Nice, e faleceu por lá, em 1910. Traçar o breve perfil de um intelectual como João Marques de Carvalho foi uma homenagem de Apolinário Moreira ao patrocinador da cadeira que ele ocupou na Academia Paraense de Letras (nº23) e assim não só recuperou um nome importante para as letras amazônicas, mas também para a história intelectual no Pará.

Segundo Germana Salles e Alan Silva, o Romance “Hortência” foi a obra pela qual Marques de Carvalho se tornou mais conhecido, porém não tão conhecido pelo público leitor, mesmo na capital do Pará onde o romance foi publicado, uma vez que os críticos se limitaram a analisar somente o referido romance, ignorando, de certa forma seus outros escritos. A recepção da obra não foi muito bem acolhida pelos críticos da época, tendo sido recebido positivamente apenas por alguns poucos críticos, como o próprio Apolinário Moreira; e nas figuras de Carmem da Rocha e José Eustáquio de Azevedo. ²³¹

No mesmo dia 23 de agosto de 1946, quando da realização do discurso do sr. Apolinário Moreira, a Academia Paraense de Letras recebeu em sessão especial o sr. Georgenor Franco, eleito para a cadeira de nº38, sobre o patrocínio de Tito Franco de Almeida. Logo, passa-se a promover algumas palavras sobre Tito Franco, intelectual nascido em 1829 no Pará, filho de um advogado português. Foi advogado, político, professor, financista e escritor, atuando na imprensa paraense. Dentre tantos livros importantes que escreveu estão: *O Brazil e a Inglaterra ou o trafico de africanos*: Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1868 e *O conselheiro Francisco Furtado: biographia e estudo de História política contemporânea* pelo conselheiro Tito Franco de Al-

²²⁹ Sobre a recepção desse romance pela crítica literária, ver: SALES, Germana; SILVA, Alan. A recepção crítica da obra naturalista Hortência de Marques de Carvalho. **Revista Virtual de Letras**, Belém, v. 4, n. 2, p. 200-30, ago.-dez. 2012. Os autores salientam que as críticas negativas direcionadas a tal romance no final do século XIX e início do século XX foram uma contribuição para que a obra fosse “esquecida”.

²³⁰ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (APGFF). Revista da Academia Paraense de Letras, jan. 1952, n. 2.

²³¹ Para uma leitura mais intensa a respeito da obra de Marques de Carvalho e sua recepção, cf.: SALES, Germana; SILVA, Alan. A recepção crítica da obra naturalista Hortência de Marques de Carvalho, op. cit. Além de: SALLES, Vicente. Hortência faz cem anos sem festa. **Revista Cultural**. Belém, Ano I, N.º 04. Set. 1988.

meida. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1867. Na verdade, o discurso teve o propósito de associar as figuras de Marques de Carvalho e Tito Franco, que para Georgenor Franco se apresentam como intelectuais paraenses de rara sensibilidade.

Em 1952, novamente a RAPL retoma a figura de Tito Franco de Almeida, em um breve texto do acadêmico Ignácio Moura. O texto se apresenta na verdade, em forma de uma breve biografia de Tito Franco, onde Moura salienta, principalmente, sua veia política. Lembra-nos que Tito Franco foi eleito inúmeras vezes deputado na Província do Grão-Pará. Em 1856 fora eleito membro da Câmara Temporária da Nação e, em 1864 foi nomeado Diretor Geral da Secretaria de Negócios da Justiça e redator chefe do Diário Oficial do Império. Destacou-se nos campos parlamentar e jurídico, mas também deixou marcas de sua “pena aprimorada” em vários periódicos como: Diário do Gram-Pará; Aurora Paraense; Reforma; Liberal do Pará; Jornal do Amazonas.²³² Dessa forma, de forma breve, foi retomada mais uma vez a figura de Tito Franco e de sua erudição, da sua atuação na província como personalidade pública.

Permanecendo no viés das observações dos discursos presentes na revista, destacamos o historiador e jornalista paraense Ernesto Cruz sendo um dos acadêmicos que mais publicou sobre a história do Pará na Revista da Academia Paraense de Letras. Profundo conhecedor da documentação distribuída sobre os códices da Biblioteca e Arquivo Público do Pará, foram vários os textos a respeito de personalidades que constituem a história do Pará, ou mesmo sobre alguns momentos históricos, caracterizando a forte relação existente entre imprensa e história para esse período.

Ernesto Cruz teve seus textos, ou mesmo, seus discursos históricos impressos na Revista da Academia Paraense de Letras nos números que circularam nos idos de 1950. Dentre tantos, podemos citar: “A época e os críticos de Patroni e Siqueira Campos”; “Bailados de Mascaras: carnaval de outrora”; “Andrea e a Cabanagem”; seu discurso de posse, onde o mesmo, ao empossar-se da cadeira do historiador e político Domingos Antônio Raiol (Barão de Guajará), traça uma breve biografia sobre o barão e sua obra central para a história da Cabanagem no Pará “Motins Políticos”.

Assim, buscaremos nos concentrar nas palavras de Ernesto Cruz sobre Domingos Antônio Raiol. Seu texto foi dividido em duas partes: “A Época e o Homem” e “A Obra”. Primeiramente, Ernesto Cruz buscou traçar a ascendência do barão

²³² Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (APGFF). Revista da Academia Paraense de Letras, jan. 1952, n. 2.

que nasceu na cidade de Vigia, no Pará, no dia 30 de março de 1830. Cinco anos depois eclodiu no Pará o levante cabano, a revolta que tomou Belém e logo se espalhou pelo interior da Capital, inclusive, pela cidade de Vigia, onde o pai do Barão, o vereador Pedro Antônio Raiol foi assassinado pelos revoltosos (aqueles que lutavam contra a tirania do governo de Lobo de Sousa).²³³

O Segundo momento do texto de Ernesto Cruz trata exclusivamente sobre a obra de Raiol, *Motin Políticos*, publicado o primeiro volume em 1865, tratava-se da “estreia de Domingos Raiol, no campo vasto das letras históricas”, tendo publicado os outros volumes ainda no final do século XIX. Conforme, Ernesto Cruz, Raiol conseguiu se impor às críticas de seu tempo, uma vez que era deputado liberal na Assembleia Geral Legislativa do Brasil, e suas conclusões poderiam ser interpretadas a partir da sua causa política, ou mesmo, pelas lembranças que envolviam o seu pai. Afinal, estava amparado pelos “manuscritos que compõem os códices mais notáveis da nossa Biblioteca e Arquivo Público”.²³⁴

Torna-se oportuno, nesse momento, retomar - a partir da linha de raciocínio de Beatriz Sarlo para o início deste capítulo - que a Revista em si, como fonte e instrumento de pesquisa para o historiador, permite compreender o universo cultural de um determinado espaço. Em se tratando de uma revista tradicional de letras no Pará, seus objetivos se ampliam, principalmente ao observarmos a preocupação de um grupo de intelectuais em recuperar nomes da história e da política na Amazônia, mas para além disso, direcionar e recuperar personalidades literárias como a do poeta Antonio Tavernard, sobre quem falaremos a seguir.

A edição de 1954 da Revista da Academia Paraense de Letras relembra através das palavras do poeta e folclorista Bruno de Menezes a figura do poeta Antônio Nazaré Frazão Tavernard, nascido no início do século XX, em Belém. A palestra foi realizada em sessão extraordinária no dia 13 de setembro de 1953, como sentido de recuperar e homenagear o poeta paraense. Antônio Tavernard foi poeta, jornalista, teatrólogo e, sobretudo um cronista urbano. Nascido no dia 1º de outubro de 1908 na Vila de Píneiro, hoje distrito de Icoaraci, município de Belém. Seu pai, sr. Otílio Tavernard trabalhou na administração da Santa Casa de Misericórdia do Pará, mas também dedicou-

²³³ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (APGFF). Revista da Academia Paraense de Letras, mai. 1950, v.1.

²³⁴ Idem.

se a literatura teatral. A mãe, a sra. Marieta Frazão Tavernard, possuía, segundo Menezes, “inteligência aprimorada.”²³⁵ Possivelmente, por todas essas influências iniciais, seu talento seria promissor.

Como salientou Bruno de Menezes, Tavernard abriu seus olhos de sonhador na “Vila dos Enamorados” na praia do Cruzeiro (em Icoaraci), sendo estas banhadas por luas e lendas. Através de seus versos, pode-se observar o seu lado emocional e romântico:

“Vila que eu amo! Como tudo em ti deslumbra!
 Simbolizas tanto a Mansão do meu Sonho,
 que estás dentro em minha alma, em luarenta penumbra.
 À lua cheia ela apaixona humanos olhos ...
 Na longínqua amplidão das praias, nos parece
 Que as ondas vão despindo prateados folhos ...
 E a minha Musa de tal forma se impressiona,
 que, se vejo ao luar, fico menos tristonho ...
 Pinheiro, à luz da lua, faz esquecer Verona!”²³⁶

Antônio Tavernard foi diagnosticado com mal de Hansen quando cursava o primeiro ano de Direito, na Faculdade do Pará. Por conta da doença foi afastado da sociedade e da maioria dos amigos, passando a conviver com poucas pessoas. Seus versos se caracterizavam principalmente por aspectos folclóricos regionais, mas muito de sua produção também foi carregada por sentimentalismo. Sua obra poética foi reunida por Georgenor Franco na obra *Místicos e Bárbaros*. Antônio Tavernard faleceu no dia 02 de maio de 1936, em Belém.²³⁷

Na década de 1950, Tavernard foi constantemente retomado nas páginas das revistas e dos suplementos literários que circularam em Belém. Trata-se de um intelectual nascido no início do século XX, no Pará, o qual, segundo o historiador e folclorista Vicente Salles, “escalou o mais alto grau da poesia amazônica”. Ainda na década de 1950, Salles trabalhou em um ensaio sobre Tavernard, e em 1960 ganhou o concurso literário da Academia Paraense de Letras com este ensaio intitulado *O Exilado do Rancho Fundo: a vida e a obra, em pequena dimensão do poeta Antônio Tavernard*, onde

²³⁵ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (APGFF). Revista da Academia Paraense de Letras, mar. 1954, v. 6. Palestra de Bruno de Menezes, intitulada “Místicos e Bárbaros e o seu autor”, da sessão extraordinária de 13 de setembro de 1953.

²³⁶ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (APGFF). Revista da Academia Paraense de Letras, mar. 1954, v. 6.

²³⁷ ROCQUE, Carlos. *Grande Enciclopédia da Amazônia*. Belém: Amel, 1967, p. 1655.

traçou a produção do jovem poeta, cronista, contista, e também folclorista da Amazônia.²³⁸ Este ensaio, além de ganhar o prêmio “Carlos Nascimento” em 1960 da Academia Paraense de Letras, também foi publicado na Revista da APL em 1961.

Até o período em que Vicente Salles apresentou o ensaio sobre Antônio Tavernard, em 1960, nenhum trabalho sobre o poeta tinha sido realizado com mais cuidado, se não pelas mãos do acadêmico Georgenor Franco, que em 1953, dedicou-se a reunir os versos do poeta, como observamos anteriormente. Muitas homenagens a Tavernard em forma de matéria foram publicadas ao longo da década de 1950 nas Revistas da Academia Paraense de Letras e Amazônia, uma vez que seus pares o reconheciam como um jovem bastante talentoso, destacando-se, essencialmente, pelos seus romances e poesias.

Para além de poemas e poesias, a *Revista da Academia Paraense de Letras* muito se preocupou com biografias de pessoas ilustres da história do Pará, não somente presentes quando dos discursos de posse desse Silogeu, onde de um modo geral, os acadêmicos rememoram tradicionalmente sobre importantes intelectuais da Amazônia. Como mencionamos em outro momento, a presente revista tem como escopo não apenas divulgar as letras, mas a cultura e a história do Pará, afinal, logo artigo no 1º do Estatuto da APL está explícita sua finalidade: a de contribuir para o desenvolvimento cultural do estado, do “meio literário artístico e científico”.²³⁹ Nesses termos, trataremos a seguir de duas figuras políticas na história do Pará, que foram brevemente biografadas nas páginas da RAPL.

Assim, na edição de agosto de 1953, na Revista da Academia de Letras trouxe em suas páginas, uma breve biografia de um dos políticos mais influentes e importantes na história do Pará na virada do século (XIX-XX): Antônio Lemos. O acadêmico Murilo Menezes, conta sobre o início da carreira desse político, tendo alcançado suas glórias depois de velho, e que quando moço foi um ignorado e modesto oficial da Marinha de Guerra. Trata das suas idas e vindas ao Arsenal de Marinha de Belém, sempre a pé, em seu caminho a Rua dos Ferreiros (hoje Alenquer) onde estava localizada a re-

²³⁸ Têm-se notícias de que muito pouco sobre a produção de Antonio Tavernard tenha sido publicada. O autor publica *Fêmea* em 1930; em 1953, parte de sua obra poética foi reunida por Georgenor Franco na obra *Místicos e Bárbaros*; Em 1986 é publicado o livro **Obras reunidas de Antonio Tavernard**, pelo Conselho Estadual de Cultura, em comemoração a cinquentenário da morte do poeta. Somente em 2011 foi reeditada a segunda edição do livro “Fêmea”, e em 2017 é lançado um livro intitulado **Sonetos de Tavernard**, organizado por Alfredo Guimarães Garcia.

²³⁹ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (APGFF). Revista da Academia Paraense de Letras, mai. 1950, Ano I.

dação do jornal “O Pelicano”, e aproximando-se do proprietário deste jornal, Francisco Cerqueira.²⁴⁰

Desse diálogo nasceu a ideia de formar um jornal de “grande formato”, que viria a se tornar um dos grandes jornais da história da imprensa do Norte do país: A Província do Pará. Antonio Lemos iniciou sua carreira no Pará como secretário do Partido Republicano Federal, liderado por Justo Chermont (primeiro governador republicano no Pará), que por conta de outras ocupações ou motivos, acabou por encaminhar todos os Intendentes dos interiores do estado ao seu ajudante. E assim, foi captando e adquirindo, naquele momento, a admiração desses políticos.²⁴¹ Isto posto, Murilo Menezes apresenta alguns momentos da trajetória do Intendente mais famoso da capital do Pará, de como chegou a esse posto, de como atuou para a modernização de Belém, fato que o tornou um dos políticos mais marcantes da história do Pará.

Outra personalidade política a ser abordada pela Revista da Academia Paraense de Letras foi Lauro Sodré, tendo sido este o primeiro governador do Pará, eleito em 1891. Como destacou o acadêmico Jayme Vasconcelos em seu discurso, Sodré não foi apenas um militarista, apesar “do culto oficial do exército”, mas também um sociólogo, um pensador, vide uma parte de um artigo publicado em *O Liberal do Pará*, onde apresentou sua observação ao cenário político nacional em dezembro de 1888, em defesa do Manifesto Republicano. Como assinala o historiador William Gaia Farias, Lauro Sodré foi um dos alunos que mais se sobressaiu na Escola Militar, tendo sido bastante engajado nas questões políticas e científicas dessa instituição e sempre comprometido com a defesa da República desde muito jovem.²⁴²

O discurso proferido pelo acadêmico Jayme Vasconcelos a respeito da figura de Lauro Sodré é bastante intenso, recuperando passagens da atuação de Sodré no Pará e no Rio de Janeiro, como a sua polemica participação deste político no movimento popular no Rio de Janeiro em 1904, na *Revolta da Vacina*, e nos acontecimentos de

²⁴⁰Mencionamos no primeiro capítulo desta tese sobre a figura de Antônio Lemos e sobre sua política urbanística para a cidade de Belém na virada para o século XX. Para conferir mais detalhes, ver: SARGES, Maria de Nazaré. **Memórias do “Velho” Intendente**: Antônio Lemos (1869-1973). Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998.

²⁴¹ Sobre seus domínios oligárquicos e da manutenção do poder de Antônio Lemos no Pará, Cf.: SARGES, Maria de Nazaré. **Memórias do “Velho” Intendente**, op. cit.. CUNHA, Marly Solange Carvalho da. **“Matutos” ou astutos?** Oligarquia e coronelismo no Pará Republicano (1897-1909). Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, 2008.

²⁴² FARIAS, William Gaia. **A construção da República no Pará (1886-1897)**. Belém: Açai, 2016, p. 30.

agosto de 1912 no Pará, quando o mesmo foi eleito senador, além de uma grave tensão política, ocasionando o afastamento de Antônio Lemos do cenário político do Pará.²⁴³

Sobre as personalidades política apresentadas nessa subseção ainda tem-se muito que observar nos textos ou discursos desenvolvidos para a revista em questão, e é o que faremos mais adiante. De qualquer forma, procuraremos retomar aqui, as transformações que passou a capital do Pará (XIX-XX), já observadas no primeiro capítulo desta tese, e de como sempre se faz importante rememorar personalidades que marcaram a história deste estado e sua capital, procurando compreender o estabelecimento da fixação de uma memória, e da relação entre o político e o privado, como assinalou a historiadora Nazaré Sarges²⁴⁴, dentro de uma revista de expressiva representatividade das letras na Amazônia.

3.2. Intelectuais produtores e/ou colaboradores da vida cultural na Amazônia

Alguns nomes se apresentam com maior constância em nossas fontes, principalmente através de suas obras, daquilo que foi produzido para as revistas, para os suplementos literários que circulavam na cidade de Belém, ou mesmo através das pastas de arquivos dos acadêmicos. Esses homens das letras que faziam parte, podemos assim dizer, de um mesmo grupo, e que independente de qualquer divergência, eram responsável por produzir e mediar as atividades culturais na cidade de Belém, no período delimitado para este estudo.

Para essa tarefa, contamos com as fontes já mencionadas ao longo dos capítulos anteriores, como: O Suplemento Literário d' Estado do Pará; Livros clássicos de autoria dos acadêmicos; Revistas, especialmente a da Academia Paraense de Letras e a Amazônia; Pastas de alguns acadêmicos, localizadas no Arquivo da Academia Paraense de Letras; Pastas de acadêmicos da Academia Brasileira de Letras.

Nomes como os de: Ernesto Cruz, Bruno de Menezes, Romeu Mariz, Oswaldo orico, Georgenor Franco, De Campos Ribeiro, Jacques Flores, Peregrino Júnior, entre

²⁴³ Uma discussão mais detida sobre a atuação de Lauro Sodré nesse episódio da história do Brasil pode ser conferida no estudo de: AMARAL, Alexandre Souza. **Vamos à vacina: doenças, saúde e práticas-médico sanitárias em Belém (1904-1911)**. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, 2006.

²⁴⁴ SARGES, Maria de Nazaré. **Memórias do “Velho” Intendente: Antônio Lemos (1869-1973)**, op.cit.

outros - esse último por sua proximidade com a APL e coma Amazônia - apareceram atuando com certa intensidade nas fontes mencionadas, porém, nem todos serão trabalhados de forma intensa nessa tese, pois requereria um trabalho mais metuculoso e extenso sobre cada um deles. No espaço destacado nas revistas a figura de Peregrino nos chamou atenção. Do jovem que passou a desempenhar funções de revisor e redator, ainda quando jovem em Belém, posteriormente, foi para o Rio de Janeiro e lá se formou em medicina, e dentre outras funções foi Presidente da Academia Brasileira de Letras entre os anos de 1956-1957.

Consideramos pertinente trabalharmos com a figura do médico e jornalista Peregrino Júnior no período proposto para este estudo, pois a figura deste intelectual foi intensamente ligada ao mundo das letras no Pará e na Amazônia, ao que tudo indica, era tratado com especial distinção pelos seus pares no referido estado. Nascido em Natal, no Rio Grande do Norte em 12 de março de 1898, mudou-se para Belém em 1914, onde permaneceu até 1920, quando se mudou para o Rio de Janeiro, onde continuou sua atuação no meio jornalístico. Formou-se em medicina em 1929 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde desempenhou a partir daí uma carreira médica com grande êxito.²⁴⁵

João Peregrino Júnior da Rocha Fagundes desde muito jovem militou na imprensa, sendo que as letras e o jornalismo o acompanharam por vida toda junto a sua carreira na medicina. Os anos de 1950 correspondem ao período que Peregrino Júnior ocupou a cadeira da presidência da Academia Brasileira de Letras, e também um período de muitas visitas ao estado do Pará, como podemos averiguar nas revistas, nos jornais e nos suplementos literários.

²⁴⁵ NISKIER, Arnaldo. Peregrino Júnior: cadeira 18, ocupante 6. 2ª ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012.

Figura 3.3 – Peregrino Júnior na Academia Paraense de Letras em 1956



Fonte: Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (APGFF). Revista da Academia Paraense de Letras, nov. 1957, v. VIII.

A edição de novembro de 1957 da Revista da Academia Paraense de Letras foi, na verdade, dedicada ao 56º aniversário de fundação da referida instituição, e a estada de Peregrino Júnior ao Pará, em que teve destaque, inclusive, o discurso do mesmo. Esse discurso apresenta-se como um farto material, pois ali, o escritor rememora a sua longa caminhada como intelectual, e de seus momentos iniciais na imprensa paraense. Dizia Peregrino Júnior: “... abri os olhos no Rio Grande Norte. Mas para a literatura e para a vida pública, nasci no Pará!”. O estado Pará aparece como inspiração inicial de uma vida todo dedicada à literatura e a ciência. O clássico: *Histórias da Amazônia*, sobre a visão do mundo amazônico, sua geografia, lendas e mitos, nos remete a essa intensa aproximação.²⁴⁶

²⁴⁶ Em Belém exerceu diversas funções jornalísticas e esteve presente na fundação e direção da revista *A Guajarina* Cf.: <http://www.academia.org.br/academicos/peregrino-junior/biografia> e biografia escrita por Arnaldo Niskier e publicada na coleção Série Essencial, pela Academia Brasileira de Letras, em 2009. NISKER, Arnaldo. *Peregrino Júnior*. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012. (Série Essencial).

Permanecendo ainda no contexto das lembranças dos primeiros contatos de Peregrino Júnior e a intelectualidade paraense, a partir de 1914, nos lembra que o período em que viveu em Belém sempre esteve em boa companhia e nos remete a alguns nomes: na *Folha do Norte*, com Paulo Maranhão (a quem intitula ter sido seu primeiro mestre na arte de escrever); em *A Rua*, com Severino Silva; em *A Tarde*, com Raimundo Moraes; nas Revistas *A Semana* e *Guajarina*, com Oswaldo Orico, Martins Napoleão e Eneida. Ao poeta Lucídio Freitas que conheceu logo que chegou a Belém, mas especificamente, em uma confeitaria chama A Brasileira, localizada na época a Rua Conselheiro João Alfredo.²⁴⁷

No geral, podemos considerar a narrativa de Peregrino carregada de sentimentos, lembranças e memórias de parte de sua juventude no Pará entre 1914 até 1920, onde iniciou, de fato, a sua carreira jornalística. Ao rememorar esses momentos, Peregrino Júnior lembra de muitos nomes da intelectualidade local, ou seja, de uma geração de homens ligados à produção das letras no Pará dessa época, a época em que ele passou a frequentar a roda desses ilustres homens, como ele mesmo destacou.

Muitas outras homenagens foram direcionadas a Peregrino Júnior ao longo da referida edição, o consagrado historiador e jornalista paraense Ernesto Cruz proferiu um discurso ao intelectual homenageado; o escritor e jornalista Georgenor Franco também, realizou o discurso intitulado “trinta e seis anos depois”. Além disso, foram publicadas neste número algumas matérias que saíram no jornal *Folha do Norte* em 1956, como: “Um espetáculo inesquecível”, sobre a sessão litero-musical realizada pela APL em homenagem ao presidente da Academia Brasileira de Letras, e “O Peregrino Júnior que muitos desconhecem” sobre a vida em Belém, suas atividades e seu círculo intelectual, escrito por Georgenor Franco.

Em volume anterior, especificamente o número IV, publicado em março de 1953, trouxe o nome de Peregrino Júnior em sua capa junto ao nome dos acadêmicos locais, inclusive, o primeiro texto foi de sua autoria, intitulado “Problemas Psicológicos do Romance Brasileiro”, antes do texto, uma breve apresentação daquele que iniciou sua vida de homem das letras no Pará, e que honra a cultura nacional como membro da Academia Brasileira de Letras.

²⁴⁷Cf. Discurso de Peregrino Júnior, Presidente da Academia Brasileira de Letras na sede da Academia Paraense de Letras, em 03/05/1956. In. Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (APGFF). Revista da Academia Paraense de Letras, nov. 1957, v. VIII, p. 3-12.

Por tudo que tratamos até aqui, pode-se observar que muito se orgulhava a mais significativa casa das letras do Norte do país, com a relação sentimental e intelectual estabelecida com o Presidente da Academia Brasileira de Letras. Retomar a revista da Academia Paraense de Letras com uma sessão comemorativa e de homenagem a uma figura de destaque no cenário nacional pareceu ter um peso simbólico para esse momento.²⁴⁸

Outra personalidade de destaque - também, mencionado nos capítulos anteriores desta tese - neste círculo que podemos tratar brevemente seria o poeta e escritor José Sampaio De Campos Ribeiro. Nascido no Maranhão em 1901 veio para Belém ainda muito criança, onde iniciou seus estudos, posteriormente, fez parte da sociedade chamada Associação dos Novos, fundada no início da década de 1920 do século XX na capital do Pará. Agrônomo de formação foi também, jornalista e primeiro presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Pará. Atuou em cargos burocráticos no estado, a exemplo da direção da Sociedade Paraense de Educação e Secretário de Estado de Educação.²⁴⁹

Além disso, De Campo Ribeiro pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico do Pará, ao Conselho Estadual de Cultura e à Academia Paraense de Letras. Poeta, cronista, agrônomo, jornalista, maçom, entre tantas ocupações, De Campos Ribeiro foi figura presente na história da imprensa e na vida cultural da cidade de Belém.²⁵⁰ Este intelectual já foi objeto de estudo no campo das letras, a exemplo da dissertação intitulada *Memórias de uma velha cidade: a representação histórico-social de Belém pós Belle Époque em crônicas de De Campos Ribeiro*, onde a autora buscou realizar uma leitura das crônicas escritas por De Campos Ribeiro, essencialmente reunidas, em seu livro *Gostosa Belém de outrora* com o objetivo de analisar o panorama histórico social da cidade de Belém no pós Belle Époque.²⁵¹

²⁴⁸ Cabe ressaltar que Revista da Academia Paraense de Letras não teve circulação no ano de 1956.

²⁴⁹ Arquivo da Academia Paraense de Letras. Pasta De Campos Ribeiro (Biografia, parecer, ofícios, recortes de revistas e jornais).

²⁵⁰ Para compor estas breves traços biográficos de José Sampaio De Campos Ribeiro, foram consultados: CASTRO, Maria das Neves Rocha de. **Memórias de uma velha cidade**: a representação histórico-social de Belém pós-Belle-Époque em crônicas de De Campos Ribeiro. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará. Belém, 2011; FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Eternos Modernos**: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001; Arquivo da Academia Paraense de Letras. Pasta De Campos Ribeiro (Biografia, parecer, ofícios, recortes de revistas e jornais).

²⁵¹ MAFRA, Alessandra. **O arauto da cultura paraense**, op. cit.

Trata-se de um dos intelectuais mais engajados pela permanência do Suplemento Literário do Estado do Pará, inclusive, cobrando os próprios acadêmicos a participarem com seus textos, uma vez que os mesmos costumavam a reclamar da falta de espaço da imprensa em publicar suas produções. Foi Secretário do jornal *O Estado do Pará* e Presidente da Academia Paraense de Letras de 1951 a 1952, posteriormente entre os anos de 1968-1970. Nas páginas do Suplemento do Estado colaborou com poemas e crônicas. Na Revista da Academia Paraense de Letras e na Revista Amazônia contribuiu com sonetos e poemas. Na primeira publicou três sonetos intitulados: Eutanásia; A um velho poeta e Encruzilhada, e na última o poema “Revelação”, por exemplo.²⁵² Participou das atividades enquanto presidente do conselho, dentre elas, dos esforços para a continuidade da publicação da revista da academia durante a sua gestão e de algumas mudanças no estatuto desta instituição.²⁵³

Nos suplementos literários contribui com crônicas e entrevistas, que nos permite extrair algumas muitas informações a respeito de sua geração, a exemplo da crônica mencionada anteriormente (no primeiro capítulo) em que trata sobre a boemia literária e intelectual de Belém na década de 1920, tão importante para observarmos os pontos de reunião, de discussão, assim como os grupos que se formaram ou se formavam nesse período. Assim como, suas entrevistas podem ser consideradas “valiosas para a história da literatura brasileira” em que rememora a intensidade de sua vida intelectual no Pará, a exemplo do início de sua carreira na imprensa, onde jornalistas mais experientes como Martinho Pinto e Romeu Mariz exigiam dos mais novos, que escrevessem desde crônicas policiais a comentário sobre arte. Possivelmente essa ação ajudou a torná-lo um dos cronistas mais importantes de Belém, seu livro *Gostosa Belém de outrora ...* representa muito bem essa habilidade.

Nesse grupo, evidencia-se Georgeton Franco, intelectual paraense ligado à imprensa local, especialmente, ao Jornal “Folha do Norte”, onde desenvolveu atividades de revisor, redator e noticiário. Nasceu no dia 17 de novembro de 1919, desempenhou atividades como jornalista profissional e bancário. Destacaram-se seus contos, crônicas e poemas, dentre os quais: “poeira da minha estrada” (contos e crônicas), “Ouro e Lama”(Contos e Crônicas), “Rebeldia” (Poema). Foi também, diretor-

²⁵² Acervo Pessoal de Georgeton Franco Filho (APGFF). Revista da Academia Paraense de Letras, jan. 1952, n. 2.

²⁵³ Acervo Pessoal de Georgeton Franco Filho (APGFF). Revista Amazônia, jul. 1955. A entrevista foi realizada por Jurandir Bezerra, a frase entre aspas foi copiada na íntegra de sua reportagem.

secretário da Revista Amazônia, Presidente da Academia Paraense de Letras no período de 1962-1964 e de 1974-1985, sobre a qual publicou a obra *Uma história para a história: pedaços da vida da Academia Paraense de Letras*, editado em 1963, em que mostrou quem foram e como atuaram os homens de letras locais de duas ou três gerações passadas.²⁵⁴

Contribuiu valorosamente com os periódicos locais, tanto para a fomentação dos mesmos, como para os seus conteúdos. Disse ele que era “jornalista e poeta por vocação e bancário por necessidade”. Na revista da Academia Paraense de Letras cooperou com poemas, crônicas, assim como tratou sobre a vida e a obra de alguns personagens importantes para a intelectualidade amazônica, a exemplo de Acilino de Leão e Camerino Rocha. Sobre o primeiro recorda a respeito de seu caráter, da postura como médico e da sua oratória (muitas vezes improvisada, mas sempre eficiente), além disso, destacou seu contínuo compromisso com a Academia Paraense de Letras, tendo presidido esta instituição no período de 1945-1949.²⁵⁵ Alguns anos depois, publicou nesta revista a palestra proferida em sessão ordinária da APL de 1951, sobre o poeta Camerino Rocha, a respeito da vida e personalidade deste intelectual amazônida, nascido no Pará em 1871.

Sem dúvida, trata-se de mais um intelectual que dividia seus outros afazeres com as atividades de homem das letras. Georgenor Franco recuperou nomes importantes para a história da literatura e da intelectualidade paraense, dentro desse contexto, da história da Academia Paraense de Letras. Reconhecido entre seus pares pela dedicação em colocar o Pará em posição de destaque no cenário da literatura brasileira, essencialmente pelo desempenho seja como jornalista, acadêmico, secretário e posteriormente, como presidente da APL, este intelectual foi autor do projeto para os concursos anuais de literatura no silogeu, pois achava necessário abrir caminhos e portas para os novos escritores.²⁵⁶

Por fim, destacamos Luís Teixeira Gomes, ou simplesmente Jacques Flores foi um escritor e poeta paraense, nascido em 10 de julho de 1898. Trabalhou como operário gráfico em sua juventude e posteriormente se juntando a “Associação dos Novos”

²⁵⁴ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (APGFF), Revista Amazônia, abr. 1955.

²⁵⁵ Texto de autoria de Georgenor Franco intitulado “O Mestre Acilino de Leão” In.: Revista da Academia Paraense de Letras, jan. 1952, nº 2

²⁵⁶ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (ACPF). **Revista Amazônia**, abr. 1955. Em entrevista para a Revista Amazônia, Georgenor Franco fala brevemente sobre o início de sua carreira no mundo da literatura, no final da década de 1930.

pelos idos da década de 1920 em Belém, consolidando a partir daí seu prestígio como escritor. Pertenceu a Academia Paraense de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Assim como tantos outros intelectuais, dividiu seu tempo entre os serviços burocráticos e o de homem de letras. Publicou vários livros, entre eles: “Berimbau e Gaita”; “Cuia Pitinga” (1936) e “Panela de Barro” (1947), além de colaborar com diversos jornais locais, entre os quais: *Folha do Norte*; *O Estado do Pará* e *Imparcial*, tendo sido um dos redatores da revista *Pará Ilustrado*.²⁵⁷

Como tantos outros de seu grupo intelectual, também foi cronista, aliás, dominando com segurança esse gênero, e como sua filha Maria Leonor destacou, para além dos livros ele escreveu:

(...) centenas de crônicas publicadas nos jornais da época, ou inéditas. Nelas registrava de uma maneira pitoresca, a vida do povo do interior. Do seu povo. Essa vida mágica onde se misturam a imaginação transbordante do escravo negro com a do índio, fantasia do português com o sobrenatural do africano (...)
 (...) Foi um pintor dos costumes do povo sofrido do Norte, do caboclo de dentes estragados, barriga de verminose e cor de amarelão. Meu pai foi um nacionalista! Seu nome significa um pouco de nosso lugar. Um punhado de terra da Amazônia. (...).²⁵⁸

Os trechos acima demonstram a essência da produção deste escritor, enfocando a linguagem cabocla e a vida das pessoas dessa região. Sobre a sua preferência pela crônica dizia ele que foi “seu mel de cana”.²⁵⁹ Também tratou sobre aspectos históricos do Pará, na revista da Academia Paraense, por exemplo, versou sobre a história da Amazônia colonial com o artigo “O Pará no tempo dos capitães mores”, a respeito de um episódio ocorrido com Francisco Xavier de Mendonça Furtado (Governador e Capitão General do Estado do Maranhão e Grão Pará), irmão do Marquês de Pombal.²⁶⁰ Assim como, escreveu a respeito das indagações sobre os livros e as ilustrações, em que apresenta o ponto de vista de alguns intelectuais brasileiros, inclusive o seu.²⁶¹

²⁵⁷ Academia Paraense de Letras. Pasta dos Academicos/Pasta Luis Teixeira Gomes (Jacque Flores). Para construirmos essa breve biografia de Jacques Floes foram utilizados os seguintes textos: A “Belém Nova” e os poetas esquecidos, escrito por Clóvis Meira; e Jacques Flores - Biografia.

²⁵⁸ Idem. Recorte de Jornal. Matéria intitulada “Sala Jacques Flores é a memória viva do autor de Cuia Pitinga.”

²⁵⁹ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (ACPF). **Revista Amazônia**, ago. 1955, n. VII. Entrevista do mês: “Jacques Flores, entre sorrisos felizes e gestos de bondade”.

²⁶⁰ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (APGFF). Revista da Academia Paraense de Letras, jan. 1952, v. II.

²⁶¹ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (APGFF). Revista da Academia Paraense de Letras, ago. 1952, v. III.

3.3. Revista Amazônia

Como mencionamos no início deste capítulo, muitas revistas fizeram parte desse panorama da década de 1950 no Pará, como: *Gleba*, sob a direção de Benedito Nunes, Max Martins e Orlando Costa; *Amazônia*, tendo como diretor e secretário Georgenor Franco; *Clareira*, pertencente ao Órgão Oficial do Centro Juvenil de Cultura; e *O Fragetan*, fundado por Paulo Titan, assim como a própria Revista da Academia Paraense de Letras. Se, nem todas as revistas mencionadas acima poderão ser analisadas para esse estudo, as revistas da APL e Amazônia serão o carro chefe deste capítulo, no intuito de extrairmos e observarmos uma parte da dinâmica cultural da capital paraense na década de 1950.

A revista Amazônia de número 1º apresentou em suas primeiras páginas o real objetivo deste periódico: revelar as riquezas literárias, artísticas, científicas e econômicas do estado do Pará, e da Amazônia. E logo fica bem claro que se exclui a ideia de lucro financeiro a partir dessa revista, mas que para manter a mesma, e com o intuito de ser a voz do Pará e da Amazônia para o Brasil é possível que tenham que contar com a ajuda financeira de “classes conservadoras”, de “entidades públicas” e de “classes liberais”, desde que sem segundas intenções.²⁶² Logo, este discurso introdutório deixa claro sobre a possibilidade de a revista receber auxílio financeiro de “outras classes conservadoras”, sem falso moralismo, mesmo sendo uma revista de cultura.

Ainda em meio às palavras introdutórias ao primeiro número da revista, o final do texto nos chama atenção, o discurso de que “já é tempo de mostrarmos ao resto do Brasil que reflete e sente, que no Pará também se sabe fazer alguma coisa boa, visando a grandeza intelectual da nacionalidade”. Essa também foi a preocupação do poeta e acadêmico De Campos Ribeiro com relação à produção e divulgação das letras e da cultura no Pará ainda na década de 1950. Em entrevista no ano de 1957, para o Suplemento de Letras e Artes do jornal *A Província do Pará*, De Campos Ribeiro constatou que “a nossa literatura nada tem de inferior à ao resto do país”, mas o fato é que se vive longe da capital, e os livros que se publicam nos grandes centros culturais do Brasil não terão a mesma ressonância que no extremo norte do País.

²⁶² Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (ACPPF). *Revista Amazônia*, jan. 1955, Ano I, n.1.

Em meio a observação que tange a relação entre os importantes centros culturais e os centros culturais secundários, as considerações estabelecidas por intelectuais do porte de De Campos Ribeiro, nos ajudam a apresentar essa relação sob um viés específico, a diferença residiria não em termos de qualidade, mas em perspectiva de circulação. De Campos Ribeiro constatou ainda que, “se nossos escritores” não emigram para a ‘metrópole’, dificilmente seus valores poderiam ser projetados em vários setores do pensamento e da cultura. A qualidade do que se produzia em termos culturais parece nunca ter sido a dúvida dos intelectuais como De Campos Ribeiro, porém a luta por um reconhecimento mais amplo é que seria árdua.

Mais uma vez, essa questão é retomada na matéria intitulada “Contribuições aos estudos folclóricos”, de tudo aquilo que se constitui para esse período, do objeto ainda “confuso” da “incipiente” ciência folclórica. J. C. Oliveira destaca que, não há na Amazônia o apreço que os estudos folclóricos merecem, principalmente do ponto de vista literário e sociológico, como se tem nos centros intelectuais avançados como os da Europa; América do Norte; Rio de Janeiro; São Paulo; entre outros, onde são exploradas as tradições populares. Cabe retomar que, estamos tratando do contexto das ‘missões’ em defesa do folclore no final dos anos de 1940 e na década de 1950 no Brasil, observado no primeiro capítulo deste estudo.

A *Revista Amazônia* tinha na figura de José Hermogenes Barra, o papel de fundador, diretor e proprietário, sendo o acadêmico Georgenor Franco o seu Diretor-Secretário. Revista de publicação mensal, ao contrário da revista da APL, possuiu regularidade em suas publicações nos anos de 1950. A *Amazônia* contava com inúmeros colaboradores, dentre os quais: Geraldina Marx (em São Paulo); Paulo de Oliveira (no Rio de Janeiro) Bruno de Menezes; Alonso Rocha; Max Martins; Lindanor Celina; Ernesto Cruz; Jaques Flores; Avertano Rocha; entre outros. Constavam as secções: Feminina; Cinematográfica; Rádio; Esportes e Infantil. Além disso, constavam as páginas permanentes: Conto brasileiro; Conto paraense; Conto estrangeiro; Página de saudade; Página da Mulher; Literatura psicanalista; Páginas Antigas; Página dos Novos; Amazônia Literária. Essa era a distribuição da revista em questão.²⁶³

²⁶³ Ao que observamos essa era a distribuição, pelo menos, no que diz respeito ao primeiro número da revista ao circular na capital paraense. Outra secção que irá surgir ao longo das publicações é a secção “passada no presente”, sobre a qual falaremos mais adiante.

Estes seriam os primeiros passos da nova revista que estava circulando em Belém, com propostas para além das letras e artes, mas para a cultura de um modo geral, da Ciência, da Economia, do Rádio, do Cinema. Nas páginas da *Amazônia* estarão, também, registrados os reflexos das transformações econômicas e políticas do país, que caminharão ao lado das transformações culturais do Brasil, do modo de ler, de vestir, de se comportar. De um modo geral, como destacou o deputado federal à época Lopo Alvarez de Castro, a revista *Amazônia* é “uma revista à altura de nossas tradições”.²⁶⁴

Nesses termos, os mais diversos acontecimentos econômicos, culturais e intelectuais que marcaram a Amazônia brasileira ou capital do Pará para este período, eram apresentados nas páginas da referida revista, a exemplo da implantação da secção do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC) em Belém.

Para além da Revista da Academia Paraense de Letras e do Suplemento Literário do O Estado Pará, a Revista *Amazônia* apresenta-se como mais um canal de divulgação da produção intelectual de nomes e grupos que se propuseram a divulgar as letras, a cultura e a história na Amazônia, assim como da contribuição desses homens das letras amazônicas com as entidades ligadas à cultura, em termos nacionais e internacionais. Além disso, a revista em questão, também nos apresenta os registros dos encontros desses intelectuais, a exemplo do almoço em homenagem aos escritores Bruno de Menezes (pela 4ª edição de *Batuque* e 1ª edição do romance *Candunga*) e Georgetor Franco (pela 3ª edição do livro *Ouro e Lama*), e a José Hermogenes Barra (editor e diretor da revista *Amazônia*).²⁶⁵

Participaram desse almoço, constituído os ares de ‘cordialidade intelectual’, para além dos homenageados, nomes como o de Abelardo Condurú, Avertano Rocha, Levi Hall de Moura, Murilo Menezes, Ernesto Cruz (na época presidente da APL), entre outros acadêmicos da Academia Paraense de Letras; o professor Adelermo Matos, diretor do Conservatório de Belas Artes do Pará; Santana Marques, acadêmico e redator – chefe do jornal “O Estado do Pará”; deputados federais e estaduais; o representante da Academia Matogrossense de Letras, o dr. Jaime de Vasconcelos, que também foi o correspondente do governo de Mato Grosso na Comissão de Planejamento da Va-

²⁶⁴ Acervo Pessoal de Georgetor Franco Filho (ACPF). *Revista Amazônia*, fev. 1955, Ano I, n. 2. Visita do ex-governador à redação da Revista *Amazônia*.

²⁶⁵ Acervo Pessoal de Georgetor Franco Filho (ACPF). *Revista Amazônia*, mar. 1955, Ano I, n. III.

lorização da Amazônia. Enfim, estavam presentes no evento figuras importantes para a história, para as letras e para a economia da região no período analisado.

Com relação aos homenageados do encontro, devem-se rememorar alguns aspectos. Em estudo anterior sobre a trajetória intelectual de Vicente Salles, abordamos sobre a figura do folclorista e escritor Bruno de Menezes e da sua importância para os aspectos culturais e políticos da Amazônia.²⁶⁶ Este intelectual foi tipógrafo, encadernador, e adepto do Anarquismo, boêmio, apreciou de perto as manifestações culturais populares nos subúrbios de Belém, assim como, observou e escreveu sobre o negro, a presença de sua cultura na sociedade paraense, isso quando o negro estava longe de ser considerado elemento importante para a formação dessa sociedade.²⁶⁷

Outro homenageado, o jovem escritor Georgenor Franco, que alcançava naquele momento a terceira edição de seu livro *Ouro e Lama* (livro de contos e crônicas). Membro da Academia Paraense de Letras foi secretário do IBECC (seção do Pará), e nesse contexto da década de 1950, diretor da *Revista Amazônia*.²⁶⁸ Ainda nesse encontro, tomou a palavra o dr. Avertano Rocha – presidente do IBECC no Pará –, onde apresentou um retrospecto da vida cultural e artística do Pará, onde lembrou ter sido mestre de Georgenor Franco, e tendo visto no mesmo a vocação para as letras.

Da mesma forma, muitos elogios foram rendidos ao sr. José Hermogenes Barra, fundador e diretor da *Revista Amazônia*, que em seu discurso, reafirmou o seu propósito de direcionar todos os esforços para o “engrandecimento” cultural do Pará. Dois anos mais tarde, Hermogenes Barra recebeu da Academia Paraense de Letras uma medalha de prata em reconhecimento à sua dedicação para o progresso das letras, além do suporte gráfico para essa região.²⁶⁹

Para além da importância social e cultural do grupo que, constitui a Academia Paraense de Letras nos anos de 1950, e que contribuíam com a *Revista* desta institui-

²⁶⁶ Sobre a presença de Bruno de Menezes na trajetória de Salles com pesquisador cf.: MAFRA, Alessandra **O arauto da cultura paraense: uma história intelectual de Vicente Salles**. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, 2012.

²⁶⁷ Alguns estudos tomaram sobre a trajetória de Bruno de Menezes: ROCHA, Alonso. Bruno de Menezes: traços biográficos. In: ROCHA, Alonso et al. (Orgs.) **Bruno de Menezes ou a sutileza da transição: Ensaios**. Belém: CEJUP/UFPA, 1994, p. 7-36; FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Arte, Literatura e Revolução: Bruno de Menezes, anarquista, 1913-1923*. In: FONTES, Edilza; BEZERRA NETO, José Maia (Orgs.). **Diálogos entre História, Literatura e Memória**. Belém: Paka-Tatu, 2007, p. 293-307.

²⁶⁸ Estamos falando da figura de Georgenor Franco e de sua produção até a década de 1950. Fonte: A *Gazeta de São Paulo*, 10 de set. 1956. In. Academia Paraense de Letras. Pasta dos Acadêmicos (Pasta Georgenor Franco/ Artigos de Jornais 02/09/1950 a 19/12/1957).

²⁶⁹ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (ACPPFF). **Revista Amazônia**, jan. 1958, Ano I, n. XXXV.

ção, assim como, com outras revistas, como é o caso da Revista Amazônia, fica claro não só a importância de disseminar suas ideias e da sua produção, mas também, a tarefa de divulgar seu próprio grupo, e de como se auto definiam e se reconheciam como intelectuais, a exemplo do expressivo encontro dos mesmos no Central Hotel, em Belém, justamente para comemorar e divulgar o lançamento das obras de alguns integrantes desse grupo.²⁷⁰

No contexto dos anos de 1950, muitos projetos foram pensados e postos em prática para a valorização econômica da região amazônica, assim, se no discurso político presenciava-se uma preocupação com o futuro do país, onde a ideia de progresso e de modernidade caminhavam juntas, isto, conseqüentemente refletiria nas páginas das revistas com viés cultural na Amazônia. Assim, se as revistas representam as discussões que são promovidas no presente, como salientou Beatriz Sarlo, buscaremos observar como esse espaço de produção e divulgação apresentou essas transformações econômicas e sociais pelas quais passava o Brasil no período em questão.

Já dizia Getúlio Vargas em seu famoso “Discurso do rio Amazonas” que, “...é, no século XX, a mais alta tarefa do homem civilizado: conquistar e dominar os vales das grandes torrentes equatoriais ...” e que por impulso e por vontade do trabalho dos brasileiros, a Amazônia deixaria de ser apenas uma capítulo da história da terra, para tornar-se “... um capítulo da história da civilização”.²⁷¹ . Esse discurso diz respeito ao plano político de colonização e de ocupação desse espaço, utilizado pelo Estado Novo (1937-1945), o qual seria marcado pela revalorização da Amazônia, com intuito de trazer prosperidade e cultura para o país.

Por outro lado, a revista Amazônia apresentou um posicionamento bem realista, em maio de 1955, trouxe uma breve reflexão escrita por Anísio Chaves intitulada “O problema da Amazônia é o problema do Brasil”, onde ressalta os atrativos da Amazô-

²⁷⁰ Para a referida análise dos grupos intelectuais utilizamos: WILLIAMS, Raymond. A Fração Bloomsbury. **Plural**, São Paulo, n. 6, p. 139-68, 1999; PONTES, Heloísa. **Destinos Mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1968)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Conforme Pontes, o grupo foi criado em 1939, e logo procurou criar um veículo, no caso a revista Clima, em 1941, para disseminar suas ideias. Cultura, política, artes plásticas, música, teatro, entre outros, foram alguns dos temas que projetaram muitos intelectuais pertencentes a este grupo, a exemplo do próprio Antônio Candido, como crítico literário, ou de Décio de Almeida Prado, como crítico de teatro, ao longo das décadas de 40, 50 e 60 no campo intelectual e cultural da cidade de São Paulo. Ao observar a trajetória dos críticos do grupo clima, é possível perceber as “ligações” ou “relações” desse grupo com algumas personalidades como Florestan Fernandes, e Mário de Andrade.

²⁷¹ SECRETO, Maria Veronica. A ocupação dos “espaços vazios” no Governo Vargas: do “Discurso do Rio Amazonas” à saga dos soldados da borracha. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 40, p. 115-35, jul.-dez. 2007.

nia brasileira, da existência de lugar e terra para todo “gênero de cultura”, campos naturais, espécies animais, vegetais úteis que bem cultivados podem apresentar safras abundantes, requerendo trabalho técnico e uma cultivação inteligente, mas que lamentavelmente, ainda estavam na fase da cultura manual ou indígena, em um regime de trabalho absurdo em que não se melhora a produtividade, conseqüentemente refletindo no encarecimento da vida em todas as camadas sociais.²⁷²

Apesar de todos os problemas sociais e econômicos da região, a cidade de Belém absorveu este discurso otimista no pós-guerra. A respeito desse momento, Eva Carneiro nos apresenta a produção de imagens narrativas realizadas por Milton Mendonça (Cinegrafista de alguns filmes de Líbero Luxardo) nas décadas de 1950 e de 1960, na região Norte do Brasil, onde muitos dos documentários realizados por esse cinegrafista foram produzidos a serviço do governo do Estado do Pará. Assim, foram apresentadas cenas de inauguração de espaços públicos; de obras na estrada Belém – Brasília; da recepção do Ministro da Saúde, assim como, da inauguração de bancos; de iluminação de avenidas, e registros de inúmeros eventos oficiais.²⁷³ Logo, Belém respirava a modernização dos grandes centros.

Em abril de 1957, a *Revista Amazônia* apresentou em sua capa a face mais imponente da modernização da cidade de Belém, o Edifício Manoel Pinto da Silva. Segundo a descrição, o prédio era, naquele momento, o mais alto da região norte do país, tendo sido “plantado no ponto mais aristocrático de Belém – a Praça da República”. Conforme Túlio Chaves foi entre as décadas de 30, 40 e 50 do século XX que, a Avenida Presidente Vargas se consolidou como a avenida principal da cidade de Belém e que, além dos arranha-céus, tinha em seu entorno vários espaços de sociabilidade, como: cafés, teatro, cinema, clubes, entre outros, o que acabou tornando avenida em centro econômico e cultural da cidade.²⁷⁴

Bastante oportunas para a continuidade da nossa discussão, são as considerações do geógrafo Antônio Rocha Penteado, que destacou em seu estudo os escritos do

²⁷² Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (ACPF). *Revista Amazônia*, set. de 1955, n. IX.

²⁷³ Cf.: CARNEIRO, Eva Dayna. **Os espectadores**: história, sociabilidade e cinema em Belém do Pará na década de 1950. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, 2016. A tese trata sobre a atuação do primeiro cineclubista na cidade de Belém na década de 1950, das aproximações entre literatura e cinema, a partir das reflexões de seus membros, e sempre dialogando com as transformações econômicas do momento.

²⁷⁴ CHAVES, Túlio Augusto Pinho de Vasconcelos. **Isto não é para nós**: um estudo sobre a verticalização e modernidade em Belém entre as décadas de 1940 e 1950. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, 2011.

geógrafo francês Pierre Gorou sobre Belém no final da década de 1940, que o mesmo escreveu a partir de uma visita a cidade em 1948, onde observou uma cidade que se apresentava constituída por espaços contraditórios, em que se convivia com a crise dos negócios e a atividade persistente da produção da borracha, mas que por outro lado, não deixava de apresentar algumas tendências desenvolvimentistas.²⁷⁵

Nesse sentido, Rocha Penteado é um pouco mais detalhista e nos remete as impressões do seu grupo sobre uma cidade do Norte do Brasil no pós-guerra. Tratava-se de uma cidade com deficiência na parte do sistema de energia elétrica; da água potável e de circulação urbana. Sem dúvida, Belém foi beneficiada por programas políticos de desenvolvimento, a exemplo da instalação da própria base militar que, conseqüentemente fez com que circulassem muito mais pessoas que o habitual não só no aeroporto, mas na cidade, nos hotéis, nos espaços públicos, porém, o grosso da sua população vivia na mais absoluta pobreza, fatalmente percebido, mesmo que por um rápido olhar.²⁷⁶

²⁷⁵ PENTEADO, Antônio Rocha. Belém do Pará: estudo de Geografia Urbana. Belém: UFPA, 1968, vol. 1, p.180

²⁷⁶ Idem, 182 e 183

Figura 3.4 – Edifício Manoel Pinto da Silva em 1957 (Capa da Revista Amazônia)



Fonte: Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (APGFF). **Revista Amazônia**, abr. 1957, Ano III, n. XXVIII.

Observa-se que, o prédio imponente para a época, como o Manoel Pinto da Silva, que marcava a face mais evidente da modernidade da cidade de Belém para a época, enquadrou-se em meio ao desenho da floresta e dos indígenas que representam a região. Ao nosso entender, o cruzamento das imagens representa a nítida convivência da floresta com os traços modernos da capital, Belém, porém, o desenho assinado por “Titan” aparece em outros números da revista servindo como moldura da imagem central.²⁷⁷

A investigação do cotidiano ou da dinâmica da vida urbana realizada a partir da produção cultural local na década de 1950, na cidade de Belém do Pará, enquadra-se, como já mencionamos anteriormente, em um panorama mundial bastante delicado de

²⁷⁷ A análise das capas, sem dúvida, apresenta-se com relevância para compreensão da trajetória do periódico, porém, desenvolveremos melhor esta discussão em outro momento deste capítulo.

transformações, o momento imediatamente posterior a Segunda Guerra Mundial. Desse modo, as ideias de progresso e de sociedade moderna são apoiadas pelo desenvolvimento econômico que ocorre no Brasil, e não podemos deixar de destacar o protagonismo da região Sudeste, especialmente, do estado de São Paulo, dentro dessa dinâmica econômica com o apoio de uma burguesia industrial. Por outro lado, temos alguns esforços para o desenvolvimento da Amazônia, no sentido de integrá-la ao resto do País. O discurso da política desenvolvimentista para esse período era que, a Amazônia deveria ser reerguida a partir do esforço da nação brasileira, no intuito de conquistar e dominar suas terras para preencher o vazio que caracterizava este espaço.²⁷⁸

Cabe retomarmos que, a preocupação com o econômico e o social, também, fazia parte das discussões dos “homens de pensamento” da Amazônia que, procuraram unir esforços para realizar em Belém o *Congresso das Academias de Letras e Intelectuais do Brasil*, em comemoração ao primeiro centenário de nascimento de Inglês de Sousa, o qual seria realizado no ano de 1954. A ênfase em ser o primeiro congresso desse porte a realizar-se na Amazônia, foi o que trouxe em duas de suas páginas, a revista da APL em março de 1953. Assim, o evento teria como objetivo, além das discussões dentro do aspecto literário, traria para as discussões os problemas econômicos e sociais da Amazônia.²⁷⁹

Esses esforços contaram com o apoio do Governo do Estado do Pará, na figura do governador do Estado, o general Alexandre Zacarias de Assunção (Governador do Estado no período de 1951-1956). Para além do empenho em trazer o importante congresso para Belém, os acadêmicos continuavam a trabalhar para a conquista da sede própria da Academia Paraense de Letras, que até então, não tinham conquistado. Em 1954, a diretoria da APL foi recebida pelo governador à época, o marechal Zacarias de Assunção, e como resultado desse encontro dos intelectuais e o governador resultou a lei que concedeu um auxílio para a obtenção da sede própria.²⁸⁰

²⁷⁸ Gilberto Marques apresenta um panorama interessante para a região Amazônica nesse período, a partir de uma perspectiva econômica. O autor salienta que, com a II Guerra Mundial a economia regional apresentou um efeito eufórico com a produção do látex, mas que após a retomada dos seringais no Sudeste Asiático pelos Aliados, o interesse pelo produto declinou novamente. Mesmo assim, os interesses dos extrativistas locais continuaram a pressionar o governo federal por investimentos, porém, a Amazônia apresentava uma considerável perda no espaço econômico nacional em relação ao Sudeste do Brasil. MARQUES, Gilberto. SPVEA: o Estado do desenvolvimento regional amazônico (1953-1966). **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**. São Paulo, n. 34, fev. 2013, p. 165-6.

²⁷⁹ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (APGFF). Revista da Academia Paraense de Letras, mar. 1953, v. IV.

²⁸⁰ FRANCO, Georgenor. **Uma História para a história**, op. cit., s/n.

Além disso, o Pará e a Amazônia estavam inseridos culturalmente e cientificamente nos planos da UNESCO, como mencionamos anteriormente, e nesses termos, todos os esforços estavam direcionados em trazer bons projetos para Amazônia, com a possibilidade da criação de um *Comitê Científico Nacional da Amazônia*, formado pelos diretores de instituições científicas que operam nessa região; da *Universidade de Agricultura Tropical da Amazônia*, com sede em Belém; e do *Instituto de Geologia Aplicada*, que teria sede em Manaus. Projetos estes que visavam às necessidades do progresso humano e o desenvolvimento do extremo Norte do Brasil.²⁸¹

O modelo ocidental de viver e se comportar nas grandes cidades estavam estampados nos jornais, revistas e suplementos literários em Belém no desenrolar da década de 1950, desde notícias sobre a arte contemporânea nos EUA, da forma como se vestir, das indicações de leituras de livros franceses, do cinema. Esses aspectos estavam presentes nesses espaços de circulação da informação, mas também estavam presentes os ideais modernistas, da cultura popular, e do folclore na Amazônia. O incentivo ao desenvolvimento amazônico, inclusive através de instituições internacionais de cultura e educação, como foi o caso do IBECC (UNESCO) no Brasil, e para este estudo, especialmente a Amazônia, colocou Belém, se não da mesma forma de outras regiões mais desenvolvidas, dentro do discurso de progresso para esse momento.

Foi nesse cenário da década de 1950 que, a *Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia* (SPVEA) foi criada, mais exatamente, em 1953. O SPVEA foi considerado como uma inovação no planejamento brasileiro, que no caso seria uma instituição regional responsável pela elaboração da política de desenvolvimento e, responsável pela relação desta com as “unidades federativas, níveis de governo e setores da economia”.²⁸² Assim, a Revista Amazônia também registrava as atividades da referida instituição. Em fevereiro de 1955, a revista publicou uma foto da exposição, apresentando “tudo quanto já foi feito” em benefício da planície amazônica, desde que foi fundada esta superintendência.²⁸³

Na edição de janeiro de 1959, a Revista Amazônia apresentou em sua capa a notícia da visita do presidente Juscelino Kubitschek naquele mês em Belém do Pará. A

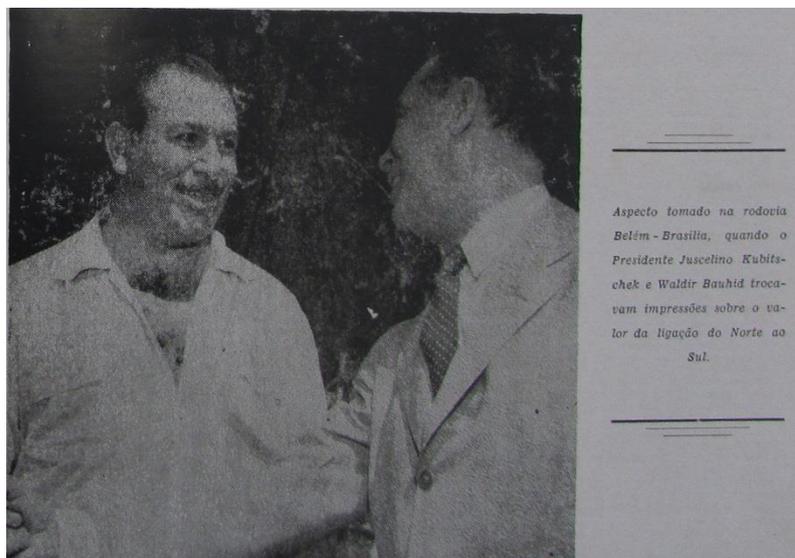
²⁸¹ Arquivo da Academia Paraense de Letras - Pastas dos Acadêmicos - Georgenor Franco (Pai) - Artigos de Jornais (1950-1957). Texto intitulado “Será instalada em breve aqui a comissão estadual do IBECC”, datada em caneta em 29/12/1955, possivelmente pelo jornalista Georgenor Franco. MARQUES, Gilberto. SPVEA, op. cit., p. 170-1.

²⁸³ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (ACPPFF). **Revista Amazônia**, fev. 1955, Ano I, n. II. A nota também ressalta o discurso de Arthur Cezar Ferreira Reis, então Superintendente da SPVEA.

matéria, então, intitulada “A estrada que levará a Amazônia ao encontro com o progresso”, nos mostrava a movimentação da construção da Rodovia Belém – Brasília, que fazia parte do plano de valorização da Amazônia, e tinha como objetivo a integração entre as regiões nacionais. Cabe recuperar que na década de 1950 nascia Brasília, e dentre as suas particularidades, conforme coloca Adrián Gorelik, nascia como um monumento da modernidade ocidental, e, além disso, como obra de arte e de urbanismo, tendo conseguido resultados eminentes na construção de sua identidade, em comparação a grandes cidades como Londres, Paris e Nova York, por exemplo.²⁸⁴

Esse cenário de trabalho pela modernização e da preocupação com o futuro da Amazônia foi captado pela revista *Amazônia*, uma vez que, também era proposta da mesma divulgar assuntos relacionados à economia e ao desenvolvimento do Brasil e, essencialmente, da região Norte. Assim, a construção da rodovia representava um: “Imperativo de ordem política e de ordem econômica; de ordem sócio-educacional e de ordem estratégica. Para o Brasil – e mais acentuadamente para a Amazônia...”²⁸⁵ Logo, a *Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia* (SPVEA) seria uma das responsáveis pelo futuro da região Amazônica, onde o seu Superintendente dr. Waldir Bouhid estava a tomar medidas para assegurar o desenvolvimento da região.

Figura 3.5 – Visita de JK à Amazônia



Aspecto tomado na rodovia Belém - Brasília, quando o Presidente Juscelino Kubitschek e Waldir Bouhid trocavam impressões sobre o valor da ligação do Norte ao Sul.

Fonte: Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (APGFF). Revista *Amazônia*, jan. de 1959, Ano 5, n. XLIX.

²⁸⁴ GORELIK, Adrián. O museu da vanguarda, 1950 e 1960. In: _____. **Das vanguardas a Brasília.** Cultura urbana e arquitetura na América Latina. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005, p. 155.

²⁸⁵ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (APGFF). Revista *Amazônia*, jan. 1959, Ano 5, n. XLIX.

Dentre tantos esforços do governo para o desenvolvimento econômico do Brasil – a exemplo da matéria direcionada em esclarecer a criação e a atuação da Petrobras, e das suas pesquisas e extração do petróleo no Brasil – nos concentramos na Amazônia. Dentre outras iniciativas do governo brasileiro, observamos uma nota bastante peculiar em relação a Amazônia, que como o intuito de solucionar o problema de gênero alimentício nos principais centros populacionais da planície em questão, um avião foi financiado pelo SPVEA, e o mesmo aparece em uma foto, na pista do aeroporto de Val de Cães, em Belém. Além da informação que, os serviços aéreos da empresa Cruzeiro do Sul, estavam se comprometendo a investir o dinheiro para adquirir outros aviões para o mesmo fim.²⁸⁶

Essas iniciativas que, representavam as transformações econômicas e sociais do País, também, faziam parte da Revista Amazônia por meio de textos e de imagens, e demonstravam a prosperidade e o desenvolvimento da Região Norte do Brasil, em seu modo peculiar. Assim como, divulgava o momento desenvolvimentista para região, por outro lado não deixava de apresentar o seus problemas em um espaço contraditório, uma vez que observamos as propagandas sobre água, luz e saúde para a população, embora seja mais uma propaganda de governo daquilo se estava fazendo em benefício de todos. A cidade de Belém considerada a porta de entrada da Amazônia apresentava bem essa característica das contradições, como observou o geógrafo Rocha Penteado.

Dessa forma, a capital do Pará respirou os ares de desenvolvimento pensado para o Brasil, era necessário ‘diminuir as distâncias’ entre as regiões, também se tornava necessário a cidade considerada como portal da Amazônia, acompanhar esse progresso. Assim, a revista Amazônia noticiou o início da construção de um grande e moderno hotel para Belém, e dedicou uma página inteira sobre este acontecimento, pois se tratava de algo necessário para a cidade que continuava a crescer, porém sem oferecer estabelecimentos que apresentassem o mínimo conforto aos seus visitantes, o que afetava consequentemente a movimentação turística da cidade.²⁸⁷

Conforme a informação da revista tratou-se de uma construção com 16 pavimentos e 140 apartamentos com móveis, cortinas, ar refrigerado, tapetes e telefones em todos os cômodos, ou seja, um grande empreendimento para a época. Podemos considerar que o início das obras de construção do hotel foi um marco para a cidade, pois

²⁸⁶ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (ACPF). **Revista Amazônia**, jul. 1957, Ano 3, n. XXXI.

²⁸⁷ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (ACPF). **Revista Amazônia**, jan. 1959, Ano 5, n. XLIX.

além da presença do governador Magalhães Barata e do prefeito Lopo de Castro, o acontecimento contou com a participação do presidente Juscelino Kubitschek. A construção de mais um arranha céus na cidade significava que ela estava acompanhando progresso do país, mesmo que por passos lentos. Pois, bem, essa era cidade, o estado, a região que os nossos intelectuais transitavam e produziam, a mesma que vagarosamente ia se modernizando e convivendo lado a lado com os subúrbios e com as dificuldades da população por serviços básicos.

A revista também informava sobre as tendências mais modernas de construção nos Estados Unidos, como as casas pré-fabricadas que começavam a fazer sucesso nas praias e em pontos de veraneio, e sua decoração. Nesses termos, o comportamento, assim como, o modo de viver das pessoas passariam por uma intensa modificação. E, a partir das tendências norte-americanas, principalmente, observa-se a necessidade de acompanhar os passos da moda, e do cinema. Isso, garantiria as secções como a “Feminina”, assinada por Helena Cardoso, e a “Cinematográfica”, assinada por Ubiratan de Aguiar, no corpo da Revista.

3.4. O papel feminino na Revista Amazônia

Nosso estudo se enquadra em um período da história do Brasil em que o estilo de vida e o comportamento das pessoas foram extremamente influenciados, principalmente, pelos moldes norte-americanos. Nas grandes cidades, ou nos principais eixos, a exemplo de Rio-São Paulo, a economia caminhava ao lado das transformações culturais. A cidade de Belém não fugiu a regra, mesmo que a partir de algumas interpretações, pudesse ser considerada como centro cultural secundário dentro do Brasil.

Como já mencionado em outro momento deste estudo, o contexto pós-Segunda Guerra no Brasil foi caracterizado por uma breve abertura democrática, pelos debates de cunho político – ideológico, e discussões que diziam respeito ao anticomunismo e aos projetos políticos-desenvolvimentistas. Nesse contexto, a ideia de democracia e participação estava presente nos discursos políticos da época, além de, terem sido am-

pliados o acesso à informação, lazer e consumo, proporcionados pelas transformações econômicas que passava o Brasil da década de 1950.²⁸⁸

Partindo desse contexto de crescimento e desenvolvimento, Carla Bassanezi aponta que, mesmo com toda a ampliação para a vida dos brasileiros nesse momento, onde as condições de vida nas cidades foram se modificando e acabando por diminuir muitas das distancias entre homens e mulheres, as distinções de seus papéis continuavam sendo intensamente diferenciadas. Muito comuns eram as revistas que tratavam de assuntos femininos, e que estampavam em suas páginas as “ideias sobre a diferença sexual predominante nessa sociedade”, a exemplo da Revista *O Cruzeiro*.²⁸⁹

Nesses termos, observado o crescimento no aspecto econômico e todas as transformações na sociedade por ele causada, a mulher embora participativa no mercado de trabalho, continuava a ser vista como sonhadora e romântica, onde seu objetivo se reduzia a conquistar um marido, ter filhos e ser uma boa esposa, independente de qualquer coisa, mas agora com a existência da possibilidade de escolher por amor, o seu par. Eis uma conquista nesse ambiente de inúmeras transformações e informações, pois a mesma já não era obrigada a casar com quem seus pais escolhessem, afinal, naquele momento casar sem afeto estava “fora de moda”²⁹⁰, porém, ainda era uma constante.

Como bem pontuou Cristina Meneguello, as revistas dos anos de 1940 e 1950 apresentavam de um modo geral, vários conselhos para o que deveria ser atribuído às mulheres, a exemplo de como cuidar da alimentação do marido e da família, cuidados com os filhos, com a decoração da casa, de como conquistar um bom casamento, porém sendo necessário tomar cuidado com a padronização do que é atribuído ao feminino, pois além do papel tipicamente desejado para uma mulher, conviviam as mulheres modernas, as insatisfeitas com o casamento, as que trabalham fora e ainda, aquelas que além da carga do trabalho precisavam cuidar dos filhos e do marido com dedicação.²⁹¹

²⁸⁸ BASSANEZZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 608.

BASSANEZZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados, op. cit., p. 609-10.

²⁹⁰ A preocupação dessas revistas com discursos de comportamento estava associada às novidades vindas de países estrangeiros, pois em revistas como a *Amazônia* é possível perceber a importância de modelar o comportamento das moças, embora não tivesse como controlar as informações e novidades que chegavam à convivência das mesmas através do cinema, dos livros, da moda, da expansão das novidades.

²⁹¹ MENEGUELLO, Cristina. Mulher e mídia nos anos 50: reflexões sobre a documentação. **Caderno Espaço Feminino: Revista do Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa Sobre a Mulher**, Uberlândia, v. 2, n. 1, 1995, p. 83-4.

Não estamos tratando de uma revista exclusivamente feminina, mas sim de uma revista publicada no Norte do Brasil nos meados dos anos de 1950, em que se propõe atingir um público mais amplo, que fique inteirado sobre os mais diversos assuntos, como política, economia, cinema e literatura, mas que apresentava uma seção dedicada à figura feminina. Assim, a seção feminina intitulada *Amazônia Feminina* era permanente, e assinada por Helena Cardoso. Dedicava seu espaço a dicas de elegância, beleza e conselhos, desde como cuidar do seu aparelho de jantar ou café, da pele seca, de como ser encantadora aos 40 e de como servir um chá, até os novos lançamentos da moda europeia, como a nota sobre “A nova linha Dior”.

A Revista *Amazônia* de março de 1956 trouxe a matéria sobre o casamento de Marta Rocha (Miss Brasil de 1954) com Álvaro Piano, destacando os rumores de ele ser divorciado em Portugal ou na Argentina, e que se tratava de um casamento contra a vontade dos pais da noiva, assim como os do noivo. No geral, a matéria para além destacar fatos curiosos e duvidosos sobre o noivo, apresentou o acontecimento de forma não muito positiva, em que pairava a dúvida de desconfiança sobre a durabilidade do enlace ocorrido nesses termos. A matéria, também, criticava fato de os noivos procurarem “estranhamente” Mar del Plata para a realização da cerimônia, considerada uma zona neutra no que diz respeito a legislação.²⁹²

Torna-se pertinente destacar que, a matéria sobre o casamento de Marta Rocha tenha tido lugar em uma página antes da seção *Amazônia Feminina*, seção esta que apresentou um breve texto sobre “Casamentos Infelizes”, onde se destaca que repercutem mal ao espírito das crianças as discussões ou trocas de palavras ásperas dos pais, principalmente se os filhos são adolescentes, e o quanto pode ser dolorosa a vida de uma esposa cujo marido não tem a mesma afeição dos primeiros tempos do casamento. A partir da análise das duas matérias, observamos que, se de um lado temos o exemplo do que não deve ser seguido pelas moças em relação à escolha de um marido, por outro, a figura de um homem ideal, de certa forma, também era exigida pela sociedade, uma vez que não era visto com bons olhos um casamento com um homem divorciado.

Ao tratar sobre o papel da mulher escritora no século XIX, Norma Telles rememora sobre o difícil e longo trajeto da conquista da mulher no território da escrita no Brasil, utilizando as palavras da renomada escritora Hilda Hilst nos anos de 1990, onde a mesma salientou que “a atividade de escrever para a mulher, requer muito es-

²⁹² Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (ACPPF). *Revista Amazônia*, mar. 1956, n. XV.

forço”.²⁹³ Nesses termos, procuraremos apresentar a mulher escritora ou mesmo colaboradora dentro da revista *Amazônia* que, se fez presente com suas crônicas, contos e matérias que utilizavam, por inúmeras vezes, uma página inteira deste periódico. Sem dúvida, trata-se do reflexo de uma conquista memorável, levando-se em consideração que, a produção feminina fosse notória nas páginas tradicionais da Revista da APL, porém a contribuição da mulher, de fato, era bastante reduzida para este periódico predominantemente masculino, até porque se trata de perfis bastante diferentes de revista.

Lembra-nos a historiadora Michele Perrot que, a primeira imprensa feminina especializada é a da moda, no início do século XVIII, em que as mulheres aos poucos vão se introduzindo em um ambiente onde os homens são responsáveis maciçamente pelo ato de escrever, essa mesma imprensa ganha força no século XIX por conta do sucesso entre as mulheres, que progressivamente vão ocupando um espaço significativo. Em um contexto europeu, Perrot salienta que o gênero biográfico faz sucesso, como das rainhas e santas, além disso, a escolha da matéria e do tom utilizado, consequentemente vão refletindo o desejo da mulher pela educação, o saber e o trabalho. As revistas femininas se destacam nos séculos XIX e XX, onde os patrocinadores buscam interferir em seu estilo de vida, nesse momento inicial, essas revistas são direcionadas aquelas mulheres com gosto mais requintados, posteriormente, os discursos mais engajados vão tomando conta das páginas desses periódicos.²⁹⁴

Decerto, a *Revista Amazônia* seguia o modelo da outras revistas no Brasil, no sentido de apresentar seções direcionadas às mulheres, como as descritas anteriormente por Bazanessi (2009). Não obstante, fez com que as mesmas saíssem do circuito das poesias, e passassem a contribuir para além dos poemas, ou seja, observamos as mulheres mais presentes nos suplementos de jornais e nas revistas com viés cultural. No que diz respeito a *Revista Amazônia*, constata-se uma seção direcionada exclusivamente para mulheres, mas também as encontramos mulheres escritoras, atuando diretamente nas páginas desse periódico, como responsáveis por reportagens, entrevistas e crônicas, indo muito além da escritura de poemas. Trata-se de uma revista moderna, direcionada, também, para uma mulher moderna, considerando, claro, as limitações da imprensa época.

²⁹³ TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 409.

²⁹⁴ PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 33-4.

Nesses termos, com relação à *Amazônia*, podemos relembrar o caso das escritoras que se destacaram na revista em questão. Nomes como o de Eneida de Moraes, Geraldina Marx e Lindanor Celina foram alguns dos mais constantes na revista. Eneida, por exemplo, atuou principalmente com reportagens, uma delas soa mais como um apelo em torno de uma peça rara que poderia muito bem ser adquirida pelo Museu Nacional, um Muiraquitã de Jade. Eneida de Moraes, escritora já consagrada, utiliza um teor de cobrança em suas palavras direcionadas claramente a diretora do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Heloisa Alberto Tores. Uma breve reportagem, porém embasada em alguns títulos da produção do naturalista e botânico brasileiro João Barbosa Rodrigues, demonstra que a peça encontrada em Óbidos (no Pará) pertencente à família Barbosa Rodrigues “deve e merece” ficar no Brasil, preferencialmente, deveria ser enviada para o Museu Emílio Goeldi.²⁹⁵

Nas páginas da revista em questão, Eneida apresentou aos leitores sobre a moda que tomou conta do Brasil, as tardes de autógrafos, inovação proposta pela Livraria São José, no Rio de Janeiro. Relembrou Eneida do fracasso da primeira tarde de autógrafos com o poeta Manuel Bandeira, e o sucesso conquistado em um tempo curto através dos anúncios postos em jornais e livrarias, fez com que o público compreendesse o sentido da iniciativa que permanece até hoje. Principalmente, informa ao público a respeito das novidades nas grandes capitais, sobre o circuito dos livreiros e escritores.²⁹⁶ Ademais, Eneida apresenta uma reportagem literária sobre a mais recente obra do escritor paraense Dalcídio Jurandir *Três Casas e um Rio*, romance que se passa na Ilha do Marajó, entre os campos e os rios da vila de Cachoeira. Uma reportagem publicada originalmente no jornal “Diário de Notícias” do Rio de Janeiro.²⁹⁷

Outra escritora constante nas páginas de *Amazônia* foi Geraldina Béjar Peixoto Marx, nascida em São Paulo, viveu por muito tempo no Rio de Janeiro, onde publicou em inúmeros jornais e revistas, tendo na década de 1940, lançado o romance “Meu Marido voltou” em uma revista da capital do Pará.²⁹⁸ Em junho de 1955, na *Revista Amazônia*, foi publicada a foto de uma jovem e talentosa escritora paulistana, seu nome: Geraldina Marx. Essa jovem teria papel intenso nas páginas desta revista, publi-

²⁹⁵ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (ACPF). *Revista Amazônia*, jun. 1957, n. XXX.

²⁹⁶ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (ACPF). *Revista Amazônia*, jul. 1957, n. XXXI.

²⁹⁷ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (ACPF). *Revista Amazônia*, jul. 1958, n. XLIII.

²⁹⁸ Nota biográfica assinada pelo Club do Livro, Marx, Geraldina. Pôrto do remanso. São Paulo: Clube do Livro, 1960. Segundo a nota biográfica, esta escritora lançou o referido romance na revista de Veterinária, em Belém do Pará.

cando contos, romances e matérias sobre figuras dos círculos intelectuais do Pará, entre outros. Colaboradora de diversos jornais e revistas pelo Brasil, a Sra. Marx, foi compreendida pelos seus pares paraoaras como uma “brilhante e ilustre escritora”.

Essa publicação nos sugere o registro da satisfação por ela ser receptora e leitora do periódico em questão, e da afirmação de sua brilhante carreira de escritora. Assim, nos permite observar a participação constante de Geraldina Marx nas páginas da referida revista daqui por diante.

Figura 3.6 – Geraldina Marx



Fonte: Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (ACPPF). **Revista Amazônia**, jun. 1955, Ano. I, n. VI

Nesse contexto, devemos considerar que a Sra. Marx passaria a colaborar com a *Revista Amazônia*, praticamente, desde a sua origem (meados da década de 1950) . Logo no segundo número da revista, lançada em fevereiro de 1955, esta escritora assinou um texto onde tratou a respeito das comemorações do IV Centenário da cidade de São Paulo de forma bem peculiar. Dentre tantos festejos pela cidade, destacou a coroação da Rainha do Ibirapuera, e daí puxou inúmeras curiosidades e explicações sobre o parque, para os ‘caros leitores paraenses que ainda não conhecem São Paulo’. Sobre o

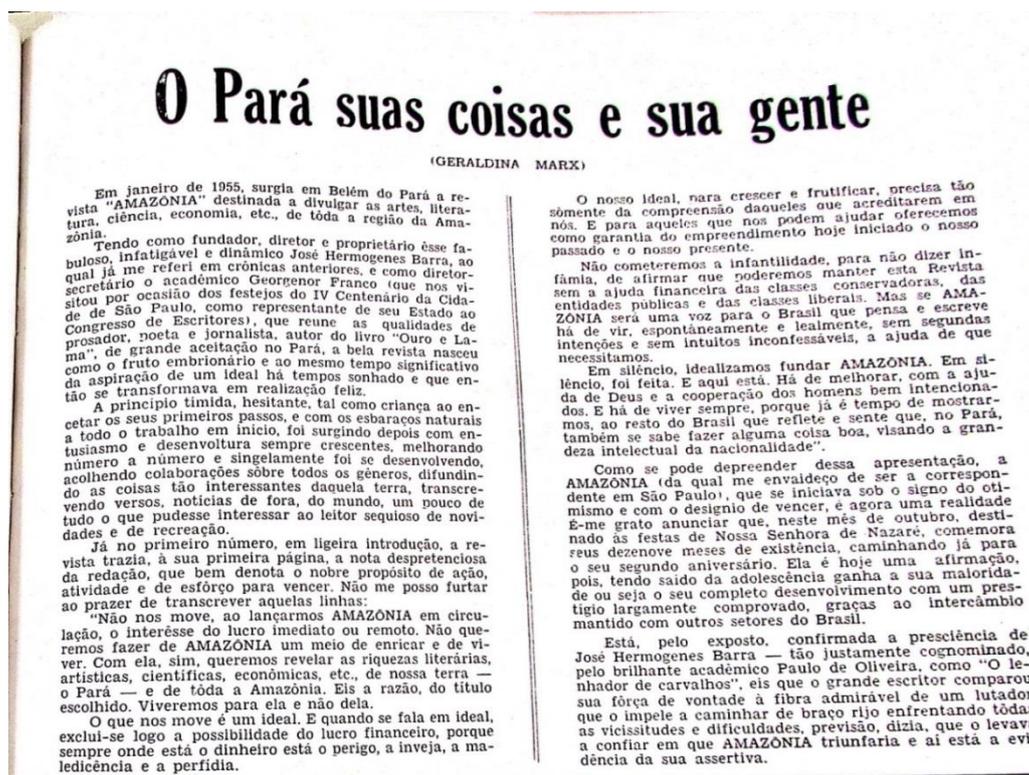
Ibirapuera, explicou que se tratava de um local que foi destinado a montagem de imensos pavilhões para a realização de uma feira internacional, na qual constaria um pavilhão histórico “que deliciaria Bruno de Menezes um dia inteiro”.²⁹⁹

E é sobre o poeta e folclorista paraense Bruno de Menezes que, Geraldina Marx se ocupou na edição de fevereiro de 1957, tratando sobre a produção do mesmo, especialmente, sobre a sua obra *Batuque*, o qual apresenta o tema do negro, e a presença da cultura africana na Amazônia. A escritora inicia seu texto lembrando a eleição (1942) e a posse (1944) de Bruno para a *Academia Paraense de Letras* e, salientando que junto com o pernambucano Acenso Ferreira, representava a dupla de “maiores intérpretes da poesia folclórica de caráter afro-brasileira”. Com relação ao livro de Bruno, mencionado a pouco, Geraldina Marx lamenta o fato de ter sido publicado somente no Pará, e por isso o livro continua desconhecido em São Paulo.

O protagonismo de Geraldina Marx se apresentava tão evidente na Revista Amazônia, que em março de 1957 foi confiado a esta escritora, tratar sobre o momento embrionário da referida revista, que visava contribuir com a grandeza intelectual do Pará e da Região Norte do Brasil:

²⁹⁹ O texto intitulado “Totó merece uma Corôa”, encontra-se publicado em: Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (ACPF). **Revista Amazônia**, fev. 1955, Ano I, n. II.

Figura 3.7 – Artigo de Geraldina Marx sobre o surgimento da Revista Amazônia



Fonte: Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (ACPF). **Revista Amazônia**, mar. 1957, Ano III, n. XXVII.

Dessa forma, as particularidades do estado do Pará e da sua gente foram escritas por Geraldina Marx através de uma breve análise sobre a mais recente revista fundada em Belém. O destaque para José Hermogenes Barra e Georgenor Franco explicitam os créditos para a afirmação da referida revista na região norte, que nasceu timidamente, mas que aos poucos foi conquistando o prestígio entre seus pares e alcançando o reconhecimento e circulação em outros circuitos culturais distantes de Belém.

A partir de maio de 1957, os textos de Geraldina Marx intitulado O Pará, suas coisas e sua gente passam a ser enumerados em uma espécie de série sobre cultura e intelectualidade local. O texto número I, por exemplo, torna-se instigante, pois embora trate no geral sobre as impressões do povo paraense, sua hospitalidade e de sua formação histórica, a escritora narra como ocorreu o seu contato intelectual com o Pará, que teve início em 1942 quando conheceu o editor José Hermogenes Barra (que veio a ser fundador e diretor-proprietário da Revista Amazônia) no Rio de Janeiro. Como Marx mesmo falou, ela era uma estreante no mundo das letras, tinha escrito o seu primeiro romance, e resolveu mostra-los ao editor para uma possível publicação. O seu texto

trata na parte inicial sobre as dificuldades enfrentadas pela mulher escritora, a partir da sua experiência.³⁰⁰

Em outro texto, o de número IV, sobre Bruno de Menezes, disse ela que conheceu o poeta e folclorista paraense nas comemorações do IV Centenário da Cidade São Paulo, e que muito diferente é a impressão que desperta quando se acompanha a trajetória de um autor por toda a sua obra e o conhecemos pessoalmente, uma vez que se tem a oportunidade de confrontar algumas ideias ou esclarecer algum conceito. Marx escreveu sobre Bruno com muita admiração e como profunda conhecedora da produção de Menezes até aquele momento. Os poemas folclóricos e as imagens regionalistas sob o tema afro-brasileiro que constituem *Batuque* (1931) proporcionaram entusiasmo de Geraldina Marx enquanto leitora e escritora.³⁰¹

Nosso objetivo não é tratar sobre todos os textos que Geraldina Marx escreveu para a *Revista Amazônia*, pois foram muitos, mas observar sua atuação e seu fortalecimento dentro desse espaço. Pelo menos até maio de 1957, Geraldina Marx não conhecia a cidade de Belém, mas nutria um carinho especial pela mesma, pois escreveu sobre sua gente, sua cultura, sobre seus intelectuais. O contato com a intelectualidade local, como já mencionamos, deu-se nos anos de 1940, e daí por diante se fortaleceu cada vez mais, como podemos observar na própria *Revista Amazônia* da qual se tornou correspondente.

³⁰⁰ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (ACPPF). *Revista Amazônia*, mai. 1957, n. XXIX.

³⁰¹ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (ACPPF). *Revista Amazônia*, ago. 1957, n. XXXII.

Figura 3.8 – Geraldina Marx com os escritores Rodrigues Pinagé, Bruno de Menezes e Georgenor Franco em São Paulo.



Fonte: Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (ACPPF). Revista *Amazônia*, mai. 1950, Ano I, v. I.

Assim como Geraldina Marx, outra escritora conquistou um considerável espaço na revista *Amazônia*, a paraense Lindanor Celina Coelho de Miranda Casha. Lindanor Celina nasceu em Castanhal (município localizado no interior do Pará) em outubro de 1927. Posteriormente, mudou-se para Bragança (município situado na região nordeste do Pará), onde viveu sua infância. Conforme Rosa de Oliveira, Lindanor Celina ingressou nas Letras em 1954, quando deu início à confecção de crônicas para um dos jornais mais importantes do Estado do Pará, o periódico *Folha do Norte*.³⁰²

³⁰² OLIVEIRA, Rosa Helena Sousa de. **Reflexões sobre a estrutura narrativa em Eram Seis Assinalados, de Lindanor Celina**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará. Belém, 2009.

Assim, em fevereiro de 1955, nos primórdios da revista, Lindanor presenteava os leitores de *Amazônia* com a crônica *São Bento, morada da Paz*. Com delicadeza e clareza, a autora proporcionou um passeio a um mosteiro encravado em meio às agitações da cidade do Rio de Janeiro, o qual ela chamou de “oásis de paz e recolhimento”, experimentando e passando a sensação do “contraste”. O contraste de um “cenário encantador”, o do mosteiro secular circundado por suas árvores sombrias e acolhedoras, em volta da ebulição da cidade maravilhosa com seus “cortejos de seduções e loucuras”. Lindanor, inclusive, nos mostra a face da modernização da cidade do Rio de Janeiro nesse momento.

Em 1957, Lindanor Celina já era considerada pelos seus pares como “a mais apreciada cronista paraense”. A escritora era responsável pelas crônicas do mês que compunham a revista *Amazônia*, as mesmas se destacavam logo nas primeiras páginas desse periódico, desde o seu surgimento, praticamente. Segundo Rosa de Oliveira, Lindanor Celina queria ir além dos textos que produzia sobre o cotidiano, ou da assinatura de uma coluna em jornal. A escritora almejava ser reconhecida não somente em seu país, mas inclusive, fora dele.

Figura 3.9 – Lindanor Celina em homenagem recebida na sede da Aliança Francesa de Belém, em 1956



Fonte: Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (ACPF). *Revista Amazônia*, abr. 1957, Ano III. N. XXVIII.

A foto a cima, ilustra um dos momentos mais esperados pela escritora: o de seu reconhecimento pelos acadêmicos da APL. Tratava-se de uma homenagem por ocasião

da conquista de uma bolsa de estudos em um curso de francês das amigadas Franco-Brasileiras, em que Lindanor passaria uma temporada em Paris, e de onde a jovem escritora continuaria a alimentar a revista com suas crônicas. Na cerimônia foram entregues as “credenciais honrosas” a Lindanor Celina, pelas mãos do acadêmico Machado Coelho.

Entre tantas crônicas, e seria quase que impossível tratarmos de todas as que Lindanor escreveu para esta revista, mas *O Círio na memória* nos remete as lembranças de infância da cronista sobre a festa religiosa cristã, dedicada a Nossa Senhora de Nazaré, padroeira do Pará. Aqui, nossa autora encontra-se completamente à vontade, trata a romaria como sendo aquele “evento ímpar” presente na vida de todo habitante da cidade de Belém, dos quinze dias de festa, dos romeiros, dos brinquedos, das comidas, das multidões chegando à cidade de trem e invadindo a casa de parentes e amigos, das diversas sensações e emoções, que quase foram esquecidas por ela ao percorrer o mundo a fora. Narra o reencontro com a santa, e o receio da mesma tê-la esquecido.³⁰³

No que diz respeito à Revista Amazônia nos anos de 1950, Lindanor assinou grande parte das “crônicas do mês”, que seguia sempre a primeira página após a capa, em casos raros, na última página. Outros intelectuais, em algum momento também assinaram as mesmas, a exemplo de Georgenor Franco, José H. Barra e Júlio Colares. Inclusive, nos surpreendeu que a crônica do mês na edição de abril de 1957, intitulada “maternidade” viesse assinada por um homem. Talvez o diferencial proposto pela revista.

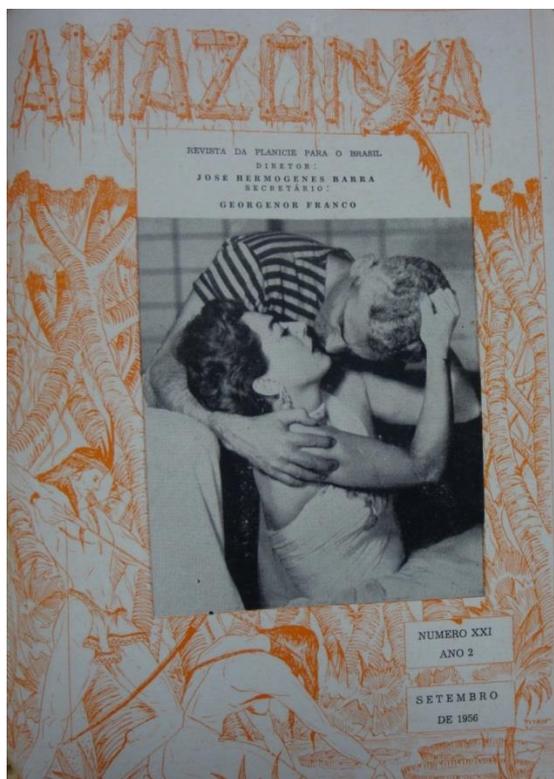
Ao examinarmos a Revista Amazônia e identificarmos a presença da mulher e do feminino em suas páginas, percebemos dois planos. Em um primeiro plano, a mulher surge como tema, na qual se explora o comportamento feminino, dicas de moda, de receitas, de como ser uma boa esposa, ou de como não deixar-se dominar pelo complexo da idade. Em um outro plano, as mulheres aparecem como autoras, aquelas que são responsáveis pelas crônicas do mês, ou mesmo artigos que ocupavam uma página inteira do periódico, ou seja, escritoras consagradas pelos seus pares e que estavam conquistando certo protagonismo na revista. Desse modo, passamos a acompanhar a conquista dessas mulheres nas revistas que circulavam em Belém, especialmente na

³⁰³ Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (ACPPFF). **Revista Amazônia**, set. 1958.

Revista Amazônia, inclusive, sobre as contradições do que era exigido do comportamento feminino para essa época.

A partir dessas considerações, torna-se oportuno fazermos outras pontuações sobre a atuação das mulheres nas revistas, especialmente para a Revista Amazônia. Basicamente, as capas desse periódico trazem e falam bastante sobre o comportamento feminino. Muitas dessas capas apresentavam e realçavam a beleza regional seja através das roupas de praia, seja através da vestimenta das damas da alta sociedade amazônica. As misses e debutantes faziam bastante sucesso na época, da mesma forma, as estrelas de cinema apareciam em fotos ousadas para o momento e ditando moda em todos os cantos da América Latina.

Figura 3.10 – Capa da Revista Amazônia no ano de 1956.



Fonte: Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (ACPF). Revista Amazônia, set. 1956, Ano III, v. XXI.

Figura 3.10 – Capa da Revista Amazônia no ano de 1958.



Fonte: Acervo Pessoal de Georgenor Franco Filho (ACPPFF). Revista Amazônia, jun. 1958, Ano IV, v. XLII.

Nesses termos, e a partir das considerações e imagens há pouco mencionadas, podemos afirmar para qual público a revista estava sendo direcionada, para além dos intelectuais da terra. Com efeito, foi um periódico que acompanhou as transformações econômicas, políticas e, conseqüentemente, culturais pelas quais passavam o Brasil e a América Latina. Mesmo que essas mulheres tenham atuado de forma tímida dentro da Revista, o índice de participação foi bastante significativo para os anos de 1950 em Belém do Pará, uma cidade que era considerada muito distante, especialmente falando, dos grandes centros culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender o circuito de sociabilidade, assim como, a produção dos escritores, cronistas e poetas que circularam pela cidade de Belém nos anos de 1950, tornou-se não somente o nosso fio condutor, mas inclusive, o nosso desafio para desenvolver o presente estudo. Sem dúvida, tratar sobre todas as figuras que se destacaram individualmente ou mesmo em grupos no cenário das letras nesta capital se tornaria cansativo para este estudo, mas não menos interessante. Dessa forma, procuramos assinalar os produtores de cultura, ou mesmo, os intermediadores da produção cultural para o período proposto para esta tese, através de alguns periódicos em que assinavam esses intelectuais.

Como ressaltamos desde o início desta tese, mesmo quando ainda tinha forma de projeto, evidenciamos que se tratou de um período de mudanças significativas no campo político-econômico, e conseqüentemente, no campo cultural. Assim, buscamos utilizar basicamente a mesma metodologia utilizada por Alzira Abreu,³⁰⁴ no que diz respeito aos Suplementos Literários, no sentido de “encontrara neles a voz dos intelectuais envolvidos no debate que nessa década se travou em torno do modelo de desenvolvimento a ser adotado pela sociedade brasileira”.

Assim como os jornais (através dos suplementos literários e recortes), utilizamos de revistas e documentação pessoal (daquilo que os próprios intelectuais guardavam) para percebemos as continuidades e permanências desses grupos, no que se referem as suas ideias ou ideais. Foram essas as fontes analisadas e confrontadas com o intuito de apresentarmos uma considerável produção e circulação do que era produzido para essa época, da importância de se considerar o regional, em meio ao mundial e o nacional.

Observar esses colaboradores através das gerações pelas quais passaram a exemplo de Bruno de Menezes, De Campos Ribeiro e Peregrino Júnior, homens das letras que vivenciaram outros tempos de Belém através do próprio entresséculos, assim como, passaram a conviver e compartilhar dos seus ideais com a geração dos anos de 1950 passou a ser instigante. Assim, compreendemos como os “novos” e os “velhos” se relacionavam em um cenário que também estava em constante transformação, cavalhei-

³⁰⁴ ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: ABREU, Alzira Alves de (Orgs.) [et al.]. **A Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, p. 13-60.

ros que se aglutinavam em torno das redações de jornais e que, conseqüentemente se estendiam aos cafés ou a outros pontos da cidade.

Entender o campo de atuação desses intelectuais não foi tarefa fácil, principalmente por se tratar de figuras que escreviam sobre uma gama extremamente diversificada de assuntos (cultura, folclore, sociedade, história, literatura etc.) e que circulavam tanto nos jornais como nas revistas, e que de alguma forma monopolizavam esses espaços, pois tais homens eram praticamente os mesmos que frequentavam as instituições culturais tradicionais, escreviam nos jornais, nos Suplementos Literários e nas revistas produzidas na cidade de Belém, como se esses espaços servissem de mecanismo de consagração para os referidos intelectuais.

Nesse sentido, perceber a contribuição feminina, das escritoras que, aos poucos foram se apropriando desses espaços (revistas e jornais), predominantemente masculino, também se tornou um propósito, pois a conquista, mesmo que lenta, ou às vezes de forma tímida, tranou-se essencial para recuperarmos a voz feminina em nossas fontes, para um contexto amazônico, pois ao mesmo tempo em que podemos apreciar espaços em que a figura feminina se limitava a escrever poesias ou sobre dicas de etiquetas, observamos o leve, mas efetivo avanço das mulheres escritoras da Amazônia.

Nosso intuito foi o de compreender a cidade de Belém como uma capital cultural secundária que produziu muito mais que pequenos surtos culturais, mas que foi responsável por uma produção cultural bem peculiar. Estamos falando de intelectuais que produziam e intermediavam cultura, daqueles que saíram de Belém em busca de mais conhecimento e reconhecimento, e daqueles que resolveram ficar e produzir na capital do Pará. Também, daqueles que se afastaram de Belém, mas não se desvencilharam do meio jornalístico e cultural desta cidade. Essas tensões foram amplamente destacadas ao longo dos capítulos desta tese, algumas vezes pela própria fala desses “homens das letras do Norte”.

Em linhas gerais, estes homens e as mulheres das letras paraense acompanharam as grandes transformações pelas quais o mundo, o Brasil e a Amazônia passavam nesse período do pós-guerra, e também provaram, em seu cenário (cidade) o que representava ser moderno para esses anos de 1950, mesmo que de uma forma um pouco diferente e mais lenta do que as outras regiões do Brasil. Pode-se afirmar que muito dessa discussão sobre identidade regional que procuramos trazer ao longo desta tese deve ser relacionada com a reflexão de escalas, do lugar de onde se escreve e se produz, como destacou

Regina Crespo. A busca pela compreensão da vida intelectual de uma cidade ao longo dos séculos tornou-se a busca pela compreensão do papel e do espaço que Belém ocupou dentro dessas escalas, para o período proposto para este estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, Antônio, AZEVEDO, Nara. O Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura e a institucionalização da ciência no Brasil, 1946-1966. In.: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 5, n. 2, p. 469-489, maio-ago. 2010, pp. 474-475

ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: ABREU, Alzira Alves de (Orgs.) [et al.]. A Imprensa em Transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, pp. 15-19

ALGRANTI, Leila Mezan; MEGIANI, Ana Paula Torres. (Org.). O Império por escrito: formas de transmissão da cultura letrada no mundo ibérico (séculos XVI-XIX). São Paulo: Alameda, 2009.

ALTAMIRANO, Carlos (dir.). Historia de los intelectuales en América Latina. Buenos (Introducción General) Aires: Katz, 2008, vol.1.

AMARAL, Alexandre Souza. Vamos à vacina: Doenças, saúde e práticas – médico sanitárias em Belém (1904 a 1911). Dissertação de Mestrado. PPHIST/UFPA, Belém: 2006.

ANDRADE, Mário de. O Turista Aprendiz. Paulo: Duas Cidades/Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ANSOLABEHERE, Pablo. La vida bohemia en Buenos Aires (1880-1920): lugares, itinerários y personajes. In: BRUNO, Paula (Org.). Sociabilidades y vida cultural: Buenos Aires, 1860-1930. Bernal: Universidad Na-cional de Quilmes, 2014, p. 155-185.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. A Sociologia de Florestan Fernandes. In: Tempo Social: Revista de Sociologia da USP, São Paulo, 22(1), jun./2010.

Barbosa, Maurel. O Pagé: o naturalismo inacabado de Marques de Carvalho (1884-1887). Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, 2011.

BASSANEZZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: PRIORE, Mary Del (org.). História das mu-lheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2009.

BATALHA, Cláudio. Formação da Classe Operária e Projetos de Identidade Coletiva. In.: FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília (Orgs.). O Brasil Republicano I: O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BOTELHO, André. A viagem de Mário de Andrade à Amazônia: entre raízes e rotas. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 57, 2013, p. 353.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In. FERREIRA, Marieta (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p183-191.

- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CAMILOTTI, Virgínia. João do Rio: ideias sem lugar. Tese de Doutorado, UNICAMP: São Paulo, 2004.
- CÁNDIDA SMITH, Richard. Érico Veríssimo, um embaixador cultural nos Estados Unidos. Revista Tempo, vol. 19, n. 34, jan.- jun. 2013, pp. 147 - 173.
- CARNEIRO, Eva Dayna. Os Espectadores: história, sociabilidade e cinema em Belém do Pará na década de 1950. Tese de Doutorado em História. Belém: PPHIST/UFPA, 2016.
- CASTRO, Maria das Neves Rocha de. Memórias de uma velha cidade: a representação histórico-social de Belém pós – Belle-Époque em crônicas de De Campos Ribeiro. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará. Belém, 2011.
- BASSANEZZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In.: PRIORE, Mary Del (org.). História das mulhe-res no Brasil. São Paulo: Contexto, 2009.
- CÁNDIDA-SMITH, Richard. Érico Veríssimo, um embaixador cultural nos Estados Unidos. Tempo, Niterói, v. 19, n. 34, jan.-jun. 2013, p. 147-73.
- CARNEIRO, Edison. A Cidade do Salvador, 1549: uma reconstituição histórica; A Conquista da Amazônia. 2ª ed. Rio de Janeiro Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1980, p. 169
- CARNEIRO, Eva Dayna. Os espectadores: história, sociabilidade e cinema em Belém do Pará na década de 1950. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, 2016.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Cultura Popular e Sensibilidade Romântica: as danças dramáticas de Mário de Andrade. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 19, n. 54, p. 57-79, fev. 2004.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro & VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. Traçando Fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.3, n.5, 1990, p.76
- CHARTIER, Roger. Leitura e leitores na França do Antigo Regime. São Paulo: UNESP, 2004, p. 193-1
- CHAVES, Lilia. Mário Faustino: uma biografia. Belém: Secult; IAP; APL, 2004.
- CHAVES, Túlio Augusto Pinho de Vasconcelos. Isto não é para nós: um estudo sobre a verticalização e modernidade em Belém entre as décadas de 1940 e 1950. Dissertação de Mestrado. PPHIST/UFPA, 2011.
- CLARK, T. J. A pintura da vida moderna: Paris na arte de Manet e de seus seguidores, São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
- COELHO, Geraldo Mártires. Anarquistas, demagogos e dissidentes: a imprensa liberal no Pará. Belém: CEJUP, 1993.

_____. O Pará, a Independência e o Império. In: FONTES, Edilza (Org.). Contando a História do Pará, v. 1: Belém: E-Motion, 2002, p. 197-221.

COELHO, Marinilce. Memórias Literárias de Belém do Pará: o Grupo dos Novos, 1946-1952. Tese de Doutorado (Crítica Literária) – Instituto de Letras, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

COSTA, Tony Leão da. Música, literatura e identidade amazônica no século XX: o caso do carimbo no Pará. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 12, n. 20, p. 61-81, jan.-jun. 2010, pp. 63-64

COSTA, Maurício Dias da. VIEIRA, Edimara Bianca Corrêa. Na periferia do sucesso: rádio e música popular de massa em Belém nas décadas de 1940 e 1950. Projeto História nº 43. Dez. de 2012.

COUTO, André Luís Faria. O Suplemento Literário do Diário de Notícias nos anos 50. Rio de Janeiro: CPDOC, 1992.

CORRÊA, Ângela. História, cultura e música em Belém: décadas de 1920 a 1940. Tese de Doutorado. PUC/SP, 2010.

CUNHA, Marly Solange Carvalho da. “Matutos” ou astutos ? Oligarquia e coronelismo no Pará Republicano (1897-1909). Dissertação de Mestrado. PPHIST/UFPA, Belém: 2008.

DOSSE, François. O desafio biográfico: escrever uma vida. São Paulo: EDUSP, 2015.

FARIA, Daniel. O Mito Modernista. Tese de Doutorado (História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2004, p. 16-17.

FARIAS, William Gaia. A construção da República no Pará (1886-1897). Belém: Açai, 2016.

FERRARO, Alceu Ravanello e KREIDLOW, Daniel. Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais. *Educação & Realidade*. Jul.-dez. 2004. 29(2).

FERREIRA, Marieta de Moraes. A Reforma do Jornal do Brasil. In: ABREU, Alzira Alves de (Orgs.) [et al.]. *A Imprensa em Transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Eternos Modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929. Tese de Doutorado (História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

_____. A Cidade dos Encantados: pajelança, feitiçaria e religiões afro-brasileiras na Amazônia, 1870-1950. Belém: EDUFPA, 2008.

_____. Os vândalos do apocalipse e outras histórias: arte e literatura no Pará dos anos 20. Belém: IAP, 2012.

_____. Arte, Literatura e Revolução: Bruno de Menezes, anarquista, 1913-1923. In: FONTES, Edilza & BEZERRA NETO, José Maia (Orgs.). *Diálogos entre História, Literatura e Memória*. Belém: Paka-Tatu, 2007, pp. 293-307.

- FRANCO, Georgenor. Uma História para a história: pedaços da vida da Academia Paraense de Letras. [Belém]: Imprensa Universitária do Pará, 1963.
- GINZBURG, Carlo e CASTELNUOVO, Enrico. História da arte italiana. IN: Ginzburg, C. A micro-história e outros ensaios. Lisboa, DIFEL, 1989.
- GOMES, Ângela de Castro. HANSEN, Patrícia Santos (orgs.). Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- GORELIK, Adrián. “O museu da vanguarda, 1950 e 1960”. In: Das vanguardas a Brasília. Cultura urbana e arquitetura na América Latina. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2005, p.155
- GUERELLUS, Natália de Santanna. Novacap e Velhacap: Rachel de Queiroz e a Mudança da Capital Federal nos anos 1950. In: ENGEL, Magali Gouveia et al. (Orgs.) Os Intelectuais e a cidade: séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Contra capa, 2012.
- HUPPERT, George. O experimento dos Annales. In.: NOVAIS, Fernando Antônio; SILVA, Rogério. Nova História em perspectiva, vol.2. São Paulo: Cosac Naif, 2013.
- INOJOSA, Joaquim. Modernismo no Pará. In.: ROCHA. Alonso [et al]. Bruno de Menezes ou a sutileza da transição: Ensaio. Belém: CEJUP/Universidade Federal do Pará, 1994, p. 126
- LEAL. Luíz Augusto Pinheiro. Entre Magias e Sortilégios: a questão da liberdade de culto no Pará. **Revista Estudos Amazônicos**, vol. X, n. 1, 2014, p.41
- LEOPOLDI, Maria Antonieta P. O difícil caminho do meio: Estado, burguesia e industrialização no segundo governo Vargas (1951-54). In: GOMES, Ângela de Castro (Orgs.) [et al.]. Vargas e a crise dos anos 50. Rio de Janeiro: Ponteio, 2011.
- LOPEZ, Telê Porto Ancona. Mário de Andrade: ramais e caminhos. São Paulo: Duas Cidades, 1972.
- LORENZOTTI, Elizabeth. Suplemento Literário, que falta ele faz! 1956-1974, do artístico ao jornalístico: vida e morte de um caderno cultural. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2007.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. Café Central: o tempo submerso nos espelhos. São Paulo: Escrituras Editora, 2011.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006, p. 118-20
- MAFRA, Alessandra. O arauto da cultura paraense: uma história intelectual de Vicente Salles. Dissertação de Mestrado (História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, 2012.
- MAIO, Marcos; SÁ, Magali Romero. Ciência na periferia: a UNESCO, a proposta de criação do Instituto In-ternacional da Hileia Amazônica e as origens do INPA. Manguinhos, v. 6 (Suplemento), p. 975-1017, 2000.
- MAIO, Marcos. A UNESCO e o projeto de criação de um laboratório científico internacional na Amazônia. Estudos Avançados (USP), vol.19, n (53), 2005.

MARQUES, Gilberto S. SPEVEA: o Estado do desenvolvimento regional amazônico (1953-1966). *Revista Soc. Bras. Economia Política*. São Paulo, nº34, fevereiro de 2013, pp. 165-166.

MAUÉS, Júlia. *A modernidade literária no Estado do Pará: o suplemento literário da Folha do Norte*. Belém: UNAMA, 2002.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. In *Memoriam: Napoleão Figueiredo (1923-1989)*. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 33, 1990, p. 201-3.

MEIRA, Clóvis [et al]. *Introdução à Literatura no Pará*. Belém: CEJUP, 1990.

MEIRA, Maria Angélica. *A arte do fazer: o artista Ruy Meira e as artes plásticas no Pará de 1940 a 1980*. Dissertação de Mestrado em História Contemporânea do Brasil/CPDOC: Rio de Janeiro, 2008.

MENEGUELLO, Cristina. *Mulher e mídia nos anos 50: reflexões sobre a documentação*. *Caderno Espaço Feminino: Revista do Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa Sobre a Mulher*, Uberlândia, v. 2, n. 1, 1995, p. 83-4.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOLLIER, Jean-Yves. *O folhetim na imprensa e a livraria francesa no século XIX*. In: _____. *A Leitura e seu público no mundo contemporâneo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 83-96.

MORAES, Eduardo Jardim de. *A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MORAES, Júlio Lucchesi. *Sociedades culturais, sociedade anônimas: distinção e massificação na economia da cultura brasileira (Rio de Janeiro e São Paulo, 1890-1922)*. Tese de Doutorado (História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014.

MORSE, Richard. *As cidades “periféricas” como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995, p. 206.

_____. *Formação histórica de São Paulo (de comunidade a metrópole)*. São Paulo: Difel, 1970, pp. 346-347

MOURÃO, Sílvia Carvalho. *A Semana: periódico literário*. Dissertação de Mestrado (Letras) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, 2006.

NEVES, Margarida. *Da Maloca do Tiete ao Império do Mato Virgem*. Mario de Andrade: Roteiros e Descobrimientos. In: CHALHOUB, Sidney, PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org.). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 265-300

NISKIER, Arnaldo. *Peregrino Júnior: cadeira 18, ocupante 6*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012.

- NUNES, Benedito [et al] (Orgs.). Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia. Belém: SECULT; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Instituto Dalcídio Jurandir, 2006, p. 76
- NUNES, Dulcília; SANTOS, Larissa. A memória da hotelaria de Belém e o Grande Hotel: 1850-1950. Belém: ABIH - PA, 2016.
- OLIVEIRA, Rosa Helena Sousa de. Reflexões sobre a estrutura narrativa em Eram Seis Assinalados, de Lindanor Celina. Dissertação de Mestrado em Letras. PPGL/UFPA, 2009.
- OLIVEIRA, Walter Pinto de. 1932 A Revolução constitucionalista no Baixo Amazonas: contexto, revolta e produção do silêncio. Belém: Paka-Tatu, 2013.
- PANDOLFI, Dulce (Org.). Repensando o Estado Novo. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- PÉCAUT, Daniel. Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990, p. 103
- PEIXOTO, Fernanda. Roger Bastide e as cidades: dois ângulos e uma perspectiva. In: LANNA, Ana Lúcia, PEIXOTO, Fernanda, LIRA, José, SAMPAIO, Maria Ruth (orgs.). São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades. São Paulo, Alameda. 2011, pp. 563-565
- PENTEADO, Antônio Rocha. Belém do Pará: estudo de Geografia Urbana. Belém: UFPA, 1968.
- PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2007.
- PETIT, Pere. Chão de Promessas: elites políticas e transformações econômicas no estado do Pará pós- 1964. Belém: Paka-Tatu, 2003.
- PONTES, Heloisa. Destinos Mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1968). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PRADO JÚNIOR, Caio. História econômica do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- RIBEIRO, De Campos. Graça Aranha e o modernismo no Pará. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1973.
- RIBEIRO, Maria de Lourdes Borges. Que é Folclore? Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Bra-sileiro, 1969.
- RICCI, Magda Maria de Oliveira; MAFRA, Alessandra Regina e Souza. Do Folclorismo à História da Cultura na Amazônia: o percurso construído por Vicente Salles. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 12, n. 1, p. 221-40, jan.-abr. 2017.
- RITZMANN, Iracy; ALMEIDA, Conceição. “O Pilão Fardado”: histórias do Baratismo (Pará 1930-1935). In: FONTES, Edilza (Coord.). Contado a história do Pará, v. 2: os conflitos e os grandes projetos na Amazônia contemporânea (Séc. XX). Belém E-Motion, 2002, p. 40.
- ROCQUE, Carlos. Grande Enciclopédia da Amazônia. Belém: Amel, 1967.

- ROCHA, Alonso. Bruno de Menezes: traços biográficos. In.: ROCHA, Alonso [et al]. Bruno de Menezes ou a sutileza da transição: Ensaio. Belém: CEJUP/Universidade Federal do Pará, 1994, p.14
- ROSSI, Luiz Gustavo. As cores e o gênero da revolução. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 23, jul.-dez., 2004, pp.149-197
- ROSSI, Gustavo. Na trilha do negro: política, romance e estudos afro-brasileiros na década de 1930. In: SANTOS, Flávio Gonçalves dos; RODRIGUES, Inara de Oliveira; BRICHTA, Laila (Orgs.). Colóquio Internacional 100 Anos de Jorge Amado: História, Literatura e Cultura. Ilhéus/BA, Editus, 2013, p. 181-202.
- SALES, Germana. Folhetins: Uma prática de leitura no século XIX. Revista Entrelances (UFC), Fortaleza, v.1, p. 44-56, ago. 2007.
- SALES, Germana. SILVA, Alan. A recepção crítica da obra naturalista Hortência, de Marques de Carvalho. In.: RevLet – Revista Virtual de Letras, v. 04, nº 02, ago/dez, 2012.
- SARGES, Maria de Nazaré. Memórias do “Velho” Intendente: Antônio Lemos (1869-1973). Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998.
- SARGES, Maria de Nazaré. Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912). Belém: Paka-Tatu, 2010.
- SALLES, Vicente. Guajarina - Folheteria de Francisco Lopes. Revista Brasileira de Cultura. Rio de Janeiro, Ano II, n. 09, p. 87-102, jul.-set. 1971.
- SALLES, Vicente. Dalcídio Jurandir, contador de histórias. In.: NUNES, Benedito [et al] (Org.). **Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia**. Belém: SECULT; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Instituto Dalcídio Jurandir, 2006, p. 234.
- _____. O Negro no Pará: sob o regime da escravidão. 3ª Ed. rev. ampl. - Belém: IAP; Programa Raízes, 2005.
- _____. A Modinha no Grão-Pará. Belém: IAP, 2004.
- SALLES, Vicente. Música e Músicos do Pará. 3ª ed. Belém: Fundação Cultural do Pará, 2016.
- SANJAD, Nelson. A Coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907). Brasília: IBRAM; Belém: MPEG; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2010, s/n.
- SANJAD, Nelson. Ciência dos potes quebrados. Nação e região na arqueologia brasileira do século XIX. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 19. n. 1, p. 133-163, jan - jun. 2011.
- SARGES, Maria de Nazaré. Memórias do “Velho” intendente: Antônio Lemos (1869-1973). Tese de Doutorado. IFCH/UNICAMP, Campinas: São Paulo, 1998.
- _____. Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912). Belém: Paka-Tatu, 2010.

SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. In: América: Cahiers du CRICCAL, n°9-10, 1992. pp, 9-16. Le discours culturel dans les revues latino-américaines, 1940-1970.

SARLO, Beatriz. Modernidade periférica: Buenos Aires 1929 e 1930. São Paulo, Cosac & Naif, 2010.

SANTOS, Eunice Ferreira. Eneida de Moraes: Militância e Memória. In: Em Tese. Belo Horizonte, v.9, dez./2005.

SECRETO, Maria Veronica. A ocupação dos “espaços vazios” no Governo Vargas: do “Discurso do Rio Amazonas” à saga dos soldados da borracha. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 40, p. 115-35, jul.-dez. 2007

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Caroline Fernandes. **O moderno em aberto**: o mundo das artes em Belém do Pará e a pintura de Antonieta Santos Feio. Dissertação (Mestrado em História Social). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2009.

SIMMEL, Georg. [1903]. “As grandes cidades e a vida do espírito”. Tradução Leopoldo Waizbort. MANA 11 (2), 2005.

_____. **Questões fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René. Por uma história política. 2003. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

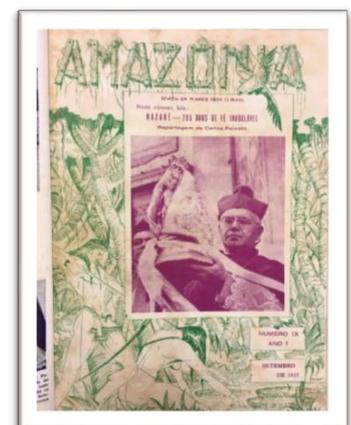
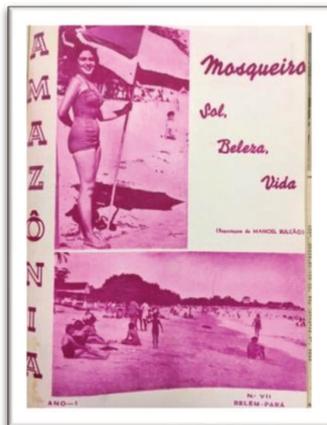
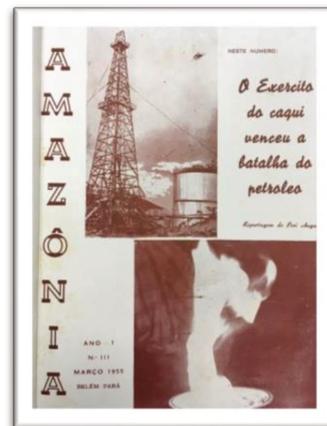
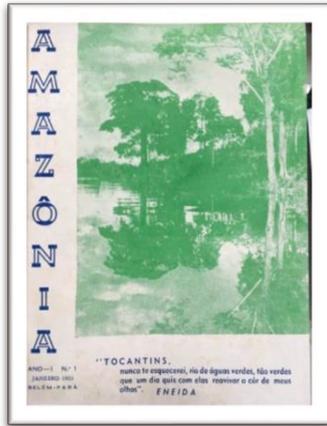
SOUZA JÚNIOR, José Alves de. Constituição ou Revolução: os projetos políticos para a emancipação do Grão-Pará e a atuação política de Filipe Patroni (1820-1823). Dissertação de Mestrado (História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

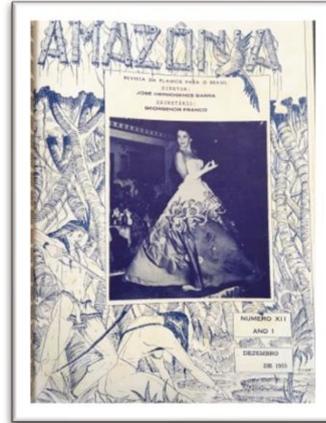
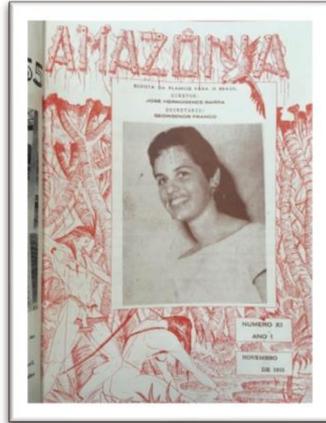
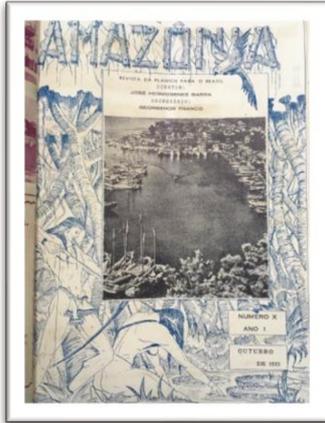
TEIXEIRA, Tatiane Corrêa. Carnaval belenense em tempos de Estado Novo (1938-1946). Dissertação (Mestrado em História Social). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In.: PRIORE, Mary Del (org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2009.

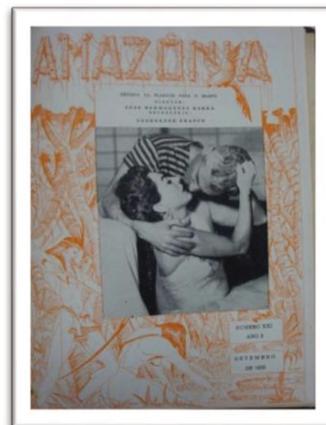
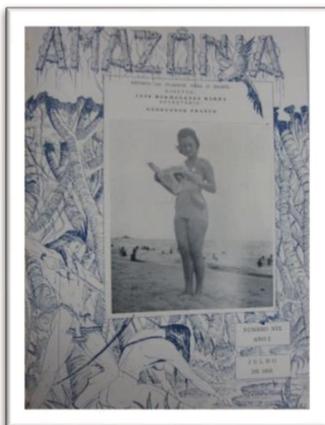
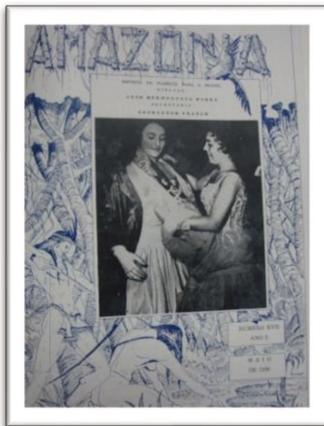
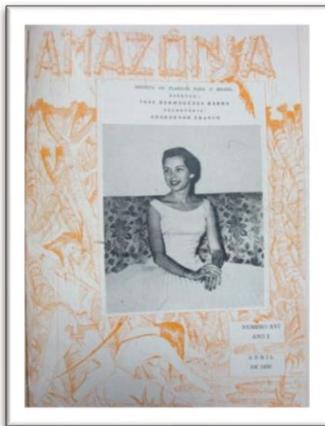
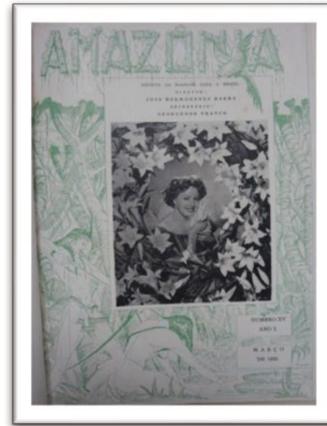
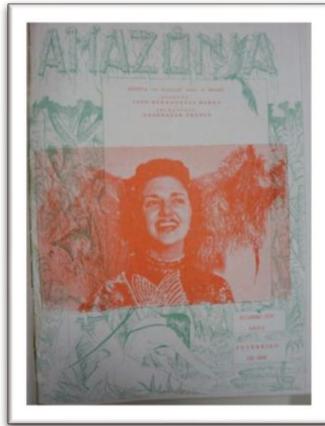
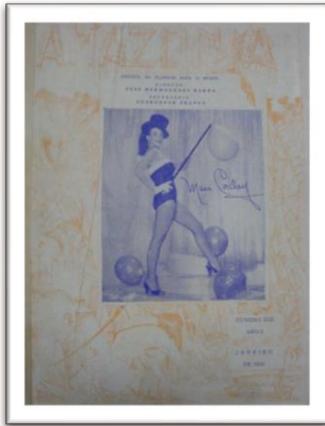
WILLIAMS, Raymond. A Fração Bloomsbury. Plural; Sociologia, USP, São Paulo, n.06, 1999. p, 139-168.

ANEXO 1 – Capas da Revista Amazônia do ano de 1955 (janeiro a dezembro):

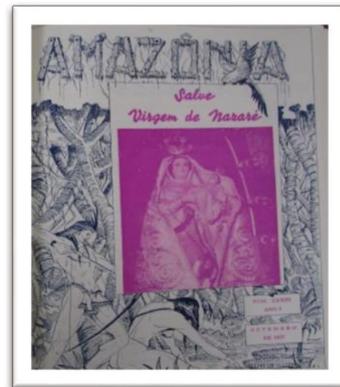
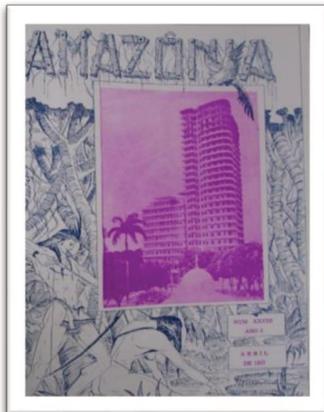
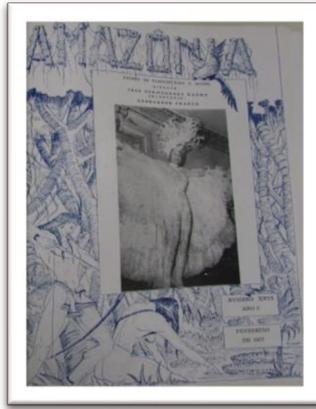
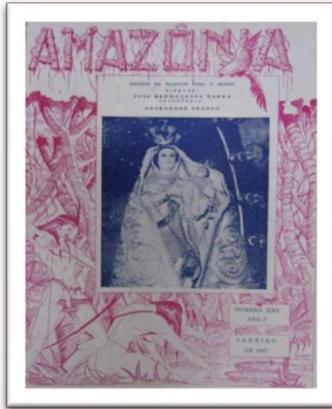


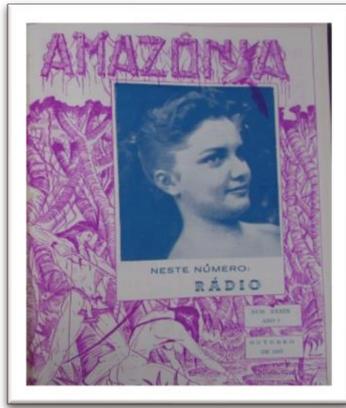


ANEXO 2 – Capas da Revista Amazônia do ano de 1956 (janeiro a dezembro):



ANEXO 3 – Capas da Revista Amazônia do ano de 1957 (janeiro a dezembro):





ANEXO 4 – Capas da Revista Amazônia do ano de 1958 (janeiro a dezembro):



ANEXO 5 – Capas da Revista Amazônia do ano de 1959 (janeiro a dezembro):

